

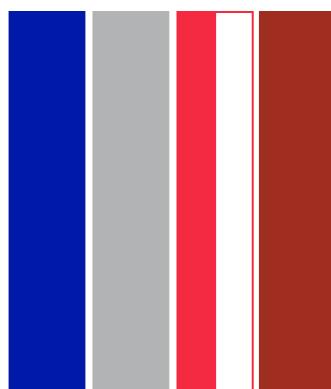
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS DE MÉDIA E JORNALISMO

## **A Música e o Movimento Feminista no Funk: O Fenômeno Anitta e as Mídias Sociais**

Andressa Bitencourt Dantas

**M**

2020



Andressa Bitencourt Dantas

# **A Música e o Movimento Feminista no Funk: O Fenômeno Anitta e as Mídias Sociais**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, orientada  
pela Professora Doutora Maria Elisa Cerveira

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2020



Andressa Bitencourt Dantas

## **A Música e o Movimento Feminista no Funk: O Fenômeno Anitta e as Mídias Sociais**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, orientada  
pela Professora Doutora Maria Elisa Cerveira

### **Membros do Júri**

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

*Dedico estas páginas aos meus avós, Herivaldo e Zilda, por todo apoio emocional e financeiro, para que eu pudesse realizar esse Mestrado em Portugal.*

*Aos meus pais, Alexandre e Carla, por me incentivarem a ir atrás dos meus sonhos e me mostrarem, desde criança, o valor do estudo. E também ao meu irmão Pablo, por me motivar e acreditar no meu potencial.*

*Por fim, dedico à todas as mulheres que lutaram e que lutam por uma sociedade com menos preconceitos e mais justa.*

*"Seja como for, a grandiosa Revolução Humana de uma única pessoa irá um dia impulsionar a mudança total do destino de um país e, além disso, será capaz de transformar o destino de toda a humanidade!"* (Daisaku Ikeda)

# Sumário

Declaração de honra .....	5
Agradecimentos .....	6
Resumo.....	8
Abstract .....	9
Índice de Quadros .....	10
Lista de Abreviaturas e Siglas .....	11
<b>Introdução .....</b>	<b>12</b>
Problemática e Objetivos.....	16
Justificativa.....	17
Procedimentos Metodológicos .....	19
Estrutura.....	22
<b>1. Ser Mulher, Eis a Questão .....</b>	<b>25</b>
1.1. O Papel da Mulher na História .....	25
1.2. O que é Feminismo?.....	28
1.3. Problemática de Gênero .....	31
1.4. As “ondas” do Feminismo .....	34
<b>2. Conexões em Rede .....</b>	<b>41</b>
2.1. Uma viagem no tempo .....	41
2.2. Mídias Sociais: uma forma de se conectar .....	45
2.3. Cultura Participativa .....	51
2.4. Capital Social e Valores Midiáticos.....	56
2.5. A Comunicação pela Convergência .....	63
<b>3. O Palco das Transformações Sociais do Século XXI .....</b>	<b>67</b>
3.1. As vozes das minorias pelas mídias sociais .....	67
3.2. Feminismo Midiático em Pauta .....	72
3.2.1. Desdobramentos Históricos .....	72
3.2.2. O Ciberfeminismo no espaço <i>online</i> .....	76
3.2.3. Influenciadoras Digitais pelo Ciberfeminismo .....	84
<b>4. “O Natural do Rio é o Batidão” .....</b>	<b>89</b>
4.1. História de uma identidade nacional .....	89
4.2. O Funk e sua Distribuição Midiática .....	97

4.3. Do machismo ao funk de empoderamento .....	102
4.4. O Grito da Favela .....	110
<b>5. O Furacão Anitta .....</b>	<b>117</b>
5.1. De Honório Gurgel pro Mundo.....	117
5.2. O Show da Poderosa.....	127
5.3. Um Fenômeno das Mídias Sociais.....	131
<b>6. Análise .....</b>	<b>136</b>
6.1. Pré-Análise.....	136
6.2. Análise e Classificação .....	137
6.3. Análise e Interpretação .....	139
6.3.1. Publicação do Prêmio Faz Diferença – Jornal O Globo .....	139
6.3.2. Publicação da série “Vai Anitta” .....	140
6.3.3. Publicação de um ano do clipe “Vai Malandra” .....	141
6.3.4. Publicação da parceria entre Anitta e Madonna .....	143
6.3.5. Publicação da Revista GQ – “Mulher do Ano de 2019” .....	145
6.3.6. Publicação da Anitta na capa da Forbes Brasil .....	146
6.3.7. Publicação com a Banda Didá .....	148
6.3.8. Publicação em referência aos ritmos brasileiros (funk, pagodão e arrocha) .....	149
6.3.9. Publicação da estreia da música “Me Gusta” na <i>Billboard Hot 100</i> .....	151
6.3.10. Publicação da coreografia “Me Gusta” .....	152
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>155</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>160</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>178</b>
Anexo 1.....	178
Anexo 2.....	180
Anexo 3.....	183
Anexo 4.....	187
Anexo 5.....	189
Anexo 6.....	191
Anexo 7.....	195
Anexo 8.....	197
Anexo 9.....	202
Anexo 10 .....	204

## **Declaração de honra**

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 17 de outubro de 2020

Andressa Bitencourt Dantas

## Agradecimentos

Producir uma dissertação é um trabalho laborioso, que necessita de comprometimento e, algumas vezes, isolamento. Apesar das dificuldades, as amizades e o carinho que encontrei ao longo desses dois anos tornaram esse processo mais prazeroso e, por isso, manifesto aqui os meus sinceros agradecimentos a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte dessa jornada e contribuíram para que eu realizasse esse objetivo.

Primeiramente, agradeço ao meu mestre Dr. Daisaku Ikeda, por ser fonte de inspiração, se empenhar na construção de uma era de esperança e prosperidade, embasadas no valores da cultura, paz e educação, e por mostrar que a capacidade da Revolução Humana reside em cada um de nós.

Agradeço à minha família, em especial aos meus avós maternos, Herivaldo e Zilda, pelo apoio emocional e financeiro, que me possibilitaram realizar esse mestrado em Portugal. Aos meus pais, Carla e Alexandre, por terem sido as maiores referências na construção dos meus valores humanos, e por toda a dedicação empreendida para que eu tivesse a melhor educação possível. Também ao meu irmão Pablo, por me motivar e acreditar no meu potencial enquanto acadêmica. O amor de vocês é o meu maior combustível.

À orientadora, Prof. Dr.<sup>a</sup> Maria Elisa Cerveira, pelas observações, correção atenta, pela gentileza e empenho nesse momento tão especial. Obrigada por acreditar nesta pesquisa e por apontar os caminhos possíveis para que ela pudesse ser executada.

Aos professores Gabriel Gutierrez e Oswaldo Muntenegro da FACHA, pelas cartas de recomendação e conversas de incentivo.

Aos colegas do Mestrado com quem compartilhei momentos de dificuldades, mas de muito aprendizado. Agradeço pelas conversas inspiradoras, pelo apoio e pelas trocas intelectuais e pessoais.

Aos grandes amigos que fiz ao longo desses dois anos e que se tornaram a minha família em outro país. Em especial, à Ana Maia, por ter sido o meu maior apoio nos momentos difíceis e ter tido participação ativa no meu amadurecimento e

crescimento humano. E também ao meu namorado Conrado, por todo amor e incentivo nesta etapa final.

Aos meus amigos de toda a vida, que sempre se fizeram presentes mesmo com a distância, demonstrando todo amor e amparo nas adversidades e nos momentos felizes.

À Faculdade de Letras da Universidade do Porto, à coordenação do Mestrado em Ciências da Comunicação e a todos os docentes e funcionários por possibilitarem que todo esse processo ocorresse, proporcionando o meu crescimento pessoal, acadêmico e profissional.

Por fim, agradeço a todas as mulheres que me inspiraram ao longo da vida e que me motivam a lutar por uma sociedade mais igualitária.

De todo o meu coração, muito obrigada!

## Resumo

O objetivo desta dissertação é compreender quais aspectos do empoderamento feminino no funk são propagados pela cantora Anitta na mídia social *Instagram*, e qual o impacto do seu posicionamento no meio *online*, a partir da percepção do público em suas publicações. Para isso, foram mapeados comentários relevantes dos seguidores da cantora, a fim de destacar os sentidos de empoderamento e representatividade no funk que são manifestados no perfil social da artista. No referencial teórico, aborda-se a evolução das mídias sociais na Internet e de que forma os movimentos sociais se potencializam quando inseridos na rede. Também são apresentados as principais facetas do feminismo, seus desdobramentos no contexto digital, e a forma como se relaciona com o gênero musical funk. Como estratégia metodológica, utilizou-se a análise de conteúdo (Bardin, 1977) a partir da coleta criteriosa de dados qualitativos. Como resultado, concluiu-se que as manifestações artísticas e o posicionamento de Anitta no *Instagram*, contribuem para uma ampliação no debate acerca do feminismo na música e a busca por uma sociedade em que prevaleça a equidade de gênero.

**Palavras-chave:** Mídias Sociais, Feminismo, Anitta, Funk, *Instagram*

## Abstract

The purpose of this thesis is to understand which aspects of female empowerment, in funk music, are propagated by the singer Anitta, on the social media *Instagram*, and the impact her position in the online media, from the general public's perception on her posts. Therefore, relevant comments from the singer's followers were mapped to highlight the meanings of empowerment and representativeness in funk music, that are addressed on her social media profile. From a theoretical perspective, it addresses the evolution of online social media and how social movements are amplified when inserted into online social media. Also presented are the main points of view of feminism, its expressions on the digital context, and its correlation with the funk music genre. As a methodological strategy, content analysis (Bardin, 1977) was used based on the careful collection of qualitative data. As a result, it was concluded that the artistic manifestations and *Instagram*'s positioning of Anitta, contribute to an expansion in the debate about feminism in music and the search for a society in which gender equality prevails.

**Key-words:** Social Media, Feminism, Anitta, Funk, *Instagram*

## Índice de Quadros

QUADRO 1 – PRÊMIO O GLOBO FAZ DIFERENÇA .....	139
QUADRO 2 – SÉRIE “VAI ANITTA” .....	140
QUADRO 3 – UM ANO DO CLIPE “VAI MALANDRA” .....	142
QUADRO 4 – ANITTA E MADONNA .....	144
QUADRO 5 – MULHER DO ANO DE 2019 PELA REVISTA GQ .....	145
QUADRO 6 – ANITTA NA CAPA DA FORBES BRASIL .....	146
QUADRO 7 – BANDA DIDÁ .....	148
QUADRO 8 – RITMOS BRASILEIROS (FUNK, PAGODÃO E ARROCHA) .....	150
QUADRO 9 – “ME GUSTA” NA BILLBOARD HOT 100 .....	151
QUADRO 10 – COREOGRAFIA DE “ME GUSTA” .....	153

## **Lista de Abreviaturas e Siglas**

ONU .....	ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS
TICS .....	TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
ARPA .....	ADVANCED RESEARCH PROJEC AGENCY
ARPANET .....	ADVANCED RESEARCH PROJECT AGENCY NETWORK
PNAD .....	PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS
UNCTAD .....	CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE COMÉRCIO E DESENVOLVIMENTO
LGBTQIA+ .....	GAYS, LÉSBICAS, BISSEXUAIS, TRANSGÊNEROS OU TRANSEXUAIS, QUEER, INTERSEXO E ASSEXUAL
VNS MATRIX .....	VENUS MATRIX
MPB .....	MÚSICA POPULAR BRASILEIRA
PL .....	PARTIDO LIBERAL
DJ .....	DISC JOCKEY
CD .....	COMPACT DISC
DVD .....	DIGITAL VERSATILE DISC
UFRJ .....	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
UFBA .....	UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
APAFUNK .....	ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS E PROFISSIONAIS DO FUNK
BOPE .....	BATALHÃO DE OPERAÇÕES ESPECIAIS
UPP .....	UNIDADE DE POLÍCIA PACIFICADORA
ECA .....	ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE
FGV .....	FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
UBC .....	UNIÃO BRASILEIRA DE COMPOSITORES
EMA .....	MTV EUROPE MUSIC AWARDS
TV .....	TELEVISÃO
MTV .....	MUSIC TELEVISION
CEO .....	CHIEF EXECUTTIVE OFFICER
GQ .....	GENTLEMEN'S QUARTERLY
IGTV .....	INSTAGRAM TV

## Introdução

A Internet tem revolucionando a maneira como nos relacionamos e observamos o mundo, e os meios de comunicação são responsáveis pelas diversas formas que encontramos de nos expressar. O ciberespaço<sup>1</sup> tornou-se, inclusive, o meio pelo qual construímos nossa existência social atualmente, pois permite que tenhamos visibilidade em rede a partir das relações criadas nesse espaço.

A popularização da Internet, a rápida transmissão de informação e o desenvolvimento de tecnologias digitais conduziram ao surgimento das redes sociais que, por sua vez, aproximaram os indivíduos no ciberespaço e possibilitaram novas formas de se comunicar. A conectividade instantânea permitiu uma evolução sem precedentes das redes sociais, que se tornaram cada vez mais interativas, personalizadas e com inúmeras ferramentas, como o compartilhamento de textos, vídeos, *links*, áudios e imagens em uma mesma plataforma.

Ao mesmo tempo, a convergência de diferentes meios de comunicação em um único aparelho, como o celular, acarretou em possibilidades infinitas de informação, em que o indivíduo pode ter acesso a uma reportagem de jornal ou televisão, assistir a um filme, ouvir notícias diárias em *podcasts*<sup>2</sup> ou acompanhar a rotina do seu ídolo nas redes sociais. Tudo isso ao mesmo tempo, na palma da mão e com poucos cliques.

As diversas comunidades virtuais, aplicativos, sites e blogs criam, diariamente, novas relações humanas, geram debates, formam opiniões e transformam padrões que são estabelecidos socialmente. Dos mais banais aos mais relevantes, todos os temas ganham espaço no ambiente virtual, influenciando, inclusive, o meio *offline*. Assuntos como economia, política, educação e cultura tornam-se pautas em discussões por uma parcela maior da população que, através da internet, passa a ter contato com esses temas que outrora estavam reservados a governantes ou pessoas que tinham acesso a

---

<sup>1</sup> Pode ser considerado uma virtualização da realidade e que envolve profundas alterações na forma de pensar, nas relações humanas e na organização da sociedade, promovendo uma nova abordagem do conhecimento através das redes interconectadas de computadores (Lévy, 1999).

<sup>2</sup> Uma publicação de ficheiros multimídia na internet, em que os utilizadores podem acompanhar sua atualização ou descargar conteúdo de um podcast. Tem sido muito utilizado, nos últimos anos, para a realização de programas em áudio. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Podcasting>

essas informações. Até mesmo as pesquisas acadêmicas, que eram disponibilizadas apenas em bibliotecas, faculdades ou institutos de pesquisa, hoje são largamente viabilizadas pela internet, facilitando portanto, o trabalho do pesquisador.

Assim, a tecnologia ampliou as formas de participação das pessoas e a comunicação pela internet tornou-se mais democrática e necessária para a estruturação social, por possibilitar uma forma dinâmica de intercâmbio de ideias. Neste contexto, os movimentos sociais encontraram a oportunidade de se organizarem, aumentarem sua visibilidade e expandirem suas ações, atingindo pessoas que não tinham o contato com esses movimentos no *offline*.

Um dos movimentos que ganhou amplo crescimento e força nos últimos anos foi o feminista, que tem um longo histórico de lutas pelo respeito a igualdade entre os gêneros e a integridade da mulher, e que encontrou na internet a oportunidade de diversificar seus discursos, ampliar seu público, divulgar suas reivindicações e promover suas ações. Nesse ambiente, o feminismo é atualizado e ganha a denominação de ciberfeminismo, que abordaremos mais a frente.

É importante reconhecer que a internet se configura como um espaço de luta política e as ações promovidas pelo feminismo em rede têm impacto direto no mundo *offline*. Segundo Castells (2015a citado por Bezerra, 2018), os movimentos sociais não podem ser dissociados dos mundos *online* e *offline*, visto que suas atividades se complementam e se fortalecem, como por exemplo, a convocação de manifestações nas ruas, que são disseminadas nas plataformas digitais e alcançam um número de pessoas que não seria possível através de outro meio de comunicação.

Ao atingir um grande número de pessoas, o feminismo - que em seu início, foi um movimento liderado por mulheres brancas e elitizadas – se popularizou, e pautas como o empoderamento feminino<sup>3</sup> passaram a ser muito reivindicadas em diferentes frentes pelas mulheres do mundo inteiro, ao refletirem sobre a afirmação da mulher na sociedade e a luta pelo rompimento com o patriarcado. Apesar de ser um termo antigo, o empoderamento ganhou força nas redes sociais, sobretudo quando utilizado

---

<sup>3</sup> Promover a equidade de gênero em todas as atividades sociais e da economia.

por artistas, personalidades ou influenciadores digitais, muitas vezes, sem nenhuma ligação política ou conhecimento sobre teorias feministas.

Aqui destaco as artistas que utilizam o empoderamento em suas composições, assim como em falas e entrevistas, e carregam esse discurso para os seus perfis nas plataformas digitais, além de também produzirem conteúdo sobre essa temática no meio *online* a partir de publicações em textos, fotos ou vídeos. Por terem perfis sociais com muitos seguidores, todas as informações divulgadas através desses meios são absorvidas por um grande número de pessoas, potencializando o discurso feminista.

É nesse contexto que surge Anitta - a mulher brasileira com mais seguidores no *Instagram*<sup>4</sup> e com tantos outros milhões de seguidores em outras mídias sociais, como o *Twitter*<sup>5</sup>, o *Youtube*<sup>6</sup> e o *Facebook*<sup>7</sup>. A cantora, que desde o início da carreira em 2010, levanta a bandeira do poder feminino em suas canções, teve a internet como aliada para a divulgação do seu trabalho e, por consequência, a disseminação de temas como o feminismo e o empoderamento da mulher. Assim, Anitta consegue atingir os seus fãs, que a seguem por causa do seu trabalho musical, e também outros públicos que se interessam por suas mídias sociais devido ao seu posicionamento, e não pelo seu trabalho artístico.

Outro elemento importante e também um dos motivos por ter escolhido Anitta como objeto de estudo desta dissertação, é o fato dela ser uma representante do funk, que é um dos gêneros musicais mais populares da cultura brasileira e que também se configura como um movimento social, que nasceu nas favelas do Rio de Janeiro e

---

<sup>4</sup> Fundado em 2010, é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Instagram>

<sup>5</sup> Rede social criada em 2006 e um servidor para microblogging, que permite que os usuários enviem e recebam atualizações pessoais de outros contatos. As atualizações são exibidas no perfil de um usuário em tempo real e também enviadas a outros usuários seguidores que tenham assinado para recebê-las. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>

<sup>6</sup> Criado em 2005, é uma plataforma de compartilhamento de vídeo e hospeda uma grande variedade de filmes, videoclipes e materiais caseiros. O material encontrado no YouTube pode ser disponibilizado em blogs, outras mídias sociais e sites pessoais através de mecanismos desenvolvidos pelo site. <https://pt.wikipedia.org/wiki/YouTube>

<sup>7</sup> Uma rede social virtual lançada em 2004, que permite conversar com amigos, compartilhar fotos, textos, links e vídeos, e é considerada a maior rede social do mundo, com mais de 2 bilhões de usuários. <https://www.oficinadanet.com.br/post/16064-quais-sao-as-dez-maiores-redes-sociais>

sempre foi muito estigmatizado por ser um estilo musical criado pelo negro, pobre e favelado. Assim como a cantora, o funk também teve na internet a oportunidade de ampla divulgação, e encontrou nas plataformas digitais uma forma de dar visibilidade à cultura popular periférica, visto que anteriormente a indústria cultural não cedia espaço ao gênero em canais de televisão, rádios ou jornais, e muitas vezes rebaixava-o ao título de não cultura, demonstrando o preconceito social devido às suas raízes.

Além de articular questões importantes para uma população muitas vezes renegada pelas políticas públicas e sociais, nos últimos anos, o funk tem sido a voz de muitas mulheres que encontram na música a chance de discutir temas relevantes para o feminismo e que se divulga junto das camadas mais vulneráveis da população, que muitas vezes não têm acesso à uma educação básica, mas que por meio da música – uma poderosa ferramenta de transformação social – descobrem sobre a luta pelo respeito de direitos entre os gêneros.

Por ter suas raízes no funk e ser a maior artista brasileira da atualidade, Anitta conversa com os mais variados públicos e leva o empoderamento através das suas músicas que ressaltam a importância da não submissão da mulher perante ao homem, da diversidade feminina e da não padronização do corpo. Dessa forma, a cantora vem contribuindo para o debate sobre a ressignificação do retrato da mulher nas mídias sociais, nos meios de comunicação e, portanto, refletindo na sociedade de uma forma geral.

Vale ressaltar que a potencialidade da internet estabeleceu um novo modelo de relação entre os ídolos e seus fãs, e sendo a música um importante meio de manifestação de sentidos, valores, sentimentos e emoções, torna-se relevante perceber como se estabelece essa relação através da rede, qual o efeito que as músicas de cunho feminista da Anitta produzem em seus seguidores, e quais as suas opiniões e provocações, manifestadas através das plataformas digitais.

Apesar das várias facetas e posicionamentos sobre o funk, neste estudo limitamos à análise sobre a representatividade da mulher no gênero musical e seu impacto nas mídias sociais, até porque apesar dos avanços, o funk ainda é visto de forma preconceituosa por algumas parcelas da população, como colocado no capítulo

que abordamos o tema. Portanto, a partir desse cenário, nos interessa investigar de que forma Anitta utiliza a sua influência na música e nas plataformas digitais para divulgar o feminismo no funk e enaltecer esses movimentos sociais.

Para isso, será necessário uma pesquisa sobre a construção social da mulher ao longo da história, um estudo das plataformas digitais na internet, assim como uma revisão teórica sobre os movimentos sociais, que nos possibilitará levantar algumas questões e reflexões, a fim de entender o papel que as redes sociais exercem em nossa sociedade a partir de uma análise sobre o impacto que uma artista mulher, que veio do funk, pode ter na vida de milhões de pessoas.

Com o intuito de demarcar de forma organizada o processo deste trabalho, a seguir destaco os objetivos da pesquisa, a justificativa da escolha do tema e os procedimentos metodológicos, onde explico os métodos utilizados para a análise do objeto de pesquisa, assim como a estrutura desta dissertação, respaldada por uma bibliografia teórica.

## **Problemática e Objetivos**

Conforme o cerne da pesquisa seja compreender o movimento feminista na música e como se manifestam nas plataformas digitais, buscou-se analisar como uma artista que levanta a bandeira do feminismo em suas canções e posicionamentos, influencia os seus seguidores nas redes sociais.

Assim, numa articulação entre a pesquisa teórica e a análise prática, esta dissertação propõe explorar os caminhos que cruzam o feminismo na música através das plataformas digitais, e analisar como os seguidores da Anitta percebem o seu posicionamento enquanto mulher, funkeira e feminista, através dos comentários nas publicações da cantora no *Instagram*. Por isso, se coloca a questão: como Anitta se apropria das tecnologias digitais para divulgar seu trabalho e influenciar seus seguidores em relação à pautas importantes para o debate feminista na música?

Vale destacar que a área de investigação da comunicação nas mídias sociais sob o viés do movimento feminista e do funk, é um grande desafio por possuir inúmeras possibilidades de pesquisa e um vasto repertório de assuntos que caracterizam os dois

tópicos. Por isso, a intenção é gerar interesse pelo tema, contribuir para sua evidência e, talvez, colaborar para futuras pesquisas sobre o movimento feminista no funk e suas implicações nas plataformas digitais.

A partir daí, esta dissertação tem como objetivo geral compreender de que forma o discurso empoderador está presente nas mídias sociais da cantora Anitta e assim, analisar o impacto que o posicionamento da maior artista brasileira tem sobre seus seguidores no meio *online*, com base em um mapeamento de comentários relevantes em suas plataformas digitais.

Com o intuito de alcançá-lo, determinamos os seguintes objetivos específicos:

a) Produzir uma pesquisa bibliográfica sobre o feminismo, as mídias digitais e os movimentos sociais na internet; b) Observar a influência das redes sociais na divulgação do feminismo e do funk e compreender o seu papel como agente de mudança sócio-cultural; c) Investigar o protagonismo da mulher no funk e as transformações que esse papel teve ao longo dos últimos anos, levando em consideração que o gênero musical faz parte da cultura popular brasileira.

A concretização destes objetivos tem como finalidade buscar a resposta para duas hipóteses: 1) É possível afirmar que os conteúdos publicados pela Anitta sobre o feminismo e o empoderamento da mulher favorecem o movimento no meio *online* e *offline*? 2) Os comentários dos seguidores da Anitta em suas mídias sociais legitimam o discurso feminista que a cantora exerce em suas canções?

## **Justificativa**

As pesquisas acadêmicas têm como um dos principais objetivos contribuir para a formação de novos olhares sobre o mundo ao produzir conhecimento acerca dos mais variados assuntos, a fim de auxiliar em uma contínua evolução científica, que beneficia a vida de toda uma sociedade. Nesse contexto, observa-se que a pesquisa feminista na internet tem encontrado amplo espaço de desenvolvimento na Academia e, por isso, ressalto a importância de expandir o tema sob o viés do funk, que faz parte da cultura popular brasileira e se constitui como um dos principais gêneros musicais do país.

Por acreditar que estamos em constante evolução como seres humanos, e que hoje utilizamos as plataformas digitais para promover essas mudanças, considero de extrema pertinência a realização de pesquisas que estudem o comportamento humano no ciberespaço – o nosso maior canal de comunicação do mundo.

Além disso, por ser feminista e considerar a música como uma das mais importantes manifestações culturais existentes, presente na vida de toda a humanidade, observo a potência que esses dois temas carregam ao se unirem e tornarem-se uma possibilidade de transformação social. Dessa maneira, antes do projeto deste trabalho, pesquisei sobre gêneros musicais que tivessem impacto social no feminismo e que fosse possível medir essa relevância na internet. Assim, a ideia de investigar o funk surgiu por verificar a importância desse gênero na cultura popular brasileira, tanto por ser um estilo musical tocado na maior parte das festas realizadas pelo país, como pelos seus números crescentes nas plataformas musicais na internet.

Nesse momento, foi preciso selecionar como objeto de estudo uma cantora que levantasse a bandeira do funk e do feminismo, e que tivesse relevância nas mídias sociais. Então, foram encontradas características significativas que justificassem a escolha da cantora Anitta para uma pesquisa de investigação acadêmica no campo da comunicação.

A seleção dessa figura se fundamenta primeiramente pela importância que possui em todas as suas redes sociais na internet, destacando o *Instagram*, onde é a mulher brasileira com mais seguidores na plataforma. Além disso, Anitta, que tem suas raízes musicais fincadas no funk, defende o feminismo através das suas músicas e também em seus posicionamentos nas mídias, o que vai ao encontro do objetivo deste estudo.

Diante disso e tendo em vista que personalidades como a Anitta possuem grande habilidade de influenciar as opiniões e ações de seus seguidores, torna-se relevante para nós, como profissionais e pesquisadores de comunicação, compreendermos esse fenômeno e suas consequências no campo social e comunicacional. Cabe destacar as minhas motivações pessoais, pois já acompanhava o trabalho da cantora, ainda que não tão profundamente.

## Procedimentos Metodológicos

Para a concretização desta dissertação, foi realizada uma pesquisa com abordagem qualitativa, a fim de responder às questões colocadas, sendo que os dados obtidos precisam de uma contextualização e interpretação. De acordo com Prodanov e Freitas (2013), nesse tipo de abordagem, o ambiente é a principal fonte dos dados e o pesquisador estabelece o contato direto com o ambiente e o objeto de estudo. Assim, as questões levantadas são estudadas através do campo em que se apresentam, sem que o pesquisador faça nenhuma manipulação intencional.

Quanto à sua natureza, o estudo se estrutura a partir de uma pesquisa empírica, com o intuito de desenvolver, de forma prática, respostas às questões colocadas, tendo como ponto de partida a realização de um estudo de caso, baseado em uma análise de conteúdo e em uma revisão bibliográfica e documental sobre os temas apresentados, além de uma pesquisa biográfica sobre a vida do caso de estudo, Anitta.

Foi de extrema relevância a pesquisa bibliográfica e documental para que fosse possível compreender os contextos histórico-sociais do feminismo e do funk enquanto movimentos sociais, e também sobre as mídias sociais, que se configuram como o campo de análise desta dissertação. Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica se assemelha muito à pesquisa documental, e a diferença entre ambas se dá pela natureza das fontes. Enquanto a primeira se fundamenta no aspecto teórico a partir das contribuições de diversos autores sobre determinado assunto, presentes principalmente em livros e artigos científicos, a segunda se apoia na coleta de materiais sobre os temas através dos meios digitais, como sites especializados, jornais, blogs, revistas e perfis sociais, relevantes para o trabalho, mas que não se sustentam teoricamente.

Já o estudo de caso como categoria de pesquisa, é definido pelo interesse em casos individuais, para que consigamos investigar de que forma os temas do feminismo e do empoderamento da mulher estão presentes no trabalho de Anitta, e como isso é refletido nas plataformas digitais da cantora. A escolha do objeto está de acordo com o procedimento metodológico definido e, segundo Gil (2008, p. 57), “o estudo de caso é

caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível diante de outros tipos de delineamentos considerados.”

Assim, pelo fato de Anitta possuir uma grande relevância e influência nas plataformas digitais, esse estudo tem por finalidade explorar como os seus seguidores nas redes sociais a enxergam como uma figura do feminismo, através da análise dos comentários às publicações postadas pela artista.

Então, após fundamentação teórica, coleta e avaliação de informações, é necessário um tratamento profundo dos dados aplicados neste estudo de caso, e é neste momento que realizamos a análise de conteúdo – técnica muito utilizada em estudos qualitativos e nas análises de comunicações nas Ciências Humanas e Sociais (Bardin, 1977).

Para Franco (2008), na análise de conteúdo, o ponto de partida é a mensagem verbal, figurativa, documental, gestual ou silenciosa, que expressa um sentido e significado aos contextos apresentados, estando suscetível a uma análise do pesquisador, onde é possível acrescentar novas formas de interpretação a uma pesquisa. Vale ressaltar que a condução dessa análise ocorre em três pólos cronológicos, determinados por Bardin (1977) de: 1) pré-análise; 2) exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A pré-análise é conhecida pela organização do trabalho, que tem por objetivo sistematizar as ideias iniciais a partir da referência teórica e estabelecer alguns critérios para a interpretação dos dados colhidos. De acordo com Bardin (1977, p. 95), as ações realizadas nessa primeira fase são: “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final.” A autora ainda esclarece que uma das primeiras atividades realizadas nessa fase é a leitura flutuante, em que é feito o primeiro contato com os documentos a serem analisados.

Nessa pesquisa, realizamos as pré-análises, que consistem em estabelecer: (1) a temática de pesquisa, que é o feminismo no funk; (2) a Anitta como o *corpus* do estudo, representando o feminismo no funk; (3) o campo de análise, que é o perfil

social da cantora no *Instagram*; (4) seleção das publicações e comentários relevantes para a análise de seus significados.

Na exploração do material é feita uma administração sistemática das decisões tomadas, consistindo, essencialmente, em operações de codificação (Bardin, 1977). Assim, os dados coletados foram analisados e categorizados como palavras-chave, conforme sua relevância ou repetição, levando em consideração os seus significados e o seu contexto, a fim de compreender o que está por trás dessas manifestações. Depois, foi realizada uma classificação dessas palavras-chave, de acordo com as características semelhantes entre elas.

Dessa forma, recolhemos os comentários considerados relevantes por publicação, sem um mínimo ou limite definido, chegando a um total de 476 comentários analisados, sendo agrupados e separados, a fim de obter um resultado satisfatório para esta pesquisa. Destaca-se que os perfis sociais da cantora são muito populares, o que gera milhares de comentários por publicação e a impossibilidade de realizar uma investigação de todos eles sem a utilização de um *software* de análise de dados.

Sendo assim, primeiramente, selecionamos algumas publicações que abordam o tema proposto na dissertação, e depois, decidimos pela escolha dos comentários que melhor ilustram as reações dos seus fãs nessas publicações, e que se relacionam com o empoderamento feminino, a representatividade no funk e a Anitta como modelo de inspiração e referência.

Na parte final da pesquisa, os resultados brutos são tratados de forma a serem significativos e válidos, sendo apresentados em quadros os resultados obtidos durante o processo de análise efetuada das fases anteriores (Bardin, 1977). As inferências serão realizadas de maneira que consigamos demonstrar a relação entre os resultados da análise, a revisão bibliográfica utilizada nesta dissertação, a potência da personalidade Anitta enquanto feminista e funkeira, e o impacto que tem junto dos seus seguidores através das suas redes sociais.

## **Estrutura**

A presente dissertação dispõe de seis capítulos, excluindo a introdução e conclusão, que abarcam uma investigação teórica nas três primeiras partes do estudo, e nos capítulos seguintes, passam por uma abordagem prática, focado no objeto do estudo, que será analisado no sexto capítulo. A seguir, discorrerei sobre os assuntos abordados, destacando os principais pontos estudados em cada um, a fim de apresentar de forma organizada a estrutura deste trabalho.

O primeiro capítulo procura explanar sobre o papel da mulher ao longo da história e como o surgimento do feminismo, que se coloca como um movimento social em busca de uma revolução cultural e luta ideológica, foi primordial para importantes vitórias da mulher na sociedade. Cabe ressaltar a problemática de gênero, em que aborda a construção social da mulher e a criação de estereótipos produzido pela sociedade patriarcal.

Como referência, me baseei em livros e pesquisas das autoras Scott (1995), Beauvoir (1967; 1970), Pinto (2010), Coruja (2017), Alves e Pitanguy (1985), no entanto, não produzi um extenso aprofundamento teórico sobre o tema, pois tive como objetivo neste capítulo, expor alguns pontos básicos e importantes para o feminismo, e que são necessários para a construção do trabalho.

O segundo capítulo explora o fenômeno das mídias sociais, a partir das teorias de Recuero (2009; 2012), Castells (2003; 2013), Jenkins (2009), Shirky (2011; 2012) e Lévy (1999; 2003), de maneira a compreender o surgimento delas através da internet, os seus principais elementos e as formas de interação, com o intuito de observar os padrões de conexão que existem e como elas se configuram como espaços de construção de impressões. Destaca-se também a cultura participativa, o capital social, os valores midiáticos formados nas plataformas digitais e a convergência na comunicação, que resulta em transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais.

O terceiro capítulo, por sua vez, propõe compreender como as mídias sociais se estabelecem como espaços democráticos ao potencializar os movimentos sociais, disseminando seus valores, lutas e ações ao redor do mundo, tendo como base as

ideias de Castells (2003; 2013). Ainda, apoiada em alguns estudos acadêmicos das autoras Abreu (2017), Lemos (2009) e Araújo (2016), abordamos sobre o ciberfeminismo, como uma forma de perceber de que maneira as tecnologias da internet reforçam as lutas feministas do século XXI, e como o ciberespaço propiciou o surgimento de diversas influenciadoras digitais que defendem o feminismo e, assim, fortalecem o movimento ao impulsioná-lo em seus perfis sociais.

Vale pontuar que se decidiu discutir o ciberfeminismo neste momento e não no início da pesquisa, por ser uma parte do movimento criado a partir da internet, e que se solidificou por meio das plataformas digitais.

No capítulo seguinte, é observado o funk como o primeiro objeto de análise, a fim de compreender a sua história, suas características, o seu impacto e a sua importância como ferramenta de transformação social, através de referências bibliográficas como Vianna (1990), Laignier (2008), Viana (2010) e Oliveira (2008). Também é analisada a escalada que o funk teve em sua distribuição midiática, ao ultrapassar os desafios do preconceito e atingir um dos maiores números da indústria fonográfica e das plataformas digitais. E, por fim, investigo a participação de mulheres no funk que, ao assumirem o discurso de poder, começam a reivindicar direitos iguais entre os gêneros e melhores condições sociais, econômicas e culturais, tornando o funk um lugar de fala e também de luta.

O segundo objeto de análise – o fenômeno Anitta – é retratado no quinto capítulo, em que se apresenta a trajetória da sua carreira, destacando os principais feitos realizados por ela, além de observar as relações que a cantora possui com o feminismo e as mídias sociais, com o objetivo de perceber a influência que a artista exerce no campo midiático, seja através dos seus projetos musicais ou do seu posicionamento político.

O estudo de caso consta no sexto capítulo, em que se procede à análise de comentários relevantes em determinadas publicações do *Instagram* de Anitta, e se apresenta a compilação e a categorização dos dados obtidos nos perfis sociais da cantora. Com isso, são efetuadas algumas reflexões sobre os conteúdos, fazendo

ligação com o referencial teórico desenvolvido ao longo do estudo, a fim de responder aos objetivos apresentados.

# 1. Ser Mulher, eis a Questão

## 1.1. O Papel da Mulher na História

A mulher tem sido uma parte silenciada da memória da sociedade, afastada do ensino na escola, da participação política e dos registros históricos, desde a Antiguidade até os nossos dias. Dessa forma, para refletir sobre o lugar da mulher nos dias atuais, suas reivindicações, seus objetivos e todo o seu processo de luta por direitos de igualdade em relação ao homem, será abordado o papel que era designado à mulher na antiguidade, assim como o movimento feminista e as suas fases que foram essenciais para dar, cada vez mais espaço, voz, direitos e liberdade para as mulheres.

Em sociedades antigas, como a grega, a mulher ocupava uma posição social igual à do escravo, no sentido que somente estes realizavam trabalhos manuais, muito desvalorizados pelo homem livre. A mulher só tinha como função essencial a reprodução da espécie humana, por isso, além de gerar, amamentar e criar os filhos, tinha como papel produzir tudo o que era ligado diretamente à subsistência do homem, como fiação, tecelagem, alimentação, extração de minerais e trabalho agrícola (Alves & Pitanguy, 1985).

O mundo do conhecimento, que era tão valorizado pela civilização grega, não tinha espaço para as mulheres. As atividades mais nobres, como filosofia, política e artes eram realizadas pelos homens, e a mulher grega não tinha nenhum acesso à educação intelectual. Segundo as autoras Alves e Pitanguy (1985), em seu livro *“O que é feminismo”*, o único registro histórico de um centro para a formação intelectual da mulher foi a escola fundada pela poetisa Safo, nascida na ilha de Lesbos, no ano de 635 a.C.

Safo é uma das poucas vozes femininas cujo trabalho sobreviveu desde a Antiguidade, sendo, inclusive, tratada como “a poeta” na época, e uma das poucas mulheres a ser retratada em cerâmica – algo muito importante e nobre para o grego antigo. Sua obra tinha como ideias centrais as questões de gênero, tanto que é por causa dela que se utiliza a expressão “lésbica”, que originalmente designa “alguém de Lesbos” (Reynolds, 2019). Embora pouco de seu trabalho tenha sobrevivido, os

fragmentos conhecidos de poemas seus, falando sobre deuses e o amor, justificam colocá-la entre os grandes nomes da literatura da Grécia Antiga.

Na civilização romana<sup>8</sup> a mulher também era vista como ser inferior, e o código legal legitimava todo o poder que os homens tinham sobre ela, sobre os filhos, os servos e os escravos, dando abertura para a descriminação contra a mulher. Ao mesmo tempo em que ela era sujeita ao homem, a história também demonstra a importância de sua resistência.

Em 195 a.C, por exemplo, as mulheres mostraram a sua resistência ao dirigir-se ao Senado Romano, protestando contra a obrigatoriedade de se locomoverem à pé por não terem o direito de utilizar o transporte público, o qual era privilégio masculino. Diante deste protesto, o senador Marco Pórcio Catão<sup>9</sup> manifestou:

Lembrem-se do grande trabalho que temos tido para manter nossas mulheres tranquilas e para refrear-lhes a licenciosidade, o que foi possível enquanto as leis nos ajudaram. Imaginem o que sucederá, daqui por diante, se tais forem revogadas e se as mulheres se puserem, legalmente considerando, em pé de igualdade com os homens! Os senhores sabem como são as mulheres: façam-nas suas iguais, e imediatamente elas quererão subir às suas costas para governá-los. (Alves & Pitanguy, 1985, pp. 14-15).

De acordo com Alves e Pitanguy (1985), estas palavras revelam nitidamente a relação de poder do sexo masculino sobre o feminino: “Não é de complementariedade e sim de domínio e submissão, de coerção e resistência, que Catão fala.” (p. 15). Assim sendo, verifica-se que o Direito sustenta o discurso dessa assimetria, em que reconhece a inferioridade da posição da mulher romana na sociedade.

Na Gália<sup>10</sup> e Germânia<sup>11</sup> por sua vez, a experiência da relação entre os sexos era mais igualitária, ou seja, as mulheres tinham um espaço de atuação semelhante ao dos

---

<sup>8</sup> Surgiu no século VII a.C. e expandiu-se para se tornar um dos maiores impérios do mundo antigo, com uma estimativa de 50 a 90 milhões de habitantes. Em seus doze séculos de existência, a civilização romana passou de uma Monarquia para a República clássica e, em seguida, para um Império autocrático. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Roma\\_Antiga](https://pt.wikipedia.org/wiki/Roma_Antiga)

<sup>9</sup> Político e escritor da República Romana, eleito cônsul em 195 a.C. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Cat%C3%A3o,\\_o\\_Velho](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cat%C3%A3o,_o_Velho)

<sup>10</sup> Antiga região francesa povoada pelos Gauleses, que serviu como província do Império Romano. Gallia é mencionada pela primeira vez no século II a.C., pelo Pórcio Catão. <https://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%A1lia>

homens. Por serem sociedades tribais com o regime comunitário, homens e mulheres, conjuntamente, faziam guerra, participavam dos Conselhos Tribais, construíam suas casas, e trabalhavam na agricultura e no gado. As mulheres também tinham o papel de juízas, inclusive de homens, se necessário (Alves & Pitanguy, 1985).

Os cronistas romanos da época registraram com surpresa a posição da mulher nessas sociedades. Da mesma forma, os cronistas europeus do século XVI, chegando à América, se surpreenderam com a relevância da posição da mulher na Confederação Iroquesesa - civilização pré-colombiana e confederação tribal muito poderosa que existiu no nordeste da América do Norte, fundada entre o ano 1000 e 1400 (Filipe, 2001).

Nestas sociedades, não havia uma divisão rigorosa entre economia doméstica e economia social, e não existia o poder de um sexo sobre o outro na realização de tarefas domésticas ou nas tomadas de decisões (Alves & Pitanguy, 1985). As mulheres participavam efetivamente das discussões sobre os interesses da comunidade, como por exemplo, a escolha do chefe de suas nações, assim como a sua destituição, caso houvesse abuso de poder por parte dele. Além disso, nenhuma guerra poderia ser declarada se tivesse oposição feminina, demonstrando com clareza a influência da mulher sobre importantes decisões na sociedade Iroquesa.

Porém, ainda que houvesse sociedades como a Iroquesa, que valorizavam a mulher e a colocavam no mesmo patamar dos homens, no resto do mundo, o trabalho feminino sempre recebeu remuneração inferior à do homem. Esta desvalorização, por outro lado, provocou a hostilidade dos trabalhadores homens contra o trabalho da mulher, pois a competição rebaixava o nível salarial geral. Por isso, em alguns momentos, os homens se rebelaram contra a participação da mulher no mercado de trabalho, como em 1344, em Londres, quando a corporação de alfaiates decretou que

---

<sup>11</sup> Existiu entre os anos 919 e 1806 e se desenvolveu a partir da metade oriental do antigo Império Carolíngio, na atual República Federal Alemã. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino\\_da\\_Germ%C3%A2nia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_da_Germ%C3%A2nia)

seus membros não podiam empregar mulheres, com a exceção de suas esposas e filhas (Alves & Pitanguy, 1985).

Somente a partir do século XX que as raízes do movimento feminista ganham espaço e as mulheres começam a lutar por direitos igualitários e melhores condições de vida. O movimento, que possui diferentes fases – focadas nas reivindicações de cada período – foi e continua sendo primordial para todas as conquistas que as mulheres alcançaram ao longo dos últimos 100 anos. Assim, por ser de extrema relevância, apresentarei, em um subcapítulo à frente, como se sucedeu o movimento feminista no século XXI.

## **1.2. O que é Feminismo?**

Ao falarmos sobre feminismo, se torna difícil precisar uma definição para o termo, visto que representa um processo com raízes em nossa história e que se faz presente em nosso dia-a-dia, com avanços e contradições. É preciso entender que o feminismo não deve ser entendido como uma doutrina de ódio aos homens ou o inverso do machismo, e sim a luta por direitos iguais, levando ao fim a dominação patriarcal<sup>12</sup>, que desvaloriza a mulher e está presente desde os primórdios da nossa sociedade.

Ou seja, no feminismo, a mulher deve ser respeitada em sua integridade e não deve ser descriminada pelo simples fato de ser mulher. Por isso, a luta é por uma transformação que mude as relações sociais entre homens e mulheres, muitas vezes baseadas na violência, dominação e poder. Assim, a essência do feminismo é a (re) definição do gênero feminino, negando a identidade da mulher conforme definida pelos homens e pela família patriarcal, desligando do gênero as diferenças biológicas e culturais (Castells, 2008).

Para Gutierrez (1985 citado por Ribeiro, 2006), o machismo “não passa de uma postura reacionária que, em escala social, ideológica e cultural, pretende perpetuar –

---

<sup>12</sup> O patriarcado é um sistema em que homens mantêm o poder primário e predominam em funções de liderança, política, autoridade, moral privilégio social e controle das propriedades.

nem sempre conscientemente – o *status quo* patriarcal.” (p. 81). O feminismo, por sua vez, é um movimento social, com revolução cultural e luta ideológica. No movimento, a mulher deseja libertar os homens e as mulheres dos estereótipos aos quais são submetidos desde o nascimento, com o objetivo de transformar as personalidades e mudar a qualidade das relações individuais e sociais. “Em termos individuais, no plano do quotidiano, o “machista” limita-se a repetir os preconceitos sem questioná-los, imersos numa espécie de alienação falocêntrica.” (p. 81).

Scott (1995 citado por Narvaz & Nardi, 2007, p. 50) também aponta que o feminismo luta para que pessoas diferentes sejam tratadas como equivalentes, pois o movimento demonstra que a vida masculina tem sido privilegiada ao longo dos séculos, enquanto a feminina, negligenciada e desvalorizada. Criando assim, uma hierarquia sexual, muito mais pelo processo histórico baseado em contextos sociais do que pela fatalidade biológica.

Segundo Alves e Pitanguy (1985), o masculino e o feminino são criações culturais e, em seus processos de socialização, são condicionados a se comportar de maneira diferente, a fim de cumprirem suas funções sociais específicas e diversas. Dessa forma, “aprende-se” a ser homem e mulher, e a aceitar de forma natural as relações de poder entre os sexos. A menina aprende a ser doce, obediente, passiva, dependente, ao mesmo tempo em que o menino aprende a ser agressivo, competitivo, ativo, independente, como se tais características fossem parte de sua natureza como homem ou mulher. Esse reducionismo biológico camufla as verdadeiras raízes da opressão da mulher, que é fruto de relações sociais.

Nesse sentido, o discurso feminista, aponta que o “sexo é político”, pois contém ele próprio relações de poder e hierarquia, revelando os laços existentes entre as relações interpessoais e a organização política pública, como por exemplo, as relações entre homens x mulheres; pais x filhos; brancos x negros; patrões x operários. O feminismo assim, busca superar essas formas tradicionais de organização, permeadas pelo desequilíbrio e pelo autoritarismo (Alves & Pitanguy, 1985).

Quando Simone de Beauvoir lança *O Segundo Sexo* - seu livro mais famoso – e escreve a frase mais explorada pelo feminismo ao longo dos anos e utilizada até hoje:

“ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (Beauvoir, 1967, p. 9), algo se transforma no mundo científico, na vida cotidiana e na política, reposicionando a mulher como sujeito e objeto na vida social, política e na ciência. Logo, “ser” e “tornar-se” passaram a ser verbos muito importantes nas discussões feministas na militância e no espaço científico.

Em relação a sua estruturação, o movimento feminista não se organiza de uma forma centralizada, recusa uma disciplina única e defende o princípio organizativo da horizontalidade (Álvarez, 1990 citado por Costa, 2005, p. 11).

O feminismo busca repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados, e onde as qualidades (...) afetividade, emoção e ternura possam aflorar sem constrangimentos nos homens e serem vivenciadas, nas mulheres, como atributos não desvalorizados. (Alves & Pitanguy, 1985, pp. 9-10).

Dentro do feminismo, o conceito interseccional acredita que o feminismo é plural e complexo (Brah & Phoenix, 2004 citado por Bezerra, 2018, p. 20), jamais podendo ser um só, já que as mulheres são diferentes entre si e sofrem opressões diferentes de acordo com a sua cor, etnia, sexualidade, classe, capacidades físicas e/ou mentais etc.. Ou seja, além do gênero, a mulher pode ser oprimida por ser pobre, negra, homossexual e várias outras combinações que geram diferentes tipos de preconceitos pelos quais as mulheres podem passar.

Sobre a urgência de uma sociedade mais igualitária, Silva (1999), salienta:

Continua a ser necessário e urgente o empenho das cidadãs e dos cidadãos no sentido da construção de uma sociedade inclusiva, em que mulheres e homens, lado a lado, em perfeita situação de igualdade, se reconheçam como parceiros na construção de uma sociedade mais desenvolvida, mais equitativa e mais democrática. (p. 73).

Sendo assim, é fundamental que se entenda as fases do feminismo (ou as chamadas “ondas”), quais foram as suas reivindicações na sociedade e a sua importância para os diferentes grupos de mulheres. Por isso, será abordada, de uma forma breve, a história do feminismo desde as suas primeiras articulações, para que se possa observar os cenários pelos quais o movimento se deu, além de suas dificuldades, vitórias e transformações.

### **1.3. Problemática de Gênero**

Antes de abordar “as ondas” dos estudos feministas, ressalta-se a importância de apresentar o conceito de gênero, sexo e sexualidade, que geralmente são vistos de forma igualada por parte da sociedade, o que é um grande erro. O conceito Gênero é frequentemente ligado ao papel biológico do homem ou da mulher dentro da sociedade, e diversas características estão associadas ao “gênero”. O masculino e o feminino são criações culturais e, como tal, têm seus comportamentos aprendidos através do processo de socialização que habitua diferentemente os sexos para cumprirem funções sociais específicas e diversas. Essa aprendizagem é um processo social: “aprende-se” a ser homem e mulher e a aceitar como naturais as relações de poder entre os sexos (Alves & Pitanguy, 1985). Mulheres, por exemplo, são vistas como frágeis, emotivas, irracionais ou delicadas, já os homens como seguros, fortes, racionais e objetivos.

Para as feministas, esses atributos enraizados na sociedade são vistos de forma errônea, pois o conceito de gênero não associa comportamentos à características biológicas. Ou seja, as representações sociais de feminino e masculino não devem determinar as atitudes de mulheres e homens, pois segundo a teórica feminista Tania Swain (2000 citado por Medeiros, 2015, p. 33), o gênero está muito além dos corpos que o habitam e a sua nova perspectiva reforça a diferença entre o social e o biológico. Dessa forma, gênero é definido como uma relação socialmente construída entre homens e mulheres, servindo como categoria de análise para se investigar a construção social do feminino e do masculino.

Para a historiadora Joan Scott (1995) - uma das principais pesquisadoras feministas -, gênero é a organização social da diferença sexual. É uma categoria de estudos que vêm, inicialmente, legitimar a ciência feminista, tornando-a mais neutra diante das demais ciências, pois não isola os estudos na categoria “mulher”, mas em tudo o que envolve as relações sociais baseadas no sexo.

O “sexo”, por sua vez, refere-se exclusivamente às características biológicas de cada corpo, e a sexualidade, está ligada às atividades relacionadas à atração física, ao ato sexual, entre outras (Medeiros, 2015). Os conceitos “sexo” e “gênero” então,

existem num sistema de diferenciação entre natureza e cultura, que estabelece que o sexo faz parte do universo da natureza, e o gênero pertence à cultura e à organização social, definindo papéis sociais a cada sexo.

O uso do conceito mulher traz implícito tanto a dimensão do sexo biológico como a construção social de gênero. Porém, a reinvenção da categoria “mulher” frequentemente utiliza os mesmos estereótipos criados pela opressão patriarcal. Ou seja, na prática é visto como normal a existência de uma natureza feminina e outra masculina, e assim, as diferenças entre homens e mulheres são vistas como fatos da natureza. Nesse sentido, a opressão sexista – preconceito ou discriminação baseada no sexo ou gênero – é compreendida como um fenômeno universal, sem que fiquem expostos os motivos de sua ocorrência em diferentes contextos históricos e sociais (Bairros, 1995).

Resumindo: Os estereótipos da mulher estão enraizados em nossa história há tantos séculos, que passou a ser “normal” enxergar a biologia feminina de uma forma que a diminua em relação ao homem. Por isso, o debate feminista vem mostrando que a hierarquia sexual não é uma fatalidade biológica e sim fruto de um processo histórico.

Segundo a autora Judith Butler (2003), gênero e sexualidade são constituídos por uma série de atos repetitivos ao longo do tempo, por isso o gênero não é algo que o sujeito cria individualmente para si mesmo. A identidade de gênero é realizada através da reprodução de atos performativos, através de gestos corporais, como a dança, os movimentos, falas, papéis ou até mesmo encenações, dando a sensação de um gênero estabelecido, que está em constante transformação.

Butler (2003) explica que a identidade não descreve a realidade, e que o gênero é performativo, ou seja, que não é algo que nós somos, e sim que constantemente fazemos, impostos pela repetição de atos cristalizados no gênero. “Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação.” (p. 200).

Em relação ao sexo feminino e masculino e os seus papéis na sociedade, é primordial definir o que é o patriarcalismo. O patriarcado tem as suas relações pautadas na família, nas diferenças entre gerações e nos relacionamentos conjugais. O filho, por exemplo, tem um tratamento mais suavizado que a filha pelo pai, e a sogra detém um poder sobre a nora, que é delegado pelo sogro ou pelo marido. Assim, existem duas vertentes básicas dentro do patriarcalismo, sendo a primeira a dominação do pai sobre a filha, e depois, o domínio pelo marido (Therborn, 2006 citado por Ribeiro, 2006, p. 74).

No pensamento patriarcal, o homem deve ser agressivo e seguro, enquanto a mulher, carinhosa e sensível. Na sociedade, o dominador é o homem e em uma família, o pai sempre será o chefe. Assim, os valores de dominação e opressão da mulher são penetrados nas instituições familiares e perpetuados através das próximas gerações (Gutierrez, 1985 citado por Ribeiro, 2006, p. 74).

No patriarcalismo, a mulher, seu corpo e sua força de trabalho se tornam propriedade do homem. Assim, pode-se dizer que nesse sistema, existe uma relação de poder masculino sobre o feminino, já que o homem tem a ideia de que ele detém o “direito” de impor seu desejo a partir de uma hierarquização.

Como resultado dessas relações de poder, a violência contra as mulheres demonstra uma ideologia que define a condição “feminina” como inferior à condição “masculina”. Sobre isso, Chauí (1985 citado por Santos & Izumino, 2005) destaca: “[d]efinida como esposa, mãe e filha (ao contrário dos homens para os quais ser marido, pai e filho é algo que acontece apenas), [as mulheres] são definidas como seres para os outros e não como seres com os outros.” (p. 149).

Por isso, a mulher é vista como alguém dependente do homem, e que não possui a liberdade de tomar suas próprias decisões. Assim, o corpo feminino é separado do seu caráter e da sua inteligência, tornando-se ele apenas um objeto sexual. Para Teles e Melo (2002 citado por Santos & Izumino, 2005), essa subordinação da mulher pelo homem é considerada “violência de gênero”:

[...] é uma relação de poder de dominação do homem e de submissão da mulher. Demonstra que os papéis impostos às mulheres e aos homens, consolidados ao longo da história e reforçados pelo patriarcado e sua ideologia, induzem relações violentas

entre os sexos e indica que a prática desse tipo de violência não é fruto da natureza, mas sim do processo de socialização das pessoas [...] A violência de gênero pode ser entendida como ‘violência contra a mulher’ [...] (p. 156).

De acordo com o que foi exposto sobre gênero, as diferenças sociais dos papéis femininos e masculinos, o patriarcalismo enraizado na sociedade e a violência de gênero ou violência contra a mulher, friso a relevância que existe no debate sobre essas questões para que haja cada vez mais desconstruções de estereótipos e ressignificações culturais.

#### **1.4. As “ondas” do Feminismo**

Como dito anteriormente, o feminismo é um movimento de mulheres que têm sua luta centrada, principalmente, na equidade de gênero, que se manifesta de diferentes formatos, linguagens e vertentes. Dessa forma, torna-se relevante perceber suas origens, processos e transformações para compreendermos mais à frente, como o feminismo se manifesta no ambiente digital, foco principal desta dissertação.

Por ser um movimento complexo, plural e que está em constante questionamento sobre as suas doutrinas do presente e do passado, pode-se dizer que há várias “ondas” do feminismo, ou seja, fases/momentos históricos relevantes na academia ou na militância, em que certas questões femininas dominaram o debate. Historicamente, as “ondas” são construídas de acordo com o contexto de cada espaço, e as necessidades políticas e sociais de cada época.

O movimento feminista produz sua própria reflexão crítica e teórica, sendo uma coincidência rara entre militância e teoria, visto que, no primeiro momento, o feminismo da segunda metade do século XX foi impulsionado por mulheres de classe média, educadas, principalmente, nas áreas de Humanidades, da Crítica Literária e da Psicanálise. Por isso, é possível conhecer o feminismo através da ação do movimento feminista ao longo dos anos, e pela produção teórica feminista nas áreas de História, Ciências Sociais, Crítica Literária e Psicanálise (Pinto, 2010).

O feminismo, enquanto movimento social é essencialmente moderno, e as movimentações pelos direitos políticos e sociais femininos vêm com um primeiro

registro em 1791 para “Declaração dos direitos da mulher e da cidadã” de *Olympe de Gouges*<sup>13</sup> em contraposição à “Direitos dos homens e dos cidadãos” no período da Revolução Francesa, como uma forma ousada de lembrar os revolucionários de sua dívida com as mulheres não libertadas pela revolução que ajudaram a construir. *Gouges* foi condenada à guilhotina, mas seu texto é de grande importância para o nascimento do feminismo (Machado, 2018).

O feminismo e seus movimentos de maior força são frequentemente classificados de forma específica: “Se convencionou a chamar de “ondas” as fases pelas quais passou o feminismo. Essas “ondas”, que também podem ser pensadas como momentos, dizem mais respeito a conjunturas e ideias do que a um conceito fechado em datas bem marcadas.” (Coruja, 2017, p. 68).

Ao longo da história ocidental sempre houve mulheres que se rebelaram contra sua condição, que lutaram por liberdade e muitas vezes pagaram com suas próprias vidas. A Inquisição da Igreja Católica, por exemplo, foi severa com qualquer mulher que desafiasse os princípios por ela pregados. Ainda que as ideias feministas tivessem se desenvolvendo há alguns séculos, o feminismo como luta definida e organizada surge no início do século XIX, influenciado pelas ideias da Revolução Francesa. Gamba (2008) explica que os ideais de igualdade e racionalidade que faziam parte do iluminismo, não se estendiam às mulheres, o que fez com que elas começassem a reconhecer, num primeiro momento, as desigualdades entre os sexos, a questionar os modelos sociais e a lutar de forma autônoma para conquistar suas demandas.

A chamada primeira “onda” do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX, primeiro na Inglaterra, e depois em outros países da Europa, América do Norte e outras localidades. Na época, o início do movimento buscou direitos iguais entre homens e mulheres, sendo o sufrágio feminino um dos principais objetivos da mobilização, tendo sido alcançado pela primeira vez em 1893, na Nova Zelândia, e nas décadas seguintes por outros países (Souza, 2015).

---

<sup>13</sup> Dramaturga e ativista política, que ficou conhecida como uma das precursoras do feminismo, em uma época que o termo ainda não existia e onde os lemas de liberdade, igualdade e fraternidade não se estendiam completamente às mulheres. [https://www.huffpostbrasil.com/renata-arruda/a-revolucao-de-olympe-de-gouges\\_b\\_5854902.html](https://www.huffpostbrasil.com/renata-arruda/a-revolucao-de-olympe-de-gouges_b_5854902.html)

Ainda que a Inglaterra não tenha sido a pioneira a conceder o sufrágio feminino, o país esteve no centro dos acontecimentos que desencadearam a primeira “onda” do movimento feminista. Logo após a Revolução Industrial, o movimento sufragista iniciou-se de forma pacífica e questionava os motivos pelos quais as mulheres não podiam assumir cargos de importância política e acadêmica, ou exercer o direito ao voto. Após muitos embates e discussões, as mulheres finalmente saíram às ruas para lutar pelos seus direitos e, inclusive, fizeram greve de fome.

Em 1913, na famosa corrida de cavalo em Derby, *Emily Wilding Davison*<sup>14</sup> jogou-se na frente do cavalo do rei, tornando-se a primeira mártir do movimento. Alguns anos depois, em 1918, a aprovação do *Representation of The People Act* pelo parlamento britânico, estabeleceu o direito ao voto para as mulheres do Reino Unido. Além da luta das mulheres pelo direito ao voto, na primeira onda feminista, as reuniões – realizadas por mulheres brancas, estudadas e de classes altas – também levavam a outras discussões, como a situação da mulher nas fábricas, nas oficinas e no ambiente público (Pinto, 2010).

Ainda que muitas vezes esquecidas, essas ações foram muito importantes para o avanço das leis que protegessem as mulheres e lhes garantisse algum avanço dentro da sociedade, e foram muito utilizadas nos Estados Unidos – lugar onde os movimentos de mulheres foram mais emblemáticos nesse período.

Décadas depois, em 1930 e 1940, várias reivindicações do feminismo haviam sido conquistadas: as mulheres já podiam frequentar escolas, votar e serem votadas e participar do mercado de trabalho, ainda que com grande diferença salarial entre homens e mulheres – o que permanece até hoje em muitos lugares. Porém, com o fim da Segunda Guerra Mundial e com a volta dos homens para o mercado de trabalho, o papel da mulher condicionado ao espaço doméstico volta a entrar em pauta: “As mensagens veiculadas pelos meios de comunicação enfatizam a imagem da “rainha do lar”, exacerbando-se a mistificação do papel da dona-de-casa, esposa e mãe.

---

<sup>14</sup> Foi uma militante radical do movimento pelo voto feminino na Grã-Bretanha.  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Emily\\_Davison](https://pt.wikipedia.org/wiki/Emily_Davison)

Novamente, o trabalho externo da mulher é desvalorizado, tido como suplementar ao do homem." (Alves & Pitanguy, 1985, p. 50).

Em meio à essa transição para a segunda "onda" do movimento feminista, surge a publicação, em 1949, da obra "*O Segundo Sexo*", de Simone Beauvoir. Considerado o estudo mais impactante de sua carreira, o livro analisa os comportamentos a fundo do desenvolvimento psicológico da mulher e explica que, através de argumentos biológicos, psicológicos e clínicos, as mulheres sempre foram vistas como seres inferiores. Além disso, constata: "toda a história das mulheres foi feita pelos homens" (Beauvoir, 1970, p. 167), que se viam como sujeito, e a mulher a sua oposição, o seu objeto. Dessa forma, as mulheres nunca foram vistas e nem se viam como sujeitos históricos, demonstrando assim, as omissões pelas quais as mulheres foram e são expostas ao longo da história.

Através da sua frase emblemática "Não se nasce mulher, torna-se", Beauvoir desconstrói a ideia de uma natureza feminina inferior à masculina. Essa frase é considerada até hoje um dos grandes símbolos do feminismo, e a obra foi muito importante para levantar questões sobre os papéis sociais e de gênero, além de ser um marco para a segunda "onda" e a história do feminismo.

A segunda "onda" ganha maior força a partir dos movimentos revolucionários dos anos 1960, como as lutas pacifistas contra a guerra do Vietnã nos Estados Unidos, o movimento hippie internacional que transformou os costumes da época, e o "Maio de 68", em Paris, quando os estudantes ocuparam a Universidade de Sorbonne, questionando o ensino acadêmico estabelecido há séculos (Pinto, 2010).

Nos primeiros anos da década, também houve o lançamento da pílula anticoncepcional, primeiro nos Estados Unidos e depois na Alemanha, dando a mulher mais poder sobre o seu próprio corpo. Pinto (2010) declara que, pela primeira vez, as mulheres discutem sobre as relações de poder entre o sexo feminino e masculino:

O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. (p. 16).

Nesse sentido, é na década de 60 que o feminismo passa a questionar as raízes culturais da desigualdade no exercício de direitos políticos, trabalhistas e civis, e denuncia como a política, a religião, o sistema jurídico, a vida intelectual e artística são construções de uma cultura predominantemente masculina (Alves & Pitanguy, 1985).

Já na década de 1970, os debates sobre as diferentes condições das mulheres causou grande impacto em seu dia-a-dia, assim como no campo científico. O feminismo começou a enterrar as ideias patriarcais e trouxe à tona o direito à liberdade sexual, profissional e pessoal das mulheres. A segunda “onda” ainda conseguiu produzir uma vasta bibliografia em diversas áreas do conhecimento e começou a ocupar um espaço na área científica que até então era negligenciado (Medeiros, 2015).

Em 1975, na I Conferência Internacional da Mulher, no México, a Organização das Nações Unidas (ONU) declarou os dez anos seguintes como a década da mulher (Pinto, 2010). O chamado Dia Internacional da Mulher foi oficializado na mesma data – quando a ONU decretou de ano Internacional da Mulher para lembrar suas conquistas políticas e sociais. Hoje, oito de março é cada vez mais lembrado como um dia para as mulheres reivindicarem a equidade de gênero, fazendo protestos ao redor do mundo.

Até a segunda “onda”, a teoria feminista considerava um conceito generalista de mulher, incapaz de englobar todas. Coruja (2017) explica que, embora o feminismo lute por uma causa comum, cada mulher tem suas próprias necessidades e singularidades, e que portanto, a generalização do movimento não atende a todas as mulheres, sobretudo as negras e pobres, que então, passam a fazer suas próprias reivindicações. A partir da terceira “onda”, autoras como Bell Hooks<sup>15</sup> e Angela Davis<sup>16</sup> trouxeram contribuições fundamentais, considerando recortes de raça e classe social.

A categoria de gênero, usada primeiro para analisar as diferenças entre os sexos, foi estendida à questão das diferenças dentro da diferença. A política de identidade dos anos 80 trouxe à tona alegações múltiplas que desafiam o significado unitário da categoria “mulheres”. Na verdade, o termo “mulheres” dificilmente poderia ser usado

---

<sup>15</sup> Escritora norte-americana, que tem como seus principais estudos a discussão sobre raça, gênero e classe e às relações sociais opressivas, com ênfase em temas como arte, história, feminismo, educação e mídia de massas. <https://www.editoraelfante.com.br/quem-e-bell-hooks/>

<sup>16</sup> Filósofa, escritora e professora emérita do Departamento de Estudos Feministas da Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos. É um ícone na luta pelos direitos das mulheres e contra a desigualdade social e racial nos Estados Unidos. <https://www.boitempoeditorial.com.br/autor/angela-davis-281>

sem modificação: mulheres de cor, mulheres judias, mulheres lésbicas, mulheres trabalhadoras pobres, mães solteiras, foram apenas algumas das categorias introduzidas. Todas desafiavam a hegemonia heterossexual da classe média branca do termo “mulheres”, argumentando que as diferenças fundamentais da experiência tornaram impossível reivindicar uma identidade isolada. (Scott, 1992 citado por Coruja, 2017, p. 79).

A chamada terceira “onda” do feminismo, que se desenvolveu nos anos 1980 e 1990, ganha forma com o enfraquecimento da fase anterior em meados dos anos 1980, ao mesmo tempo em que a cibercultura<sup>17</sup> ganhava espaço e se popularizava. Esse período começou a desafiar os conceitos de gênero desenvolvidos pelas feministas brancas, de classe média, dos anos 1960 e 1970. Os computadores entram em cena e os movimentos artísticos contribuem de maneira eficaz nessa época, por estimularem grupos culturais conectados às tecnologias de comunicação, possibilitando novas formas de expressão.

Manifestações culturais e técnicas pautadas no feminismo e vinculadas às tecnologias de computadores serão denominadas, nos anos 1990, de ciberfeminismo – assunto que exploraremos mais a frente.

Com a chegada da terceira “onda”, temas até então ignorados como os direitos para os transexuais, a visibilidade das mulheres negras, das mulheres pobres e a união a favor das minorias tornaram-se assunto nos discursos do movimento. É importante salientar que a visibilidade dessas minorias ganha destaque apenas há poucas décadas, visto que muitas estudiosas do feminismo eram mulheres brancas, de classe média ou alta, e que tinham uma vida acadêmica, ignorando, portanto, as estruturações sociais que não faziam parte do seu grupo (Medeiros, 2015).

Segundo Crenshaw (2002), o reconhecimento das pluralidades da mulher é crucial na terceira “onda” do feminismo, já que o discurso universal exclui os diferentes tipos de opressões as quais as mulheres estão submetidas. A autora elucida para o fato de que, para além do gênero, fatores relacionados às identidades sociais

---

<sup>17</sup> Fluxo contínuo de ideias, de produções artísticas, intelectuais e éticas dos seres humanos, que se articulam no ciberespaço (Lévy, 1999).

das mulheres – classe, raça, etnia, religião, orientação sexual, entre outras – fazem diferença na forma como vivenciam a discriminação.

A questão de gênero também foi um grande marco dessa fase do movimento, que passou a substituir, gradativamente, o termo “mulher” por “gênero”, sendo, portanto, possível separar as diferenças biológicas das sociais. Dessa forma, a construção de gênero, que abordei anteriormente, foi um importante estudo para explicar a desigualdade entre homens e mulheres, que é apenas a ponta do *iceberg* de uma complexa construção social baseada na hierarquia e diferença entre os sexos.

Diante de tudo colocado, percebe-se que o feminismo, como qualquer movimento social, está em constante transformação. Por isso, é compreensível que haja diferentes fases do movimento, surgidas de acordo com as necessidades e lutas de cada época. Assim, foram identificadas, através da literatura acadêmica, três grandes “ondas”, conhecidas também pelo sufragismo (1<sup>a</sup> “onda”), revolução sexual (2<sup>a</sup> “onda”) e o pós-feminismo (3<sup>a</sup> “onda”). O ciberv feminismo, por sua vez, também faz parte do movimento feminista, mas não é considerado uma “onda”, como as fases anteriores. Porém, por ser uma parte essencial para o entendimento do movimento feminista do século XXI e estar ligado diretamente à revolução das mídias sociais, retornarei sobre o assunto dentro do capítulo três.

## 2. Conexões em Rede

### 2.1. Uma viagem no tempo

Ao longo das últimas décadas, temos vivenciado os enormes avanços tecnológicos e as transformações dos meios de comunicação, em que a distância deixou de ser um obstáculo para nos comunicarmos, e a agilidade na transmissão de informação através do meio digital contribuiu para o contato próximo de pessoas que estão fisicamente distantes, como em diferentes cidades, países ou continentes. Essa conectividade entre as pessoas transforma as relações humanas, gera debates e formação de opiniões em diversas áreas do conhecimento e da sociedade.

Pode-se dizer que os meios de comunicação, principalmente os meios digitais na internet, são responsáveis pela forma como nos expressamos atualmente e, a partir deles, construímos nosso sujeito social. Então, de certa forma, somos visíveis pela sociedade e fortalecemos as nossas relações humanas através desses meios.

A popularização da internet, ainda na década de 1990, levou a um novo ambiente de conversação que passou a transformar a sociedade, chamado por Lévy (1999) de ciberespaço:

[...] o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (pp. 17-18).

Essa interconexão favoreceu o surgimento das primeiras redes sociais, principalmente após a popularização do uso de computadores, celulares e notebooks como meios de comunicação. Assim, a partir do desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)<sup>18</sup>, a nossa sociedade passou por importantes transformações, como a possibilidade de novas interações entre as pessoas, a exemplo do crescimento de diversos movimentos sociais pelo mundo, que falaremos mais à frente. Para Castells (2013), a internet dá voz a todos e assim, pessoas de todas as

---

<sup>18</sup> Todos os meios técnicos usados (por fios, cabos ou sem fio) para tratar a informação e auxiliar na comunicação, o que inclui o hardware de computadores, rede e telemóveis.

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Tecnologias\\_da\\_informa%C3%A7%C3%A3o\\_e\\_comunica%C3%A7%C3%A3o#cite\\_note-1](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tecnologias_da_informa%C3%A7%C3%A3o_e_comunica%C3%A7%C3%A3o#cite_note-1)

idades e condições passaram a ocupar o espaço público reivindicando seus direitos e propagando suas ideias, de uma forma que antes era inviável. “Os movimentos espalharam-se por contágio num mundo ligado pela internet sem fio e caracterizado pela difusão rápida, viral, de imagens e ideias.” (p. 10).

Segundo Shirky (2011), o uso de uma tecnologia social é muito pouco determinado pelo próprio instrumento. “Quando usamos uma rede, a maior vantagem que temos é acessar uns aos outros. Queremos estar conectados uns aos outros, um desejo que a televisão, enquanto substituto social, elimina, mas que o uso da mídia social, na verdade, ativa.” (p. 18). Nesse sentido, Shirky (2012) explica que os efeitos da televisão devem-se principalmente a seus limites tecnológicos, e faz uma breve análise:

A televisão tem milhões de setas voltadas para si - espectadores observando a tela - e absolutamente nenhuma seta voltada para fora. Você pode ver a Oprah; a Oprah não pode ver você. Na web, porém, as setas da atenção são todas potencialmente recíprocas; qualquer pessoa pode apontar para qualquer outra, sem depender de geografia, infraestrutura ou demais limites. Se a Oprah tivesse um blog, você poderia se conectar com ela, e ela se conectar com você. (p. 79).

Podemos inferir que houve uma mudança profunda na forma como as pessoas lidam com a comunicação a partir da revolução dos meios digitais das últimas décadas. De passivos a ativos, os indivíduos têm a possibilidade em suas mãos, tornando-se criadores de produtos que antes só consumiam. Por isso, devemos essa revolução à internet, já que desde o seu estabelecimento na sociedade, as relações se transformaram. Dessa forma, torna-se mister entender como e quando ela surgiu e todas as suas evoluções nos meios de comunicação.

De acordo com Castells (2003), no ano de 1969, a ARPA (Advanced Project Agency)<sup>19</sup> – órgão de inteligência ligado ao Departamento de Defesa das Forças Armadas dos Estados Unidos, cria a primeira rede de computadores do mundo. Essa rede veio de um projeto de pesquisa militar realizado durante o período da Guerra Fria, em que os Estados Unidos e a União Soviética disputavam a soberania política e militar

---

<sup>19</sup> Foi uma rede de computação de pacotes e a primeira a implementar o conjunto de protocolos TCP/IP, sendo ambas tecnologias a base técnica da Internet. A ARPANET foi desativada em 1990. <https://pt.wikipedia.org/wiki/ARPANET>

mundial, com a função de auxiliar e facilitar a comunicação entre os centros militares norte-americanos que estavam localizados ao redor do mundo. A criação deste meio de comunicação só foi possível graças aos esforços e pesquisas de Paul Baran,<sup>20</sup> que elaborou uma forma de fragmentar os códigos de informação durante o seu trajeto, mas que chegassem inteiros e compreensíveis ao receptor.

Até então, o sistema de comunicação militar era centralizado em um único computador, o que era um grande risco caso houvesse algum ataque. Assim, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos reconheceu a necessidade de construir uma rede de telecomunicações descentralizada, que pudesse ser controlada por diferentes computadores e em diversas localidades. Na época, a criação da ARPAnet foi uma resposta direta do governo norte-americano ao lançamento do satélite Sputnik<sup>21</sup> pelos soviéticos em 1957.

Anos depois, esse sistema deixou de ser apenas uma ferramenta militar e passou a ser utilizado em universidades e centros de pesquisa. Com a criação do e-mail na década de 1970, os pesquisadores podiam se comunicar e compartilhar informações dentro das universidades, e assim, a rede foi se aprimorando até se tornar internet, quando passou a ser acessível por um maior público.

Na década de 1980, o uso comercial da rede expandiu-se com o surgimento dos primeiros provedores e nos anos 90, o programador britânico Timothy John Berners-Lee<sup>22</sup> criou a *World Wide Web*, que possibilitou o alcance mundial da internet, dando aos seus usuários diferentes formas de publicação e troca de informações. Desde então, a internet se desenvolveu de forma acelerada como uma rede de informática, que tem a capacidade de expandir a comunicação global (Ferreira, 2019).

Ainda que existisse a *World Wide Web* e o desenvolvimento da Internet estivesse ocorrendo de maneira acelerada, do início da década de 90 até a virada do

---

<sup>20</sup> Foi um dos inventores da rede de computação de pacotes. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Paul\\_Baran](https://pt.wikipedia.org/wiki/Paul_Baran)

<sup>21</sup> Nome do programa que produziu a primeira série de satélites artificiais soviéticos, criado para estudar as capacidades de lançamento de cargas úteis para o espaço e também para estudar os efeitos da ausência de pessoa e da radiação sobre os organismos vivos. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sputnik>

<sup>22</sup> É um físico britânico, cientista da computação e professor do MIT. É o criador da *World Wide Web* e em 2017 ganhou o Prêmio Turing, considerado o “Nobel da Computação”. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Tim\\_Berners-Lee](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tim_Berners-Lee)

século, as possibilidades de interação por ela eram limitadas, pois a criação de conteúdo nessa fase - conhecida como *Web 1.0*<sup>23</sup> -, era restrita a um pequeno grupo e os usuários só podiam reagir a configurações pré-determinadas. Segundo Primo (2007), na primeira geração da *Web*, os sites eram trabalhados como unidades isoladas e, a partir da *Web 2.0* a estrutura passou a ser integrada de funcionalidades e conteúdos.

A *Web 2.0* é a segunda geração de serviços online e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo. A *Web 2.0* refere-se não apenas a uma combinação de técnicas informáticas (serviços *Web*, linguagem Ajax, *Web syndication*, etc.), mas também a um determinado período tecnológico, a um conjunto de novas estratégias mercadológicas e a processos de comunicação mediados pelo computador. (p. 2).

Assim, comprehende-se que a internet passa a ser mais acessível e participativa, chegando a espaços e pessoas até então desconhecidos, e dando a possibilidade de produção de conteúdo para os usuários que assim desejarem, além, é claro, de aumentar a interação e comunicação dos indivíduos através da rede.

Em relação ao Brasil, a internet chega no final da década de 1980, mas também limitada a ambientes acadêmicos, sem uma infraestrutura adequada para viabilizar um acesso comercial. A popularização é alcançada apenas em 1996, e desde então, a internet comercial brasileira cresce de forma célere em volume de acessos e número de usuários (Carvalho, 2006 citado por Ferreira, 2019, p. 15).

Em pesquisa realizada pelo PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) Contínua do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), constatou-se que atualmente, o percentual de domicílios que utilizam a internet é de 79,1% e que o equipamento mais usado para acessá-la é o celular, encontrado em 99,2% dos domicílios com serviço (IBGE, 2020). O que demonstra uma clara mudança na forma como os usuários lidam com a tecnologia. Segundo a UNCTAD (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento) em seu relatório sobre economia digital, o

---

<sup>23</sup> É considerada como estática, sendo que seus conteúdos não podem ser alterados pelos utilizadores finais. Todo o conteúdo da página é somente leitura. Na *web 1.0*, não existia a interatividade do usuário com a página, onde somente o programador podia realizar alterações ou atualizações da página. [https://pt.wikipedia.org/wiki/World\\_Wide\\_Web](https://pt.wikipedia.org/wiki/World_Wide_Web)

Brasil ocupou o quarto lugar no *ranking* mundial de usuários de internet, atrás apenas dos Estados Unidos, Índia e China (Valente, 2017).

Temos à disposição um novo espaço virtual – a internet –, formado de infinitas possibilidades e onde novos discursos são desenvolvidos a partir das conexões que os indivíduos fazem através da rede, proporcionando assim, novas trocas culturais, tecnológicas, sociais e políticas ao ultrapassar as barreiras territoriais entre os países.

De acordo com Lemos e Lévy (2010 citado por Rodrigues, Gadens & Rue, 2014, p. 14), o ciberespaço transformou a esfera pública, tornando as ações de produzir, distribuir e compartilhar conceitos próprios dessas mudanças. Os autores entendem que antes dessas transformações, as mídias tradicionais focavam na distribuição de informação apenas para um público homogeneizado, como se o mesmo possuísse apenas uma forma de pensar. Com o aparecimento das mídias pós-massivas, como a internet, há o surgimento de uma maior liberdade de expressão e navegação informacional, gerando formas de comunicação e troca de conteúdo de forma ampla, aberta e multidirecional.

Dessa forma, essas mídias pós-massivas aliadas à liberdade de expressão, ofereceram, segundo Lemos e Lévy (2010 citado por Rodrigues *et al.*, 2014, p. 14), um novo espaço de comunicação inclusivo, transparente e universal. E, se ter mídias livres é uma condição básica para o exercício da democracia, a estrutura colaborativa da internet potencializou os movimentos sociais, – do qual abordaremos mais à frente – que foram amplificados e diversificados, despertando uma maior liberdade e responsabilidade social.

## **2.2. Mídias Sociais: uma forma de se conectar**

Uma rede social é definida como um conjunto de elementos: atores, que seriam pessoas, instituições ou grupos, e o segundo elemento chamado de “conexões”, que seriam as interações ou laços sociais. Uma rede consegue observar os padrões de conexão de um grupo social, ao perceber as conexões realizadas com os usuários, como forma de interação. Dessa forma, a abordagem de rede tem seu foco na

estrutura social, em que não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões (Recuero, 2009).

Segundo Recuero (2009), foi a partir do início da década de 90 que começaram as primeiras experiências de mídias sociais na internet e, desde então, rápidas e profundas alterações desenvolveram-se nas formas como nos relacionamos uns com os outros. Além de permitir que dialoguemos, essa comunicação mediada pelo computador, ampliou a nossa capacidade de conexão, resultando num mundo mais globalizado.

Dessa forma, comprehende-se que as redes sociais são espaços de expressão e de construção de impressões, e que os usuários iniciam a sua socialização através das redes baseados nas impressões que têm uns dos outros, embora essa impressão não traduza a realidade, visto que atrás de uma tela de computador, podemos ser quem quisermos. Sob essa perspectiva, a escritora Judith Donath (1999 citado por Recuero, 2009) defende que “a percepção do Outro é essencial para a interação humana”:

No ciberespaço, pela ausência de informações que geralmente permeiam a comunicação face a face, as pessoas são julgadas e percebidas por suas palavras. Essas palavras, constituídas como expressões de alguém, legitimadas pelos grupos sociais, constroem as percepções que os indivíduos têm dos atores sociais. É preciso, assim, colocar rostos, informações que gerem individualidade e empatia, na informação geralmente anônima do ciberespaço. Este requisito é fundamental para que a comunicação possa ser estruturada. (p.27).

Compreende-se assim, que a forma como as pessoas se relacionam no ciberespaço, colabora para a criação de identidade delas perante outros usuários, já que a rede serve como um espaço de interação e lugares de fala como forma de expressar características de personalidade ou individualidade de cada ator inserido nesse ambiente virtual.

Para Recuero (2009), existem dois tipos de redes sociais: as redes emergentes e as redes de filiação ou redes de associação. As redes do tipo emergente são criadas através das interações entre os atores sociais, e cujas conexões entre os “nós” manifestam-se pelas trocas sociais realizadas através da interação social e pela conversação por meio do computador.

Dizemos que é uma rede emergente porque ela é constantemente construída e reconstruída através das trocas sociais. Essas também são redes normalmente

pequenas, pois a quantidade de comentários recíprocos, custosos e que demandam investimento – pois realmente representam trocas sociais – é concentrada em poucos nós, tanto pelo custo de investimento, quanto pelo tempo necessário para que as trocas sociais aconteçam. (p. 95).

Primo (2003 citado por Recuero, 2009, pp. 96-97) explica que as redes emergentes são constituídas através da interação do tipo mútuo, em que os laços são promovidos por um pertencimento relacional, que é emergente, caracterizado pelo “sentir-se parte” através das trocas comunicacionais. Nessas redes há uma limitação no número de pessoas com quem se pode interagir, possibilitando uma maior riqueza na quantidade e na qualidade das conexões entre os usuários. Por isso, geralmente, as redes emergentes são mais conectadas e menores, apresentando topologias mais igualitárias e descentralizadas.

Já as redes de filiação são derivadas de conexões estáticas e estáveis entre os atores, e são realizadas através dos mecanismos de associação, como por exemplo, a lista de pessoas que alguém segue no *Instagram* ou no *Twitter*, que são uma mera adição de outros atores sociais, e não uma interação social do tipo mútuo, como as redes emergentes. Quando adicionado algum indivíduo em determinada lista, ele ali permanece como um laço social, independente da sua interação, chamado por Primo (2003 citado por Recuero, 2009, p. 98) de interação reativa. Assim, essas redes podem mostrar laços já estabelecidos pelos atores envolvidos em outros espaços, como amigos de trabalho, por exemplo, mas não necessariamente na Internet.

Por não ter nenhum tipo de custo para os usuários, essas redes podem ser muito maiores do que as redes sociais *offline*, e permanecerem ativas independente da interação social e do investimento em capital social. Por isso, não é incomum ver vários perfis em *Twitter* ou *Instagram* com milhões de seguidores, pois não é preciso interagir com o ator para manter a conexão, já que o próprio sistema mantém as conexões em rede.

Para Granovetter (1973 e 1983 citado por Recuero, 2009, pp. 99-100), é possível que nessas redes sejam construídos muitos laços fracos e conexões não recíprocas. A quantidade de “nós” envolvidos é muito maior que nas redes emergentes, mas eles não são totalmente relacionados entre si e nem todos os “nós” que fazem parte dessa

rede são parte de um mesmo grupo. Ou seja, as redes de filiação podem expressar identificação ou laços sociais, mas o seu tamanho grande, menos distribuído e mais centralizado são característicos das oportunidades que a mediação pelo computador proporciona para a manutenção dos laços sociais.

Por isso, é importante entender o funcionamento das redes sociais na internet, reconhecendo a formação das relações sociais entre os usuários através das redes e como eles constroem suas bases por meio dessa comunicação virtual. Isto é, faz-se necessário identificar os participantes em rede ou suas representações nos meios digitais, e as conexões que eles estabelecem entre eles.

Diante do surgimento das redes sociais digitais, novas formas de circulação de informação são criadas, possibilitando a ampliação de redes e novas conexões entre as pessoas. Recuero (2012) destaca que dentro dos sites das redes sociais, as pessoas que não têm nenhuma conexão fora do mundo virtual, ou seja, que não se conhecem pessoalmente, podem ser impactadas através de mensagens trocadas no meio. Então, essas mensagens podem ser espalhadas rapidamente, alcançando pessoas e grupos sociais que provavelmente não atingiria no meio *offline*.

Por esse motivo, pode-se inferir que as trocas de informação e comunicação realizadas nas redes sociais digitais reestruturam a nossa cultura, já que diversas reivindicações, debates e críticas sociais passam a alcançar grupos que antes não tinham acesso ou conhecimento sobre determinadas pautas. Sendo assim, é importante fazer uma reflexão sobre como diversificados grupos se organizam em rede para entendermos o impacto que elas têm na sociedade atualmente.

Ao longo da história da humanidade, os movimentos sociais foram responsáveis pela produção de novos valores e objetivos que interferiram nas transformações sociais. Castells (2013) explica que onde há poder, também há o contrapoder – em que os atores sociais desafiam o poder instaurado nas instituições da sociedade com o objetivo de reivindicar a representação de seus próprios valores e interesses.

De início, eram uns poucos, aos quais se juntaram centenas, depois formaram-se redes de milhares, depois ganharam o apoio de milhões, com suas vozes e sua busca interna de esperança, confusas como eram, ultrapassando as ideologias e a publicidade para se conectar com as preocupações reais de pessoas reais na experiência humana real que fora reivindicada. (pp. 9-10).

É nesse contexto que entra a relevância da internet nas últimas décadas como palco dos movimentos sociais. De poucas a muitas vozes, pessoas de todas as idades e condições passaram a reivindicar o seu direito de fazer história e exercer o contrapoder através da comunicação, já que é a partir dela que é realizado o processo de construção de significado. Castells (1999 citado por Silva, 2018, p. 25) entende que esse processo se dá através da concepção de identidade, construída em áreas como história, geografia e religião.

O autor ainda aponta que embora cada mente humana construa seu próprio significado, esse processamento mental é condicionado pelo ambiente da comunicação. Logo, a mudança do ambiente comunicacional afeta diretamente os princípios de construção de significado e, portanto, a produção de relações de poder (Castells, 2013). Assim sendo, o uso da internet e das redes sem fio como plataforma de comunicação promovem autonomia para os indivíduos em relação às instituições de poder, que se consolidaram na sociedade.

Segundo Jenkins (2009), por estarmos vivendo numa cultura de convergência, vários aspectos das práticas sociais são frequentemente alterados, como o discurso dos oprimidos ganhando espaço e promovendo grandes mudanças na sociedade. Dessa forma, a utilização e expansão das mídias sociais fomentou as revoluções sociais ao levar informação sobre a opressão para o oprimido, atuando principalmente como um espaço empoderador das minorias.

Além de empoderar as minorias, todos os personagens da vida pública, como artistas, políticos, atletas, entre outros, utilizam as redes sociais para fins pessoais e públicos. A implantação dessas redes na vida pública é um acontecimento historicamente novo, mas tornou-se uma ferramenta imprescindível para a promoção de pessoas públicas, divulgação de iniciativas políticas, difusão de trabalhos artísticos, marketing pessoal e até a aproximação dessas figuras com o seu público, chamados na rede de “seguidores”.

Dentro do universo digital disponível, todos os dias, milhares de novas interações sociais são realizadas através das mídias sociais, como o *Twitter*, *YouTube*, *Instagram*, *Whatsapp*<sup>24</sup>, *Facebook*, *TikTok*<sup>25</sup>, entre tantas outras plataformas existentes atualmente. Essas mídias permitem a comunicação entre seus participantes através de vídeos, comentários, *likes*, publicações, compartilhamentos e outras formas de comunicação audiovisual disponíveis.

O que se pode perceber é que essas plataformas digitais tornaram-se parte comum da vida de uma grande parcela da população mundial, além de serem ferramentas necessárias na construção de uma comunicação eficaz e do relacionamento forte de empresas, instituições e pessoas públicas para com o seu público.

A título de exemplo, exploraremos mais à frente sobre a importância que as plataformas digitais têm na carreira da cantora Anitta – o nosso objeto de estudo -, que utiliza as mídias a seu favor, na divulgação dos seus trabalhos e projetos, no recorrente marketing pessoal que a cantora faz ou no compartilhamento da sua rotina através de *tweets*<sup>26</sup>, no *Twitter* ou *stories*,<sup>27</sup> no *Instagram*. Verifica-se que essas mídias se tornaram veículos de mudança ao facilitar a comunicação entre Anitta e seus fãs, dando voz aos dois lados, visto que toda ação que a artista realiza em rede, tem uma reação de seus seguidores, seja com comentários, *likes*, compartilhamentos ou visualizações. Ou seja, uma simples mensagem que a cantora publique em uma determinada rede, pode gerar um grande impacto dentro dessa mesma rede, influenciar outras plataformas digitais e, inclusive, impactar a realidade não virtual.

Assim, essa interação no ciberespaço pode ser compreendida como uma forma de conectar atores sociais e de demonstrar que tipo de relações esses usuários

---

<sup>24</sup> Fundado em 2009, é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações de áudio e vídeo grátis por meio de uma conexão com a Internet. <https://pt.wikipedia.org/wiki/WhatsApp>

<sup>25</sup> Aplicativo de mídia para criar e compartilhar vídeos curtos de até 60 segundos, lançado em 2016. <https://pt.wikipedia.org/wiki/TikTok>

<sup>26</sup> Textos de até 280 caracteres realizados na plataforma Twitter. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>

<sup>27</sup> Uma ferramenta da plataforma Instagram, lançada em 2016, que tem como função enviar vídeos de 10 segundos, que ficam disponíveis no perfil por 24 horas. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Instagram#Funcionalidades>

possuem. Por isso, a seguir, falarei sobre o “público participativo” e como este se comporta em rede, influenciando a cultura, a política, as artes, o esporte, e qualquer tema relevante para a sociedade.

### **2.3. Cultura Participativa**

Quem compartilha fotos, vídeos e informações na internet de forma amadora, não espera ser pago, mas, mesmo assim, compartilha, já que existe uma satisfação de poder estar inserido dentro da sociedade de forma ativa. Os usuários têm inúmeras motivações nessa participação em rede, seja para divulgar algum conteúdo próprio, compartilhar informações relevantes para a sociedade, gerar valor a algum trabalho ou se aproximar de seus ídolos através do engajamento nas plataformas, como por exemplo, comentar e compartilhar em fotos de artistas que, de certa maneira, auxilia na participação dos fãs na vida e no projeto dos seus ídolos.

Segundo Jenkins (2006a citado por Camargo, Estevanim & Silveira, 2017, p. 108), a cultura participativa é o termo usado para explicar o crescimento da participação e interferência do público nos processos comunicacionais em diferentes plataformas digitais. Para o autor, as pessoas podem facilmente se apropriar de conteúdos, recriar e distribuir diferentes materiais de forma mais fácil, rápida e barata, por causa da facilidade que as tecnologias proporcionam para essa circulação de conteúdos midiáticos.

Então, a cultura participativa envolve a criação e o compartilhamento de conteúdo entre os consumidores de mídia e é estimulada por uma inteligência coletiva, desde que troquem o seu conhecimento e experiência em rede. Cada usuário possui o seu próprio ritmo e compreensão acerca de informações e compartilhamento, mas ao ser alcançado por alguma ideia que lhe estimule a compartilhar e fazer parte de determinado grupo virtualmente, este usuário será incentivado a ter uma participação ativa no grupo e a realizar produções criativas.

É curioso perceber que nenhum indivíduo é obrigado a contribuir e trocar informações em rede, mas todos sabem que são livres para contribuir quando e da forma que quiserem. Lévy (2003) explica que “a inteligência coletiva só tem início com

a cultura e cresce com ela" (p. 31), então, ao compartilharmos nossas inteligências através das ações nas mídias sociais, as pessoas se conectam socialmente com outras, estimulando o engajamento cívico na maior parte das vezes.

De acordo com o autor, a inteligência coletiva é "uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências" (Lévy, 2003, p. 28). Assim sendo, a inteligência coletiva reúne as melhores habilidades de cada indivíduo, coordenando-as, para depois serem utilizadas a favor da coletividade. As tecnologias de informação e comunicação auxiliam na coordenação dessas habilidades ao recolher dados específicos de cada grupo, armazenando-os e sendo cada vez mais distribuídos numa lógica de compartilhamento de todos para todos.

Além disso, pode-se dizer que essas novas tecnologias se baseiam na repercussão de um conteúdo pelo outro, ou seja, no fortalecimento de um conteúdo em diferentes plataformas na rede, de forma que o interesse e engajamento do usuário se mantenham e resulte na formação de grupos de interesses comuns. Assim, é possível entender como se formam os grupos na *web*, quais são as narrativas incorporadas nas redes sociais e o que é consumido, pesquisado e explorado através das mídias pelos seus usuários.

Em relação ao jornalismo na atualidade, verifica-se que o modelo tradicional e vertical de emissor para receptor tem sido cada vez mais transformado em um modelo comunicativo no qual o público é participante e é quem escolhe os assuntos importantes para o seu consumo e quais veículos de comunicação ele quer acompanhar. Ainda assim, segundo Bastos (2010), o fato de os cidadãos poderem ser, simultaneamente, consumidores, produtores, fontes e até editores na internet, não significa que seja possível, pelo menos num futuro próximo, uma sociedade sem jornalistas. Além de serem necessários para assegurar uma informação de qualidade e confiabilidade, os jornalistas e ciberjornalistas<sup>28</sup> têm uma função primordial de

---

<sup>28</sup> Jornalista que pratica o jornalismo no meio comunicacional da internet.

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Jornalismo\\_online](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jornalismo_online)

diminuir os ruídos de informações e entregar as notícias de forma clara, completa e objetiva para o público.

Alonso e Martínez (2003 citado por Bastos, 2010) comentam: “O comunicador é aquele que produz informações, e esse trabalho de produção é levado a cabo através das potencialidades específicas da tecnologia digital: hipertextualidade<sup>29</sup>, multimidialidade<sup>30</sup>, interatividade<sup>31</sup> etc.” (p.30). Além disso, o comunicador é também um intermediário, estruturador e organizador de informação num contexto que tem excesso de informação em rede, a que ele dá ordem e sentido. Em relação a isso, Flores Vivar e Arruti (2001 citado por Bastos, 2010, p. 46) sublinham que devido à multiplicidade de mensagens e fontes, a mesma audiência tornou-se mais seletiva e tende a escolher as suas mensagens, aprofundando a sua segmentação e melhorando a relação individual entre emissor e receptor.

Nesse sentido, segundo Kolodzy (2006 citado por Bastos, 2010, p. 136), a convergência entra em cena e requer um trabalho de equipe e de partilha, no jornalismo. O jornalismo participativo leva a convergência mais longe, pois espera que as audiências façam parte da equipe, parte da conversação, provocando o compartilhamento de informações entre os produtores e consumidores. Por outro lado, às vezes, esses consumidores decidem partilhar somente entre eles, deixando o jornalismo tradicional de lado e fortalecendo o surgimento de blogs e sites informativos que, muitas vezes, não têm a presença de jornalistas.

---

<sup>29</sup> O hipertexto é uma ligação que facilita a navegação dos internautas. Um texto pode ter diversas palavras, imagens ou até mesmo sons que, ao serem clicados, são remetidos para outra página onde se esclarece com mais precisão o assunto do link abordado. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hipertexto>

<sup>30</sup> O termo diz respeito a qualquer sistema acompanhado por uma tecnologia multimídia, que transmite uma comunicação por meio de vários meios. Além disso, relaciona-se com a forma como o texto será apresentado, sendo um conjunto de linguagens que transmitem uma comunicação através de vários meios, como textuais, gráficos, som, imagem, áudio e vídeos. <https://medium.com/@veronicaferron/as-sete-caracter%C3%ADsticas-do-webjornalismo-1fb0f2753607>

<sup>31</sup> Um conceito que, geralmente, está associado às novas mídias de comunicação. Para Pierre Lévy (1999) o que caracteriza a interatividade é a possibilidade de transformar os envolvidos na comunicação, simultaneamente, em emissores e receptores da mensagem. Alguns exemplos de interatividade são: comentários, chats, fóruns, enquetes, entre outros.

A questão principal e que é sempre levantada é se os novos indivíduos inseridos nas plataformas digitais, chamados de blogueiros, são, de fato, jornalistas, e se o que produzem e compartilham na rede pode ser considerado jornalismo.

Sobre isso, Lasica (2003 citado por Bastos, 2010) acredita que há uma relação complementar entre jornalismo e bloguismo: “Chama-se-lhe jornalismo participativo ou jornalismo das margens.” (p. 124). Ou seja, refere-se a pessoas que têm um papel ativo no processo de recolha de dados, apuração dos fatos, escolha de pautas, reportagem e disseminação de notícias e informações - tarefas essas que eram reservadas exclusivamente para as mídias massivas.

Enquanto as mídias massivas são organizações hierárquicas, financiadas pela publicidade, subordinadas a editoriais rigorosos e orientadas para o lucro, os blogs valorizam a conversação informal e horizontal, o igualitarismo e os pontos de vista subjetivos. Assim, os blogs apresentam novas vozes no discurso público sobre variados temas, que muitas vezes não têm espaço nas *mídias mainstream*<sup>32</sup> além de ajudarem a construir comunidades de interesse através das suas coleções de hiperligações (Lasica, 2003 citado por Bastos, p. 125).

Seguindo o mesmo pensamento, o escritor e professor Jay Rosen, referido por Gillmor (2005 citado por Rodrigues, 2006), explica que os blogs são uma forma extremamente democrática de fazer jornalismo, pois:

1) O blog deriva da economia de troca, enquanto na maioria dos casos (não em todos) o jornalismo atual é um produto da economia de mercado. 2) O jornalismo tornou-se um domínio de profissionais onde, por vezes, os amadores eram admitidos. 3) No jornalismo praticado desde o século XIX, as barreiras para impedir a entrada têm sido altas. Com o blog, as barreiras são baixas: um computador, uma ligação à Net e um programa de *software*. (p. 97).

Dessa forma, admite-se que as diversas formas de comunidades virtuais, mídias sociais, sites de informação e blogs confirmam a ideia de que a rede estabelece um

---

<sup>32</sup> Em inglês, *main* significa principal enquanto *stream* significa um fluxo ou corrente. *Mainstream* é um conceito que expressa uma tendência ou principal e dominante. Em português, *mainstream* designa um grupo, estilo ou movimento com características dominantes. Um grupo musical *mainstream*, por exemplo, agrada a maioria da população e apresenta um conteúdo que é usual, familiar e disponível à maioria e que é comercializado com algum ou muito sucesso.  
<https://www.significados.com.br/mainstream/>

espaço necessário para a evolução do capital social e cultural, numa forma de organizar diversas ações coletivas e aproximar os atores sociais.

Além do jornalismo, a cultura da participação também trouxe a possibilidade de produção em outras áreas, como na publicidade, na música, nas artes ou na política. Esses criadores de conteúdo no ciberespaço, muitas vezes, são chamados de influenciadores digitais, que utilizam uma ou várias redes sociais para influenciar a opinião de outras pessoas, através de publicações de fotos, vídeos ou textos, e que são seguidos por um determinado público.

Segundo a empresa *Traackr* – uma ferramenta que busca os perfis mais influentes do mundo -, existem, pelo menos, dez tipos de influenciadores no ciberespaço: a celebridade, a autoridade, o conector, aquele que o nome é uma espécie de mercado, o analista, o ativista, o expert, o insider, o disruptivo e o jornalista. Para Karhwari (2016), qualquer um pode ter um blog, mas nem todos conseguem construir uma comunidade de leitores, pois precisam possuir características que o leitor julgue relevantes, e com as quais se identifique. É esse diferencial que dará ao blogueiro o título de “influenciador”.

De acordo com os dados da *QualiBest*<sup>33</sup> em parceria com a *Spark*<sup>34</sup>, apresentados pela empresa de comunicação Meio&Mensagem, em 2019, 76% dos usuários brasileiros já consumiram produtos ou serviços após a indicação de influenciadores digitais corroborando com o fato de que além de entreter e informar, as plataformas digitais também abriram espaço para novos canais publicitários como o de influenciadores.

Atualmente, no momento em que um *publipost* (conteúdo pago e divulgado pelo influenciador) é colocado nas redes digitais, é gerado resultados mais significativos do que uma propaganda de 30 segundos na televisão. Por isso, 75% das marcas já utilizam influenciadores digitais em suas estratégias de marketing e 79% das

---

<sup>33</sup> Fundado em 2000, foi o pioneiro no segmento de pesquisas online no Brasil. Atualmente, conta com um painel com mais de 250 mil consumidores cadastrados em todo o país e é filiado à Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP). <https://qualibest.com/how-works>

<sup>34</sup> Pioneira no Brasil na adoção da coleta digital de informações, a Spark criou a reconhecida Análise BIP (Business Intelligence Panel). <http://spark-ie.com.br/>

marcas tratam o engajamento como o principal fator em uma parceria com influenciadores, resultando num crescimento de 198% de *posts* patrocinados no *Instagram* em 2017 (Infobase, 2019).

Compreende-se que o método da influência evidencia a participação em rede, a convergência midiática e a proximidade que os influenciadores vão criando com o seu público, geralmente de um nicho específico. É estabelecida assim, uma conversação e relação direta com pessoas específicas que consomem, opinam e compartilham o que os influenciadores postam nas plataformas digitais.

#### **2.4. Capital Social e Valores Midiáticos**

Um dos elementos mais relevantes para a sociedade é a percepção dos valores construídos nela, e como as plataformas digitais fazem parte de uma construção social, seus valores também são importantes. Por isso, é relevante conhecer os valores formados nas redes sociais e como eles influenciam as pessoas no ciberespaço, além de observar o capital social, que tem o papel de estimular as dinâmicas em rede.

Segundo Zago (2017), o conceito de dinâmica está relacionado aos comportamentos coletivos que podem ser percebidos numa determinada rede social na internet, como a propagação de memes e os processos de cooperação, conflito e competição. A propagação de memes se refere a mensagens compartilhadas na internet e tem sua origem associada à biologia, de acordo com Dawkins (2007 citado por Zago, 2017). Assim como o gene é transmitido por processos genéticos, o meme se refere a um conceito que é transmitido por imitação. Dessa forma, as redes sociais fornecem três elementos necessários para um meme no papel de “replicador”: a longevidade, que permite que uma ideia se propague ao longo do tempo, a fecundidade, que promove o compartilhamento inúmeras vezes, e a fidelidade das cópias, responsável pela produção de cópias iguais ou similares ao original.

Além da propagação de memes, a cooperação, o conflito e a competição também são processos associados às dinâmicas das redes sociais na internet. A cooperação se dá pela união de usuários em prol de um objetivo comum, e o conflito ocorre quando os atores discordam em algum ponto. Embora pareçam ideias

divergentes, para Primo (2007 como citado em Zago, 2017), cooperação e conflito não se opõe, e sim se complementam, pois para que aconteça uma cooperação entre participantes dentro de alguma plataforma digital, por exemplo, é necessário que essa cooperação manifesta-se em oposição a um potencial conflito entre os indivíduos.

A dinâmica da competição, por sua vez, é pela visibilidade. Ou seja, é quando ocorre a transferência de credibilidade e atenção para uma pessoa que não produziu determinado conteúdo, apenas o replicou. Como exemplo da competição por visibilidade, Recuero e Zago (2012 citado por Zago, 2017) falam sobre a complexidade entre fazer referência ao autor original da publicação ou o último usuário que compartilhou a informação e possibilitou que mais pessoas tomassem conhecimento sobre determinado assunto.

Em relação ao capital social, Coleman (1988 citado por Zago, 2017) define sua função como a de uma estrutura social que facilitaria determinadas ações por parte dos indivíduos dentro dessa estrutura. Já Recuero (2009) entende que o capital social pode ser percebido como valores gerados nos sites das redes sociais, a exemplo da reputação e da visibilidade, e que dão vantagens ao pertencer a um determinado grupo social. Esses valores dependem das conexões que alguém possui em relação a um grupo e dos recursos fornecidos pelas ferramentas em rede. Por isso, o capital social é um conjunto de recursos que só podem ser acessados através das plataformas digitais (Recuero & Zago, 2012).

O capital social também possui características públicas (Putnam, 2000 citado por Recuero & Zago, 2012, pp. 22-23), quando o investimento não beneficia quem investe, mas a rede de uma forma geral, e características privadas (Burt, 1992 citado por Recuero & Zago, 2012, pp. 22-23), que admite que os usuários apropriem-se dos valores produzidos pela estrutura social. Por essa razão, o capital social está ligado à competição e vantagens que podem ser alcançadas por meio da rede, e as pessoas mais conectadas desfrutam de maiores benefícios, o que dá motivação aos atores sociais para tomarem determinadas ações com o objetivo de terem retornos vantajosos.

Sendo assim, o capital social influencia diretamente a difusão de informação, e podemos perceber isso através dos comentários, *likes* e engajamento recebidos, assim como o *feedback* da audiência em relação aos atores nas redes sociais. Para Recuero (2009),

Se considerarmos que as redes que estamos analisando são redes sociais, portanto, constituídas de atores sociais, com interesses, percepções, sentimentos e perspectivas, percebemos que há uma conexão entre aquilo que alguém decide publicar na Internet e a visão de como seus amigos ou sua audiência na rede perceberá tal informação. (p.117).

A estrutura das redes sociais altera e influencia a circulação de informações, por isso, o capital social está relacionado à forma como as informações se difundem nas redes e como as ações dos indivíduos se diferenciam ao compartilhar informações que cada um julga mais relevante. Por esse motivo, fica claro que a informação em si não é um valor, e sim o acesso a ela e ao seu conteúdo (Recuero & Zago, 2012).

Sobre os benefícios do acesso à informação, Burt (1992 citado por Recuero & Zago, 2012, p. 24) fala sobre três elementos que fazem parte desse processo: o acesso, o tempo e as referências. O acesso se relaciona com o ganho de informações que sejam relevantes, e o tempo relaciona-se com receber os conteúdos rapidamente, ou antes do resto da rede social. Já as referências têm a função de apurar as informações recebidas, referenciando e validando aquelas que são significativas. Para que tudo isso ocorra, existe um alto custo para a obtenção de informações numa plataforma digital, que exige atenção e envolvimento do usuário na busca por fontes que sejam relevantes para a área de atuação. Dessa forma, a ação de alguns atores em divulgar determinadas informações rapidamente pode auxiliar numa construção de valores coletivos para a rede social.

Fica claro que os sites das redes sociais permitem que os usuários estejam mais conectados e que há um aumento de visibilidade deles em rede. Recuero (2009) explica que a visibilidade é estabelecida como valor porque proporciona que os “nós” sejam mais visíveis em rede. Isto é, a visibilidade é um valor por si só, como consequência da presença das pessoas na rede social, sendo também, uma matéria-prima para a criação de outros valores.

A reputação é um outro valor, e é formado pela percepção construída de alguém pelos outros usuários que estão na rede. Ou seja, é a construção de impressões que outras pessoas têm sobre nós, com base nas informações sobre quem somos ou o que pensamos. Ainda assim, não existe a possibilidade de denominar uma reputação única para cada usuário nas plataformas digitais, pois as pessoas são diferentes entre si e cada uma possui um tipo de reputação demonstrada através dos seus perfis digitais (Recuero, 2009).

Partindo das noções do Goffman (1975), por exemplo, poderíamos dizer que a reputação de alguém seria uma consequência de todas as impressões dadas e emitidas deste indivíduo. A reputação, assim, pode ser influenciada pelas nossas ações, mas não unicamente por elas, pois depende também das construções dos outros sobre essas ações. (p. 109).

Pode-se dizer que a construção de reputação é mais fácil e efetiva nas redes sociais, pois ao expor sua vida, sua especialidade ou trabalho, um blogueiro, especialista ou artista vai construindo reputação e prestígio na rede e ganha a fidelização de uma audiência. Blood (2002 citado por Karhawi, 2016, p. 2) afirma que os espaços digitais são como palanques e que, a partir deles, os atores sociais podem expressar seu ponto de vista e influenciar um número muito maior de pessoas do que fariam na vida cotidiana. Pelo menos, potencialmente. Mas ter influência exige que o usuário tenha algo relevante a ser dito.

O terceiro valor é o poder de influência de um “nó” na rede social, chamado por Recuero (2009) de autoridade:

Não é a simples posição do nó na rede, ou mesmo, a avaliação de sua centralidade ou visibilidade. É uma medida da efetiva influência de um ator com relação à sua rede, juntamente com a percepção dos demais atores da reputação dele. Autoridade, portanto, comprehende também reputação, mas não se resume a ela. Autoridade é uma medida de influência, da qual se depreende a reputação. (p.113).

A popularidade, por sua vez, é um valor que corresponde à posição de uma pessoa dentro da sua rede social. “Um nó mais centralizado na rede é mais popular, porque há mais pessoas conectadas a ele e, por consequência, esse nó poderá ter uma capacidade de influência mais forte que outros nós na mesma rede.” (Recuero, 2009, p. 111).

Compreende-se então, que a popularidade em plataformas digitais como o *Instagram*, está diretamente ligada à quantidade de seguidores que determinada pessoa têm na rede. Além disso, é um valor relacionado aos laços fracos, e não aos laços fortes, pois a popularidade se associa à quantidade de conexões, e não à qualidade delas. É possível notar isso nos perfis de influenciadores, artistas e famosos, em que seus perfis são muito populares. Mesmo que esses atores sociais tentem se conectar com seus milhões de seguidores (fãs) e levar engajamento para a página, é humanamente impossível ter uma relação profunda com todos que os seguem, tornando essa relação superficial.

Recuero (2009) explica como a visibilidade, reputação, autoridade e popularidade se complementam em rede, frisando a importância de trabalhar bem esses quatro valores, para que o ator social tenha resultados mais satisfatórios:

Enquanto alguém com autoridade tem o poder de influenciar muitas pessoas, é só possível expandir determinada informação através dos valores da popularidade e visibilidade, por isso, esses dois valores são essenciais para o alcance das informações nas redes sociais. No entanto, a reputação e a autoridade lhe conferem algum tipo de valor e de influência. (p. 32).

Podemos ver esses quatro valores agregados em perfis de muitas celebridades e especialistas, também conhecidas como *digitais influencers* nas plataformas digitais. A Anitta, por exemplo, é uma pessoa que reúne todos esses valores, visto que possui popularidade e visibilidade observados através dos seus trabalhos como cantora, sendo amplificados com a sua participação nas redes sociais. A reputação também é um valor que vem da credibilidade do seu trabalho e por ter chegado ao patamar de maior artista brasileira. E por fim, a autoridade se dá na busca por se aprimorar em estratégias que alavanquem o seu trabalho aliando as plataformas digitais e as ações no meio *offline*, tornando-se referência enquanto artista e também empresária.

Diante do que foi colocado, é plausível dizer que a presença de uma celebridade em rede expande as suas conexões e permite que ela mantenha interações com os seus fãs de forma mais ativa e veloz, o que não era possível antes das redes sociais, quando os fãs só conseguiam um contato distante com os seus ídolos através de shows ou cartas.

Além disso, o ciberespaço também é um lugar de fala para o artista e os seus seguidores, onde gera engajamento entre as partes. Brian Haven (2011 citado por Guedes, 2013, p. 82), antigo analista sênior da *Forrester Research*<sup>35</sup>, explica que o engajamento é a integração das métricas quantitativas e qualitativas, e afirma que se dá no nível de envolvimento, de interação, na intimidade e influência que uma pessoa desenvolve ao longo do tempo.

Dentro do engajamento nas redes, há o ato de comentar e replicar informações, denominada por Zago (2011) de recirculação. Entende-se que é uma etapa da circulação, que acontece após o consumo, quando o usuário acessa diferentes espaços sociais da internet, como sites de relacionamentos, blogs, aplicativos de redes sociais, portais de notícias, entre outros, e faz a sua contribuição ao divulgar alguma informação no seu perfil na rede, podendo manifestar ou não alguma opinião pessoal sobre o assunto (Shirky, 2011).

Sobre recirculação, Recuero (2009) explica que os que utilizam as redes sociais podem atuar como filtros e reverbadores de informação. O filtro social substitui as conversas boca a boca, já que as pessoas que consomem determinada informação, geralmente filtram e depois repassam para seus amigos e seguidores, através do compartilhamento em seus perfis sociais na internet.

A recirculação acaba amplificando uma informação para outros perfis sociais que não chegaria a eles caso ela não fosse compartilhada. Como exemplo, podemos voltar ao objeto de estudo, a cantora Anitta. Quando a artista publica alguma informação sobre o seu trabalho ou sua vida pessoal, inúmeros fãs, seguidores, perfis de notícia ou de fofoca compartilham essa informação no seu próprio canal, atingindo pessoas que não seguem a Anitta, mas consomem as informações de certo perfil na rede social. Isso também ocorre quando é utilizada *hashtag* com o nome da cantora em outros perfis, às vezes com assuntos que não estão diretamente relacionados a ela. Porém, pelo seu nome ser uma grande influência por gerar milhares de dados

---

<sup>35</sup> É empresa norte-americana de pesquisa de mercado que presta assessoria sobre o impacto existente e potencial da tecnologia para seus clientes e o público. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Forrester\\_Research](https://pt.wikipedia.org/wiki/Forrester_Research)

diariamente na rede, muitas pessoas se utilizam da estratégia da *hashtag* para fazer com que a sua publicação tenha uma circulação maior.

As redes sociais são espaços de circulação de informações. Com isso, tornam-se também espaços de discussão dessas informações, onde as notícias, por exemplo, são reverberadas [...] Com isso, a ferramenta permite não apenas a difusão das informações, mas igualmente o debate em cima das mesmas (Recuero, 2009, p. 09-10).

Portanto, a reverberação favorece as opiniões e os debates públicos e passa a beneficiar essa celebridade ao ampliar suas publicações. Mas, por outro lado, pode prejudicá-la, caso a informação seja replicada com más interpretações e julgamentos – algo recorrente na vida de pessoas famosas.

Segundo Jenkins (2009), a relação entre fãs e ídolos através das redes sociais, tem dado aos fãs a possibilidade de moldar o ambiente de mídia, buscando meios de prolongar o envolvimento e a aproximação deles com seus ídolos. Por outro lado, essa relação pode acarretar certo desconforto nos artistas, que já são geralmente expostos por todo o tipo de mídia, e agora assistem seus nomes de forma intensa nas redes sociais de seus fãs, assim como no de jornalistas ou blogueiros. A grande questão não é o nome de determinado artista estar em alta ou em assuntos relevantes, mas sim a reputação – muitas vezes negativa –, que o seu nome veiculado nas redes, causa nele ou em sua família.

Diante de tudo abordado, foi possível perceber como o capital social e os valores midiáticos estão presentes em nossas interações diárias, através de diferentes estratégias que os atores sociais utilizam nas redes, para que haja algo em troca. Para Zago (2017), quando postamos algo de forma despretenciosa na rede, estamos à procura de um suporte social, de respostas ou de visibilidade. Queremos dar visibilidade às mensagens, e também transmitimos um pouco da nossa credibilidade ao replicar determinado conteúdo. Por isso, o capital social é visto como o motor das dinâmicas sociais, que só fazem sentido porque as estruturas da rede são variadas, já que cada um dispõe de contatos, amigos e seguidores diferentes.

## 2.5. A Comunicação pela Convergência

Com o surgimento do ciberespaço, surgiu a possibilidade de convergir diferentes tipos midiáticos, com o objetivo de dar ao usuário uma experiência com mais qualidade. Em seu livro *Cultura da Convergência*, Jenkins (2009) explica que o fenômeno da convergência é um processo e não um ponto final, alterando a relação entre as tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos.

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando. (p. 29).

Então, além de diversos suportes midiáticos que temos, na cultura da convergência há uma grande mudança no comportamento do consumidor, que deixa de ser apenas espectador e se apropria das redes sociais, com o intuito de viver diferentes experiências de entretenimento e informação.

Os usuários não querem apenas assistir a um programa na televisão ou a um canal em alguma plataforma digital. Eles querem opinar, participar e interagir com quem está transmitindo. Por isso, observa-se que nos últimos anos, muitos canais de televisão criaram seus sites, canais em redes sociais e seus próprios aplicativos para que a comunicação não se finda em uma única mídia – a televisão. Hoje, esses meios conseguem se comunicar com diferentes públicos em diversos dispositivos de distribuição (televisão, rádio, celulares, *tablets*, entre outros) e assim, promovem um engajamento efetivo do público.

Apesar de toda a revolução digital das últimas décadas, não se pode falar que os meios de comunicação tradicionais irão acabar, pois os jornais, revistas, rádio, televisão e cinema ainda circulam muito na atualidade. Porém, na maior parte das vezes, são acessados pelas plataformas da internet, como aplicativos de programação

televisiva, *podcasts*, *streaming*<sup>36</sup> para assistir filmes, séries e ouvir músicas, além de portais de notícias e perfis em mídias sociais que levam informação 24 horas por dia para os usuários.

Portanto, os meios de comunicação não estão sendo substituídos, e sim transformados pela inclusão de novas tecnologias. Orihuela (citado por Bastos, 2010, p. 123) refere que a história das tecnologias da informação mostra que a dinâmica entre os velhos e novos meios de comunicação é de acumulação e não de substituição. Contudo, ao mesmo tempo que uma nova mídia busca a sua identidade e linguagem próprias, provoca a readaptação das anteriores. As plataformas digitais, sites, aplicativos e as mídias tradicionais têm, pois, funções complementares.

Shirky (2011) segue o mesmo pensamento e diz que as redes digitais passaram a aumentar o fluxo e a conexão entre todas as mídias:

A velha escolha entre mídia pública de mão única (como livros e filmes) e mídia privada de mão dupla (como o telefone) expandiu-se e inclui agora uma terceira opção: mídia de mão dupla que opera numa escala do privado para o público. (p. 53).

Dessa maneira, as pessoas têm a possibilidade de conversar em ambientes midiáticos - como as redes sociais -, e um livro, uma notícia, um filme, um trabalho artístico ou as mais variadas informações podem desencadear discussões em diferentes lugares no cibespaço ao mesmo tempo, provando a eficácia da interatividade através das redes.

Se, por exemplo, a Anitta ou outro artista fizer um show em algum espaço físico, em qualquer lugar do mundo, as pessoas que estiverem presentes, assim como a própria produção artística da cantora, têm a oportunidade de gravar vídeos e tirar fotos do evento, para serem divulgados em diferentes plataformas e canais na rede. Assim, o show que foi realizado para um número limitado de público, consegue atingir uma escala muito maior de pessoas que, além de assistir os vídeos ou ver fotos, ainda conseguem interagir dando *likes*, comentando ou compartilhando essas publicações, gerando ainda maior circulação e alcance na rede.

---

<sup>36</sup> É uma forma de distribuição digital, utilizada para distribuir conteúdo multimídia através da Internet. A informação pode ser transmitida em diversas plataformas, em formatos de vídeo ou música. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Streaming>

Isso é o que ocorre quando os consumidores assumem o controle das mídias. Jenkins (2009) salienta que na cultura tradicional há uma divisão clara entre produtores e consumidores, e na cultura da convergência, todos são participantes - embora os participantes possam ter diferentes graus de status e influência, de acordo com os valores midiáticos que possuem, como autoridade, visibilidade, popularidade ou reputação. O autor ainda explica que a convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser, e sim dentro do cérebro dos consumidores individuais e em suas interações sociais com as outras pessoas.

Complementando, Cánovas (2003 citado por Bastos, 2010) esclarece que a comunicação na internet não é unidirecional e o processo de construção da mesma depende, em grande parte, da relação com os receptores e as contribuições que estes dão. “Os textos argumentativos são um bom exemplo dessa realidade. A leitura dos artigos de opinião deixa de ser um ato unidirecional para passar a ser um ato interativo. Não estamos perante um ditado, mas face a uma conversação.” (p. 53).

Por isso, atualmente, é mais fácil achar a próxima publicação a ser lida, vista ou ouvida por indicação de amigos através dos seus compartilhamentos e opiniões, do que pela autenticidade permanente de alguém ou de determinada publicação. É notório que as pessoas dão mais credibilidade a uma informação se os amigos nas redes sociais têm algum tipo de interação com ela, seja um *like*, um comentário ou um compartilhamento.

Em relação ao jornalismo, Kolodzy (2006 citado por Bastos, 2010, p. 45) entende que convergência tem a ver com ser suficientemente flexível para fornecer notícias e informação a qualquer lugar e, às vezes, em todo o lado, sem abandonar os valores jornalísticos fundamentais. Assim, a convergência dá foco ao jornalismo na sua missão principal, que é informar o público sobre o mundo da melhor forma possível e disponível.

O potencial de uma cultura midiática mais participativa também é um objetivo pelo qual vale a pena lutar. Há alguns anos, a cultura da convergência vem provocando constantes flutuações na mídia e expandindo as oportunidades para os grupos alternativos reagirem aos meios de comunicação de massa (Jenkins, 2009). A

convergência das mídias vem para possibilitar o diálogo cooperativo entre as novas e antigas mídias e trazer um novo significado à interação e a comunicação. Por isso, é essencial o diálogo para que haja uma troca comunicacional efetiva.

### 3. O Palco das Transformações Sociais do Século XXI

#### 3.1. As vozes das minorias pelas mídias sociais

A internet tem, de diferentes formas, transformado a maneira como os movimentos sociais se relacionam entre si e em sociedade. A tecnologia dos meios digitais possibilita que se amplie a participação das pessoas em rede, promova a visibilidade de cada segmento social, além de disseminar os valores, ideias, lutas e ações de diversos movimentos pelo mundo. Recuero (2012) sustenta que as conversas que acontecem nas plataformas digitais são muito mais públicas, mais permanentes e rastreáveis do que outras, o que auxilia na manifestação dos discursos desses movimentos, contribuindo para maiores esclarecimentos sobre as suas demandas. Essas formas de ativismo em rede são comumente denominadas de ativismo digital ou *ciberativismo*<sup>37</sup>.

Castells (2013) expõe que a contínua transformação das TICs na era digital, resultou na ampliação do alcance dos meios de comunicação para todas as pessoas, numa rede que é simultaneamente global e local, genérica e personalizada, num padrão em constante mudança. Dessa forma, essas transformações a partir da internet, propiciaram o empoderamento dos usuários, formando um ambiente favorável para o surgimento de ações coletivas, graças à especificidade do meio em disponibilizar, em qualquer espaço-tempo, a possibilidade de manifestação de variadas expressões, sem hierarquias e julgamentos prévios, e sem a necessidade dos atores estarem presentes a um lugar ou tempo determinado.

O autor afirma que as plataformas digitais exercem uma grande influência na nossa maneira de pensar e diz que podemos observar um crescimento de novas formas de transformação social, pois “é por meio das redes de comunicação digital que os movimentos vivem e atuam, certamente interagindo com a comunicação face a face e com a ocupação do espaço urbano.” (Castells, 2013, p. 166).

---

<sup>37</sup> Utiliza as redes cibernéticas como seu principal meio de difusão e aproveita-se das mídias sociais para reunir pessoas que compartilham da mesma opinião, além de propagar ideias e planos, organizar ações de maior complexidade e impacto, a fim de aumentar a velocidade na interação e comunicação entre os ativistas. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ciberativismo>

Por isso, a comunicação tem um grande poder na transformação social, e é nesse contexto que os ativismos se empoderam através do auxílio das redes sociais, que além de ser um espaço para a manifestação de reivindicações, possibilita o compartilhamento de informações com mais velocidade e facilidade, promove diversos debates acerca de pautas das minorias e alcança um número bem maior de pessoas, que não teriam acesso a determinados assuntos através das mídias tradicionais.

Mas, de onde vêm os movimentos sociais? E como são formados? Para Castells (2013) as raízes desses movimentos se encontram na injustiça fundamental de todas as sociedades, que são confrontadas pelas reivindicações humanas de justiça. Não foram apenas a pobreza, a crise econômica ou a falta de democracia que desencadearam as manifestações em busca de direitos iguais. A humilhação causada pela arrogância das pessoas no poder – financeiro, político ou cultural –, uniram as minorias numa esperança de humanidade melhor. Assim, ao longo da história, os movimentos sociais passaram a produzir novos valores e objetivos, que influenciam a transformação das instituições da sociedade, criando novas leis que organizem a vida social.

Os movimentos sociais exercem o contrapoder construindo-se, em primeiro lugar, mediante um processo de comunicação autônoma, livre do controle dos que detêm o poder institucional. Como os meios de comunicação de massa são amplamente controlados por governos e empresas de mídia, na sociedade em rede a autonomia de comunicação é basicamente construída nas redes da internet e nas plataformas de comunicação sem fio. As redes sociais digitais oferecem a possibilidade de deliberar sobre e coordenar as ações de forma amplamente desimpedida. (pp. 18-19).

Porém, Castells (2013) explica que as redes sociais são apenas uma parte do processo comunicativo pelo qual os movimentos sociais se relacionam com a sociedade em geral, pois é necessário que os ativismos também construam um espaço público e mobilizem comunidades livres no ambiente urbano já que, na maioria das vezes, o espaço público institucional está dominado pelos interesses das elites e suas redes. O autor entende que a base dos movimentos sociais sempre foi a comunicação interpessoal, e é a partir dos processos de comunicação que as indignações pessoais podem ser transformadas em ações coletivas. Sendo assim, é essencial que os movimentos sociais abram espaços públicos que não se limitem à internet e se tornem visíveis também nos lugares da vida social *offline*.

Destaca-se ainda que a organização dos ativismos funciona de acordo com a configuração que se estabelece no processo de comunicação que, por sua vez, depende das formas com que as TICs são estruturadas, e que variam ao longo das transformações históricas. Segundo Medeiros (2018 citado por Ferreira, 2019, p. 17), os movimentos sociais utilizam a mobilização através da emoção, que são diretamente ligadas a identidades, valores e crenças, como um método de engajamento e manutenção de apoiadores, que conseguem ter, por meio da disseminação de informação nas redes digitais, suas emoções canalizadas para a ação política efetiva.

Sobre a estrutura da internet, a sua descentralização e horizontalidade potencializam a participação dos movimentos, pois é formado de redes abertas, sem fronteiras definidas e que se transformam de acordo com o engajamento dos usuários. Além disso, promove uma baixa censura, pela dificuldade em reprimir alvos específicos, e possibilita a disseminação do discurso e a quebra do silêncio – as funções mais importantes dos movimentos sociais.

No tocante à quebra de silêncio, quando uma pessoa silenciada encontra outros indivíduos que compartilham de experiências similares ou da mesma opinião, são capazes de sair do estado de isolamento e se sentem seguras para participar de grupos que abordem assuntos relevantes para ela. Os relatos de experiência expostos nesses grupos (comunidades virtuais, blogs, perfis sociais e etc.) possibilitam a união dos usuários que se identificam com as causas e que, a partir disso, passam a compartilhar essas experiências através dos seus perfis, possibilitando que essas vozes sejam escutadas por pessoas que não teriam acesso a essas informações de outro jeito.

É dessa forma que ações coletivas ganham espaço nas redes e vão se expandindo até serem denominados de movimentos sociais. Em muitos casos, a unidade criada pela *hashtag* colabora para o sentimento de pertencimento que os usuários têm de um determinado grupo, como as feministas, os negros, os LGBTQIA+<sup>38</sup>,

---

<sup>38</sup> Nascido sob a sigla GLS, o movimento político e social de pessoas de diversas orientações sexuais e identidades de gênero mudou muito e passou a integrar pessoas não heterossexuais e não cisgênero. Assim, sua sigla cresceu e incorporou diversas letras, que significam: lésbicas (mulheres que sentem atração pelo mesmo gênero), gays (homens que sentem atração pelo mesmo gênero), bissexuais (homens e mulheres que sentem atração pelo gênero masculino e feminino), transexuais ou

entre outros. Esta rede de pessoas que têm opiniões aproximadas, consegue viralizar o uso de determinada *hashtag* e quebrar o silêncio das minorias.

Segundo Reis (2017), a popularização das mídias sociais, sobretudo a hipercomunicação mundial realizada por plataformas como *Facebook*, *Twitter* e *Youtube*, tem auxiliado na multiplicação de grupos com interesses divergentes, mas que encontram no uso das *hashtags* possibilidades de associação de problemas comuns. Por isso, comprehende-se que a utilização da *hashtag* é determinante para os movimentos sociais em rede e uma das principais estratégias aplicadas para potencializar os seus discursos:

As *hashtags* (do inglês, hash:# e tag:etiqueta) possibilitam tanto identificar como agrupar conteúdos, facilitando pesquisas correlatas. Basta colocar o símbolo # adiante de alguma palavra-chave ou frase e ela irá automaticamente ser agrupada a todas as outras similares utilizadas na plataforma. (p. 3).

Este sistema de listagem surgiu no *Twitter*, em 2009, e em seguida foi praticado por grande parte das mídias sociais. Mas o uso para fins de movimentação política massiva foi documentado pela primeira vez durante as eleições iranianas de 2009-10 (Costa-Moura, 2014 citado Reis, 2017).

A autora ainda considera que no caso específico do ativismo de mulheres no ciberespaço, as *hashtags* têm auxiliado em algumas das experiências mais bem sucedidas de mobilização na rede. Assumindo diferentes pautas, elas contribuem para fazer pressão junto ao poder público, servem para dar visibilidade às causas da militância feminista, colaboram em campanhas de conscientização com temas relacionados ao gênero, e ainda promovem encontros, trocas de experiências e facilita a solidariedade (Reis, 2017).

---

transgêneros (pessoas que se identificam com outro gênero que não aquele atribuído no nascimento), *queer* (que transitam entre o gênero feminino, o masculino ou entre outros gêneros no qual o binarismo não se aplica), *intersexo* (pessoas cujo desenvolvimento sexual corporal não se encaixa na norma binária) e *assexual* (pessoas que não sentem atração por outras pessoas, independente do gênero), + (abriga todas as diversas possibilidades de orientação sexual e/ou de identidade de gênero que existam). <https://bluevisionbraskem.com/desenvolvimento-humano/o-que-significa-a-sigla-lgbtqia/>

Diante disso, é importante frisar a contribuição que os meios digitais fornecem para a acessibilidade de informações. Como colocado anteriormente, as mulheres têm conseguido mobilizar diferentes pautas por meio das redes e, muitas delas conseguem utilizar do anonimato oferecido pela internet para denunciar abusos e violências sofridos em casa, no trabalho, na escola, ou em outros lugares. Para Castells (2013), o que torna uma rede social única é o fato de permitir que os usuários possam se posicionar.

Essas denúncias ou campanhas criadas no espaço *online* extrapolam os limites desse ambiente e chegam ao meio *offline*, onde outras pessoas entram em contato com essas informações, conhecendo-as melhor. Além disso, também reforça o posicionamento das pessoas no *offline*, que já tinham o contato com o feminismo no espaço *online*, gerando novos pensamentos e impressões sobre o movimento, não permitindo portanto, que ele fique estagnado.

Outro ponto importante é o crescimento da luta por engajamento por parte dos movimentos sociais. Ou seja, inúmeras personalidades e influenciadores pelo mundo têm utilizado a sua relevância e popularidade em rede para propagar as reivindicações dos movimentos através dos seus perfis sociais, já que no ciberespaço quem ganha mais visualizações e “curtidas”, tem mais credibilidade e alcance.

Cabe ressaltar que compartilhar uma informação ou comentar sobre algum assunto não é solução para acabar com os preconceitos existentes na sociedade, embora essas ações ajudem a conscientizar cada vez mais pessoas de diferentes nichos sociais. Por isso, o uso da internet vem favorecendo as ações coletivas dos últimos anos e, atualmente, as redes sociais têm um papel fundamental na promoção de debates e no combate aos preconceitos enraizados na história da humanidade.

Argumenta-se que nem sempre as redes sociais poderão cumprir a função de facilitar as ações coletivas e as mobilizações também não irão, sozinhas, resolver as questões sociais. Contudo, entende-se que os movimentos sociais, sejam eles quais forem, podem auxiliar na transformação de atitudes e contribuir efetivamente para a construção de um futuro melhor, com menos desigualdades e mais direitos para todos.

### **3.2. Feminismo Midiático em Pauta**

#### **3.2.1. Desdobramentos Históricos**

Antes de abordarmos sobre alguns conceitos ciberfeministas, é importante mostrar a origem dessas teorias e em que contextos da história elas apareceram. O ciberfeminismo surge com uma proposta de reinvenção de outros feminismos, que tem como função política e estética, a construção de novas ordens de desmontagem de velhos mitos da sociedade, como o sistema patriarcal, através do uso das novas tecnologias de comunicação.

O ciberfeminismo acrescentou às pautas feministas a análise das ciberculturas, a construção do gênero nos ciberespaços e a luta contra o sexismo que exclui as mulheres do desenvolvimento tecnológico, além de levantar novamente alguns temas estabelecidos nas outras “ondas” do feminismo, como a desigualdade entre os gêneros e a questão do corpo feminino como espaço de luta política. Era formado por mulheres irreverentes, envolvidas com informática e produção artística, e que defendiam a criação de espaços na internet para novas participações ativistas (Abreu, 2017).

Originalmente, o ciberfeminismo não foi um movimento unificado e apresentou, desde a sua criação, diversas formas e grupos. Porém, a utilização da internet pelos diferentes grupos ciberfeministas a fim de se reunirem, trocarem experiências e discutirem as relações de gênero e tecnologia, é uma característica única que o diferencia completamente dos movimentos feministas dos anos 1960 e 1970 (Lemos, 2009).

Sobre a comunicação na internet, Castells (2003) declara que ao se tornar essencial para a organização da sociedade, essa ferramenta foi sendo, ao mesmo tempo, apropriada pelos movimentos sociais e processos políticos. E sendo o feminismo, um movimento social estabelecido na sociedade há décadas, passou também a utilizar a internet para divulgar suas pautas e ganhou novas características, atingindo mais força pela visibilidade que o ambiente digital proporciona.

É preciso deixar claro que o ciberfeminismo não surgiu por causa de um ativismo feminista na internet, e sim em função de um movimento de experimentação artística entre o sujeito feminino (não necessariamente feminista), corpo e

virtualidade, surgido na década de 1990 (Miguel & Boix, 2013 citado por Coruja, 2017, p. 91), e tendo como inspiração o Manifesto Ciborgue, de Donna Haraway<sup>39</sup>, que falaremos um pouco mais à frente. Logicamente, com a expansão do uso das novas tecnologias e a sua apropriação pelos movimentos sociais, é desenvolvido o ciberativismo, e assim, o ciberfeminismo no sentido de “ativismo”, abrangendo uma pluralidade de pensamentos do feminismo, ainda que acessados em sua grande maioria, por classes mais altas e, muitas vezes, por mulheres brancas.

A partir dos anos 2000, as mulheres se incluíram, cada vez mais, nas TICs, já que tinham a possibilidade de criar conteúdos e compartilhar informações sem a autorização prévia de alguém, como ocorre nas mídias tradicionais, a exemplo da televisão, rádio, revista ou jornal. A comunicação então, foi se tornando mais democrática ao permitir uma participação ativa e sem filtros da mulher, e também de outras pessoas que possuíssem opiniões diferentes das ideias transmitidas pelas mídias massivas.

Ileana Stofenmacher (2002 citado por Abreu, 2017, p. 141), comenta o surgimento do ciberfeminismo a partir de duas vertentes diferentes e que ocorreram ao mesmo tempo. A primeira, surge com Sadie Plant, na Inglaterra, que passou a utilizar o ‘ciberfeminismo’ para descrever o envolvimento das mulheres com as tecnologias. A autoria britânica, que ministrou Estudos Culturais na Universidade de Warwick e foi diretora fundadora do Centro de Investigação de Cultura Cibernética na Inglaterra, sustentou a ideia de uma internet como um espaço essencialmente feminino, em que sua própria estrutura possibilitaria a potencialização de uma comunicação mais homogênea entre mulheres e homens.

A segunda vertente, por sua vez, nasceu na cidade de Adelaide, na Austrália, no verão de 1991, com a união de quatro artistas: Francesca da Rimini, Julianne Pierce, Josephine Starrs e Virginia Barratt. Elas se auto-proclamaram ciberfeministas e formaram o provocativo grupo VNS Matrix (VeNuS Matrix), que questionava o

---

<sup>39</sup> É uma bióloga, filósofa, escritora e professora emérita estadunidense, no Departamento de História da Consciência, na Universidade da Califórnia. É autora de diversos livros e artigos que abordam questões da ciência e o feminismo. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Donna\\_Haraway](https://pt.wikipedia.org/wiki/Donna_Haraway)

patriarcado e suas produções artísticas exploravam outras formas de representação do corpo, da sexualidade e da subjetividade feminina, através de cenários de ficção científica. Além disso, também se posicionava contra discursos machistas e a dominação masculina no desenvolvimento das tecnologias (Abreu, 2017).

De acordo com Zafra (2004 citado por Abreu, 2017), as produções teóricas de Sadie Plant e as artísticas de VNS Matrix apresentavam semelhanças em relação à necessidade da participação das mulheres no desenvolvimento e uso das novas ferramentas tecnológicas, mas possuíam formas diferentes de perceber o ciberfeminismo:

Para Plant (1998), a identificação entre mulher e tecnologias era algo natural e automático, enquanto que para as integrantes de VNS Matrix, a intervenção política e a agência feminina eram elementos imprescindíveis. Plant (1998), teoricamente, foi criticada por ser excessivamente otimista, enquanto VNS Matriz partiu de uma perspectiva de enfrentamento artístico. (p. 141).

O grupo vanguardista VNS Matrix ainda desafiou os códigos normativos com a criação do Manifesto Ciberfeminista para o Século XXI (1991), em homenagem a Donna Haraway, que foi responsável, durante a década de 1980, por uma nova releitura dos movimentos feministas. Apesar de nunca ter usado diretamente o termo ‘ciberfeminismo’, a autora teve suas ideias difundidas por diferentes grupos ao sugerir uma análise da relação do feminismo e das novas tecnologias, e propôs uma organização em rede e apropriação dessas tecnologias pelas mulheres como forma de ativismo político. A famosa frase do Manifesto Ciberfeminista: “o clitóris é uma linha direta à matriz”<sup>40</sup> (VNS Matrix, 1991 citado por Lemos, 2009, p. 70), deu fama ao grupo e virou uma espécie de lema do ciberfeminismo, pois ressalta a estreita relação entre as mulheres e as tecnologias, o corpo feminino e a máquina.

---

<sup>40</sup> Frase que faz parte do Manifesto Feminista, realizado pelo grupo VNS Matrix: “Nós somos a boceta moderna. Anti-razão positiva; ilimitada, liberada, implacável. Vemos a arte com nossa boceta; fazemos arte com nossa boceta. Nós acreditamos em desfrute loucura santidade e poesia. Nós somos o vírus da desordem do novo mundo, rompendo o simbólico por dentro. Sabotadoras do mainframe do grande pai. O clitóris é uma linha direta para a matriz. VNS MATRIX: exterminadoras dos códigos morais. Mercenárias do lodo; caindo de boca no altar da degradação. Sondando o templo visceral, nós falamos línguas. Infiltrando; destruindo; disseminando, corrompendo o discurso. Nós somos a boceta futura.” (Araújo, 2016, p. 53).

A importância de Donna Haraway para o ciberfeminismo se dá, principalmente, pela publicação do seu Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista, em 1984, em que apresenta o rompimento com o marxismo, o feminismo radical e outros movimentos que fracassaram, e aborda a influência das novas tecnologias no feminismo. A sua crítica em relação ao movimento feminista diz respeito ao modo como a categoria “mulher” é vista de forma naturalizada (Lemos, 2009).

A sua proposta então, seria o afastamento dessa política de identidade e uma substituição pelas diferenças e por uma aliança política pautada pela afinidade, e não por uma identificação entendida como “natural”. Além disso, a bióloga analisa as relações entre natureza e tecnologia, e qual seria o lugar da mulher dentro do cenário tecnológico mundial. Dessa forma, por ser uma primeira abordagem, dentro das teorias feministas, sobre o binômio mulher e tecnologia, esse conceito tornou-se o marco teórico do ciberfeminismo (Lemos, 2009).

Sobre o ciborgue, Haraway (1984 citado por Lemos, 2009) redefine o seu conceito e afirma que ele não seria uma mistura entre criatura orgânica e máquina, “mas uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção”. (p. 47). Então, o ciborgue também possibilitaria se conectar em “redes” e assim, orientar modos de ser e viver como cidadão, a participação política, além de transformar os movimentos sociais e a forma como os coletivos se organizam.

Sendo assim, pode-se destacar a inspiração do ciborgue de Haraway na definição do ciberfeminismo como bem mais do que um movimento de internet, mas também um movimento que tem a característica do ciborgue de estar em todos os lugares do ciberespaço sem obedecer aos limites artificiais. Para o ciborgue, as fronteiras de criação humana não existem e a possibilidade de encontros é infinita. É nesse terreno fértil que encontramos mulheres dispostas a ocuparem os espaços tanto de criação artística e reivindicações políticas, quanto de decodificação de códigos da rede que possibilitam o funcionamento das tecnologias digitais.

As expectativas do ciberfeminismo em relação à organização coletiva do movimento, para criar uma identidade política em torno do uso das tecnologias, se mostraram pouco efetivas diante do rápido crescimento da internet, das narrativas e

identidades encontradas no ciberespaço. Ainda assim, a globalização criou novos espaços de ação coletiva e suas atividades multidisciplinares caminharam em direção ao intercâmbio de experiências e à diversidade de discursos, produções e posicionamentos políticos (Abreu, 2017).

A utilização das tecnologias de comunicação então, possibilitou a construção de novas problematizações sobre as questões de gênero através de variadas produções artísticas, além de promover que os feminismos atingissem alguns patamares, influenciando em mudanças no padrão cultural da mulher, e viabilizando que a atual juventude relacione-se com mais liberdade em relação aos seus corpos, ao sexo, a natureza e a própria vida.

### **3.2.2. O Ciberfeminismo no espaço *online***

Como colocado anteriormente, o desenvolvimento e influência das redes sociais têm contribuído, de forma contundente, para a comunicação entre as pessoas e o fortalecimento dos movimentos sociais pelo mundo. E por estarmos falando sobre o feminismo, o objetivo deste subcapítulo é entender um pouco mais sobre como o movimento funciona no espaço digital e os desdobramentos que ocorrem no *online* e no *offline* a partir da sua atuação em rede.

Entende-se que o movimento feminista é um dos mais organizados e diversos do mundo por possuir várias pautas, diferenças culturais, raciais e sexuais, formas de fazer política, entre outros assuntos. Por isso, ao estudar o feminismo, podemos entender algumas das suas convergências e contradições – como em qualquer movimento social –, ao observar como variados temas se complementam na luta por mais direitos e, ao mesmo tempo, nem sempre caminham na mesma direção. Ainda assim, é necessário destacar a importância do desenvolvimento científico feminista na própria luta do ativismo das mulheres, sendo esta uma conexão que dá sentido para o desenvolvimento das duas frentes.

Os primeiros anos do século XXI foram importantes para deixar de lado as expectativas criadas no início do ciberfeminismo em relação às transformações sociais, visto que não seriam possíveis baseadas apenas nas tecnologias. As questões de

desigualdade entre homens e mulheres construídas ao longo da formação da sociedade, ocorrem de formas complexas e globalizadas, já que a mulher assume inúmeras características e sofre diferentes tipos de preconceitos de acordo com a sua forma física, cor, intelecto ou posição social.

Dessa forma, é plausível a existência de vários feminismos se desenvolvendo na plataforma *online*, onde suas ações ganham visibilidade e formam redes de apoio, além de interferirem diretamente no espaço físico e também na compreensão sobre o que é ser mulher nos dias atuais. As tecnologias então, reforçam as lutas feministas no século XXI, ampliando as possibilidades de colaboração entre as mulheres e também entre homens que se solidarizam com o movimento e defendem o combate às descriminações sofridas pelas mulheres em toda a sua história.

Muitas vezes, os grupos feministas se encontram nos espaços físicos e suas ações se expandem para a internet, conectando militantes ou simpatizantes, em diferentes lugares do mundo. Outras vezes, há grupos que militam apenas nas plataformas digitais e não fazem parte de nenhum coletivo. De qualquer maneira, as ferramentas tecnológicas potencializaram as reivindicações feministas sobre igualdade de direitos e colaboraram para uma maior visibilização do movimento. Sobre isso, Wilding (1998 citado por Araújo, 2016, p. 120) comenta que as mulheres que vêm ocupando as redes na internet, têm construído um território próprio, mas não exclusivo, e demonstram ser capazes de estabelecer as próprias regras, disputando o espaço virtual com o patriarcado.

Ainda assim, existem pessoas que questionam os movimentos sociais na internet, justificando que eles não influenciam as ações externas e que a forma eficaz para se ter resultados favoráveis é através de coletivos e reuniões no meio *offline*. Porém, é preciso considerar que muitas mulheres não possuem tempo ou condições para militarem fora da internet e assim, seriam impedidas de participar dos desdobramentos do movimento. Por isso, torna-se insustentável essas críticas à militância cibernetica, por entender que graças às tecnologias, não só o feminismo, mas todos os movimentos que lutam a favor das minorias, alcançam milhões de

pessoas por todo o mundo e tornam-se tão fundamentais quanto as ações nos espaços físicos, inclusive, fortalecendo-os.

Em seu início, o ciberfeminismo adotou muitas estratégias, como listas de discussão via *e-mails*, forúns *online*, grupos de autoajuda e redes de apoio, a fim de transformar as desigualdades, lutar contra a centralização de poderes nas mãos dos homens e abrir espaço para o envolvimento político das mulheres através das tecnologias. Além disso, o movimento também incentivava as mulheres a trocar informações e estabelecer conhecimento no desenvolvimento de *softwares*, plataformas digitais, linguagens de programação e o uso das tecnologias como suporte e expressão artística (Abreu, 2017).

É importante frisar que o ciberfeminismo é um movimento que não se afasta da política, pelo contrário, sua essência é a disputa de poder através da resistência, do debate e da mobilização. E a tecnologia, por sua vez, surge como uma ferramenta política que possibilita que as mulheres alcancem mais espaço e lutem contra um sistema que as opprime. As expressões artísticas como as artes, literatura ou música aparecem como instrumentos de divulgação do movimento e também é por onde as mulheres expõem seus sentimentos, suas lutas e anseios, de maneira organizada e descentralizada.

Se a internet já era importante no campo feminista desde meados dos anos 1990, Alvarez (2014) explica que hoje, as redes ou meios sociais têm um papel de destaque, especialmente na popularização e na articulação de campos mais incipientes e precarizados. A autora atenta para o fato de que atualmente, a internet é utilizada como meio massivo de comunicação e interação, o que origina em uma diversificação de indivíduos em manifestações virtuais. Por isso, nota-se uma intensa articulação entre as mídias e o feminismo que está presente nas ruas, pois está claro que o espaço *online* é uma expressão do mundo real.

Outro ponto relevante é que a estrutura das redes sociais *online* é propícia para que o movimento feminista se organize, mas ainda assim, não garante a sua relevância na rede. Crossley (2015 citado por Santini, Terra & Almeira, 2016, p. 160) sustenta que o ativismo *online* têm que combinar dois fatores para ser bem sucedido numa rede: os

usuários com laços fortes, que possuem afinidades e histórias em comum no movimento feminista, e são responsáveis pela organização das ações coletivas na Internet; e os usuários com laços fracos, que não pertencem ao movimento, mas colaboram com a causa ao oferecer suas próprias redes de conexões heterogêneas. Dessa forma, os usuários de laços fracos contribuem para a divulgação das mensagens *online*, que alcançam um número muito maior de pessoas que não estão em contato com a causa feminista no mundo real.

É a partir da diversidade dos discursos feministas e do confronto cultural observado nas redes, que as definições do que é ser “mulher” começaram a ser questionadas, por se tratarem de estereótipos que estavam enraizados na sociedade e a forma como elas sempre foram representadas nos meios de comunicação tradicionais, como televisão, jornal ou rádio. Nessa perspectiva, as conquistas dos movimentos feministas não estão ligadas apenas à ocupação da economia e do mercado de trabalho, mas também a uma representação digna da mulher, que rompe, cada vez mais, com as objetificações femininas criadas pelo senso cultural construído pela mídia, que submete a mulher aos desejos do homem.

Por muito tempo, o cenário que era visto nos meios de comunicação de massa, tornavam explícitas as diferenças de gênero, acentuando ainda mais a hierarquia entre homens e mulheres, criando uma cultura de violência simbólica no imaginário coletivo que acreditava na sociedade patriarcal reafirmada pela grande mídia. Por isso, as revistas, comerciais, novelas, videoclipes e músicas naturalizavam a objetificação feminina e amplificavam os discursos machistas até começarem a ser combatidos de maneira veemente pelo ativismo feminista em rede, que por fim, começou a influenciar as representações das mulheres nesses meios de comunicação de massa.

A difusão das informações através de blogs, sites e perfis sociais rejuvenesceu o feminismo, pois abriu portas para que muitas mulheres se posicionassem abertamente contra os estereótipos de gênero, sexualidade, raça e classe social. E, apesar de os ambientes digitais ainda darem espaço para discursos machistas – visto que é um espelho da própria sociedade -, as mulheres conseguem dar pluralidade aos discursos

feministas e utilizar a plataforma de forma política, alcançando profundas transformações sociais.

Assim, tendo em vista as articulações feministas no ciberespaço, torna-se pertinente observar de que forma as mulheres se apropriam das tecnologias digitais, como e em que ambientes das plataformas os discursos feministas se produzem e se expandem, e também entender as suas estratégias e as formas que se constituem os sujeitos femininos em rede.

De acordo com Crossley (2015 citado por Santini *et al.*, 2016, p. 154), as relações interpessoais das redes sociais ajudavam a convocar novos membros, sustentar organizações, promover a identidade dos participantes do movimento e disseminar informação. Por isso, os blogs feministas *online* são vistos pela autora como um espaço de extrema importância para o movimento, já que é onde as mulheres têm o papel de autoras e podem compartilhar seus pensamentos que, na maioria das vezes, não encontram abertura na grande mídia.

Os blogs e os perfis sociais seriam, sobretudo, um espaço para se informar sobre o movimento feminista, e também para promover discussões feministas em relação ao que se passa em outros mídias, como a televisão e o jornal. Assim, ao tomarem conhecimento sobre algo que as agrade ou desgrade, as feministas contam com as redes sociais na internet para compartilhar suas ideias e promover debates acerca do assunto do momento.

Voltando a Crossley (2015 citado por Santini *et al.*, 2016, p. 154), a autora salienta que os blogs feministas e o *Facebook*, por exemplo, criam e sustentam a solidariedade entre os indivíduos mobilizados, mesmo que eles nunca tenham se encontrado. Podemos ver essa solidariedade em diversos movimentos feitos nas redes, como as campanha #primeiroassédio<sup>41</sup>, “Primavera das Mulheres”<sup>42</sup> “Marcha das

---

<sup>41</sup> O coletivo feminista Think Olga, que luta contra o assédio em espaços públicos e outros tipos de violência contra a mulher, lançou a hashtag #primeiroassédio no Twitter, incentivando mulheres a contar quando foi a primeira vez que foram assediadas. A hashtag foi motivada pela indignação nas redes sociais com os comentários de teor sexual a respeito de Valentina, uma criança de 12 anos que participava do programa de culinária MasterChef Júnior. [https://www.huffpostbrasil.com/2015/10/22/primeiroassedio-mulheres-compartilham-no-twitter-primeira-vez\\_n\\_8356762.html](https://www.huffpostbrasil.com/2015/10/22/primeiroassedio-mulheres-compartilham-no-twitter-primeira-vez_n_8356762.html)

Vadias”<sup>43</sup>, ocorridas no Brasil ao longo dos últimos anos, através das redes sociais *online*, com o objetivo de mobilizar centenas de milhares de pessoas para que os direitos das mulheres sejam respeitados desde a infância.

Nesse sentido, além de demonstrar eficiência na articulação de campanhas e exposições, o ciberfeminismo tem tido excelentes resultados nas ações que reivindicam, de forma política, melhores condições para as mulheres, que na maioria das vezes não se conhecem, mas que através das tecnologias digitais podem se reunir e impulsionar o movimento geograficamente. Essa possibilidade de integrar pessoas em diferentes cidades, países ou continentes no ativismo feminista, é a superação de um antigo desafio dos movimentos sociais, e também uma oportunidade de diversificar, cada vez mais, as pautas feministas de acordo com as condições das mulheres em suas localidades.

Em relação aos dados e estatísticas do uso da internet no Brasil, no relatório Digital 2019: Brazil, fruto da parceira entre *Hootsuite* e *We Are Social*, as mulheres ocupam uma parcela um pouco maior de usuários em rede, com 50,9% contra 49,1% de homens, e também são mais ativas nas redes sociais, pois curtem 65% mais posts, comentam quase o triplo e compartilham três vezes mais comparado aos homens (Kemp, 2019). Isso explica o motivo pelo qual as pautas feministas vêm ganhando visibilidade e mais adeptos nos últimos anos.

Outro motivo que também facilita a inserção das mulheres em blogs e perfis sociais feministas é a facilidade da linguagem na internet – textos, imagens, vídeos, fotos e etc., que possibilita a produção e circulação das ideias do movimento e não é

---

<sup>42</sup> Em 31 de outubro de 2015, cerca de quinze mil mulheres saíram às ruas nas grandes cidades do país, em defesa dos direitos das mulheres e contra o machismo, motivadas pela explosão da hashtag #primeiroassédio e também em resposta ao projeto de lei do então Presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, que visava dificultar o acesso ao aborto para as mulheres estupradas, circunstância que é legalizado no Brasil. [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/13/opinion/1447369533\\_406426.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/13/opinion/1447369533_406426.html)

<sup>43</sup> É um movimento que surgiu em 3 de abril de 2011, em Toronto, no Canadá, e desde então se internacionalizou, sendo realizado em diversas partes do mundo. As mulheres marcham contra o machismo, contanto sobre os seus próprios casos de estupro. A primeira Marcha das Vadias no Brasil ocorreu em São Paulo, em 4 de junho de 2011. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcha\\_das\\_Vadias](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcha_das_Vadias)

dificultada pela falta de domínio da linguagem de programação das tecnologias digitais. Então, utilizar uma linguagem adequada ao meio digital facilita a transmissão de informação, alcançando um maior número de pessoas em um espaço de tempo menor se comparado ao meio *offline*, e ainda incentiva os internautas a procurarem mais informações sobre o tema abordado.

Segundo Anzaldúa (2000 citado por Araújo, 2016, p. 21), não há separação entre vida e escrita, assim como também não existe separação entre o sentido da escrita e o meio utilizado, pois o sentido não é indiferente ao meio. Ainda assim, a escrita no digital tem implicações diferentes comparada a outros meios, pois Orlandi (2012b citado por Araújo, 2016, p. 112) acredita que o processo de significação é diferente se analisarmos as materialidades da escrita (língua), o momento histórico (história) e os sujeitos. Dito isto, considera-se que na escrita do feminismo digital, existe a possibilidade de produção e de compartilhamento de informações não convencionais que não estão presentes nas grandes mídias. Dessa forma, as histórias produzidas no e pelo feminismo digital edificam outras formas de consolidação de sentidos, que podem ser pensadas pelos lugares de construções dos sujeitos, como a própria identidade feminista (Araújo, 2016).

Essas construções da identidade feminista também se relacionam com o conceito de corpo e suas significações, analisados por Beauvoir (1970), antes do surgimento da internet:

(...) Sendo o corpo o instrumento de nosso domínio do mundo, este se apresenta de modo inteiramente diferente segundo seja apreendido de uma maneira ou de outra. Eis por que os estudamos tão demoradamente; são chaves que permitem compreender a mulher. Mas o que recusamos, é a ideia de que constituem um destino imutável para ela. Não bastam para definir uma hierarquia dos sexos; não explicam por que a mulher é o Outro; não a condenam a conservar para sempre essa condição subordinada. (pp. 52-53).

A autora aponta os corpos como lugares de significar no mundo, e por estarmos abordando sobre o ciberfeminismo, é importante observar como as mulheres dão sentido aos seus corpos na internet, principalmente quem possui influência nas redes, como artistas, políticas ou blogueiras, e como os lugares de significância são construídos a partir da atuação dessas mulheres.

Em pesquisa sobre os discursos de mulheres no digital, Marie-Anne Paveau (2015 citado por Araújo, 2016, p. 70) explica sobre as mudanças na circulação dos corpos das mulheres no campo digital a partir do século XXI, em que elas utilizam o corpo e a sua nudez como uma ferramenta na luta pela emancipação, igualdade, respeito e integridade.

Essa circulação dos corpos femininos no digital deve ser entendida de forma diferente do que é visto na mídia *mainstream*, em que as mulheres sempre foram retratadas de maneira padronizada e objetificada para o consumo masculino. A internet promove a visibilidade do corpo nu feminino que desafia os padrões culturais e de beleza, estabelecidos socialmente há muito tempo.

Por isso, atualmente, podemos encontrar inúmeras personalidades que utilizam os seus corpos como uma forma de resistência, como por exemplo, a cantora Anitta, que usa o seu corpo como um meio de poder e identidade em diferentes videoclipes, principalmente em “*Vai Malandra*”, no qual fez questão de não retocar as celulites do seu corpo, e de demonstrar no decorrer das cenas da música, que ela é dona da própria história e do próprio corpo. Assim, por ser uma pessoa extremamente ativa e influente nas redes sociais, ao expor o seu corpo sem retoques, a cantora atinge milhões de mulheres no Brasil e, inclusive, no mundo, quebrando estereótipos e empoderando o corpo feminino.

Toda essa transformação da significação e representação do corpo é entendida a partir da afirmação que a experiência feminista na internet tem o poder de produzir outros sentidos para o corpo, para a relação com o outro, e também para a afetividade. E que, a simbolização das relações enraizadas e com suas regras bem conhecidas, já não dão conta das significações criadas no ciberespaço ou das novas experiências que as tecnologias disponibilizam aos sujeitos (Araújo, 2016).

No entanto, não se pode esquecer que a velocidade do compartilhamento de informações e de possibilidades na internet, também prejudicaram a liberdade das mulheres, visto que muitas são vítimas de fotos nuas “vazadas” pelas redes sociais, além de sofrerem abusos psicológicos e ofensas gratuitas por revelarem suas opiniões em público para o mundo. Se por um lado a internet permite a acessibilidade para as

mulheres e a expansão de seus discursos, esse mesmo lugar pode fortalecer o machismo, já que é uma reprodução da sociedade.

Ainda assim, segundo Cunha (2013), o maior benefício da internet é que ela disponibiliza ao movimento feminista, a oportunidade de combater o machismo, a partir do momento em que as mulheres viram geradoras de conteúdo: “Por isso, é cada vez mais importante que tenhamos um circuito de comunicadoras femininas, blogueiras e ativistas que coloquem na mídia uma nova mídia.” Posto isto, deve-se exaltar que apesar do lado negativo, as redes sociais têm permitido que as mulheres realizem novas descobertas sobre elas, sobre o seu poder dentro do contexto social, e também sobre novas formas de se expressar sem serem caladas diante da sociedade machista e patriarcal.

Em suma, as tecnologias digitais têm possibilitado o surgimento de feminismos plurais, diversos e participativos, em que o espaço livre viabiliza que o movimento feminista amplie o debate acerca de assuntos como a legalização do aborto, a luta contra o feminicídio, a violência de gênero e o machismo cotidiano, e também a respeito dos direitos da mulher sobre o seu corpo e a equidade de gênero no ambiente de trabalho e na sociedade. Dessa forma, comprehende-se a relevância das redes sociais e a sua utilização pelo espaço físico, que têm o poder de potencializar os discursos das minorias, desafiando as instituições tradicionais, culminando assim, numa transformação social mais igualitária.

### **3.2.3. Influenciadoras Digitais pelo Ciberfeminismo**

Em toda a sua história, os movimentos sociais se consolidaram através de qualquer meio de comunicação possível. E hoje, com as redes digitais, que se configuram como uma comunicação horizontal, rápida e autônoma, é facilitado o processo dos movimentos sociais, que se tornam mais interativos e participativos. Por isso, Castells (2013) afirma que os movimentos sociais em rede da era digital representam uma nova espécie em seu gênero.

Essa interatividade possibilita que várias pautas dos movimentos sociais sejam disseminadas nas redes, como por exemplo, o empoderamento feminino, que se

articula como um dos assuntos mais recorrentes do ciberfeminismo, e é defendido por muitas formadoras de opinião, que podem ser artistas, políticas, economistas, ativistas, influenciadoras digitais, ou tantas outras profissões que amplificam suas vozes nas plataformas digitais.

Essas mulheres aproveitam a dinâmica das redes e a popularização dos temas feministas como uma forma de se empoderar e levar o empoderamento para outras mulheres através da divulgação de suas experiências por meio de textos, fotos ou vídeos. O empoderamento deve incluir tanto a mudança individual, no sentido da autoconfiança e da auto-estima das mulheres quanto à ação coletiva junto à comunidade num processo de cooperação e solidariedade (Leon, 2001 citado por Matos, 2019, p. 24). Sendo assim, apesar da relevância do empoderamento individual através da aceitação do corpo e da não padronização da beleza, as práticas coletivas tornam-se necessárias para que ocorra uma transformação profunda em relação às desigualdades entre homens e mulheres.

É possível ver em diferentes nichos do meio digital, a infinidade de mulheres que abordam sobre o empoderamento feminino como uma forma de lutar contra os preconceitos existentes em diversas áreas da sociedade. As formadoras de opinião aproveitam a popularidade dos discursos feministas para se fortalecerem enquanto autoridades e influenciadoras de determinado tema a respeito do movimento, e utilizam os seus perfis sociais para exporem a sua intimidade e rotina – tão valorizados atualmente -, a fim de se aproximarem de quem as seguem.

Além de gerarem uma aproximação e identificação com suas seguidoras, as influenciadoras constroem credibilidade e confiança no que compartilham. Dessa forma, passam a exercer influência – como o próprio nome explicita – sobre indivíduos e comunidades, ditam comportamentos e induzem o seu público, ainda que de forma não declarada, a pensar de um modo específico e a se comportar de determinada maneira.

Mas não foi a partir do estabelecimento da internet que surgiram os formadores de opinião. Segundo Karhawi (2018 citado por Ferreira, 2019, p. 32), “formador de opinião” é um termo que faz parte dos paradigmas da comunicação nos

públicos, e que antes do aparecimento das novas tecnologias, existiam sujeitos que, de alguma forma, influenciavam o pensamento e o comportamento dos outros. Ainda assim, a internet se destaca como um espaço que potencializou o surgimento de muitos formadores de opinião pelo mundo, que começaram a contribuir com a geração de conteúdos e aproveitaram a inteligência das tecnologias para evoluir. Então, a influência digital ganhou forma e espaço, e hoje é vista como um trabalho primordial para ganhar relevância nas redes.

Segundo Hollanda (2018 citado por Matos, 2019, p. 24), um dos principais instrumentos do feminismo em rede é a força mobilizadora dos relatos pessoais. Mesmo quando as questões compartilhadas falam sobre as experiências vividas em primeira pessoa, ao se tornarem públicas, elas afetam e mobilizam outros indivíduos. Então, essa articulação possibilita que as mulheres se identifiquem e se reconheçam em discursos alheios, tornando os relatos pessoais um estímulo para o empoderamento de cada uma.

Diante disso, percebe-se o fortalecimento da figura pública ou de algum artista – também considerado um influenciador nas plataformas *online* –, que passa a ser referência para um público coletivo que se sente representado pelas ideias, questionamentos e atitudes que essas figuras propagam no âmbito digital. Além, é claro, de ampliar e fidelizar o seu público, divulgando o seu conteúdo de forma célere e alcançando, inclusive, públicos de outros nichos que não teriam o contato com as ideias dessa figura, caso não tivessem acesso às tecnologias digitais. Ou seja, ainda que determinados grupos não consumam o trabalho de algum artista ou alguma figura pública no espaço *offline*, a internet disponibiliza um ambiente tão diverso que é possível ter contato com essas figuras, gerando, muitas vezes, uma identificação com os valores propostos por elas e, acarretando por fim, em novas possibilidades de influência.

As influenciadoras afirmam que através da publicação dos relatos na redes sociais, elas se empoderam cada vez mais, exatamente pela interação promovida entre elas e suas seguidoras, que apesar de não se conhecerem pessoalmente e de forma íntima, estabelecem uma relação de confiança no que está sendo comunicado. Sem a

existência de seguidoras, essas figuras de influência não teriam como compartilhar suas narrativas que sustentam o discurso do empoderamento (Ferreira, 2019).

De acordo com Ricoeur (1987 citado por Ferreira, 2019, p. 73), é no ato da leitura que existe a predisposição da história de transfigurar a experiência do leitor, então, toda comunicação pressupõe a existência do outro e a formatação de um diálogo. Por isso, ao mesmo tempo em que as influenciadoras digitais são uma inspiração para as diversas seguidoras que buscam diariamente suas experiências e pensamentos, as últimas também manifestam suas vivências, contribuindo para novas ideias e discursos dessa mesma narrativa.

Com essa possibilidade de interação e conversa promovidas pela internet, o público tem a oportunidade de dar continuidade a algum debate realizado pelo influenciador que ele segue, mantendo o processo de comunicação e criando novos sentidos para um mesmo assunto dentro da sua rede social ou no espaço *offline*. Nesse sentido, o compartilhamento de opiniões e ideologias pode ocorrer a partir de alguma publicação ou posicionamento da figura pública, dentro e fora do ciberespaço, gerando maior destaque a essa personalidade.

Por conta da potência de seus discursos, os influenciadores digitais também atuam como grandes propulsores de causas e movimentos sociais. Para Lima, Carneiro e Silva (2017), o formato mais descontraído das redes sociais favorece que as pessoas não tão engajadas politicamente, se aproximem das pautas sociais, como o feminismo, o empoderamento feminino e a sororidade. Sendo assim, os perfis de mulheres que tratam das questões de gênero sob um viés político e cultural, conseguem se destacar em rede, atraindo milhares de seguidores adeptos da causa.

Isso funciona também com artistas, como a Anitta, que não levanta apenas questões sobre o empoderamento feminino em seus trabalhos, mas que por abraçar a causa em diversas músicas, amplamente divulgadas e compartilhadas nas plataformas digitais, acaba por fomentar a discussão em diversos grupos, que muitas vezes não são seus seguidores diretos. Ou seja, em relação à cantora, a música aparece como um veículo fundamental de engajamento com o movimento feminista nas redes sociais. Por isso, ainda que ela aborde sobre o feminismo em outros tipos de publicação

(textos, fotos ou vídeos), que não estão relacionados a algum trabalho musical, pela figura dela estar ligada ao meio da música, o impacto do seu discurso feminista nessa área tende a ser maior do que outras ações que a cantora realize a favor do ativismo.

Várias pessoas que visualizam as postagens da Anitta, podem observar o seu trabalho e o que ela transmite em algumas de suas músicas, que fazem referência ao feminismo e a mulher empoderada. Isso acaba atraindo determinado público, e influencia as pessoas que a seguem nas redes sociais digitais a compartilharem as suas ideias, tornando-a cada vez mais influente dentro e fora da rede.

Portanto, as redes sociais proporcionam esse efeito cascata que vai de pequenos grupos de discussão até atingir personagens importantes, que se preocupam com os movimento sociais e se esforçam para que a mensagem seja reverberada e ouvida por cada vez mais pessoas, ultrapassando as barreiras que existem no espaço físico e que se tornam transponíveis no meio digital.

## 4. “O Natural do Rio é o Batidão”<sup>44</sup>

### 4.1. História de uma identidade nacional

O gênero musical funk como objeto de análise é um tema que possui diversos elementos a serem observados. Por ser o estilo musical que apresentou Anitta para o Brasil, torna-se necessário entender as suas características, contradições, o seu impacto, mobilização social, e a sua importância enquanto ferramenta de ampliação das vozes menos favorecidas.

Surgido no Brasil nos anos 70/80, longe da cultura *mainstream* e sob a influência do *soul music*<sup>45</sup>, *R&B*<sup>46</sup> e *jazz*<sup>47</sup>, o funk possui como característica básica, assim como a maior parte dos gêneros musicais originados de afro-descendentes, o elemento rítmico. Apesar da sua origem em outros gêneros musicais norte-americanos, atualmente e desde os anos 1990, o funk é estritamente nacional e possui características próprias (Laignier, 2008), como as letras que questionam a diferença sócio-econômica-cultural entre a favela e o asfalto, e também aquelas de cunho sensual/erótico, muito comuns até os dias de hoje.

O funk faz parte de uma contracultura hegemônica, que vem evoluindo e mudando com o tempo de acordo com as suas interações. Nasceu com o intuito de quebrar as regras e provocar, de conquistar com o ritmo, fazer pensar com a letra ou

---

<sup>44</sup> Frase da música “Diretoria”, do MC Sapão. Letra: O natural do rio é o batidão / a playboyzada e os manos do morrão /funkeiro é nós com muita disciplina / www.com brasília / Quero ouvir, vamos lá... / diretoria tá de pé, é nós mané esse é o funk do Rio de Janeiro / o lema é paz, justiça, liberdade / 100% humildade, sem neurose e sem caô / vida de MC que eu to vivendo, / vou levando no talento para a vida melhorar / o clima aqui está difícil / se liga meu amigo não vou parar de cantar / eu peço a Deus para que olhe por nós prlombombom bom bom prlom bom / bom bom bom / Já perdi vários amigos mas não calarão a minha voz / fala que é nois...ééé / sou guerreiro, sou certo e nao admito falha / Favela é só papo reto, não somos fãs de canalha.

<sup>45</sup> É um gênero musical popular que se originou na comunidade afro-americana dos Estados Unidos, nos anos 1950 até o início dos anos 1960. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Soul>

<sup>46</sup> *Rhythm and blues* ou *R&B* é um termo comercial introduzido nos Estados Unidos no final da década de 1940, utilizado, principalmente, para descrever gravações comercializadas pelos artistas afro-americanos. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Rhythm\\_and\\_blues](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rhythm_and_blues)

<sup>47</sup> Manifestação artístico-musical surgido no final do século XIX, na comunidade de Nova Orleans, nos Estados Unidos. Teve origem na cultura popular e na criatividade das comunidades negras que ali viviam. Ao longo dos anos, o *jazz* se adaptou a muitos estilos musicais locais, obtendo grande variedade melódica, harmônica e rítmica. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jazz>

apenas dançar ao som do “tamborzão”<sup>48</sup>. É, principalmente, um lugar de fala e de discursos da parcela mais desamparada da população, e tem a sua imagem veiculada ao negro-pobre-favelado do Rio de Janeiro (Costa, 2016).

Existe uma diversidade notável na textualidade presente nas canções da produção funkeira, cuja temática das letras vai desde a alegre e debochada crônica de costumes das comunidades até a crítica social do cotidiano destes lugares de exclusão social (simbólica e concreta). Assim, o funk carioca é o elemento cultural urbano de uma “cidade partida” que vem operando, nas últimas duas décadas, uma reposição simbólica da alteridade, recolocando o negro-pobre-favelado novamente em destaque, como o samba já fizera anteriormente, na primeira metade do século XX. (Laignier, 2008, p. 8).

Assim, as letras de funk buscam sair desse espaço excluente e quebram com a ligação automática que ainda se faz entre o funk e o favelado e/ou a favela, e tiram o morro e a vivência das pessoas nessas comunidades como “lugares não-vistos” midiaticamente e pelas ações do Estado, do imaginário social e cultural carioca (Laignier, 2008).

Voltando às suas origens, o funk era identificado ao sexo a as batidas, tratando-se de uma gíria sobre o odor do corpo humano durante as relações sexuais. O gênero já era conhecido no cenário do jazz norte-americano na metade de 1930, mas só alcançou a popularização nas décadas de 1950 e 1960. Nasceu oficialmente através do cantor e compositor James Brown, por meio da mudança rítmica tradicional de 2:4 para 1:3, além da introdução de metais à melodia, criando assim, o chamado funk ou *funky* – como era conhecido na época (Medeiros, 2006 citado por Silva, 2018, p. 17).

Foi por volta de 1968, que a gíria “*funky*” perdeu o seu significado pejorativo e passou a trazer um forte componente de orgulho negro. Por isso, conforme apresentado por Hemano Vianna (1988 como citado em Viana, 2010), “tudo pode ser funky: uma roupa, uma bairro da cidade, o jeito de andar e uma forma de tocar música que ficou conhecida como funk.”

---

<sup>48</sup> Instrumento de percussão com uma membrana (de pele ou de plástico) esticada sobre um corpo oco cilíndrico de madeira, metal ou outro material, e que se percuta com baquetas. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/tamborz%C3%A3o> Palavra muito utilizada nas letras de funk.

Vianna (1990), o primeiro cientista a abordar o funk como objeto de estudo, explica que ao chegar no Brasil no início da década de 1970, o estilo musical inventado por negros norte-americanos se disseminou em um número impressionante de festas realizadas no Rio de Janeiro, frequentadas, principalmente, por jovens que pertenciam às camadas mais pobres da população. Porém, antes disso, os primeiros bailes funks foram realizados na Zona Sul (área nobre da cidade) e, apenas com o fortalecimento da MPB (Música Popular Brasileira) e do uso do Canecão – local onde os bailes eram realizados – para os shows da MPB, que as festas de funk, também conhecidas como “Bailes da Pesada”, começaram a adentrar o subúrbio, acontecendo a cada final de semana num bairro diferente, comandados por grupos como Furacão 2000<sup>49</sup> e Cash Box<sup>50</sup> (Vianna, 1988 citado por Viana, 2010).

Já nos anos 1980, os bailes funks começaram a ser influenciados por novos ritmos, como o *Miami Bass*<sup>51</sup>, gênero semelhante ao eletro, com batidas comandadas pelo DJ e com vocais em inglês (Medeiros, 2006 citado por Viana, 2010). Esse cenário comandado pelas produções norte-americanas começa a mudar quando Fernando Luís Mattos da Matta (DJ Malboro) – um dos protagonistas do movimento funk –, ganha um concurso nacional de DJs e recebe como prêmio uma viagem a Londres, de onde adquire conhecimento e novidades para inserir no funk e torná-lo efetivamente brasileiro. Em 1989, as primeiras produções totalmente nacionais são lançadas no primeiro disco de Malboro, com o nome de “*Funk Brasil*”, que redimensionou a indústria fonográfica e a consolidação do funk no país (Viana, 2010), vendendo mais de 200 mil cópias sem qualquer apoio da mídia ou do marketing de gravadora (Rocha, 2017).

Com a afirmação do gênero, o funk carioca começou a criar a sua própria identidade na década de 1990, em que suas letras refletiam a realidade das

---

<sup>49</sup> É uma equipe de som, produtora e gravadora carioca que produz coletâneas e shows de funk carioca. A empresa é a principal responsável pela divulgação do funk carioca nos anos 1990 e a sua popularização pelo país. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Furac%C3%A3o\\_2000](https://pt.wikipedia.org/wiki/Furac%C3%A3o_2000)

<sup>50</sup> Uma das mais tradicionais equipes de som do Rio de Janeiro. <https://www.funkantigo.com.br/2018/05/historia-da-equipe-cash-box.html>

<sup>51</sup> É um subgênero do Hip Hop, que se tornou popular nos Estados Unidos e em países da América Latina nos anos 1980 e 1990, porém nunca encontrou uma aceitação *mainstream* consistente, embora tenha tido um grande impacto no desenvolvimento do Hip Hop. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Miami\\_bass](https://pt.wikipedia.org/wiki/Miami_bass)

comunidades, mostrando os seus problemas, mas também o orgulho da favela, tornando o ritmo cada vez mais popular, assim como os próprios bailes que, segundo Vianna (1988 citado por Silva, 2018, p. 18), alcançavam um público aproximado de um milhão de jovens, principalmente jovens da periferia carioca. Foi nesse período que o funk, até então executado em poucas rádios, encontrou projeção em lugares nunca antes sonhados, como o programa *Xuxa Park*<sup>52</sup>, transmitido pela Rede Globo – maior emissora de televisão do Brasil.

O sonho dourado dos funkeiros se tornou realidade em junho de 1994, quando a apresentadora infantil Xuxa inaugurou em seu programa de todo sábado, o *Xuxa Park*, o quadro *Xuxa Park Hits* – uma espécie de parada de sucessos, com a participação em caráter experimental do DJ Malboro. Era mais ou menos como se o funk entrasse pela porta da frente da TV com tapete vermelho (...) Malboro tanto fez, porém, que acabou virando atração fixa do *Xuxa Park Hits*, permanecendo no ar durante três anos. (Essinger, 2005 como citado em Viana, 2010).

A música “*Me Leva*” do Latino também teve espaço no *Xuxa Park*, e artistas como Cláudio & Buchecha<sup>53</sup> e Cidinho & Doca<sup>54</sup> também participaram da primeira onda nacional do funk (Stamboroski, 2009). Além disso, o Programa da Furacão 2000, na Central Nacional de Televisão, também projetou o gênero, deixando de ser exibido apenas no Rio de Janeiro e ganhando uma edição nacional.

Ao mesmo tempo em que se estabeleceu, o funk produzido na periferia do Rio de Janeiro começou a ser alvo de ataques e enfrentou o seu maior desafio ao ter que lidar com o preconceito e a difamação por parte dos meios de comunicação: “o funk sofreu a maior perseguição e estigma da mídia, da polícia e dos “formadores de opinião”, que acenaram reiteradamente com os argumentos do pânico moral para analisar o fenômeno.” (Sá, 2009 citado por Viana, 2010).

---

<sup>52</sup> Foi um programa exibido pela Rede Globo de 1994 a 2001, nas manhãs de sábado. O programa reunia brincadeiras, atrações musicais e quadros variados. [https://xuxa.fandom.com/pt-br/wiki/Xuxa\\_Park](https://xuxa.fandom.com/pt-br/wiki/Xuxa_Park)

<sup>53</sup> Foi uma famosa dupla de funk brasileira, que ganhou premiações e notoriedade nacional. Suas músicas fizeram parte de publicidades e ganharam gravações de diversos artistas da música brasileira. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Cláudio\\_%26\\_Buchecha](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cláudio_%26_Buchecha)

<sup>54</sup> Dupla de Funk carioca, que teve sua origem na favela Cidade de Deus, no Rio de Janeiro. Cidinho & Doca faziam sucesso com as canções pedindo paz, amor e humildade. Uma de suas músicas “Rap da Felicidade”, esteve presente na abertura das Olimpíadas de 2016, no Rio de Janeiro. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Cidinho\\_%26\\_Doca](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cidinho_%26_Doca)

Por isso, mesmo com toda a repercussão que os funkeiros estavam tendo na época e com todos os recordes de vendas de discos e produções, o gênero não conseguia emplacar como sendo de primeira linha, visto que permanecia estigmatizado como subproduto cultural. Além disso, era classificado como produção inferior dentro das gravadoras que apostavam no funk (Viana, 2010), e também era visto com inferioridade nas regras técnicas e formais em comparação a MPB e ao samba.

Em meio a toda essa desriminalização, o funk foi escolhido pela massa como o gênero representativo de seus integrantes, quando foi incorporada a “paradinha funk”<sup>55</sup> no desfile da Viradouro<sup>56</sup>, em seu samba-enredo<sup>57</sup> campeão do carnaval de 1997, demonstrando uma irreversibilidade cultural do funk. “Foi uma das raras vezes naquele ano que a música dos bailes despertaria uma discussão puramente cultural – na maior parte das vezes as páginas policiais é que acolhiam o assunto” (Essinger, 2005 como citado em Viana, 2010).

Apenas em 2000 que os bailes foram regulamentados através da aprovação da Lei Estatual 3.410/2000, que passou a permitir a realização deles com a autorização da polícia (Lei, n. 3410, 2000). Ainda nesse ano, pela primeira vez, um político foi eleito para defender os interesses do funk. A candidata Verônica Costa<sup>58</sup> do Partido Liberal (PL), teve 37 mil votos e foi a quarta vereadora mais votada daquela eleição (Essinger, 2005 como citado em Viana, 2010).

---

<sup>55</sup> Nos anos 1960, surgiram as “paradinhas” criadas pelo Mestre André, famoso diretor da Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel. Esse “efeito musical” é um grande desafio e ocorre ao longo do desfile, onde em determinado momento, os instrumentos de percussão param de tocar, deixando apenas o cavaquinho e a voz dos componentes, para em seguida, retornarem em perfeita harmonia. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Escola\\_de\\_samba](https://pt.wikipedia.org/wiki/Escola_de_samba)

<sup>56</sup> No carnaval de 1997, a bateria da Viradouro surpreendeu a todos, pois em diversos momentos do desfile, executou a paradinha com funk por alguns instantes. <http://unidosdoviradouro.com.br/historia/>

<sup>57</sup> Surgiu no Rio de Janeiro, em meados de 1930 e é a letra musical onde é contada de forma resumida a história que agremiação apresentará ao longo do desfile de carnaval. <https://www.riocarnaval.com/guia/por-dentro-da-escola-de-samba/samba-enredo>

<sup>58</sup> Conhecida como a “Mãe Loira do Funk”, foi uma das criadoras da equipe de som Furacão 2000 e é uma das principais responsáveis pela popularização do funk no Brasil. Na política, tem sua carreira marcada pela luta dos direitos dos jovens, do empoderamento das mulheres e garantias para a comunidade LGBTQIA+ junto ao parlamento carioca. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ver%C3%B4nica\\_Costa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ver%C3%B4nica_Costa)

Na virada de milênio, o funk passou por mudanças e teve uma nova onda de estouro nacional, ampliando sua aceitação entre ouvintes da classe média e ocupando outros lugares além da periferia, como casas noturnas, academias e festas realizadas no asfalto. Esse período foi marcado pelo surgimento dos “bondes” - grupos de funk formados por um ou mais MC’s e alguns dançarinos - como por exemplo, o Bonde do Tigrão<sup>59</sup>, que lançou vários *hits*<sup>60</sup> que fizeram sucesso em todos os cantos do país.

A forte conotação sexual que envolvia as letras apresentadas pelos bondes era manifestada como sendo resultado de um senso de grupo muito grande, onde certas expressões poderiam ser entendidas de uma forma por quem não participava do universo das favelas, e de outra por aqueles que consumiam o funk. O resultado positivo dessa categoria temática do funk foi tanto, que transformou o gênero em sucesso de vendas novamente. Nesse momento, soluções paralelas foram utilizadas para bater de frente com as gravadoras e seus contratos restritivos, tal como a comercialização de CDs encartados em revistas, vendidos diretamente nas bancas de jornal (Viana, 2010).

Outro destaque dessa fase foi o surgimento de mulheres MCs que cantavam sobre o cotidiano das favelas e, principalmente, sobre o sexo de uma forma que até então era exclusividade dos homens, demonstrando o empoderamento e a liberdade da mulher. Tati Quebra-Barraco<sup>61</sup> e Deize Tigrona<sup>62</sup> foram as precursoras do funk feminino e símbolos de resistência à dominação masculina (Rocha, 2017).

Ainda no final da década, em 2009, a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro aprovou o projeto dos deputados Marcelo Freixo e Wagner Montes e decretou a lei nº 5543/2009, que definia o funk como movimento cultural e musical de caráter popular, com a justificativa de que o gênero musical está relacionado aos estilos de vida e experiências da juventude de periferias e favelas (Lei n. 5543, 2009).

A partir da década de 2010, as vertentes já conhecidas do funk, como os “melôs”<sup>63</sup>, “funk melody”<sup>64</sup>, “funk político”<sup>65</sup> e “batidão”<sup>66</sup> deram espaço para um novo

---

<sup>59</sup> Um grupo brasileiro de funk carioca, que vendeu mais de 250 mil cópias pelo Brasil, do seu álbum de estreia, “Bonde do Tigrão”. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Bonde\\_do\\_Tigr%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bonde_do_Tigr%C3%A3o)

<sup>60</sup> Palavra inglesa. O que faz sucesso; o que é moda. <https://www.dicio.com.br/hit/>

<sup>61</sup> Cantora e compositora de funk carioca, que é reconhecida como uma das pioneiras no gênero musical e uma das principais expoentes do estilo. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Tati\\_Quebra-Barraco](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tati_Quebra-Barraco)

<sup>62</sup> MC de funk carioca muito reverenciada na cena musical de rua e festas itinerantes. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Deize\\_Tigrona](https://pt.wikipedia.org/wiki/Deize_Tigrona)

<sup>63</sup> Inspirado inicialmente no funk americano e nas batidas do grupo de hip-hop, Afrika Bambaataa, o funk se estabeleceu no país e deu seus primeiros passos através dos chamados Mêlos. Teve como um

estilo produzido em São Paulo, conhecido como “funk ostentação”, que começou a ganhar projeção nacional, fazendo referência a marcas de roupas, carros de luxo e joias. De acordo com Renato Barreiros, diretor do documentário “*Funk Ostentação*”, essa vertente foi reflexo de um momento de ascensão da classe C, que passou a ter um maior poder de consumo no governo Lula<sup>67</sup> (Rocha, 2017).

Em 2011, Anitta abre as portas para o “funk pop” com a sua primeira música “*Eu vou Ficar*”, divulgada nas rádios do Rio de Janeiro e promovida pela Furacão 2000. Com letras mais suaves quando comparadas ao funk no geral, músicas mais melódicas e batidas semelhantes ao pop, essa vertente costuma ser o destino final de artistas que desejam conquistar um público maior no âmbito nacional e, inclusive, internacionalmente (Chagas, 2018).

Apesar da expansão e o alcance que o funk atingiu desde a sua introdução no Brasil e todas as reformulações que o gênero teve para obter uma identidade nacional, em 2017, o funk sofreu novamente com preconceitos e foi alvo do Senado Federal, através da Sugestão Legislativa 17, que tinha a intenção de tornar o funk em crime de saúde pública, algo que também ocorreu com outros estilos musicais durante a história

---

dos seus principais artistas e divulgadores o DJ Malboro e a Furacão 2000. <https://www.metropoles.com/entretenimento/musica/pancadao-150bpm-brega-e-rave-veja-todas-as-vertentes-do-funk>

<sup>64</sup> Com o início da década de 1990, um novo estilo de funk é popularizado e passa a ter um som mais suave, dominado por letras românticas e uma batida melódica. Os principais artistas do estilo foram Cláudinho e Buchecha, Mc Marcinho e Robinho da Prata. <https://www.metropoles.com/entretenimento/musica/pancadao-150bpm-brega-e-rave-veja-todas-as-vertentes-do-funk>

<sup>65</sup> Em 1990, também surge uma vertente com letras que buscavam retratar a realidade das favelas do Rio de Janeiro, inspiradas no rap americano. O som que era visto como diversão, passou a ter um viés de protesto para as comunidades. MC Cidinho & Doca e MC Bob Rum foram nomes importantes nesse estilo de funk. <https://www.metropoles.com/entretenimento/musica/pancadao-150bpm-brega-e-rave-veja-todas-as-vertentes-do-funk>

<sup>66</sup> A partir dos anos 2000, surge um estilo mais animado, que se populariza. Nomes como Bonde do Tigrão, Mc Serginho e Os Hawaianos fizeram grande sucesso na época. Esse período também foi marcado pela ascensão das mulheres no funk, como a MC Tati Quebra-Barraco. <https://www.metropoles.com/entretenimento/musica/pancadao-150bpm-brega-e-rave-veja-todas-as-vertentes-do-funk>

<sup>67</sup> Compreende os dois mandatos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, de 2003 a 2010. Sua administração tirou milhares de pessoas da pobreza absoluta, porém foi marcada por casos de corrupção como o mensalão. <https://www.todamateria.com.br/governo-lula/>

brasileira, como o samba, o rap e a capoeira – todos surgidos dentro da comunidade negra (Machado, 2017).

A proposta, que teve quase 22 mil assinaturas a favor, dizia: “É fato e de conhecimento dos Brasileiros difundido inclusive por diversos veículos de comunicação de mídia e internet com conteúdos podre alertando a população o poder público do crime contra a criança, o menor adolescentes e a família. Crime de saúde pública desta “falsa cultura” denominada “funk”” (Alonso, 2017).

O projeto não foi aprovado e recebeu muitas críticas de diversos cantores do gênero musical, a exemplo de Anitta, que começou a sua carreira nos bailes funks: “Acho que primeiro, as pessoas precisam buscar entender o país onde vivem para depois criticar o funk. Se você quer mudar o funk, o que está sendo falado ou a forma que ele entra na sociedade, então, deve mudar a raiz, as questões educacionais, as questões que fazem a criação do funk”, afirmou Anitta à BBC (Machado, 2017).

Em relação ao seu ritmo e aos elementos que perpassam para a construção da sua identidade, o funk guarda pouco das músicas que se produziam há trinta anos atrás, baseadas no estilo estadunidense. Segundo Essinger (2005 citado por Souza & Maia, 2011), com o tempo, os elementos locais deram forma brasileira ao ritmo, e destaca quatro pontos principais:

O primeiro é o tamborzão, um tipo de atabaque oriundo da umbanda que começou a se misturar com Miami Bass no final dos anos 1990 e hoje é predominante. O segundo é a dinâmica do samba-enredo. Nos bailes e em algumas canções, há um puxador – o cara que fala mais alto e incentiva o coro. Do samba, também se vê a influência da cantiga de roda, uma melodia circular (...) Por último, o uso do berimbau por alguns artistas. (Souza & Maia, 2011).

Se fôssemos pegar um ritmo eletrônico para representar o Brasil no exterior nos últimos anos, não seria o samba e sim, o funk. Pois, mesmo que o primeiro seja a identidade musical brasileira fora do país, ele ainda se encontra na perspectiva acústica, enquanto o funk vem se tornando o gênero musical mais representativo no âmbito eletrônico e contemporâneo, pela característica muito peculiar e particular das suas batidas.

Sendo assim, pode-se dizer que o funk é uma conexão de ritmos e uma contínua apropriação de diferentes sons, que reinventa a música popular brasileira. E,

além dessas configurações sonoras do gênero, destaca-se também, os sujeitos criativos do funk, que criam, performam e difundem o estilo musical, além de estabelecerem um diálogo entre as plataformas midiáticas através de suas produções.

#### **4.2. O Funk e sua Distribuição Midiática**

Em seu início, o consumo de funk era ignorado pelos meios de comunicação de massa, que não davam espaço para o gênero musical em seus veículos, como o rádio, a televisão ou os jornais. O desejo por funk parecia ser algo interno à periferia carioca que o consumia, sem depender do incentivo ou promoção das instituições e mídias externas. De acordo com Vianna (1990), um bom exemplo da exclusão do funk por essas mídias foi a trajetória do “*Funk Brasil*” (1989), em que a gravadora do disco, Polygram<sup>68</sup>, não fez qualquer esforço para divulgar o seu novo produto. Ao mesmo tempo, o LP “*Burguesia*”<sup>69</sup>, do cantor de rock Cazuza<sup>70</sup>, que também estava sendo lançado pela mesma gravadora, recebeu todo empenho e esquema promocional para ser vendido. Demonstrando assim, uma clara preferência de gênero musical e o preconceito enraizado, que não acreditava que o funk tinha potencial para ir além da favela.

Para a surpresa de todos da gravadora, as vendagens do disco “*Funk Brasil*” superaram por meses o “*Burguesia*”, chegando a ultrapassar a marca das cem mil cópias vendidas em pouco tempo, número que no Brasil equivalia ao “disco de ouro”. Ainda assim, esse sucesso inédito não facilitou em nada a divulgação do disco pelo Brasil, visto que as rádios não tocavam suas músicas e a televisão também não fez videoclipes, o que era muito comum na época com outros estilos musicais. De todo o modo, nas ruas cariocas, Vianna (1990) ressalta que era possível ouvir várias pessoas

---

<sup>68</sup> Fundada em 1962, PolyGram foi uma das maiores gravadoras da indústria fonográfica do mundo. <https://pt.wikipedia.org/wiki/PolyGram>

<sup>69</sup> Lançado em 1989, foi o quinto álbum do cantor de rock brasileiro, Cazuza. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Burguesia\\_\(%C3%A1lbum\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Burguesia_(%C3%A1lbum))

<sup>70</sup> Foi um cantor e compositor brasileiro e um dos maiores ídolos da geração pop-rock dos anos 1980. <https://www.ebiografia.com/cazuza/>

cantarolando alguns dos sucessos do “*Funk Brasil*”, e indaga se seria possível existir um sucesso de massa ignorado pelos meios de comunicação de massa:

É preciso questionar as teorias que pensam a indústria cultural como uma instituição absolutamente coerente que busca transmitir um conjunto de valores pré-estabelecidos (os valores da “classe dominante”) através de todos seus produtos. Como mostra o caso do funk carioca, existem produtos bem diversos colocados no “mercado cultural”, que podem ser consumidos de maneiras diferentes por grupos sociais diferentes e que podem circular (até mesmo internacionalmente) por caminhos pouco convencionais, independentes dos grandes meios de comunicação de massa. (p. 249).

Esses caminhos pouco convencionais encontraram na internet, um espaço para a divulgação e visibilidade do funk e, desde então, o ciberespaço tornou-se um lugar de existência e resistência do estilo musical, com possibilidades de sociabilidade e promoção do gênero, que não encontrava oportunidade na mídia tradicional (imprensa, rádio e televisão).

O funk brasileiro vive há duas décadas entre extremos de aceitação e repúdio, pois é notório ver os números crescentes que ele atinge nas plataformas digitais, como no *YouTube* ou *Spotify*, e também é comum ouvir comentários dizendo que o funk seria um dos responsáveis por um declínio moral e cultural brasileiro, voltando, novamente, à lógica de desvalorização do gênero musical por ter nascido na periferia, marcada pela exclusão e violência.

Entre o lúdico, o escrachado, o hipersexualizado e o melodramático, o funk realiza seus protestos e tem firmado a sua visibilidade na internet nos últimos anos, legitimando seu espaço na mídia através de artistas que reúnem uma massa de fãs. Sendo assim, entende-se que através da circulação na mídia, o funk potencializa o seu discurso e articula questões que abordam o modo de vida de uma cultura popular que não é representada de forma legítima pelos veículos de comunicação (Hansen, 2006 citado por Libardi & Castro, 2018).

Atualmente, o funk movimenta milhões na indústria da música graças à internet. Segundo o site *RockContent*, o canal KondZilla – nome artístico para Konrad Dantas, produtor de vídeos musicais de funk -, é o atual líder do *YouTube* brasileiro. Seus clipes já renderam mais de 57 milhões de inscritos na plataforma, e mais de 27

bilhões de visualizações no canal (Souza, 2020), confirmando a notoriedade do funk no cenário brasileiro e a potência do mercado industrial desse gênero também no exterior.

Em relação ao número de visualizações dos clipes brasileiros, o *YouTube* fornece uma *playlist*<sup>71</sup> dos vídeos mais acessados na plataforma, e o funk aparece em dez posições num *ranking* dos vinte primeiros colocados, somando mais de 6,5 bilhões de acessos (Playlists Brasil, 2020). Anitta, por sua vez, está presente em quatro posições desse *ranking* e soma mais de 4,5 bilhões de acessos em seu canal (Editoria de Entretenimento, 2020).

A plataforma do *YouTube* tem tanta relevância no funk, que não é raro nos depararmos com pessoas que em um dia estão gravando seus vídeos caseiros na plataforma e, em pouco tempo, ganham uma notoriedade maior, como aparecer em programas de televisão ou registrar suas músicas em gravadoras profissionais. Isso, inclusive, ocorreu com a Anitta em 2010, quando o produtor da Furacão 2000 se interessou por um de seus vídeos na plataforma e chamou a cantora para assinar um contrato com a gravadora independente.

Quando isso ocorre, as próprias produtoras levam essas novas celebridades para o seu meio, e podem realizar algumas alterações no produto, como a mudança de parte da letra ou alguns tratamentos estéticos no cantor, a fim de se tornar mais comercial. Por isso, entende-se que as grandes produtoras e a indústria musical é que comandam a lógica do mercado musical, que vem se transformando ao longo dos anos.

Se antes o funk era renegado pelas mídias tradicionais, hoje ele alcança os patamares mais altos da indústria fonográfica brasileira, e é visto dentro da lógica *mainstream*, que dialoga com elementos de obras consagradas e com o sucesso relativamente garantido. Desse modo, o consumo de produtos *mainstream* é disponibilizado de forma ampla à população, e a dimensão plástica da canção apresenta uma variedade definida, na maior parte das vezes, pelas indústrias do entretenimento e desse repertório (Janotti & Cardoso, 2006), o que acarreta numa

---

<sup>71</sup> Lista de músicas ou vídeos, que pode ser organizada manual ou aleatoriamente, presente em aplicativos (players). <https://www.dicionarioinformal.com.br/playlist/>

expansão da música de acordo com a sua estética e possibilidade de gerar lucro para a indústria.

Por isso, percebe-se como o funk veio se configurando de acordo com as expectativas da indústria de entretenimento, mas sem perder as suas raízes que emergem e se desenvolvem a partir de uma cultura popular periférica brasileira. Ainda assim, é possível observar como a vertente “funk pop” veio ganhando cada vez mais espaço, pois dialoga os seus elementos periféricos com o imaginário pop internacional, caracterizando, segundo Sá (2007), certo cosmopolitismo estético e, por fim, uma maior aceitação e consumo pela sociedade.

Esse dito funk pop, concretiza-se nas “cenas musicais” (Straw, 1991), cuja configuração ora mais ligada ao seu caráter local ora mais alinhada com o imaginário global, é também fruto da intensa atividade dos atores através de diferentes ambientes. O que podemos caracterizar por funk pop no cenário musical contemporâneo são as performances musicais em que se pode notar a mesclagem musical da batida do funk com elementos considerados pop. Dando um genérico contorno sobre o gênero, podemos enquadrar as performances de Anitta, Ludmilla, Valesca, Lexa, Biel, Naldo Benny, entre outros. (Silva, 2017, p. 6).

Nesse caso, o critério principal para essa caracterização do gênero em “funk pop”, se dá pela ação performática das apresentações e dos videoclipes - abusando de luzes, efeitos, figurinos, coreografias e dançarinos -, o que também está ligado a influência da música ‘global’, tendo artistas como Madonna, Beyoncé, Michael Jackson e Chris Brown como referências, sobre a cena ‘local’ da música. A Anitta é um bom exemplo para demonstrar, através de videoclipes como “*Bang*”<sup>72</sup> e “*Show das Poderosas*”<sup>73</sup>, um reposicionamento da cantora de “MC”, para um contexto mais ligado ao imaginário pop internacional, o que expandiu a sua carreira e também fez o funk alcançar lugares inimagináveis (Silva, 2017).

Vale frisar que os investimentos colocados no funk pela indústria musical apresentam padrões comerciais, como é o caso do “funk pop” ou do “funk consciente”,

---

<sup>72</sup> É uma canção da Anitta, contida em seu terceiro álbum de estúdio de mesmo nome, lançado em 2015. É derivada dos gêneros *pop* e *trap*, com influências do eletrônico e do funk. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Bang\\_\(can%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_Anitta\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bang_(can%C3%A7%C3%A3o_de_Anitta))

<sup>73</sup> Canção da Anitta, gravada para o seu álbum de estreia Anitta, em 2013. Em abril de 2015, se tornou o primeiro videoclipe de um artista brasileiro a chegar a 100 milhões de visualizações no Youtube. [https://pt.wikipedia.org/wiki>Show\\_das\\_Poderosas](https://pt.wikipedia.org/wiki>Show_das_Poderosas)

que se restringem a artistas consolidados ou que manifestam uma tendência para o padrão elitista da sociedade brasileira (Caetano, 2010 citado por Silva, 2018, p. 20). Por isso, pode-se dizer que o funk é um exemplo de virada mercadológica na cultura brasileira, visto que hoje o gênero é uma das principais potências econômicas da música dentro do país.

Voltando ao papel da internet como um importante difusor do funk pelo Brasil e pelo mundo, entende-se que a sua existência provocou uma mudança nos hábitos de consumo e produção da música, e também um rompimento com as mídias tradicionais que sempre foram comandadas por grandes empresários. Isso democratizou a mídia e possibilitou um meio alternativo para o público, que agora também pode ser produtor de conteúdo, afetando a lógica de funcionamento da indústria midiática.

Sobre isso, o editor da Revista Reason, Jesse Walker (2004 citado por Jenkins, 2009) elucida: “Os novos meios não estão substituindo os velhos; estão transformando-os. Devagar, mas de modo perceptível, a velha mídia está se tornando mais rápida, mais transparente, mais interativa – não porque quer, mas porque precisa.” (p. 293). Por esse motivo, observa-se a maneira pela qual a indústria fonográfica vem se transformando, como a própria forma de escutar música e ver videoclipes. Se antes, tínhamos os CDs ou DVDs em seu formato físico, ou até acompanhávamos a exibição de clipes na televisão, hoje nos direcionamos para as plataformas da internet, a fim de termos o contato com os novos lançamentos de determinado artista. Além disso, também podemos desfrutar do acesso de maior parte das músicas do mundo produzidas durante a história da humanidade.

Diante de tudo colocado, observa-se com clareza a possibilidade que a internet e as redes sociais deram ao funk, que conseguiu sair de um lugar estigmatizado enquanto referência à população periférica, e passou a ser difundido pelo Brasil e pelo mundo, podendo ser distribuído sem a necessidade de gravadoras, produtoras, emissoras de televisão ou empresários. A internet também transformou a forma de se organizar e produzir o funk, além de possibilitar que as mulheres funkeiras utilizem o espaço midiático para expressar suas letras e posicionamentos, o que falaremos no próximo subcapítulo.

### **4.3. Do machismo ao funk de empoderamento**

Conhecido como um movimento social de identidade própria, desde o seu surgimento, o funk foi representado maioritariamente por homens, em um ambiente extremamente machista. Anos depois, com a expansão do gênero musical pela periferia, algumas mulheres entraram em cena e começaram a representar o funk, porém, com apelo erótico e sexual em suas letras, o que reforçava os estereótipos machistas e a objetificação do corpo feminino.

Ao olhar para o funk como gênero musical, pode-se analisá-lo pela sua harmonia, melodia e letra, observando, principalmente, como as últimas são construídas a partir de uma contextualização social, que deixa clara as desigualdades existentes entre a favela e o asfalto, e como isso afeta a sociedade. As letras, nada mais são do que o reflexo da própria cultura periférica, que se descola do imaginário aceito e bem visto por parte de um grupo que dita o que é cultura, pois não conhece a realidade da outra parte vulnerável da população. Sobre linguagem, Halliday (2004 citado por Oliveira, 2008), explica:

As experiências humanas são representadas na linguagem através de processos materiais, relacionais, existenciais, comportamentais, mentais e verbais. A escolha de cada processo está relacionada à intenção do falante/escritor. Suas escolhas linguísticas (ainda que ocorram a nível inconsciente) determinam os efeitos de sentido que sua mensagem irá produzir. (p. 9).

Para compreender a mensagem que o funk quer transmitir através das suas letras, é necessário entender a realidade que é difundida pela linguagem, e como ela influencia, determina ou legitima comportamentos na sociedade. Pereira e Almeira (2002 citado por Oliveira, 2006), acreditam que “a realidade é um reflexo das escolhas que fazemos quando produzimos linguagem, ou ainda, que aquilo a que chamamos de realidade se constrói pela linguagem.” (p. 9).

Por isso, pode-se dizer que a linguagem é funcional, pois reflete a intenção do autor ao dizer algo de determinada forma, com alguma intenção. E, além de transmitir o pensamento/sentimento de quem fala ou escreve, a linguagem atua fortemente como uma forma de convencimento do outro. “Ela carrega significados e ideologias conforme seu espaço discursivo de produção.” (Oliveira, 2008, p. 4).

Sendo assim, a observação das letras de funk permite identificar as relações de poder existentes entre homens e mulheres e como as estruturas sociais naturalizam a representação da identidade feminina a partir dos sentidos construídos na sociedade e transmitidos pela linguagem estabelecida, principalmente pela visão que os homens têm das mulheres.

Ao olharmos o histórico das músicas de funk, especialmente dos anos 2000 em diante, percebemos que as letras, em sua grande maioria, enfatizam os papéis que sempre foram determinados historicamente, e se referem a mulher em uma situação de deboche, de promiscuidade, inferioridade ou de submissão em relação ao homem. Nota-se que o homem é quem tem voz e ação nesses textos, enquanto a mulher, embora seja constantemente mencionada, é geralmente o agente passivo em relação ao homem, assumindo o papel de gatinha, de cachorra, de fiel ou de amante, segundo a vontade masculina construída nos textos (Oliveira, 2008).

Já nas músicas cantadas por MCs mulheres, as representações sociais se mantêm, pois ao colocá-la no papel de dona da história, a mulher é vista como promíscua, que assume o sexo livre e o amor sem compromisso. Assim, é possível notar que a linguagem possui formas de continuar disseminando as mesmas relações de gênero e de representação feminina que, ao longo de toda a história da sociedade, vêm determinando, de acordo com os seus atributos biológicos e não sociais, o que é ser um homem e uma mulher (Oliveira, 2008).

Como resposta a esse fato, nos últimos anos, o funk carioca abriu espaço para a fala feminina e suas performances, com uma acentuação no imaginário pop, que passou a construir discursos alternativos se comparados àqueles que inferiorizavam e objetificavam a mulher. A nova geração de mulheres no funk contam com nomes como Anitta, Valesca Popozuda<sup>74</sup>, Ludmilla<sup>75</sup> e etc., que vêm desconstruindo a imagem do

---

<sup>74</sup> Cantora e dançarina brasileira que foi vocalista do grupo feminino Gaiola das Popozudas entre 2000 e 2012, sendo uma das responsáveis pela disseminação do funk carioca no Brasil. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Valesca\\_Popozuda](https://pt.wikipedia.org/wiki/Valesca_Popozuda)

<sup>75</sup> Conhecida inicialmente como MC Beyoncé em homenagem à cantora estadunidense de mesmo nome, Ludmilla começou a fazer sucesso nas redes sociais em 2012, se tornando uma das maiores artistas de funk do país. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ludmilla>

funk machista e ressignificando-o através das suas composições, videoclipes, shows e também do seu engajamento nas plataformas digitais.

Essas artistas trazem a pauta do feminismo e do empoderamento da mulher para dentro do funk, o que se torna relevante para compreender o papel da mulher como agente ativo (antes considerado passivo) no gênero, além de observar como essa transformação no meio musical pode influenciar a sociedade de uma forma geral, por compreender que a música é uma fonte de mudança social.

Em entrevista ao *El País*, a pesquisadora de estudos feministas Carla Rodrigues, professora do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), declara que o direito à liberdade sexual é uma luta histórica do feminismo: “Ao dizer ‘o nosso corpo nos pertence’ as funkeiras estão, anos e anos depois, fazendo ecoar o que as feministas reivindicavam na década de 1970.” Além disso, a pesquisadora também elucida que o surgimento e popularização de mulheres funkeiras numa cultura machista faz parte de um processo de atualização de luta (Novaes, 2015).

Na mesma reportagem, Maíra Kubík, jornalista e professora do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal da Bahia (UFBA), avalia que o fato dessas mulheres estarem ocupando um espaço que era predominantemente masculino, já o qualifica como um grande ato do empoderamento feminino, mas alerta: “é preciso ter cautela ao rotular todo gênero musical como feminista, mas também não se pode desqualificar a importância do funk na propagação do direito à liberdade sexual.” (Novaes, 2015).

Afinal, de que serve uma política de libertação que não inclua e capacite as mulheres? Pergunta respondida por Patti Labelle, cantora e compositora estadunidense, e uma das principais potências femininas do soul, funk, R&B e pop: “*Women are the voice, the visionaries, the ones who can see the link between sexuality and voice and transcendence, who embody the ways that funk music brings body and soul together.*” (Royster, 2013, p. 96). Demonstrando que o discurso feminista no funk já existia desde que o gênero pertencia apenas ao território norte-americano.

No que diz respeito às produções musicais desenvolvidas especificamente por mulheres no Brasil, Barbosa (2016 citado por Nascimento, 2019) identifica “o

fortalecimento de uma cena local com artistas que têm conseguido construir redes de fortalecimento de suas criações/composições bem como de visibilidade a isso.” Assim, a participação de mulheres no espaço do funk assume o discurso de poder, em que através das experiências e interesses em comum, elas passam a reivindicar direitos iguais entre os gêneros, e melhores condições sociais, econômicas e culturais, tornando o funk um lugar de fala e também de luta.

Ao ter voz para fazer as suas próprias músicas, e possibilidade de expressar seus posicionamentos e ideias, as funkeiras vão ultrapassando as barreiras machistas e misóginas no funk e também nas experiências das comunidades onde moram, tornando-se exemplos para outras mulheres. Para Benevento e Pinheiro (2018), ao mesmo tempo em que este movimento social explora um discurso originalmente popular, ele se submete às regras do mercado, conquistando um espaço no campo musical e divulgando novos valores, que vão na contramão da sociedade conservadora, moldada pela moral masculina que enxerga um lugar de inferioridade pré-definido para a mulher.

Sendo assim, na perspectiva do funk cantado pela mulher, é ela quem tem a voz e, por isso, não perpetua a cultura de poder do homem sobre a mulher. Pelo contrário, ela desconstrói essa cultura, invertendo as relações de poder e propondo novas dinâmicas e narrativas dentro do gênero musical.

Apesar dos avanços, ainda é possível ver as representações midiáticas em videoclipes em que o homem assume a esfera pública, apropriando-se de um papel ativo, enquanto a mulher mantém a sua posição passiva e subordinada à figura masculina, ocupando um espaço de atuação figurativa. Segundo Mozdzenski (2012), desde o seu surgimento no início dos anos 1980, e consolidação como um produto cultural de consumo massivo, o videoclipe chamou a atenção de acadêmicos interessados pelo assunto:

As pesquisas à época reiteradamente constatavam a proliferação de papéis estereotipados relacionados aos gêneros sociais, particularmente denegrindo a imagem da mulher ou tratando-a como meros objetos sexuais. Não raro, também eram observados videoclipes que celebravam a violência masculina ou que colocavam as mulheres como simples espectadoras/admiradoras das ações viris alheias. Uma grande parte desses estudos preocupava-se sobretudo com a influência negativa desse imaginário sobre a jovem audiência dos canais televisivos que exibem clipes. (p. 3).

Por outro lado, figuras como Anitta demonstram o contrário, e colocam a mulher como figura central da história, potencializando o discurso feminino no funk e também na mídia. Um exemplo claro disso é o seu videoclipe “*Vai Malandra*”, lançado em 18 de dezembro de 2017, que tornou-se o produto audiovisual brasileiro mais visto em 24 horas no *YouTube*, com mais de 14 milhões de visualizações e 1 milhão de “curtidas” em apenas um dia, além de entrar no Top 20 das 50 canções mais executadas no *Spotify* (Assumpção, 2017), o que indica o interesse de muitas pessoas em consumir o trabalho da cantora.

Sobre o videoclipe musical, Pontes (2003 citado por Mozdzenski, 2012) define:

Diremos que videoclipe é um pequeno filme, um curta-metragem, cuja duração está atrelada (mas não restrita) ao início e fim do som de uma única música. Para ser considerado um videoclipe, este curta-metragem não pode ser jornalístico, não é a simples filmagem da apresentação de um ou mais músicos. Ele é a ilustração, a versão filmada, de uma canção. (p. 14).

Assim, o videoclipe é a junção de vários elementos, como sons, imagens, sentidos, técnicas, entre outros, que tem como objetivo mostrar para o telespectador uma história com começo, meio e fim, por meio de uma sequência de imagens que compõe a produção. Além disso, tem como função comercial vender a canção, ser responsável pela música aos olhos do artista e da gravadora, e também deve vender a imagem do artista, posicionando-o no mercado da música através de todas as articulações e jogos de linguagem que encantam o espectador (Soares, 2009 citado por Mozdzenski, 2012, p. 15).

Sabe-se que, embora haja grandes produções de videoclipe no campo do funk, a facilidade de acesso às técnicas e ferramentas para a produção de um produto não se confina apenas às grandes mídias, gravadoras e artistas. Atualmente, os próprios jovens conseguem criar seus clipes caseiros, colocá-los na internet e torná-los virais, gerando, às vezes, milhões de acessos que não estão na grande indústria fonográfica. Claramente, a qualidade não é a mesma, mas esses jovens conseguem produzir nas suas comunidades e divulgar os seus trabalhos, ultrapassando as barreiras comerciais.

Voltando ao videoclipe “*Vai Malandra*”, é importante explorá-lo e entender alguns pontos relevantes, como a estética do funk na periferia, a diversidade, a crítica

social e política que ele carrega, o papel da mulher enquanto protagonista da história, e também a sua repercussão como produto midiático cultural brasileiro, dentro do país e no exterior.

A música, que teve participações do funkeiro Mc Zaac, do rapper norte-americano Maejor, e produção de Tropkillaz e DJ Yuri Martins, foi o quarto *single* do projeto Check Mate – do qual falaremos no próximo capítulo – realizado por Anitta no ano de 2017. Com uma letra composta por versos em português e inglês, e uma batida do funk carioca misturado aos ritmos do *hip hop*<sup>76</sup> e do *trap*<sup>77</sup>, a cantora buscou elementos de sucesso nas instâncias internacionais, além de conquistar os mercados estadunidense e latino.

Embora a letra da música não transmita outra mensagem além do clima de festa e diversão, segundo Marcelo Sebá, responsável pelo roteiro e direção criativa de “*Vai Malandra*”, o clipe abre espaço para tratar de temas políticos e está cheio de signos: “A gente usa as ferramentas que temos para chamar a atenção para as coisas que são pautas relevantes hoje em dia” comenta em entrevista à Revista Veja (Almeida, 2017).

Anitta vem reclamar o funk como tesouro da cultura brasileira, mostrando um clima de simplicidade, alegria e uma parte da vida nas comunidades cariocas, sem edição de imagem, sem paisagens paradisíacas de cartão postal – geralmente pensados para o mercado internacional –, e sem os retratos de violência que são geralmente narrados pelos veículos de comunicação. “*Vai Malandra*” mostra um lado do Brasil que as elites não buscam ver e nem mostrar para o resto do mundo, como a diversidade, a dança, a beleza e a força de um povo (“Música e vídeo”, n.d.).

No início do vídeo, Anitta pula na garupa de um mototáxi com a placa “ANT 1256”, que faz referência ao número do projeto de lei que pretendia criminalizar o funk enquanto atentado à “saúde pública de crianças, adolescentes e à família”. Embora a

---

<sup>76</sup> É um gênero musical, criado durante a década de 1970 nas comunidades jamaicanas, latinas e afro-americanas da cidade de Nova Iorque. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Hip\\_hop](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hip_hop)

<sup>77</sup> É um subgênero do rap que se originou na década de 2000, no sul dos Estados Unidos, e ganhou popularidade em meados de 2007 com o surgimento de vários grupos de rap. Em 2012, um novo movimento de produtores e Djs de música eletrônica, começou a incorporar elementos da música trap em suas composições, que auxiliou na popularização do estilo. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Trap>

proposta tenha sido rejeitada pelo Senado em setembro de 2017, as mais de vinte mil assinaturas comprovam como o funk ainda é visto de forma preconceituosa no Brasil – o que já abordamos anteriormente. (“Música e vídeo”, n.d.). Dessa forma, percebe-se a intenção que a cantora tem em provocar, articulando as imagens aos signos que eles representam.

De acordo com Sebá, foram contratados sessenta moradores do Vidigal para trabalhar na figuração das cenas, além de espaços como bailes funk e a laje de casas – típicos do local – terem sido retratados, a fim de manter o clima da comunidade na produção. O biquíni de fita isolante, que também faz parte da cultura da periferia e foi usado por Anitta no clipe, foi feito por Érika Bronze, conhecida pelo trabalho com bronzeamento que garante a marquinha perfeita. “Pedimos para a própria Érika convidar as clientes para fazer a figuração em uma das cenas”, comentou o diretor artístico (Almeida, 2017).

Além da participação de moradores do Vidigal, o videoclipe levantou a bandeira da diversidade e contou com a participação de convidados LGBTs. Mas, pode-se dizer que o empoderamento feminino foi a principal pauta da produção, que foi composta por 80% de mulheres do seu elenco. “Achamos importante tratar dos conceitos de sororidade, que a Anitta já está envolvida”, explica Sebá (Almeida, 2017).

Para o site Cultura Genial (2017), a militância de Anitta vai além da aceitação do funk como estilo musical e manifestação da cultura de massas. Engloba também questões presentes nas pautas feministas, como a aceitação do corpo e a representação de corpos reais na cultura popular. A cantora fez questão de mostrar o seu corpo natural em toda a produção, sem nenhum retoque digital, passando uma mensagem empoderadora de autoaceitação e autoconfiança, além de incentivar outras mulheres a se amarem, assim como ela.

Em entrevista, Anitta justificou a escolha de não retocar as suas celulites e disse que ela mesmo tomou essa decisão com a intenção de ser realista: “A mulher real tem celulite, a maioria tem. A estética de “Vai Malandra” é muito verdadeira, mostra uma favela real e com pessoas da comunidade.” (“Polêmicas levantadas”, 2017). Por isso, a cantora fez questão de representar a mulher com vários tipos físicos e etnias,

mostrando a diversidade da beleza, que foge do padrão ditado pelas revistas e pela cultura midiática.

Contudo, o videoclipe gerou alguns debates acerca da objetificação feminina e os estereótipos da sexualização da mulher brasileira, por mostrar várias mulheres de biquínis e roupas curtas, exibindo os seus corpos e dançando de forma sensual ao longo da produção. Anitta respondeu a essas polêmicas, explicando que embora possa incomodar, essa sensualidade existe e é uma realidade para ela e para tantas outras mulheres que se vestem e dançam daquele jeito, merecendo respeito como todas as outras:

A ‘malandra’ do clipe não é objetificada, ela é a dona da história. E ela não é representada apenas por mim, mas por todas as mulheres (...) O clipe expôs a realidade do funk e das favelas cariocas. Se você subir o morro, vai ver tudo isso que mostramos. Nada foi inventado. (“Polêmicas levantadas”, 2017).

Por isso, entender essas práticas sociais, que são tão mutifacetadas e, muitas vezes, inferiorizadas por outras classes, torna-se necessário para a produção de textos que criem novas representações que ressignifiquem as práticas discursivas. Também é questionável, segundo Adriana Facina, da UFRJ, destacar o machismo apenas no funk, quando ele existe em outros gêneros musicais, como o samba, a bossa nova, o rock, entre outros, visto que é a representação de um machismo mais amplo na sociedade (Rocha, 2017).

Vieira (2005 citado por Oliveira, 2008) aponta sobre a necessidade da mudança de discurso: “há que transformar o discurso masculino de opressão em discurso de respeito a uma nova mulher: determinada, forte, que adota um projeto reflexivo de vida que implica responsabilidade pessoal. Cada mulher é aquilo que ela faz de si própria.” (p. 12).

Inclusive, foi a união dos gêneros feminino e masculino, mais recentemente, que deu força ao funk e possibilitou a representação de ambos em momentos de luta contra a desriminalização e críticas da sociedade. Dessa forma, tem sido possível uma retratação da realidade periférica, demonstrando como ela realmente é, através da vestimenta, da dança, da beleza ou de comportamentos específicos, assim como mostrados no videoclipe *“Vai Malandra”*.

#### 4.4. O Grito da Favela

Por ser um movimento cultural que veio das periferias, dos estamentos mais baixos e pobres da nossa sociedade, o funk sempre foi visto de forma ruidosa pelo asfalto. Porém, entende-se que ele assume essa característica, principalmente, por nascer do povo e assim, retratar o cotidiano, as dificuldades e a falta de perspectiva presente nessa parcela marginalizada da população.

Em seu artigo *“Funk e Cultura Popular Carioca”*, Vianna (1990) explica que uma parcela da população considerava o funk condenável, por entre outros motivos, acreditar que o gênero não fazia parte da cultura popular carioca:

Popular aqui significa aquilo que é consumido pelo maior número de pessoas ou, seguindo uma certa tradição intelectual que teve (melhor: tem tido) grande popularidade (no primeiro sentido) no Brasil, aquilo que é autêntico, isto é, produzido pelo povo, para o povo, sem intermediários, com ou sem intenções de “resistência” popular. (p. 244).

Vianna (1990) questiona sobre o que vem a ser a tal “cultura popular carioca” e quem determina o que é autêntico e o que não é, com o objetivo de mostrar que a forma preconceituosa como são percebidas as relações entre a “cultura popular” e a “indústria cultural” impede a compreensão de vários fenômenos de extrema importância, como os hábitos que se desenvolvem na periferia e que têm lugar em nossas sociedades complexas e contemporâneas.

O funk saiu do morro e desceu para o asfalto, não só pelo objetivo musical, mas também como um ato político de levar a voz das periferias e se fazer escutar. Por isso, a autenticidade do gênero se encontra quando ele é feito espontaneamente pela população que vive uma série de problemas e que encontra nesse estilo musical, uma possibilidade de denunciar todas essas dificuldades e condições de vulnerabilidade que enfrentam. Além disso, também combina lazer e reflexões de determinadas situações cotidianas que, de uma maneira talvez indireta, permite a mobilização dessas comunidades para as suas demandas políticas, como o reconhecimento de uma cidadania que muitas vezes é renegada ou que não é acessível.

A vinculação da violência do funk pelas mídias é temerário, pois não se pode responsabilizar um gênero musical por um contexto que, na realidade, é um reflexo da

estrutura social desigual que cria uma permissividade à violência. Ou seja, quando existe uma estrutura social que não estabelece uma educação, a valorização do respeito, e que coloque limite ao corpo do outro, do respeito aos jovens, às mulheres e aos negros, é aberto um espaço para o encontro com a violência que, muitas vezes, é vista como a única saída que muitos jovens encontram dentro das periferias.

Para MC Leonardo, da Associação dos Profissionais e Amigos do Funk (APAFUNK), quando os artistas exploram a violência em suas letras, como nos “proibidões de crime”, em que falam sobre a venda de drogas ou sobre as características de armas, eles apenas estão narrando a realidade que vivem. Por isso, o funk não é criador da violência, e sim canaliza-a. “Todas as culturas populares brasileiras sofreram preconceito, mas poucas sofreram perseguição como o funk”, comenta o MC, que tem a sua fala completada na reportagem pelo antropólogo Hermano Vianna: “Não tenho notícias de uma reação tão violenta contra um novo estilo musical que tenha acontecido em outro lugar do mundo.” (Rocha, 2017).

Segundo o antropólogo, foram muitas as vezes em que ele ouviu relatos de equipamentos de som de bailes serem metralhados pela polícia, como por exemplo, a utilização do Caveirão<sup>78</sup> do BOPE (Batalhão de Operações Especiais)<sup>79</sup> para destruir aparelhagens de sons das festas de funk. Em 2008, com o surgimento das UPPs (Unidade de Polícia Pacificadora) nos morros, uma das consequências foi o fechamento dos bailes de funk. Vianna, que trabalha e pesquisa o funk, explica que proibir o baile nas favelas, acabou aproximando o funk da zona de influência do tráfico, ficando restritos às áreas dominadas por bandidos e, surgindo assim, os “proibidões” que fazem apologia ao crime e às facções. Com isso, houve “uma aproximação forçada entre os dois fenômenos nascentes, em uma ‘mesma realidade’, afirmou o pesquisador (Rocha, 2017).

---

<sup>78</sup> Nome popular do carro blindado usado pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ) em incursões nas áreas de risco, geralmente em favelas. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Caveir%C3%A3o>

<sup>79</sup> Força de operações especiais PMERJ, subordinada diretamente ao Comando de Operações Especiais. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalh%C3%A3o\\_de\\_Opera%C3%A7%C3%A7%C5%85es\\_Policiais\\_Especiais\\_\(PMERJ\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalh%C3%A3o_de_Opera%C3%A7%C3%A7%C5%85es_Policiais_Especiais_(PMERJ))

Esse preconceito contra o funk, na perspectiva de ser visto como música de vagabundos e criminosos, associado à degradação da cultura brasileira, também fez parte de outros movimentos culturais, como o samba, a capoeira e o rap, como falado anteriormente. Coincidentemente ou não, todos esses gêneros musicais têm como origem a cultura afro-brasileira, por isso, pode-se refletir sobre o viés do racismo estrutural, pois a cultura tipicamente negra no Brasil é vista como menos cultura e menos importante.

A integrante da Frente Nacional de Mulheres do Funk, Renata Prado, acredita que a falta de infraestrutura, de políticas públicas e projetos de lei que querem criminalizar o funk, como abordado antes, demonstram a pouca representatividade negra e periférica nesses espaços de poder, que se reflete em números (Borges, 2017). O estudo “Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil”, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2019, mostrou que apenas 24,4% dos deputados federais se autodeclaravam pretos ou pardos nas últimas eleições de 2018, ou seja, 125 dos 513 parlamentares eleitos (Klein, 2019).

Dessa forma, Prado explica:

A criminalização se dá pelo fato da gente não ter pessoas que, de fato, representem a periferia nos espaços de decisões políticas. Temos uma bancada de deputados e vereadores que não cumprem com o que está escrito no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e isso se reflete automaticamente na formação cultural da juventude. (Borges, 2017).

Porém, é importante lembrar que o funk é patrimônio cultural do Rio de Janeiro, por isso, Luiz Fernando Pachedo, advogado e ex-integrante do Conselho Nacional Antidrogas do governo Lula, frisa: “Qualquer tentativa de criminalizar manifestações culturais é expressamente vedada por nossa Constituição Federal que prestigia a igualdade, a dignidade da pessoa humana e a diversidade cultural.” O advogado ainda recorda que a “livre expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença” é assegurado pelo artigo 215 da Constituição Federal, que determina que “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.” (Borges, 2017).

Sendo assim, para além da importância do ponto de vista institucional, o estabelecimento do funk como um movimento cultural, é a consagração de um gênero que já está no imaginário popular como algo relevante, que diz respeito a uma identidade e memória de parte do povo brasileiro, e que gera grande impacto na formação de milhões de jovens do país.

Segundo Bruno Ramos, diretor executivo da Liga do Funk - projeto nascido em 2012 como um espaço de formação política e cultural para os jovens do funk -, dizer que o funk não é cultura e é um problema da comunidade, é falta de conhecimento sobre a realidade das periferias e do gênero musical. Então, as reflexões e os debates que o gênero causam, na verdade, são fruto do sucesso do funk, e lembra: “O movimento Funk está fazendo muito bem o seu papel. Nós somos um movimento de contra-cultura, então a gente está aí para subverter essa lógica mesmo”, complementa Bruno (Borges, 2017).

Em relação a música, pode-se dizer que ela desperta emoções no ser humano, como alegria, tristeza, êxtase ou nostalgia. É uma linguagem universal que está presente desde as primeiras civilizações e que se entende até hoje. Segundo Weigel (1988 citado por Silva, 2018),

Cada um dos aspectos ou elementos da música corresponde a um aspecto humano específico, ao qual mobiliza com exclusividade ou mais intensamente: o ritmo musical induz ao movimento corporal, a melodia, estimula a afetividade; a ordem ou a estrutura musical (na harmonia ou na forma musical) contribui ativamente para a afirmação ou para restauração da ordem mental no homem. (p. 14).

A música e o som, enquanto energia, estimulam o movimento interno e externo do homem (Gainza, 1988) e despertam a sensibilidade humana, demonstrando a importância da sua existência. Para Gardner (1995 citado por Silva, 2018, p. 15), dificilmente alguém que esteve inteiramente associado à musica pode se abster de mencionar suas implicações emocionais, os efeitos e as identificações que ela exerce sobre os indivíduos.

Diante disso, observa-se que as emoções despertadas pelas músicas são o início para a formação dos movimentos sociais, que debatem questões importantes para a sociedade e que mexem com o emocional humano. Assim, o funk se destaca por ser um movimento musical e cultural que busca a liberdade de expressão, o

reconhecimento enquanto cultura e luta contra a sua descriminalização. Vianna (1988 citado por Silva, 2018, p. 20) explica que as manifestações como o funk e o *hip hop* (no Brasil e nos Estados Unidos), e o *punk* (na Inglaterra), têm lutado para se impor no seu devido lugar, sem ter que passar por julgamentos da Indústria Cultural, contribuindo para evidenciar o intenso processo de fragmentação que marca a dinâmica sociocultural contemporânea.

Entende-se que esse processo é contínuo e, como referência sociocultural, podemos falar sobre a cultura de massa e a indústria cultural – abordagens filosóficas da Escola de Frankfurt, fundada em 1924 na Alemanha e representada por Theodor W. Adorno<sup>80</sup> e Max Horkheimer<sup>81</sup>. A Escola de Frankfurt<sup>82</sup> vai dizer que mesmo a cultura e as manifestações artísticas podem ser apropriadas pelo sistema capitalista, a fim de serem transformadas em produtos de consumo, que nada se diferenciam de sapatos ou sabão em pó. Nessa perspectiva, é possível observar uma certa elitização e embranquecimento do funk.

Em relação a isso, Renata Prado sustenta que esse processo de elitização segue um padrão: primeiro a sociedade reprime, depois apropria: “Qualquer manifestação cultural proveniente do povo preto e periférico é reprimida nos seus primeiros anos de existência, depois é inserida nas boates de luxo e passam a ser legitimadas como cultura.” (Borges, 2017).

Outro exemplo claro desse processo de mudança dos valores e padrões do funk, lembrado por Bruno Ramos, é a substituição do “MC”. Sem a sigla, os cantores são mais bem recebidos pela indústria fonográfica com a justificativa de que a exclusão da mesma é mais adequada para a construção da carreira artística: “Quando você sai do sentido mais popular e passa para um sentido pop de estrutura elitista de estética, e substitui o nome do MC para um nome que você acha interessante, isso também é um

---

<sup>80</sup> Foi um filósofo, sociólogo e musicólogo alemão, e um dos maiores críticos da degradação gerada pelo capitalismo em nome das forças que mercantilizam a cultura e as relações sociais. Também foi um dos fundadores da famosa Escola de Frankfurt. <https://www.todamateria.com.br/theodor-adorno/>

<sup>81</sup> Foi um filósofo, sociólogo alemão, autor de uma teoria crítica da sociedade e um dos fundadores da Escola de Frankfurt. <https://www.todamateria.com.br/max-horkheimer/>

<sup>82</sup>Instituição interdisciplinar voltada aos estudos nas áreas de filosofia, sociologia, economia e psicologia. <https://www.todamateria.com.br/theodor-adorno/>

processo de embranquecimento”, explica Bruno (Borges, 2017). Por isso, artistas como Anitta, Ludmilla e tantos outros, retiraram o MC do seu nome artístico, com o objetivo de ultrapassarem algumas barreiras impostas pela indústria cultural.

Em contraponto, essa mesma indústria cultural, que hoje vê o funk como produto e impõe regras ao gênero, não ajudou em nada no fortalecimento e expansão do ritmo nas suas duas primeiras décadas de existência no Brasil. Em entrevista, Hermano Vianna comenta que não conhece outro exemplo tão claro de virada mercadológica na cultura pop contemporânea e salienta sobre os números que o funk produz, que demonstram uma atividade econômica importante e deve ser levado a sério pelo poder público (Bittencourt, 2009).

Uma pesquisa realizada pela FGV (Fundação Getúlio Vargas), em 2008, estimou que só no Rio de Janeiro, o funk era responsável por cerca de 10 mil empregos e um faturamento de R\$ 10 milhões por mês, divididos entre R\$ 7,02 milhões arrecadados nos bailes, R\$ 1,4 milhão ganhados pelos MCs, DJs, vendedores ambulantes e funcionários de equipes de som. E, por fim, os cachês das equipes de som totalizariam R\$ 2,4 milhões (Rocha, 2017).

Assim, muito do dinheiro gerado acaba ficando na própria periferia, o que reflete em oportunidade econômica, explica Bira Carvalho, fotógrafo e morador do Complexo da Maré<sup>83</sup>:

O funk gera uma renda, gera para o gelo, para o rapaz que vende a bebida, que vende a água, gera renda para o salão de beleza, com a questão da unha, do cabelo e também da roupa comprada para os bailes. (Rocha, 2017).

Os próprios MCs, que não despontam nacionalmente e cantam apenas nos bailes, conseguem melhorar a condição de vida. De acordo com o DJ Malboro (2014), em entrevista a Revista Veja, “um MC pode fazer 30 bailes por mês ao cachê de mil reais. Em seis meses, terá condições de montar um negocinho na favela, comprar uma casa e um carro.” (Rocha, 2017).

Em relação à internet, o funk também consegue gerar bastante renda com seus vídeos veiculados na plataforma do *YouTube*, por exemplo. O site de vídeos paga entre

---

<sup>83</sup> Bairro localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro, constituído por um conglomerado de pequenos bairros e favelas, sendo considerado um dos maiores complexos de comunidade da cidade.

US\$ 2 e US\$ 34 dólares, por mil visualizações; US\$ 500 a US\$ 2,5 mil dólares, por 100 mil visualizações; US\$ 2 mil a US\$ 4 mil dólares por um milhão de visualizações (Zaruvni, 2020). Então, o vídeo como o “*Vai Malandra*”, que tem mais de 405 milhões de visualizações, pode ter o rendimento de US\$ 1,6 milhão de dólares ou R\$ 8,6 milhões de reais no câmbio atual (agosto de 2020).

Ainda sobre a internet, além de promover rentabilidade para o funk, também disponibiliza meios para a interação entre os usuários e a influência de artistas sobre o público – tema bastante explorada no capítulo sobre as mídias sociais. Volto a esse assunto por observar a influência que os funkeiros podem ter sobre os seus fãs, que se identificam com as questões sociais, raciais e culturais abordadas pelo gênero nas músicas. Malboro, inclusive, faz um questionamento: “Quantas crianças na favela deixaram de ver o traficante como herói para ver o MC que saiu da favela e fez sucesso?” (“Charme e funk”, 2015). Demonstrando que o funk tem a capacidade de se colocar como um instrumento de paz e transformação social, e que inúmeras pessoas que poderiam ter na criminalidade a oportunidade de ganhar dinheiro, encontram no funk a forma de expressar a sua arte e também de se sustentar financeiramente.

Assim, podemos resumidamente, levantar algumas funções positivas que o funk possui, como dar voz a grupos historicamente inviabilizados, principalmente os moradores das favelas brasileiras que, em sua grande maioria, são negros; garantir que os menos favorecidos tenham seus problemas destacados na sociedade, para que a outra parte da população entenda o que é a criminalidade, a fome, a violência e os abusos policiais sofridos pelos moradores periféricos; buscar continuamente o reconhecimento social dessa população carente; e alimentar uma economia que beneficia a comunidade através do funk.

A partir disso, é possível dizer que o funk provoca um sentimento de pertencimento, visto que quando é imposto a um grupo a realidade da marginalização, em que ele é deixado de lado e esquecido, torna-se difícil para ele se identificar com outros modelos e estéticas do restante da sociedade. Portanto, como consequência, é criado por esse grupo um simbolismo e alguns meios de expressão em que ele se reafirma a partir de um posicionamento de força e resistência.

## 5. O Furacão Anitta

### 5.1. De Honório Gurgel pro Mundo

Larissa de Macedo Machado, mais conhecida como Anitta, viu sua vida e carreira se transformarem em menos de uma década, sendo considerada a maior cantora brasileira da atualidade, por todos os seus sucessos, números e influência. Nascida em março de 1993, no bairro humilde de Honório Gurgel, no subúrbio carioca, Anitta teve contato com a música desde a infância, por influência do avô Pedro Júlio Macedo, que tocava piano, clarinete e saxofone. Aos oito anos, a cantora já cantava no coral da igreja, demonstrando a sua veia artística herdada pelo avô (Izel, 2019).

Seu nome artístico “Anitta”, foi inspirado na minissérie da Rede Globo exibida em 2001, *Presença da Anita*, em que a personagem principal misturava sensualidade, ingenuidade com inteligência e beleza, mostrando que uma mulher pode ter diferentes facetas e gerar interesse para diferentes grupos de pessoas – algo com que a cantora se identificava e tinha como meta: ser várias em uma só (Hotmart, 2018).

Antes da sua carreira de cantora começar e tendo sido influenciada pelo pai, Anitta optou por realizar um curso técnico em Administração, por acreditar que seria mais seguro seguir uma carreira tradicional, ainda que o sonho de ser artista estivesse enraizado nela. Aos 16 anos, finalizou o curso e ingressou na antiga mineradora Vale do Rio Doce, como estagiária, onde permaneceu por um ano. Em paralelo, divulgava alguns vídeos seus cantando e dançando na plataforma do *YouTube* e também realizava alguns shows nos bailes funks do Rio de Janeiro, em que recebia um cachê de R\$ 150,00 a R\$ 300,00 reais. Ao final desse período, questionada se gostaria de continuar na mineradora em um emprego com carteira assinada, Anitta decidiu abrir mão da oportunidade para seguir a carreira de cantora, com o apoio da mãe, Mirian Macedo e, principalmente, do irmão, Renan Machado, que era o seu DJ, produtor e, atualmente, sócio de sua empresa (Central Anitta, 2018).

Um dos vídeos caseiros divulgados pela Anitta em seu canal no *YouTube*, chamou a atenção de um dos produtores da Furacão 2000 – produtora e gravadora

carioca voltada para o funk -, que a convidou para realizar alguns testes e, logo depois, ofereceu um contrato para a cantora. Anitta, que revolucionou as coreografias do funk com a popularização do famoso “quadrado”<sup>84</sup> (Nogueira, 2013), lançou o seu primeiro *single* “Eu vou Ficar”, no final daquele ano, nas rádios do Rio de Janeiro (Maldonado, 2012).

Depois de alguma temporada na Furacão 2000 e alguns sucessos musicais, como a superprodução do videoclipe “Meiga e Abusada”, com a direção de Blake Faber, que já havia trabalhado com Beyoncé, a cantora assinou contrato com a gravadora *Warner Music* para o lançamento do seu primeiro disco “Anitta”, realizado no ano de 2013 (“MC Anitta vai a Barra”, 2013).

Porém, o trabalho que deu visibilidade para a artista no âmbito nacional, foi “Show das Poderosas” - responsável por lhe conferir a designação de poderosa -, que teve mais de 10 milhões de visualizações no *YouTube* no primeiro mês de lançamento, além ter sido a terceira canção mais executada nas rádios do país (“Anitta comemora”, 2013). Anitta também ganhou o disco triplo de ouro e duplo de platina da Associação Brasileira dos Produtores de Discos, e foi a artista que mais se manteve no topo do *ranking* do *iTunes*, que a elegeu a “cantora do ano”, em 2013 (“Quanto Ganha”, n.d.). Nessa época, o cachê de Anitta estava sendo avaliado em R\$ 120 mil reais por apresentação, sendo um dos mais valorizados no Brasil, segundo a coluna Ancelmo Gois, do jornal *O Globo* (“Jornal”, 2013).

O seu primeiro DVD “Meu Lugar”, que estreou em primeiro lugar no *iTunes* Brasil, foi lançado em 2014 (Silva, 2017), juntamente com o segundo álbum “Ritmo Perfeito”, que vendeu mais de 170 mil cópias. O videoclipe “Na Batida” atingiu um milhão de visualizações em menos de 24 horas e a canção chegou a ficar em quarto lugar nas paradas musicais brasileiras (“Novo clipe”, 2014). Na mesma época, a funkeira

---

<sup>84</sup> Anitta é a criadora do famoso passo de dança funk “quadrado”, no qual faz quatro paradas com o bumbum, desenhando no ar o tal “quadrado”. <https://archive.vn/20140402065813/http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/a-formula-poderosa-que-deu-origem-a-anitta#selection-2279.145-2279.284>

de 21 anos foi eleita como um dos “símbolos do Brasil contemporâneo” e a “rainha do pop brasileiro”, pela revista francesa *Paris Match*<sup>85</sup> (Corso, 2014).

Assim, Anitta foi abrindo espaço para a sua versão mais pop, mas sem perder as suas raízes do funk. Em 2015, a cantora lançou o seu terceiro álbum chamado “*Bang*”, com direção artística do designer Giovani Biano – conhecido por seus trabalhos com Madonna -, e vendeu mais de 300 mil cópias, segundo a Revista UBC, da União Brasileira dos Compositores. Além disso, somou mais de 340 milhões de visualizações no *YouTube* com os clipes “*Deixa Ele Sofrer*”, “*Bang*” e “*Essa Mina É Louca*”, em seis meses (“*Poderosa*”, 2016). Hoje, o clipe “*Bang*” soma quase 400 milhões de visualizações na plataforma (Anitta, 2020), é considerado um dos maiores sucessos da cantora e um divisor de águas em sua carreira. Segundo o jornalista Luís Lima:

O saldo final, contudo, é positivo e o mérito é todo dela, já que a cantora-empresária assumiu todo o controle da carreira. Ao flertar com diversos ritmos em *Bang*, ela cumpre com seu objetivo de fazer uma música mais plural e de alcance a diferentes públicos. O resultado é um CD mais eclético e “internacionalizado”, perto de produções de divas mundiais, e que projeta Anitta no alvo principal da cena pop brasileira. (Lima, 2015).

Ainda nesse ano, Anitta alcançou o primeiro lugar do *ranking* do *Spotify* Brasil (Guidorizzi, 2015) e ganhou o prêmio no *EMA (MTV Europe Music Awards)*, sendo a primeira brasileira a vencer a categoria *Worldwide Act: Latin America*, desbancando o cantor argentino Axel, o mexicano Mario Bautista e o colombiano J Balvin, que tornou-se seu parceiro em alguns trabalhos posteriores (“Anitta ganha prêmio no EMA”, 2015).

Em 2016, Anitta demonstrou sua versatilidade ao estrear como apresentadora de TV na terceira temporada do programa “*Música Boa Ao Vivo*”, do canal *Multishow*, que recebe grandes nomes da música brasileira para um encontro, repleto de sucessos, surpresas e parcerias musicais inéditas. A possibilidade de cantar diferentes ritmos e músicas de outros cantores encantava a artista, que já tinha a vontade de gravar com músicos de outros estilos musicais (Tecidio, 2016). Algo que fez logo em seguida, ao ser convidada pelo cantor J Balvin a participar do remix da sua música “*Ginza*”, que mistura ritmos caribenhos e latinos. Além disso, também lançou o single “*Sim ou Não*”, com a

---

<sup>85</sup> Revista francesa de atualidades, de periodicidade semanal, fundada em 1949 e célebre pelo seu lema “*le poids des mots, le choc des photos*”. (“o peso das palavras, o choque das imagens,” em tradução literal) [https://pt.wikipedia.org/wiki/Paris\\_Match](https://pt.wikipedia.org/wiki/Paris_Match)

parceria do cantor colombiano Maluma e direção de Jessy Terrero, que assina produções de Jennifer Lopez, Ricky Martin, Pitbull e 50 Cent (“Anitta participa”, 2016).

No mesmo ano, Anitta participou da Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos, no Rio de Janeiro, ao lado de Caetano Veloso e Gilberto Gil, cantando as músicas “*Isso Aqui É o Que É*” e “*Sandália de Prata*” (“Anitta, Gil e Caetano”, 2016), e também foi convidada para uma participação especial no show de turnê “*Cinema World Tour*”, do tenor italiano Andrea Bocelli, em São Paulo (Castilho, 2016). Em novembro, a cantora finalizou o ano como vencedora da categoria melhor artista brasileiro no *EMA*, premiação musical da MTV europeia (Soares, 2016).

Em 2017, Anitta voltou a explorar o mercado fonográfico, com diferentes estilos musicais, começando pelo sertanejo com a música “*Loka*”, em parceria com a dupla Simone & Simaria. De acordo com Mauro Ferreira, o single apresenta um *mix* de pop *raggaeton* com sertanejo, que favorece tanto a dupla quanto a cantora: “A conexão de Anitta com Simone & Simaria é interessante para a musa carioca do funk pop porque projeta a imagem da cantora no universo sertanejo – o mais rentável e mais amplo mercado musical do Brasil”, explica o jornalista (Ferreira, 2017). A parceria deu tanto certo que ficou em sexta posição na *Billboard Brasil*, foi uma das mais executadas do ano e conta hoje com mais de 677 milhões de visualizações no *Youtube* (Simone e Simaria, 2020).

O seu primeiro sucesso com proporções internacionais, cantado em inglês, foi uma parceria com a *rapper* australiana Iggy Azalea, chamado “*Switch*” e, em paralelo, Anitta também expandiu para o mercado latino, com o lançamento do seu primeiro *single* em espanhol, “*Paradinha*” (Marcela, 2019). A cantora diz ter percebido o potencial da música latina ao viajar pelos países do continente: “Eu já viajava para países latinos há dois anos, para pesquisar sobre a cultura e entendi que era questão de tempo para a música em espanhol ficar muito grande em números”, explicou Anitta, em um evento realizado para a divulgação da música (“Anita sobre ‘Paradinha’”, 2017). Dessa forma, percebe-se um olhar atento da artista em relação ao mercado musical e a escolha de boas estratégias que ela deveria utilizar para alcançar melhores resultados internacionalmente.

No mesmo mês, a cantora volta à cena com sua colaboração na música “*Sua Cara*”, do trio estadunidense Major Lazer, que também contou com a participação da drag Pablo Vittar. O sucesso do videoclipe alcançou o primeiro lugar no *Spotify Brasil* e entrou para o Top 100 mundial, além de ter completado cinco semanas na parada *Hot*

*Dance/Electronic Songs*, da *Billboard*, em 26º lugar (Torres, 2017). O vídeo ainda superou a marca de mais de vinte milhões de visualizações no *Youtube* em apenas 24 horas, tornando-se na época, o quarto videoclipe mais visto na plataforma nas primeiras horas de publicação (“Sua Cara”, 2017).

Apesar de todas as ações focadas no mercado internacional, foi a partir do projeto “*Checkmate*”, realizado com a estratégia de construção e de distribuição de clipes, que Anitta conseguiu a sua projeção no exterior. O projeto, executado de setembro a dezembro de 2017, contou com a realização de quatro videoclipes – lançados um por mês – e com parcerias internacionais em cada um, além do apoio da marca de varejo C&A, que vestiu a cantora com peças disponíveis para venda e também investiu nos videoclipes e divulgação das canções (Askew, 2018). Mostrando assim, a importância do relacionamento com outras marcas que, ao construir um processo de identificação, gera credibilidade, aumenta a atenção do consumidor e a visibilidade de ambas.

No dia 3 de setembro foi lançada a primeira faixa do projeto, “*Will I See You*”. Uma bossa-nova cantada em inglês e produzida pelo norte-americano, Poo Bear. O objetivo da canção era apresentar uma Anitta versátil para um novo público no Brasil, entrando na programação de rádios que tocam MPB, pop contemporâneo, jazz e blues. Como resultado, o *single* entrou no Top 30 das músicas mais tocadas nas rádios do país, e em primeiro lugar na categoria pop. Internacionalmente, ganhou matérias na *Billboard*<sup>86</sup>, no *Idolator*<sup>87</sup> e no *PopCrush*<sup>88</sup> (Torres, 2017).

O segundo sucesso, “*Is That for Me*”, lançado em 13 de outubro, foi também em inglês, mas agora no ritmo eletrônico e em parceria internacional com Alesso, um dos maiores DJs do mundo. O clipe foi gravado na Floresta Amazônica e a expectativa do público era muito alta. No Brasil, foi a segunda música mais tocada nas rádios e, internacionalmente, alcançou o Top 25 na parada *Hot Dance/Electronic* da *Billboard*, o Top 20 de músicas em inglês nas rádios do México, o Top 25 na parada *dance* da Suécia e o Top 100 em Portugal. A cantora ainda deu uma entrevista ao vivo para a *Billboard*, e também concedeu entrevista para a ABC News, em Nova York (Torres, 2017).

---

<sup>86</sup> Revista semanal estadunidense, fundada em 1984, especializada em informações sobre a indústria musical. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Billboard>

<sup>87</sup> Publicação líder da música pop, com notícias, análises e entrevistas dos artistas mais famosos da atualidade. <https://www.idolator.com/?chrome=1>

<sup>88</sup> Publicação digital de notícias divertidas e irreverentes da música pop mundial. <https://popcrush.com/>

Em 20 de novembro foi a vez do espanhol, com o hit “*Downtown*”. Anitta e J. Balvin – sua parceria desta vez –, alcançaram o Top 25 da parada *Hot Latin Songs* da *Billboard* e o Top 50 global do *Spotify*, fazendo de Anitta a primeira cantora brasileira a entrar na lista e também a primeira a somar 1 milhão de execuções diárias na plataforma. O *single* esteve presente até como *outdoor* na Times Square, em Nova York, e entrou em 41º lugar da lista “*Emerging Artists*” da *Billboard* americana. No *YouTube*, o clipe figurou em primeiro lugar no Brasil, e depois dele, os Estados Unidos ficaram em segunda posição entre as nações que mais viram o videoclipe na plataforma, seguidos do México, Portugal, Argentina, Colômbia e Espanha (“*Com ‘Downtown’*”, 2017).

O projeto foi finalizado em 18 de dezembro de 2017, com o “*Checkmate*” chamado “*Vai Malandra*”. No último *single*, Anitta volta às suas raízes brasileiras e ao funk, em parceria com MC Zaac, Maeajor, Tropkillaz e Yuri Martins. A estratégia era justamente conquistar visibilidade entre o público estrangeiro, utilizando-se de parcerias com nomes conhecidos mundialmente e com músicas cantadas em inglês e espanhol, para depois apresentar suas origens no funk e a cultura brasileira ao mundo. O clipe foi gravado na favela do Vidigal, no Rio de Janeiro, e mostra elementos da cultura da região, a exemplo do banho de sol na laje, moto táxi, mini short e muito funk, como falado no capítulo anterior.

Com o último *single*, Anitta alcançou o Top 20 global na plataforma do *Spotify*, se tornando a primeira música em português a conseguir tal feito. No *YouTube*, o clipe de “*Vai Malandra*” se tornou, em dez horas, o melhor lançamento brasileiro da história do site, com 7,8 milhões de visualizações. O clipe gerou um debate sobre o empoderamento feminino, racismo, cultura periférica e desigualdade social, rendendo reportagens no jornal *The Guardian*, na Inglaterra, e no site da revista *Billboard* americana (“*Vai Malandra*”, 2017).

Em 2018, Anitta começa o ano com o lançamento da sua terceira parceria com o cantor colombiano, J Balvin. Entre os versos cantados em espanhol, na música “*Machika*”, ela diz: “A sensação da favela saiu quebrando fronteiras” (Gladiador, 2018). Afirmação que pode ser observada através dos resultados positivos dos seus sucessos, pensados estrategicamente pela cantora. A música, que foi divulgada em *outdoors* na

Time Square, em Nova York, entrou no Top 100 do *iTunes*, nos Estados Unidos, alcançou o 2º lugar na lista de canções latinas na loja digital, e emplacou o Top 10 em dez países, entre Europa e América Latina (Torres, 2018).

Com o idioma espanhol, Anitta também lançou o videoclipe “*Medicina*”, que teve cenas gravadas na Colômbia, Índia, Hong Kong, Estados Unidos e Brasil, e a intenção de transmitir uma mensagem globalizada, mobilizando crianças e jovens de toda parte do mundo para dançarem em seu clipe. “Resolvi fazer com crianças porque elas são o futuro do nosso planeta, misturamos muitas culturas e crianças de várias nacionalidades”, explica a cantora. Sobre os números, o *single* atingiu a marca de dez milhões de visualizações no *YouTube*, em um dia, além de ter conseguido o primeiro lugar no *ranking* brasileiro do *Spotify* e no Top 100 mundial (Rodrigues, 2018). O projeto foi o grande vencedor do prêmio de Melhor Vídeo do *Latin American Music Awards* 2018 (Argemon, 2018).

No âmbito nacional, Anitta teve mais algumas parcerias, como “*Romance com Safadeza*”, de Wesley Safadão, “*Ao Vivo e a Cores*” da dupla Matheus & Kauan, “*Fica Tudo Bem*”, de Silva, e “*Eu Não Vou Embora*”, do DJ Zullu, que também contou com a participação do MC G15 (Anitta, 2020). Todas essas colaborações demonstram a inteligente condução de carreira que a Anitta tem feito, ao fazer *links* com diversos estilos musicais e gerações de cantores.

Em outros projetos artísticos, a cantora também demonstrou suas habilidades em diferentes frentes do entretenimento, ao longo de 2018. Foi apresentadora do programa “*Anitta Entrou no Grupo*”, no canal de televisão *Multishow*; estreou como jurada no programa *The Voice*, no México; lançou o seu desenho animado de fantasia e infantil “*Clube da Anittinha*”, no canal *Gloob* e, por fim, estreou sua série documental “*Vai Anitta*”, na plataforma *Netflix* (Wikipédia, 2020). A última, inclusive, terá a segunda temporada e o seu lançamento será em breve, segundo divulgação da cantora em suas mídias sociais, em agosto de 2020.

Em novembro, a artista anunciou a maior surpresa do ano que foi o lançamento do EP “*Solo*”, com três canções que trazem o ritmo de seus respectivos idiomas. “*Veneno*”, em espanhol, carrega o balanço latino inspirado pelo *raggaeton*; “*Não Perco*

*o Meu Tempo*”, em português, abre espaço para as batidas do funk; e “Goals”, em inglês e com produção de Pharell Williams, é um pop leve e sem grandes variações. De acordo com a revista de música, *Rolling Stone*, apesar das diferentes abordagens sonoras, o trabalho como um todo não soa fragmentado, pois a voz de Anitta faz com que as três músicas se encaixem e formem um EP coeso (“Anitta lança EP”, 2018).

O início de 2019 foi marcado por alguns lançamentos e parcerias, focando no estilo funk, como “Terremoto”, com Kevinho, que ocupou o primeiro lugar no *ranking* do *YouTube*, assim como o topo do *Spotify*, ambos no Brasil (Ortega, 2019). O segundo *single* foi uma colaboração de Anitta, J Balvin e MC Zaac na canção de Tropkillaz. “Bola, Rebola” foi considerado o *hit* do carnaval de 2019 no streaming *Spotify* (“Bola Rebola”, 2019). Por último, a primeira parceria entre Anitta e Ludmilla – as duas cantoras de funk mais populares do Brasil – se deu com a música “Favela Chegou”. A canção é um funk 150 bpm - uma vertente mais acelerada do gênero -, e conta um pouco sobre a vida das funkeiras, que cresceram em periferias, e sobre a ascensão do ritmo carioca pelo país (“Anitta e Ludmilla divulgam clipe”, 2019).

Segundo Anitta, todas as suas músicas são pensadas de acordo com a época, estação do ano, assim como os ritmos que estão em alta no momento (Hotmart, 2018). Dessa forma, o funk entraria como estratégia na época do verão e carnaval brasileiros, visto que é o período em que as pessoas costumam sair e viajar mais.

Em abril, Anitta divulgou o seu álbum audiovisual trilíngue (português, espanhol e inglês) e quarto da carreira, intitulado “Kisses”. No projeto, a cantora mostra novamente a sua versatilidade e diferentes facetas nas dez faixas que compõe o disco, que contou com clipes para todas as músicas. Com algumas parcerias como Ludmilla, Snoop Dog e Caetano Veloso, Anitta consegue explorar estilos musicais que passam pela MPB, Funk, Pop, *Raggaeton*, entre outros. Além disso, também teve sucesso em relação aos números, conquistando a quarta posição de artista feminina mais ouvida no mundo no *Spotify*, no dia do lançamento do álbum. Segundo o perfil *Chart Data* (2019), que divulga os *rankings* musicais no *Twitter*, as músicas da cantora foram executadas mais de 10 milhões de vezes apenas no primeiro dia. Nos Estados Unidos, o disco registrou a segunda melhor estreia latina no período, alcançando o quarto lugar

na parada *Latin Pop Albums*, e o 16º lugar no *Latim Albums*, ambas da *Billboard* (Berenguel, 2019).

Entre algumas das parcerias internacionais do ano, destaca-se o *single* “*Faz Gostoso*”, com Madonna, em seu 14º álbum (*Madame X*), que foi uma regravação do sucesso da luso-brasileira Blaya, que ficou meses em primeiro lugar em Portugal. O funk, que mistura inglês e português, ganhou espaço na crítica internacional, como a revista americana *Variety*<sup>89</sup> que não poupou elogios: “A música é a melhor entre as cinco parcerias do álbum. Anitta oferece um contraponto feminino muito mais interessante para Madonna do que suas colaboradoras anteriores Britney Spears, Nick Minaj e M.I.A”, diz a avaliação. O jornal britânico *The Guardian* também classificou a canção como a mais forte entre os duetos, e o tabloide *The Sun*, também britânico, ressaltou a colaboração como “o momento mais divertido do álbum” (“*Madonna e Anitta*”, 2019).

Anitta se mostrou muito grata em seu perfil no *Instagram* por essa parceria com a Madonna, explicitando a importância da cantora para ela e para todas as mulheres: “Se hoje eu me sinto livre, poderosa e forte para me expressar, expressar minha sexualidade e meu jeito de ser mulher é por causa de sua luta de muitos anos. Sua luta por liberdade mudou milhões e milhões de vida, incluindo a minha. É uma honra fazer parte da sua história incrível de alguma forma”, escreveu Anitta (Anitta, 2019).

O ano também foi marcado pela estreia de Anitta no principal palco do *Rock in Rio*, o Palco Mundo. Ela, que já havia participado da edição de Lisboa em 2018, relembrou a origem funkeira e fez o primeiro show em que o gênero, nascido nos morros do Rio, apareceu com força no Palco Mundo. Segundo Prado (2019), mesmo nas músicas com apelo mais pop, voltado ao mercado internacional, a cantora utilizou passos de dança característicos do funk à frente de um cenário que fez referência às suas primeiras apresentações da carreira, na Furacão 2000. Além da sua performance, a artista ainda fez participação no mesmo dia, no show do Black Eyed Peas, banda com quem lançou a parceria “*Explosion*”.

---

<sup>89</sup> Revista estadunidense semanal, criada em Nova Iorque, em 1905. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Variety>

A cantora também foi indicada ao melhor álbum no *Grammy Latino* (“Anitta concorre a melhor álbum”, 2019) e atuou em dois eventos de futebol: o encerramento da Copa América, ocorrido no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, e a cerimônia de abertura da final da Libertadores da América, em Lima, no Peru, ambas ao lado de outros cantores (Rocha, 2019). Para fechar 2019, Anitta divulgou o seu projeto “*Brasileirinha*”, que consistiu em colaborações com alguns artistas nacionais, com músicas em diferentes ritmos e apenas em português (Ferreira, 2019).

Dentre os lançamentos da cantora em 2020, destacam-se as canções “*Tócame*”, em espanhol, focada no mercado fonográfico latino, o funk “*Desce Pro Play*”, pensado para os fãs brasileiros, e “*Paloma*”, sua primeira canção em italiano. Segundo Anitta, os lançamentos das três músicas fizeram parte de uma estratégia de marketing, com o objetivo de aquecer três mercados fonográficos diferentes: europeu, latino e brasileiro (Barbosa, 2020).

Em uma *live* (vídeo ao vivo) com o *CEO* e *publisher* da Forbes Brasil, Anitta, que é integrante da primeira lista *Under 30* da edição em 2014, e uma das *Mulheres Mais Poderosas do Brasil*, segundo a eleição da revista deste ano, comentou, entre outros assuntos, como tem sido os desafios da sua carreira no contexto da pandemia do novo coronavírus<sup>90</sup>. De acordo com ela, todos os planos tiveram que ser adaptados, inclusive, as estratégias de lançamento do seu novo disco pronto – em inglês e espanhol –, que seria lançado simultaneamente à sua participação no Coachella, principal festival de música dos Estados Unidos (Labatte, 2020).

Anitta também foi uma das convidadas do famoso programa “*The Late Late Show*” com o apresentador James Cordon, onde conversou com o britânico sobre a sua carreira e apresentou o *single* “*Tócame*”. A participação da cantora no *talk show* se tornou um dos assuntos mais comentados na internet, com os fãs fazendo da *hashtag* “#Anittalateteshow” uma das mais populares no *Twitter*, também por ter sido a única brasileira a se apresentar sozinha no programa – ainda que de forma *online*, devido à

---

<sup>90</sup> Ele foi identificado, pela primeira vez, em dezembro de 2019, no mercado de alimentos que vende, ilegalmente, animais selvagens na cidade de Wuhan, capital de Hubei, na China. O fato veio à tona após relatos de diversos casos de pneumonia. <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/04/06/o-que-e-o-novo-coronavirus-e-o-que-ele-esta-causando-no-brasil-e-no-mundo>

pandemia (Manfrenato, 2020). Demonstrando portanto, o sucesso inquestionável que ela tem conquistado nos últimos anos, quebrando barreiras internacionais e fazendo com que a música brasileira e os temas abordados em suas canções, como o feminismo e o empoderamento da mulher, cheguem a mais pessoas no mundo inteiro.

## 5.2. O Show da Poderosa<sup>91</sup>

Desde o início de sua carreira, em 2010, a carioca sempre buscou dar voz às mulheres em suas composições. Antes mesmo de começar a cantar profissionalmente, a então adolescente buscou construir uma personagem com características que refletissem uma mulher forte, livre, empoderada e de personalidade, a fim de criar um produto que estava em falta no mercado fonográfico. Nesse momento, Larissa Machado deu lugar para a personalidade Anitta (Empreende Brazil, 2019).

Observa-se que autenticidade é um valor muito relacionado à cantora, que sempre se posicionou sobre a liberdade da mulher em suas canções, em entrevistas e também em suas mídias sociais. Questionada sobre o que é, afinal, ser poderosa, no início de sua carreira, Anitta respondeu: “Eu acho que ela tem que ter atitude, correr atrás do que quer e se amar do jeito que ela é. Se respeitar, fazer com que os outros a amem e respeitem o jeito que ela é” (“Anitta conta”, 2013).

Sete anos depois, a cantora permanece com o mesmo pensamento e fala sobre as barreiras do preconceito que teve que ultrapassar por ser mulher e vir do funk. Em entrevista ao jornal espanhol *El País*, a funkeira comenta:

Como mulher, tudo é mais difícil para mim. Não podemos fazer o que queremos. Tudo é mais difícil. Tenho minha empresa, meu escritório. Quando comecei minha carreira própria muitas pessoas me disseram que isso não funcionaria. Por quê? Por ser mulher? Por saber dançar? Por que eu posso ser inteligente e dançar bem? (Dias, 2018).

Ela, que se considera feminista, destaca a importância de falar sobre o tema em qualquer lugar do mundo e acredita que o movimento “não é guerra entre os sexos” e sim a igualdade entre eles. (“Anitta fala de feminismo”, 2019). Em entrevista, Anitta

---

<sup>91</sup> Faz referência a música “Show das Poderosas”, de Anitta, lançada em 2013. <https://www.youtube.com/watch?v=FGViL3CYRwg>

comenta que o machismo que existe contra o trabalho dela é reflexo da sociedade em que vivemos:

[Meu comportamento] choca quem é machista. Quem não é, admira. [...] Sou uma mulher de 27 anos com muitas responsabilidades e estrada nas costas. Sou uma empresária, com uma carreira de uma década em que tenho que romper censuras, preconceitos e barreiras diariamente, assim como todas as mulheres. ("Choca o machista", 2019).

A cantora ainda explica que não age pensando em ser um ícone feminista – apesar de ser uma influência do movimento e do empoderamento feminino para várias mulheres:

Minhas atitudes não são pensadas para me converter em um ícone da luta feminista. Meus gestos são espontâneos, é algo que eu acredito de verdade, minha maneira de ser. Canto aquilo que me faz bem. Mas fico feliz por ser uma inspiração para outras mulheres que me veem como uma mulher forte e dona de si. ("Anitta fala de feminismo", 2019).

É possível notar que Anitta é um dos primeiros produtos fabricados no Brasil que se apropriam do discurso "*girl power*" - umas das correntes pós-feministas -, em que ela mantém padrões de feminilidade, como a doçura, a sensualidade, vaidade e beleza, como meios de empoderamento para obter o que quer. Segundo Genz e Brabon (2009 citado por Leal, 2014), o *girl power* faz crítica à ideia de feminilidade como marca da opressão patriarcal:

Se o movimento feminista da segunda onda, na década de 1960, denunciava o uso de artefatos como o salto alto e a maquiagem como formas de dominação, o *girl power* ressignifica esses símbolos, que passam a ser vistos como forma de agenciamento feminino. Essa corrente pós-feminista busca construir sujeitos femininos independentes e confiantes na exibição de sua feminilidade, promove a assertividade feminina e a autonomia no estilo de vida e na sexualidade, bem como a celebração da diversão e da amizade feminina. (p. 116).

Em uma contextualização histórica, o termo *girl power* começou a ser propagado na década de 1990 com a banda inglesa Spice Girls, espalhando-se principalmente no mercado fonográfico do pop, e passou a marcar uma revalorização da feminilidade como um meio de empoderamento feminino, indicando que para ser feminista, não é necessário deixar a beleza da mulher de lado (Leal, 2014). Esse aspecto é ainda muito criticado por feministas conservadoras, que acreditam que ao valorizar os seus atributos físicos, as mulheres estariam exaltando um padrão estabelecido pela

sociedade patriarcal e deixando de lado pautas importantes da luta feminista. Isso se torna problemático, pois ao levantar essas questões, essas feministas vão contra ao que o próprio feminismo prega, que é a liberdade que a mulher possui de fazer o que quiser com o próprio corpo.

Ao ser eleita a “Mulher do Ano” pela edição brasileira da revista GQ, em 2017, Anitta levantou sobre o tema em seu discurso ao receber o prêmio:

Eu vou continuar lutando com a minha música, falando sobre coisas superficiais, dançando, usando roupa curta, falando o que eu faço e aconteço [...] Para que as pessoas entendam que não é uma roupa curta, não é o rebolado, não é o fato de você beijar quantas pessoas você quiser numa noite que vai dizer se você é capaz, se você tem talento, se você sabe cantar ou fazer. (“Anitta manda”, 2017).

Assim, percebe-se que a artista tem conseguido alcançar a fórmula do sucesso a partir da sua ousadia e irreverência, mas principalmente, através das suas composições que empoderam a mulher, enaltecedo as suas qualidades e sem permitir que os homens se apropriem dos discursos de superioridade em relação à mulher. Como reflexo disso, Anitta passa a ser considerada uma referência para um grande público feminino que compartilha das mesmas visões, especialmente as mais jovens que, além de consumirem mais o produto, também estão mais suscetíveis à influências por estarem em fase de formação de opinião.

Desde o início da carreira, Anitta sempre expôs o seu descontentamento com as canções que colocassem as mulheres em um papel submisso, defendendo-as através de letras sobre a força das mulheres, o poder da sedução e outros predicados de quem afirma ter o poder (“MC Anitta vai a Barra”, 2013). Dessa forma, podemos fazer uma breve exposição do conteúdo de algumas letras, a fim de ilustrar quais são os comportamentos femininos recorrentes e como a mulher é empoderada através dessas composições.

No trecho “*Não vou te esperar, tô cheia de opção. Eu não sou mulher de aturar sermão*” da música “*Sua Cara*”, a cantora explicita que acabou-se o tempo em que a mulher esperava o “príncipe encantado”, e hoje ela não perde o tempo aguardando

esse homem perfeito, pois tem outras opções. Além disso, o “sermão”<sup>92</sup> na canção leva a crer que essa mulher empoderada, não aceita o discurso moralizador que existe na sociedade patriarcal e que ela é dona das próprias escolhas.

Na música “*Sim ou Não*”, com a parte “*Vai ser sim ou não. Ou não, ou não ou não (...) Não encosta, não me beija, só me olha, me deseja (...) Eu rebolo, te enlouqueço, bate palma, que eu mereço. Quero ver se você vai aguentar, a noite inteira sem poder me tocar*”, Anitta esclarece que pode dançar e se insinuar, mas isso não dá o direito de nenhum homem tocar na mulher sem a sua permissão – algo recorrente em bares, festas e boates. Inclusive, ela salienta que não é o fato dela rebolar na frente de algum homem que será uma prerrogativa para os dois ficarem, pelo contrário, pode ser um “*sim ou não*” e, provavelmente um “*não*”, de acordo com a repetição da palavra na canção.

A terceira letra escolhida foi “*Bla Bla Bla*”, com o trecho: “*Você achou que não tinha nada a perder. Que eu fosse boba assim pra perceber. Até que seu beijo é bom, mas você se abaixa o tom. Você não manda em mim, o jogo é assim. Eu avisei que não ia mais te dar moral. A fila andou e você foi pro final*”. Nessa parte, a cantora se impõe e se coloca como a dona da história, em que ela tem o poder de escolha e não se submete ao homem.

Portanto, a partir desta breve exibição de algumas composições, foi possível observar a presença do empoderamento da mulher que faz uma ruptura com o comportamento feminino ditado pelo modelo patriarcal. “O empoderamento feminino tem a ver com a questão da construção da autonomia, da capacidade de tomar decisões de peso em relação às nossas vidas, de levá-las a termo e, portanto, de assumir controle sobre nossas vidas.” (Sardenberg, 2006 citado por Freire, 2017, p. 40).

Uma de suas músicas foi responsável pelo seu reconhecimento internacional como mulher empoderada. Em 2018, a cantora foi listada pela revista *Vogue* como uma das 100 pessoas mais influentes e criativas do mundo. Anitta foi escolhida para compor

---

<sup>92</sup> Substantivo masculino. Discurso sobre um tema religioso proferido pelo sacerdote, geralmente durante a missa; pregação, прédica. / Censura fatigante e importuna; repreensão, admoestação. <https://www.dicio.com.br/sermão/>

o ranking por causa do seu “engajamento em prol da positividade em torno do corpo ilustrada pela escolha afirmativa de exibir sua imagem sem retoques no vídeo de ‘Vai Malandra’” (“Anitta e MC Soffia”, 2018).

A partir do videoclipe, muitas mulheres celebraram a atitude da cantora como a definitiva libertação do corpo feminino, atraindo, inclusive, a exposição de artistas que admitiram também possuir celulite. Muitas ainda defenderam que, de acordo com algumas das recentes reivindicações feministas, a postura da Anitta contribuiu com o fim dos enquadramentos a que estão submetidas pela sociedade de consumo (Brandão, 2017).

A cantora mostrou contentamento com a repercussão e comentou: “Fico feliz em saber do impacto positivo que a minha celulite teve nas mulheres. Nós devemos nos unir e parar de julgar os corpos e as escolhas umas das outras.” (Fortuna, 2017). Dessa forma, Anitta se aproxima das mulheres e reforça a sua postura de empoderamento feminino de acordo com a vivência da mulher em sociedade. Mesmo que não se considere um ícone feminista e não levante questões relacionadas aos feminismos acadêmicos, a cantora abre espaços para as discussões sobre o movimento (ainda que sem conhecimento teórico sobre o assunto) em diversas camadas da população, que passam a ter o contato com algumas pautas do feminismo, através das canções da artista e do seu posicionamento nas mídias sociais.

### **5.3. Um Fenômeno das Mídias Sociais**

Desde o início da carreira, Anitta sempre buscou se comunicar com seus fãs através da internet, criando uma relação ativa nas redes sociais. Em 2013, por exemplo, a cantora reunia 300 mil seguidores no *Twitter* e 780 mil no *Instagram* (Levino, 2013), e esses números cresceram exponencialmente nos últimos anos, o que explica a sua excelente relação com as plataformas digitais e também como estas passaram a ocupar um papel de extrema relevância na sociedade. Atualmente, Anitta possui 11,8 milhões de seguidores no *Twitter* (Anitta, 2010), 14,5 milhões no *YouTube* (Anitta, 2011), 15 milhões no *Facebook* (Anitta, 2011) e 49 milhões no *Instagram* (Anitta, 2012), sendo a mulher com mais influência na última plataforma, em terceiro lugar do ranking

brasileiro, atrás apenas dos jogadores de futebol Ronaldinho Gaúcho (Moreira, 2014) e Neymar (Neymar, 2012).

A cantora sabe que para ser relevante no meio digital é necessário o conhecimento profundo a respeito do seu público e o que ele deseja, por isso, vive criando ações de engajamento em suas mídias, além de publicar informações sobre a sua vida pessoal com muita sinceridade e autenticidade. Essas estratégias acabam aproximando-a do seu público e fortalecendo a sua imagem, que está constantemente presente nas mídias.

Como resultado de toda essa relevância, Anitta já se destacou algumas vezes no *ranking Social 50* da revista norte-americana *Billboard*, tendo alcançado o 10º lugar (sua melhor posição) em 2017, logo após o lançamento do clipe “*Vai Malandra*”. A lista mede os artistas mais influentes nas redes sociais do mundo e leva em consideração a movimentação e o engajamento dos usuários nas plataformas digitais através dos comentários, menções, “curtidas”, compartilhamentos e também do crescimento de seguidores (“Anitta entra no ‘Top 10’”, 2017). Além disso, a cantora também ganhou o prêmio *iHeartRadio Music Awards* na categoria *Social Star* (Estrela das Redes Sociais), em 2018 (“Anitta leva prêmio”, 2018).

Com essa presença massiva e altamente influente em todas as mídias, inclusive as tradicionais (televisão, jornal e revista), Anitta atrai investimento de diversas marcas que apostam na cantora como garota propaganda de suas campanhas e ações. Assim, a artista fortalece ainda mais a sua imagem em diferentes nichos (automotivo, tecnologia, cosmético, bebida alcoólica, varejo de roupas, operadora de celular e etc.), atraindo outros públicos para a sua carreira musical. Por isso, observa-se que o ativo publicitário da cantora é quase tão poderoso quanto a sua carreira na música, sendo, inclusive, considerada um case de marketing por muitos – o que a deixa muito feliz, visto que ela é a responsável por toda a estratégia da sua marca.

Segundo Anitta, todos os departamentos da sua empresa lidam diretamente com ela e todas as suas estratégias são pensadas em como a sua carreira está naquele momento e conforme o produto musical vai mudando. Sobre isso, a cantora explicou em uma palestra de empreendedorismo:

Não adianta fazer as mesmas estratégias em todos os lançamentos musicais, até porque ser previsível é algo que a internet não perdoa. Então, se você usa uma estratégia e depois, previsivelmente usa uma igual ou parecida, não vai conseguir resultados maiores. Por isso, estamos sempre pensando em fazer novas estratégias. (Hotmart, 2018).

Vale ressaltar a sua participação recente em temas relacionados à política no Brasil. Apesar da presente dissertação não se relacionar diretamente com o assunto, entende-se que a política engloba qualquer tema importante para a sociedade, inclusive o feminismo. Portanto, o posicionamento político atual da cantora atrai milhões de pessoas que se interessam pelo seu trabalho artístico, e que acabam tomando conhecimento sobre determinadas pautas políticas por causa das suas ações nas redes sociais, refletindo sobre o peso do seu alcance e o potencial de influência que ela exerce na internet.

Em 2018, a cantora foi duramente criticada por ter demorado a se posicionar contra o Bolsonaro, com a *hashtag* *#elenão*<sup>93</sup>, justamente por levantar a bandeira do feminismo e do grupo LGBTIQA+ – alvos de comentários machistas e lgbtfóbicos pelo então candidato à presidência do Brasil. A pressão sobre Anitta foi tamanha que esteve entre os assuntos mais comentados no *Twitter* e respondeu por meio de *post* e *stories*, no *Instagram*, e *tweet*, no *Twitter*, que não votaria em “candidato machista, racista e homofóbico”, porém, explicitando que não era obrigada a abrir o seu voto, enquanto cidadã (“Fãs cobram posicionamento”, 2018).

Após sofrer críticas dos fãs e do público em geral por não se posicionar sobre assuntos políticos, Anitta percebeu a importância de usar a visibilidade que tem para defender diferentes causas. Em entrevista, a cantora comentou:

Não podia mais ficar em cima do muro. Seria incoerente que a personalidade Anitta não tivesse uma posição; Eu não sabia que era necessário tomar partido, ter uma posição. E as pessoas me cobravam muito, inclusive os fãs. Era uma pressão enorme, e isso me fez entender que era importante. (“Anitta sobre nova postura política”, 2020).

Por isso, recentemente e durante o período de isolamento social por causa da pandemia do novo coronavírus, a cantora passou a utilizar suas plataformas digitais –

---

<sup>93</sup> Manifestações lideradas por mulheres em repúdio ao então candidato a presidência do Brasil, Jair Bolsonaro.

principalmente o *Instagram* – para falar sobre política. Ela, que já se posicionava constantemente em relação aos problemas ambientais, começou a fazer *lives* sobre educação política com a sua amiga Gabriela Prioli<sup>94</sup>, comentarista da CNN Brasil<sup>95</sup>.

As *lives* tiveram muita repercussão na internet, somando mais de 12 milhões de visualizações e 35 mil comentários (Anitta, 2012), apenas no *Instagram* da cantora. Lembrando que os vídeos continuam disponíveis em seu perfil e também foram replicados em outros perfis da plataforma, gerando ainda mais alcance e circulando a informação para outros públicos.

Além de política, a artista também tem aberto o espaço do seu *Instagram* para fazer *lives* sobre racismo, meio ambiente e *fake news*, o que tem sido excelente para a sua imagem enquanto formadora de opinião, além de se fortalecer enquanto artista influenciadora ao expandir sua atuação para outros nichos.

Sua participação ativa em assuntos políticos já tem conseguido resultados concretos e pelo menos duas medidas provisórias<sup>96</sup> recuaram no Congresso Federal depois que a cantora se interessou por debater e repercuti-las em suas redes sociais, formando pressão, principalmente por ela ser a brasileira com maior influência no *Instagram* (Romero, 2020).

Por consequência desse engajamento, Anitta foi apontada como a terceira personalidade mais influente na política do Brasil, atrás apenas do *youtuber* Felipe Neto (2º lugar) e do presidente Jair Bolsonaro (1º lugar). Nesse levantamento realizado pela empresa de consultoria e pesquisa *Quaest*, e divulgado pelo Jornal O Globo, o

---

<sup>94</sup> É uma advogada criminalista e professora universitária brasileira, que ficou conhecida nacionalmente por ter integrado o quadro "O Grande Debate", do telejornal CNN Novo Dia, da rede CNN Brasil, atuando como comentarista política. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Gabriela\\_Prioli](https://pt.wikipedia.org/wiki/Gabriela_Prioli)

<sup>95</sup> A CNN Brasil é uma empresa brasileira licenciada da marca CNN, em acordo assinado em janeiro de 2019 com a CNN International Commercial (CNNIC). <https://www.cnnbrasil.com.br/mais/sobre-a-cnn>

<sup>96</sup> Primeiro, houve o envolvimento de Anitta na discussão da emenda apresentada pelo deputado federal Felipe Carreras (PSB) à MP 948/20, que mudava o pagamento do direito autoral no contexto de pandemia. O engajamento foi determinante para que o parlamentar, pressionado, desistisse de seguir com a proposta na Câmara. A live dos dois foi vista, só no perfil da própria Anitta, por cerca de 3,2 milhões de pessoas, reunindo 13,3 mil comentários. Já a segunda, Anitta recebeu numa live o deputado federal Alessandro Molon (PSB) para tratar da MP 910, que teve a votação suspensa, após pressão. A medida provisória, que divide ambientalistas e a bancada do agronegócio na Câmara Federal, queria permitir a regularização de invasão de terras públicas, o que favoreceria o desmatamento ilegal e a grilagem, entre outros efeitos. <https://blogs.ne10.uol.com.br/social1/2020/05/14/interessada-em-politica-anitta-tem-agido-pelo-brasil/>

índice é composto por seis dimensões: presença digital (número de redes sociais ativas); fama (público total nas redes e capacidade de crescimento); engajamento (volume de reações e comentários); mobilização (total de compartilhamentos de conteúdos); valência (proporção de reações positivas por reações negativas no *Facebook* e *YouTube*) e interesse (volume de buscas por informações no *Google*, *YouTube* e *Wikipedia*) (“Anitta se torna”, 2020).

É importante frisar a posição de vulnerabilidade que a artista se coloca durante as *lives* políticas, ao assumir a sua ignorância sobre o tema e se permitir investigá-lo ao vivo, sem receio de julgamentos por não dominar determinado assunto.

Ao dizer que não sabe sobre política, ela representa a voz de milhões de brasileiras e brasileiros que não tiveram, ou não têm, acesso a uma educação emancipadora. E a voz que silencia o não saber de Anitta é a mesma voz que silencia esses milhões e os coloca às margens, dizendo que o protagonismo deve ser restrito àqueles que já têm acesso ao conhecimento. (Luciano, 2020).

Dessa forma, quando a artista usa suas mídias sociais para falar de sua ignorância política enquanto cidadã, ela estimula que outras pessoas se sintam à vontade para expor seus desconhecimentos, contribuindo para a desconstrução do mito de que é feio não saber. Ao popularizar a linguagem, Anitta torna a informação acessível, e o conhecimento elitizado ganha nova forma, quebrando barreiras sociais (Luciano, 2020).

Devemos lembrar que por ela ser uma artista popular e vir do gênero funk, Anitta atinge um público que, muitas vezes, não tem acesso a uma educação básica e, muito menos, tem noções de política. Portanto, ao viabilizar essas informações para essa parte da população e também para àqueles que não se interessam por política por considerá-la de difícil entendimento, a cantora contribui para que cada vez mais pessoas tenham consciência dos seus direitos e deveres enquanto cidadãos.

## 6. Análise

### 6.1. Pré-Análise

Conforme definido no processo metodológico e a fim de alcançar os objetivos propostos por esta dissertação, na exploração inicial do que seria analisado, foram identificadas as publicações no perfil pessoal/comercial da cantora Anitta, no *Instagram*, que se relacionassem direta ou indiretamente aos temas do empoderamento feminino e do funk.

Apesar de Anitta também ter forte influência em outras redes sociais, como o *Twitter*, com 11,8 milhões de seguidores (Anitta, 2010), o *YouTube*, com 14,5 milhões de seguidores (Anitta, 2011), e o *Facebook*, com 15 milhões de seguidores (Anitta, 2011), a plataforma digital escolhida foi o *Instagram* por ser a mídia social onde a cantora possui mais seguidores, somando 49 milhões (Anitta, 2012), e pela sua atuação contínua no aplicativo, utilizando todas as funcionalidades disponíveis e gerando conteúdo, tanto do seu trabalho, como da sua rotina diária, aproximando-a de seus fãs.

Pela primeira vez desde o seu lançamento no Brasil há dez anos, o *Instagram* superou o *Whatsapp* e o *Facebook*, e hoje está presente em 81% dos *smartphones* brasileiros, se tornando o aplicativo mais popular do país (Kaiser, 2020). Trata-se de um aplicativo que pode ser baixado de forma gratuita e possui diversas funcionalidades focadas na edição de imagem e vídeo. Além disso, a plataforma dispõe dos recursos de vídeos ao vivo, vídeos curtos (reels) e longos (IGTV), e o *Instagram Stories*, onde o usuário pode postar vídeos de 10 segundos, que ficam em destaque no perfil por 24 horas.

A escolha do *Instagram* como campo de análise também se estabeleceu pelo fato da plataforma ter como o seu foco principal a construção visual a partir de fotos e vídeos, o que torna a informação mais perceptível e atraente, principalmente para um público de nível sociocultural menos favorecido.

Para a análise desta pesquisa, foram consideradas as publicações (foto ou vídeo) que estimulassem os comentários dos seguidores da cantora e que estivessem relacionados aos temas propostos, tendo sido identificadas 10 postagens relevantes

para a pesquisa. Então, foi realizada uma leitura profunda dessas publicações para que depois fossem analisados os comentários das mesmas, em uma segunda etapa de categorização do material. É importante ressaltar que as publicações selecionadas, assim como os comentários constam na íntegra como anexo a este trabalho, em quadros que estão agrupadas pelas categorias escolhidas.

A técnica utilizada para a análise dos comentários foi a mesma usada nas publicações, em que através da leitura flutuante, proposta por Bardin (1977), foram selecionados os comentários mais relevantes e que se relacionassem aos temas propostos no trabalho, sendo estes reunidos e interpretados posteriormente. Vale destacar que pela impossibilidade de se realizar uma análise de todos os comentários de cada publicação, devido ao número extenso dos mesmos, foi feita uma análise pelo período de uma hora em cada publicação, buscando os mais importantes para a pesquisa.

A seguir, analisaremos as categorias em cada publicação, evidenciando os comentários mais importantes para que se tenha uma leitura mais fluída do trabalho.

## **6.2. Análise e Classificação**

Segundo Gil (2008), essa etapa de análise de dados tem por objetivo organizar os resultados obtidos através do material recolhido para que tenhamos respostas para os problemas levantados pela pesquisa. Então, para a análise deste estudo, aplicamos a técnica de análise de conteúdo, proposta por Bardin (1977), em que separamos os textos em unidades de registros, depois em unidades de contextos, para posteriormente, agruparmos essas unidades de acordo com a sua temática. Destaca-se que as palavras foram analisadas de acordo com o seu significado, mas também pelo sentido atribuído nos comentários.

Primeiramente, buscamos nos comentários, as unidades de registro que se relacionassem com o empoderamento feminino, com o funk e com a forma que a cantora Anitta é vista como referência nesses dois contextos. Então, destacamos as seguintes palavras-chave e suas variações: representatividade, inspiração, motivação, visibilidade, cultura, empoderamento, força, liberdade, corpo, padrão, funk, origem,

luta, coragem, referência, barreiras, favela, admiração, gratidão, diferença, diversidade, verdadeira, mulher, inclusão e celulite.

Em seguida, essas palavras-chave foram separadas e analisadas de acordo com a unidade de contexto que, de acordo com Bardin (1977): “serve para codificar a unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem, cujas dimensões são ótimas para que se possa compreender a significação exata da unidade de registro.” (p. 107). Então, se a unidade de registro é a palavra “celulite”, a unidade de contexto: “*você mostrou não só para o Brasil, e sim para o mundo, que as mulheres não precisam seguir padrões de beleza, onde a pele é lisa, e sem celulites, sem estrias, tudo durinho*”, mostra o significado que a palavra-chave tem na frase que está relacionada ao empoderamento feminino.

Na terceira etapa, a classificação foi realizada a partir da análise temática, em que as palavras-chave foram agrupadas segundo as suas características e significados em comum, e assim, categorizadas de forma não-apriorística. Para Bardin (1977), esse tipo de categorização permite que as categorias surjam ao longo da análise, levando em consideração os objetivos propostos nesta dissertação.

Foram 10 publicações analisadas individualmente e separados 476 comentários, em que as três categorias salientam e comprovam que a Anitta: 1) Representa o “Empoderamento Feminino”; 2) Ressalta a “Representatividade no Funk”; 3) Simboliza um “Modelo de Inspiração e Referência”. É importante frisar que as categorias não são excludentes, pois alguns comentários possuem palavras-chave que estão presentes em mais de uma categoria, como por exemplo: “*Um exemplo de liberdade pra todas nós!*”, que faz parte da primeira e da terceira categoria, pelo fato da Anitta representar a liberdade feminina e também por ser um modelo de referência para as mulheres.

A seguir, traremos as publicações do perfil da cantora juntamente com os quadros das categorias definidas, alguns exemplos dos comentários e a análise dos mesmos.

## 6.3. Análise e Interpretação

### 6.3.1. Publicação do Prêmio Faz Diferença – Jornal O Globo

A primeira publicação, realizada no dia 29 de março de 2018, obteve 67.705 comentários e foram analisados 15 comentários. O texto da publicação refere-se ao prêmio Faz Diferença, do Jornal O Globo, ganhado por Anitta, em que ela explica o significado do prêmio e a emoção por tê-lo recebido.

A escolha dessa publicação se deu pelo fato da importância de receber um prêmio que preza pelo “fazer diferença”, reforçando a ideia de que a cantora tem grande influência na música popular brasileira através das suas músicas que abordam o empoderamento feminino e a cultura do funk. Os comentários foram agrupados de acordo com a sua semelhança, como podemos ver no quadro abaixo, lembrando que todo o material analisado encontra-se em anexo desta dissertação.

**Quadro 1 – Prêmio O Globo Faz Diferença**

<b>Categoria de Comentários:</b>	<b>Palavras-Chave e suas variações:</b>	<b>Comentários analisados:</b>	<b>Número de comentários por categoria</b>
	29 de março de 2018	15	
<b>Empoderamento Feminino</b>	Empoderamento; Mulher; Representa; Coragem	@annaccanuto – Tamanha elegância, charme, poder! Inspiração de empoderamento feminino. @alves.tamis – Tu nos representa tão bem.	6
<b>Representatividade no Funk</b>	Favela; Música; Representa	@benn_feliz – Confesso que não curtia música brasileira, mas graças à você e aos seus álbuns mudei minha cabeça, e me orgulho de ter você representando o Brasil pro mundo	3
<b>Modelo de Referência e Inspiração</b>	Orgulho; Inspiração; Diferença	@annaccanuto – tu é inspiração pra muita gente! Inspiração de empoderamento feminino. @engsaulomendes – Vc faz a diferença pro mundo, pra vida das pessoas, da sociedade, não só do Brasil	6

Fonte: O Autor (2020)

Segundo a análise dos comentários, é possível notar a influência e representação que a cantora possui sobre seus seguidores, tanto de empoderamento feminino, como na música, demonstrando, principalmente o valor de autoridade, defendido por Recuero (2009): “É uma medida da efetiva influência de um ator com relação à sua rede, juntamente com a percepção dos demais atores da reputação dele.” (p. 113).

Dessa forma, comentários como “*inspiração de empoderamento feminino*” e “*confesso que não curtia música brasileira, mas graças a você e aos seus álbuns mudei minha cabeça, e me orgulho de ter você representando o Brasil pro mundo*”, confirmam a influência da cantora como autoridade nos dois contextos apresentados.

### 6.3.2. Publicação da série “*Vai Anitta*”

A segunda publicação é de 16 de novembro de 2018 e fala sobre a estreia da série “*Vai Anitta*”, na Netflix. A postagem possui 15.001 comentários e foram analisados 49 comentários.

Apesar de não estar diretamente relacionado ao tema do feminismo ou do funk, a seleção dessa postagem foi motivada pelo fato da série documental retratar a vida, carreira e projetos da Anitta e, por isso, relevante para analisar os comentários e entender a reação dos seguidores da cantora, e como eles passaram a enxergá-la depois da série.

**Quadro 2 – Série “*Vai Anitta*”**

Categoria de Comentários:	Palavras-Chave e suas variações:	Comentários analisados:	Número de comentários por categoria
	16 de novembro de 2018	49	
<b>Empoderamento Feminino</b>	Mulher; Empoderada; Forte; Luta; Identificar; Barreiras; Transparente	@anarioflor – Vc é transparante, versátil, alegre, mix de coisas que só as mulheres têm e conseguem entender o que sentimos.	14
<b>Representatividade</b>	Funkeira; Favela	@gbfragoso – Funkeira, favela daqui	1

no Funk		pro mundo!	
<b>Modelo de Referência e Inspiração</b>	Inspiração; Obrigada; Admiração; Referência; Motiva; Orgulho; Ajudar	<p><b>@andiealmeidaa</b> – Foi impactante e, principalmente a parte da depressão, que eu também passei por isso e suas músicas me ajudaram em momentos super difíceis.</p> <p><b>@amandha_rabello</b> - @anitta você me motiva a conquistar os meus sonhos, me impulsiona a ser melhor</p>	34

Fonte: O Autor (2020)

Partindo das noções de convergência (Jenkins, 2009) levantadas no capítulo 2, observa-se, primeiramente, que diferentes meios se encontram, visto que a série realizada em outra plataforma, foi amplamente divulgada no perfil social da cantora e possibilitou que muitos de seus seguidores tomassem conhecimento da mesma a partir dessa divulgação no *Instagram*. Além disso, permitiu que os fãs e a Anitta prolongassem o seu envolvimento e sua aproximação, já que através da série, a cantora demonstrou facetas que até então as pessoas não conheciam e, assim, puderam expressar as suas opiniões no ambiente de mídia.

Na análise dos comentários, notou-se comentários relevantes nas três categorias definidas mas, principalmente, na “Modelo de Referência e Inspiração”, em que muitas pessoas se inspiraram pela história e carreira de Anitta, motivando-as a irem atrás dos sonhos e tendo a cantora como referência de sucesso, e de mulher forte e poderosa.

O comentário “*Foi impactante e, principalmente a parte da depressão, que eu também passei por isso e suas músicas me ajudaram em momentos super difíceis*” reflete a influência que as músicas de Anitta – muitas vezes empoderadoras - têm na vida de seus fãs, confirmando o protagonismo dela na cena do funk brasileiro.

### 6.3.3. Publicação de um ano do clipe “Vai Malandra”

A terceira publicação escolhida foi o vídeo do clipe “*Vai Malandra*”, em que Anitta comemora um ano de estreia desse trabalho e o quanto ele foi importante para

a sua carreira. A postagem foi feita no dia 18 de dezembro de 2018, possui 36.361 comentários e foram analisados 61 comentários.

A escolha dessa publicação para análise foi de muita importância para a pesquisa pois, além da explicação dada sobre os efeitos do videoclipe no capítulo 4, “*Vai Malandra*” expõe o funk como manifestação cultural e engloba questões presentes no movimento feminista, como a aceitação do corpo e a representação dos corpos reais, ao não retocar a celulite como uma forma de resistência aos modelos impostos pela sociedade.

Por ter muita influência nas redes sociais e na música brasileira, ao expor o seu corpo sem retoques, Anitta atinge milhões de mulheres no Brasil e no mundo, quebrando estereótipos e empoderando o corpo feminino. Assim, perceber de que forma os seus seguidores enxergaram essa representação da cantora foi necessário para responder o objetivo de entender o impacto que a artista tem no meio digital.

**Quadro 3 – Um ano do clipe “*Vai Malandra*”**

<b>Categoria de Comentários:</b>	<b>Palavras-Chave e suas variações:</b>	<b>Comentários analisados:</b>	<b>Número de comentários por categoria</b>
	18 de dezembro de 2018	61	
<b>Empoderamento Feminino</b>	Celulite; Mulher; Padrão; Representa; Liberdade; Corpo; Verdadeiro; Aceitar; Empoderado; Luta; Força; Fronteiras	<p><b>@fafapaty</b> – Esse clipe é libertador para nós mulheres. Corpo real e verdadeiro.</p> <p><b>@afonsorichard</b> – Você mostrou que podemos ser quem quisermos! Sem medo das nossas origens, nosso corpo</p> <p><b>@amandaamici</b> - o clipe Malandra fez com que a maioria das mulheres aceitassem melhor seus corpos</p>	37
<b>Representatividade no Funk</b>	Verdadeiro; Cenário; Funk; Origens; Representação	<p><b>@iraci_priscilaoficial</b> – você levou o funk aonde ninguém mais levou. Voce é nossa rainha funkeira.</p> <p><b>@fabiofariasdior</b> – Colocou sua origem, seu funk, sua ousadia e mostrou o Brasil do jeito que ele é para o mundo</p>	10
<b>Modelo de Referência e Inspiração</b>	Admiração; Orgulho; Obrigada; Exemplo; Inspiração	<p><b>@cec.illx</b> – me espelho nesse clipe! (...) obrigada por esse HINO!</p> <p><b>@phenix1085</b> - @anitta você é</p>	14

Fonte: O Autor (2020)

Ao apontar que os nossos corpos são como lugares de significar no mundo, Beauvoir (1970) explica que é a partir deles que as mulheres podem resistir e questionar os modelos e estereótipos enraizados, dando outros sentidos dos que foram estabelecidos pelo senso cultural. Assim, a partir da representação do corpo sem retoques da maior cantora do Brasil, as mulheres criaram uma identificação com Anitta, gerando um lugar de significância relacionado ao empoderamento feminino.

Os comentários “*Você mostrou que podemos ser quem quisermos! Sem medo das nossas origens, nosso corpo*” e “*Esse clipe é libertador para nós mulheres. Corpo real e verdadeiro*”, exemplificam o importante papel que a atitude empoderadora da cantora teve sobre suas seguidoras e fãs, inspirando-as a serem felizes com os seus corpos reais, desmistificando o mito do corpo perfeito.

Em relação a representatividade no funk, o comentário “*Colocou sua origem, seu funk, sua ousadia e mostrou o Brasil do jeito que ele é para o mundo*”, comprova o claro respeito que a cantora tem pelas suas raízes, demonstrando a cultura periférica com a sua diversidade, suas características e felicidade. No clipe, Anitta vai contra a lógica das grandes mídias que, geralmente, representam a favela de forma negativa, ressaltando apenas a violência e as suas mazelas.

#### **6.3.4. Publicação da parceria entre Anitta e Madonna**

A quarta publicação, postada em 14 de junho de 2019, é uma parte do áudio da música “*Faz Gostoso*”, realizada em parceria com a Madonna. Na postagem, que teve 21.690 comentários e rendeu 29 comentários analisados, Anitta escreve um texto em inglês agradecendo a oportunidade da parceria e como a Madonna foi inspiração de empoderamento feminino para ela.

A escolha dessa postagem se deu pelo fato de abranger o empoderamento feminino e o funk. No texto, Anitta agradece a Madonna pela referência de luta, força e liberdade para as mulheres, e também a parceria com a cantora no ritmo de funk.

Dessa forma, tornou-se relevante analisar os comentários para perceber como os seguidores reagiram a esse feito na carreira da artista.

**Quadro 4 – Anitta e Madonna**

Categoria de Comentários:	Palavras-Chave e suas variações:	Comentários analisados:	Número de comentários por categoria
	14 de junho de 2019	29	
<b>Empoderamento Feminino</b>	Mulher; Luta; Poderosa; Força; Coragem	@lanacunhalc – um exemplo de mulher, que luta pelo que quer @moneessouza – que orgulho de ser mulher, de ser brasileira, de mexer a bunda!	6
<b>Representatividade no Funk</b>	Funk; Valor; Comunidade;	@marinarojessica – Voce pegou a mulher que inspirou todas as cantoras pop do mundo e colocou ela pra cantar funk em português. @eupablos_ - Ainda pasmo q você conseguiu levar o funk pro mundo	12
<b>Modelo de Referência e Inspiração</b>	Orgulho; Exemplo; Admiração; Inspiração	@debysoliveira – exemplo a ser seguido (...) orgulho de ser brasileira. @tatianaserraoficial – Vc inspira!!!	11

Fonte: O Autor (2020)

Sendo a percepção do outro necessária para a interação humana, observa-se que ao fazer uma parceria com a rainha do pop mundial, que foi uma grande referência de empoderamento feminino pelo mundo, Anitta fortalece as impressões positivas dos seus seguidores sobre ela. Segundo Recuero (2009), a reputação é um valor formado pela percepção construída de alguém pelos outros usuários que estão na rede, assim, foi possível perceber o impacto positivo que essa parceria se deu na carreira da Anitta, através dos comentários analisados.

A partir do comentário *“Que orgulho de ser mulher, de ser brasileira, de mexer a bunda!”*, a seguidora manifesta a sua satisfação em ser mulher, brasileira e poder dançar funk, inspirada pela Anitta e sua relevância no mercado musical ao cantar com Madonna. Já os comentários *“Você pegou a mulher que inspirou todas as cantoras pop do mundo e colocou ela pra cantar funk em português”* e *“Ainda pasmo q você conseguiu levar o funk pro mundo”*, provam a representatividade da Anitta no funk ao

expandi-lo para fora do Brasil, e ser convidada por uma das maiores cantoras do mundo para participar do seu disco em uma música no ritmo de funk.

### 6.3.5. Publicação da Revista GQ – “Mulher do Ano de 2019”

A quinta postagem é uma foto da Anitta na capa da Revista GQ, em que foi considerada pela revista, A Mulher do Ano de 2019. A publicação foi realizada no dia 6 de dezembro de 2019, conta com 6.534 comentários e nela foram analisados 30 comentários.

Pela publicação fazer referência ao prêmio de “Mulher ano de 2019”, concedido pela Revista GQ Brasil e por tudo o que uma mulher que veio do funk representa ao ser capa dessa revista, torna-se relevante a análise dos comentários dessa postagem, a fim de observar, principalmente, a inspiração que a Anitta pode ser para outras mulheres.

**Quadro 5 – Mulher do Ano de 2019 pela Revista GQ**

Categoria de Comentários:	Palavras-Chave e suas variações:	Comentários analisados:	Número de comentários por categoria
	6 de dezembro de 2019	30	
<b>Empoderamento Feminino</b>	Representar; Força; Empoderar; Mulher	<b>@mayrasilmaga</b> – Exemplo para muitas outras mulheres que precisam se empoderar! <b>@sirleyacruz</b> – a sua vitória é de todas nós mulheres brasileira.	10
<b>Representatividade no Funk</b>	Funk	<b>@fpjunior26</b> – Orgulho de ter nascido na era da Rainha do Funk!	1
<b>Modelo de Referência e Inspiração</b>	Orgulho; Exemplo; Admiração; Inspiração;	<b>@riquezadogemerson</b> – Você se tornou um exemplo de motivação para as pessoas. Muitas outras pessoas terão sucesso na vida (não só na música), inspirados em você! <b>@thelifetalesisters</b> – INSPIRAÇÃO PARA TODAS NÓS MULHERES!!	19

Fonte: O Autor (2020)

A análise desses comentários respondem ao objetivo da presente pesquisa de entender o impacto que as ações da cantora podem ter sobre os seus seguidores,

lembrando que ela reúne os valores de autoridade, reputação, popularidade e visibilidade, que são essenciais para o alcance das informações nas redes sociais (Recuero, 2009).

Os comentários “*A sua vitória é de todas nós mulheres brasileiras*” e “*Inspiração para todas nós mulheres*” exemplificam a influência que uma cantora, que tem origem humilde e suas raízes no funk, pode ter sobre suas fãs e seguidoras, que se espelham no modelo de sucesso e empoderamento de Anitta. O comentário “*Orgulho de ter nascido na era da Rainha do Funk*”, confere explícita representatividade da cantora no funk, ao colocá-la no patamar mais importante do gênero musical.

#### **6.3.6. Publicação da Anitta na capa da Forbes Brasil**

A sexta publicação foi realizada no dia 4 de março de 2020, teve 14.579 comentários e foram analisados 68 comentários. Essa é uma postagem em que Anitta está na capa da Revista Forbes, sendo considerada uma das Mulheres mais Poderosas do Brasil.

A legenda dessa publicação reflete os sentimentos e as dificuldades que a Anitta expõe em ser mulher e os desafios que como mulher passou ao longo da carreira, até ser considerada uma das mulheres mais poderosas do Brasil pela revista Forbes. A escolha dessa postagem se deu pela relevância da Anitta ser considerada uma das mulheres mais poderosas do Brasil por uma revista renomada mundialmente, e como a música – uma expressão artística -, pode ser um instrumento de divulgação do empoderamento feminino e também por onde as artistas podem expor seus sentimentos e lutas.

**Quadro 6 – Anitta na capa da Forbes Brasil**

<b>Categoria de Comentários:</b>	<b>Palavras-Chave e suas variações:</b>	<b>Comentários analisados:</b>	<b>Número de comentários por categoria</b>
	4 de março de 2020	68	
<b>Empoderamento Feminino</b>	Representa; Mulher; Força; Luta;	@nane_rio – admiro o seu trabalho e a sua luta pelo direito e	32

	Liberdade; Empoderamento; Coragem; Autêntica; Tabus; Barreiras	empoderamento das mulheres! Orientando que busquem seus direitos e não se calem diante das injustiças <b>@nilzeteccruz</b> – Vc é poderosa mesmo. A liberdade de ser quem você quer ser, sem se importar com o que dizem, aí reside o teu poder. <b>@medeirosrosangela</b> – Poder, força e liberdade. Você significa muito para todas nós.	
<b>Representatividade no Funk</b>	Origens; Funk; Preconceito	<b>@lizaneferreira</b> – mantém e respeita suas origens	3
<b>Modelo de Referência e Inspiração</b>	Admiro; Obrigada; Orgulho; Inspiração; Exemplo;	<b>@mayabittencourt</b> – Lhe admiro demais! Com certeza, você é inspiração para muitas de nós! Sofremos preconceito até pelo simples fato de sermos “mulher”. Orgulho! <b>@drikataborda</b> – És referência em resiliência e poder! Orgulho para muitas mulheres	33

Fonte: O Autor (2020)

As mídias sociais funcionam como um espaço onde as pessoas podem expor as suas opiniões e vivências e, a partir disso, influenciar um número grande de pessoas, especialmente se existe algo relevante a ser dito. Nessa publicação, Anitta confessa as dificuldades que passou por ser mulher e como a sua resistência e empoderamento foram cruciais para o seu desenvolvimento artístico.

O empoderamento feminino se relaciona com a questão da construção de autonomia da mulher sobre a sua própria vida e, a partir disso, se fortalecer individual e coletivamente com o objetivo de mudar a realidade imposta por uma sociedade machista. Assim, foi possível notar, através dos comentários analisados, a referência que a cantora é nesse aspecto para inúmeras seguidoras.

Os comentários “*Admiro o seu trabalho e a sua luta pelo direito e empoderamento das mulheres! Orientando que busquem seus direitos e não se calem diante das injustiças*” e “*Você é poderosa mesmo. A liberdade de ser quem você quer ser, sem se importar com o que dizem, aí reside o teu poder*”, confirmam o impacto que Anitta tem na vida de muitas de suas seguidoras, que veem na cantora um exemplo de

força, luta e liberdade e a qualificam como uma grande representação de poder feminino.

### 6.3.7. Publicação com a Banda Didá

Na sétima análise, Anitta posta uma foto com a Banda Didá, que fez parte do último videoclipe “*Me Gusta*” lançado por ela, e explica um pouco da história do grupo nas línguas portuguesa e inglesa. A publicação foi feita em 17 de setembro de 2020, conta com 3.698 comentários e foram analisados 15 comentários.

Ao longo da carreira, Anitta sempre buscou enaltecer a cultura brasileira e o trabalho de outros artistas do país. Por isso, a escolha dessa publicação se deu pelo fato da cantora ter feito questão de valorizar o trabalho da Banda Didá, composta apenas por mulheres e que fez parte do seu último videoclipe lançado, “*Me Gusta*”.

**Quadro 7 – Banda Didá**

Categoria de Comentários:	Palavras-Chave e suas variações:	Comentários analisados:	Número de comentários por categoria
	17 de setembro de 2020	15	
<b>Empoderamento Feminino</b>	Mulheres; Potência	@laessamota – Continue dando voz para todas as mulheres possíveis!	3
<b>Representatividade no Funk</b>	Representatividade; Cultura; Música; Valorização; Visibilidade	<p><b>@salvadorordinarioo –</b> Extremamente importante essa representatividade e valorização da nossa cultura.</p> <p><b>@ocaiquen.of –</b> Orgulho de você, da sua história, da sua representatividade e da sua importância para a música brasileira.</p>	10
<b>Modelo de Referência e Inspiração</b>	Inspira; Necessária	<p><b>@didabandafeminina –</b> Acreditamos que sua força inspira outras mulheres no mundo a fora.</p>	2

Fonte: O Autor (2020)

Como visto ao longo da pesquisa, verifica-se que a tecnologia dos meios digitais tem possibilitado que a participação das pessoas em rede se amplie e que se promova a visibilidade nos diferentes segmentos sociais, disseminando suas ideias e valores.

Na análise desse material, é possível observar que, além de representar as mulheres com comentários como *“Acreditamos que a sua força inspire outras mulheres no mundo a fora”*, Anitta busca evidenciar a cultura brasileira através do seu trabalho e levá-la para o mundo, como pode ser verificado em: *“Extremamente importante essa representatividade e valorização da nossa cultura”* e *“Orgulho de você, da sua história, da sua representatividade e da sua importância para a música brasileira”*.

Dessa forma, a escolha da cantora como estudo de caso, se justifica por conseguir conectar a representatividade feminista na música e levá-la aos debates e conversas importantes nas plataformas digitais, gerando ainda mais os valores de autoridade, reputação e influência para Anitta (Recuero, 2009).

#### **6.3.8. Publicação em referência aos ritmos brasileiros (funk, pagodão e arrocha)**

Na oitava publicação, Anitta posta um vídeo que mostra a cultura dos três estilos musicais (funk, pagodão e arrocha), que estão presentes na última música lançada por ela, *“Me Gusta”*, e na legenda escrita em inglês, a cantora explica um pouco sobre a origem e exalta as características de cada um. A postagem foi realizada no dia 18 de setembro de 2020, possui 10.747 comentários, sendo analisados 79 comentários.

Para Jenkins (2009), o discurso dos oprimidos ganha espaço e promove grandes mudanças sociais na cultura da convergência. Por isso, a seleção dessa postagem se fundamenta pelo motivo de um desses estilos ser o funk e, além disso, pela valorização que a cantora dá a esses gêneros musicais periféricos – muitas vezes marginalizados pela sociedade -, ao apresentá-los para o mundo.

Quadro 8 – Ritmos Brasileiros (Funk, Pagodão e Arrocha)

Categoria de Comentários:	Palavras-Chave e suas variações:	Comentários analisados:	Número de comentários por categoria
	18 de setembro de 2020	79	
<b>Empoderamento Feminino</b>	Representada; Força, Mulher; Diversidade; Empoderada	@ericaaraujoribeiro4gmail.com_ - sempre representa o poder da mulher brasileira @aryeneseabra – Força de mulher!! Independente e mulher empoderada!!!!!!!!!!!!!!	6
<b>Representatividade no Funk</b>	Funk; Favela; Representatividade; Valorização; Cultura; Música, Raízes; Visibilidade; Identidade	@carlos.mava – Mostrou para o Mundo o Funk carioca. @luna_nara – Valorizando culturas periféricas, que muitas vezes são marginalizados. Isso é arte, é cultura @elicardejuniorde – você é hoje a principal voz brasileira do funk da atualidade para o mundo.	58
<b>Modelo de Referência e Inspiração</b>	Orgulho; Obrigada	@eujuguerreiro – QUE ORGULHO DE SER REPRESENTADA POR VC. @djjkell – Obrigada por levar nossa cultura pro mundo.	15

Fonte: O Autor (2020)

Na análise dos comentários, foi possível notar uma grande representatividade da Anitta no funk e na cultura brasileira e periférica, confirmando a ideia de que ao serem representados pela música, que mobiliza as pessoas através das emoções, os movimentos sociais conseguem ter um grande engajamento de apoiadores, disseminando os seus valores nas redes sociais.

Além de ter comentários de mulheres se sentindo representadas pela Anitta, nessa publicação, o que mais chamou a atenção foi o número de comentários parabenizando a cantora pela iniciativa de exportar os ritmos populares brasileiros, como: *“Mostrou para o Mundo o Funk carioca”*, *“Valorizando culturas periféricas, que muitas vezes não marginalizadas. Isso é arte, é cultura”* e *“Obrigada por levar nossa cultura pro mundo.”*

Ao dar a voz às minorias, Anitta vai ultrapassando as barreiras de uma sociedade conservadora e conquista mais espaços no campo musical, divulgando novos

valores e possibilitando que cada vez mais pessoas expressem seus posicionamentos e ideias.

### 6.3.9. Publicação da estreia da música “Me Gusta” na Billboard Hot 100<sup>97</sup>

A nona publicação é um *printscrean* do perfil da *Billboard Charts* no *Twitter*, em que escreve que a canção “Me Gusta” entrou para o *Hot 100*, rendendo a Anitta a sua primeira entrada na carreira, na principal parada musical dos Estados Unidos. A postagem foi realizada em 29 de setembro de 2020, obteve 4.618 comentários e rendeu 24 comentários para a análise.

Apesar de não ter obtido comentários relevantes para a categoria de empoderamento feminino, a publicação faz referência a primeira vez que a Anitta entra na principal parada dos Estados Unidos, *Hot 100* da *Billboard*, com uma música que tem como um dos seus ritmos o funk. Assim, a seleção dessa postagem foi importante para que se pudesse avaliar de que forma os seguidores da cantora reagiram a esse acontecimento.

Quadro 9 – “Me Gusta” na Billboard Hot 100

Categoria de Comentários:	Palavras-Chave e suas variações:	Comentários analisados:	Número de comentários por categoria
	29 de setembro de 2020	24	
Empoderamento Feminino			0
Representatividade no Funk	Funk; Ritmo; Cultura; Música; Representatividade; Barreiras	@mvlmarcos – Primeira brasileira a DEBUTAR com um funk na Hot100. @anittameutalento – VOCÊ PROMETEU E FEZ O FUNK SER RECONHECIDO. @iambrunodesilva - “Um dia eu prometo que o nosso funk vai ser respeitado” - Anitta. ELA	17

<sup>97</sup> É a tabela musical padrão dos Estados Unidos, que avalia a lista das cem músicas mais vendidas ao longo da semana, publicadas pela revista *Billboard*. É um medidor de popularidade, pois reúne as execuções de faixas nas plataformas de streaming e em cerca de mil estações de rádio no país, além de vendas digitais e físicas. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Billboard\\_Hot\\_100](https://pt.wikipedia.org/wiki/Billboard_Hot_100)

		CONSEGUIU!!!	
<b>Modelo de Referência e Inspiração</b>	Orgulho; Exemplo; Inspiração	@celsojampa – Vc é um exemplo. @doulgasfcandido – você é inspiração	7

Fonte: O Autor (2020)

De acordo com o que foi apresentado no quarto capítulo, a Internet foi e é um espaço essencial para a divulgação, visibilidade e resistência do funk, que busca sair do espaço excludente do qual a sociedade ainda insiste em colocar o gênero musical (Laignier, 2008).

Na análise, observou-se o orgulho e a admiração dos seguidores de Anitta, exaltando o fato dela ter conseguido entrar na *Hot 100* com o funk e por representar a cultura brasileira para o mundo, como verifica-se nos comentários: “*Primeira brasileira a debutar com um funk na Hot100*” e “*Você prometeu e fez o funk ser reconhecido*”.

O fato de Anitta ter alcançado esse patamar na carreira com um funk demonstra a representatividade que ela tem dentro do estilo musical, além de não ter abandonado a sua origem de mulher funkeira e apesar de também cantar outros ritmos.

#### **6.3.10. Publicação da coreografia “Me Gusta”**

A última publicação é um videoclipe realizado pela coreógrafa da Anitta, em que estão presentes dançarinas de variadas raças e diferentes tipos físicos, demonstrando a diversidade feminina e a representatividade da mulher. A postagem foi realizada no dia 29 de setembro, teve 12.779 comentários e foram analisados 106 comentários.

Essa escolha se justifica pelo fato de Anitta reconhecer as pluralidades da mulher no videoclipe realizado pela sua coreógrafa, Arielle. Para Crenshaw (2002), além do gênero, as mulheres são discriminadas por fatores relacionados à suas identidades sociais como a classe, a raça, a etnia e etc., e ter um clipe que representa a mulher com vários tipos físicos e cores, mostrando a diversidade da beleza, que foge do padrão imposto pela cultura midiática, é muito significativo no trabalho de Anitta e reconhecido pelos seus seguidores através dos comentários.

**Quadro 10 – Coreografia de “Me Gusta”**

Categoria de Comentários:	Palavras-Chave e suas variações:	Comentários analisados:	Número de comentários por categoria
	29 de setembro de 2020	106	
<b>Empoderamento Feminino</b>	Verdadeiras; Corpos; Cores; Mulheres; Representatividade; Diversidade; Formas; Inclusão; Empoderamento; Padrões; Forte;	@yanleily – Sempre promovendo inclusão e exaltação da mulher de todas as formas, desejos, posições, cores @rosdradebh – Isso que chamo de representar cada mulher brasileira. @shaynnachrissis – A diversidade feminina se apoiando e se fortalecendo é a melhor coisa que eu vi nesse clipe. Me identifiquei! Mulheres que se apoiam podem realizar muitas coisas. Torcendo pra esse balé romper padrões de pensamentos	97
<b>Representatividade no Funk</b>	Música, Representa; Bandeira	@camy_asyha – você mudou a nossa história na música @wsf85 – Obrigado por levar nossa bandeira para outros lugares. A gente enche a boca pra ELA É NOSSA #madeinbrazil)	3
<b>Modelo de Referência e Inspiração</b>	Obrigada, Admiração; Inspiração	@thais.lebrao – Esse olhar é admirável no trabalho dela. @victoryamairr – obrigada por essa inclusão linda, todas nós, mulheres, agradecemos. @samara_sonhadora - achei bonito, diferente e inspirador!	6

Fonte: O Autor (2020)

Na análise, obteve-se comentários relevantes das três categorias, dando destaque para a do empoderamento feminino, visto que o videoclipe aborda profundamente esse tema. Coruja (2017) explica que as mulheres têm suas próprias necessidades e singularidades, por isso, ao retratar a diversidade feminina, Anitta atinge mulheres que não se sentem representadas pela grande mídia e que encontram no trabalho da artista uma representatividade de corpos reais e belezas autênticas.

Os comentários “*Esse olhar é admirável no trabalho dela*” e “*Obrigada por essa inclusão linda, todas nós, mulheres, agradecemos*”, demonstram a Anitta como referência de representatividade feminina, ao enxergar a mulher de todas as suas formas possíveis.

Já os comentários “*Sempre promovendo inclusão e exaltação da mulher de todas as formas, desejos, posições, cores*” e “*A diversidade feminina se apoia e se fortalecendo é a melhor coisa que eu vi nesse clipe. Me identifiquei! Mulheres que se apoiam podem realizar muitas coisas. Torcendo pra esse balé romper padrões de pensamentos*”, exemplificam a importância de práticas de empoderamento coletivas, como esse videoclipe, para que ocorra uma profunda transformação dos estereótipos açãoados às mulheres, que insistem em padronizar a beleza feminina.

## Considerações Finais

A trajetória desta dissertação cruzou caminhos que encontraram diferentes aspectos nos processos sociais abarcados pela Internet. Buscar autores que auxiliassem a percepção das relações entre o movimento feminista, a música e o seu impacto nas plataformas digitais, foi o foco principal do empenho dedicado até aqui. Acredita-se na relevância em debater sobre as transformações proporcionadas pelo movimento feminista na Internet e como a sua conexão com a música, especificamente o funk, contribui para que se faça uma releitura sobre a condição da mulher em relação ao seu gênero, e a imagem construída de forma padronizada pela sociedade patriarcal.

A partir da elaboração desta pesquisa, foi possível observar as formas com que o empoderamento feminino se difunde e se fortalece no ambiente digital, e as oportunidades que o ciberespaço traz para as manifestações sociais, potencializando o discurso das minorias ao expandi-los de maneira veloz e sem as barreiras existentes no meio *offline*.

Analizar a influência que uma artista tem nas mídias sociais através do empoderamento no funk se tornou um desafio, considerando que há poucos estudos científicos sobre o tema nas Ciências Sociais. Por outro lado, pesquisar sobre o assunto a fim de entender como se estabelecem as relações entre os seguidores/fãs e seu ídolo nas plataformas digitais, se torna fundamental nos dias de hoje, visto que é possível qualificar os valores dessas relações e como elas se tornam essenciais para muitos seguidores que buscam na figura da cantora Anitta, uma inspiração de empoderamento e representatividade no funk.

Os artistas, ao se colocarem nas mídias enquanto formadores de opinião, abrem um conjunto de possibilidades de identificação para os seus seguidores. A Anitta, por exaltar a diversidade do corpo feminino e o empoderamento da mulher em diferentes esferas da sociedade, se aproxima das mulheres ao sair do papel de “endeusada” e mostrar para o mundo as suas imperfeições e autenticidade. Dessa forma, gera importantes debates acerca do movimento e confirma que as ferramentas

fornecidas pelo meio digital se tornam relevantes para a construção de significados e novas relações humanas.

Nesse sentido, pensar sobre representatividade nas redes sociais – tanto de gênero, quanto de estilo musical -, é considerar que muitos dos seguidores da Anitta, enxergam nos posicionamentos e trabalhos da cantora, uma forma de estarem representados no mundo. Além disso, observa-se como os valores sociais construídos em suas plataformas digitais auxiliam o seu crescimento como artista e o fortalecimento dos seus discursos sobre a valorização da mulher e do funk.

O funk feito por mulheres significa o reconhecimento do movimento e a manifestação da liberdade feminina, que quebra estereótipos e enaltece a diversidade da beleza de todas as mulheres. Sobre o gênero musical, talvez não exista no Brasil, nos últimos dez anos, nenhuma expressão cultural tão vibrante, intensa e reveladora quanto o funk, que saiu das favelas e se espalhou pelo país, levando a cultura da população mais renegada da sociedade.

Por isso, tornou-se relevante o aprofundamento do estilo musical ao longo desta pesquisa, com o objetivo de compreender as intensas transformações sociais que o funk proporcionou para as camadas mais vulneráveis da população, levando a alegria, o ritmo tão próprio do gênero e uma identidade que traduz a força de um povo que, apesar de todas as dificuldades, transmite a diversão de se fazer música do povo para o povo, sem filtro, sem edição e minimização dos problemas.

Durante o processo de pesquisa, obteve-se o aprofundamento e ampliação dos conhecimentos nas áreas investigadas, buscando conectar o processo teórico ao empírico, para que se pudesse responder aos objetivos propostos neste estudo. Ao escolher Bardin (1977) enquanto linha metodológica, optou-se por fazer uma análise de conteúdo para que fosse possível compreender como se evidenciam as relações entre fãs e ídolo nas mídias sociais, especificamente, o *Instagram*, fazendo ligações aos fundamentos abordados nos primeiros capítulos.

Sendo o interesse principal desta dissertação compreender como o empoderamento feminino na música pode ser incentivado pelas redes sociais, foi

estabelecida a seguinte problemática de pesquisa: “Como Anitta se apropria das tecnologias digitais para divulgar seu trabalho e influenciar suas seguidores em relação à pautas importantes para o debate feminista na música?”. Tendo em vista respondê-la, foi apresentado como objetivo geral: “compreender de que forma o discurso empoderador está presente nas mídias sociais de Anitta e qual o impacto que o seu posicionamento tem sobre seus seguidores”.

Desse modo, os capítulos teóricos foram necessários para contextualizar a problemática desta dissertação e sustentar o estudo efetuado, centrado no caso de Anitta e sua representação no feminismo e no funk, cujo impacto extraordinário se deve ao poder das mídias sociais.

O problema de pesquisa foi investigado a partir da construção de uma bibliografia sobre os temas identificados e do processo metodológico que orientou a análise do estudo de caso. Foi estabelecido um campo de investigação, no caso o perfil de Anitta na plataforma *Instagram*, e foi elaborada uma grelha para a análise dos comentários às postagens da cantora. A elaboração de categorias e a análise das mesmas, permitiu verificar as percepções do público acionadas ao *Instagram* da Anitta no que se referem ao empoderamento feminino e a representatividade no funk.

De acordo com a análise dos comentários enquadrados pelas categorias definidas, foi possível compreender a influência da cantora no meio digital e como os seus seguidores reagem às suas publicações, explicando o impacto que a cantora tem na divulgação do empoderamento feminino e do funk.

Notou-se que, além dos comentários individuais, como: “*me impulsiona a ser melhor*” e “*me espelho nesse clipe*”, onde os seguidores falam sobre as suas experiências individuais em relação às publicações da Anitta, em muitos comentários, as pessoas se identificam com um coletivo ao expressar: “*tu nos representa tão bem*”, “*libertador para nós mulheres*”, “*a sua vitória é de todas nós brasileiras*” e “*obrigada por levar nossa cultura pro mundo*”.

A partir disso, foi possível perceber a criação de uma identidade coletiva, onde mulheres se reconhecem como parte de um todo, sentindo-se representadas pela

cantora. Inferiu-se então, que o papel de artistas como formadoras de opinião e que são vistas como inspiração para um grande número de mulheres, possibilita a formação de opiniões coletivas que se aproximam dos debates feministas em rede, criando identificação e pertencimento dessas mulheres na sociedade. Além disso, a exaltação da cultura do funk também é muito presente nos comentários, o que demonstra a representatividade da cantora neste aspecto e a importância do reconhecimento do gênero musical como identidade brasileira e patrimônio cultural do país, pertencendo, portanto, a todos os cidadãos.

Além da identificação e inspiração que a cantora suscita, foi possível perceber nos comentários, elogios e considerações acerca da beleza de Anitta, a valorização do seu talento, das suas músicas, premiações e projetos, e também a exaltação do cenário social existente nas favelas, evidenciando as características positivas das comunidades que ganharam espaço nos trabalhos da artista.

Vale ressaltar que a escolha do *Instagram* como campo de análise, contribuiu para a percepção da imagem de Anitta nessa mídia social, visto que a plataforma tem como o seu foco principal a construção visual (fotos e vídeos), potencializando a interação e participação dos seus seguidores que, muitas vezes, se identificam mais com imagens do que com textos. Assim, ao promover a imagem do corpo real feminino, a diversidade da mulher e as características do funk e da favela – nesse caso, aliado ao som -, Anitta quebra barreiras e preconceitos e se aproxima do seu público.

Sobre as hipóteses levantadas no início desta dissertação, foi possível respondê-las a partir das referências teóricas e das análises feitas. A primeira, “é possível afirmar que os conteúdos publicados pela Anitta sobre o feminismo e o empoderamento da mulher favorecem o movimento no meio *online* e *offline*?”, tem como resposta a afirmação, considerando a visibilidade que a cantora tem no *Instagram* - sendo a mulher com mais seguidores do Brasil - e fazendo o uso do seu corpo e imagem como principais meios de expressão e resistência ao modelo padronizado pela cultura midiática, além de reconhecer a autonomia feminina e os direitos das mulheres, que são pautas importantes para o movimento feminista.

Assim, por ter grande influência no meio *online*, Anitta faz com que seu discurso chegue a milhões de mulheres que se identificam com ela e, a partir disso, reforçam ou transformam os seus posicionamentos no meio *offline*. Lembrando que, conforme visto no capítulo 3, os movimentos sociais em rede têm impactos diretos no mundo real.

A segunda hipótese: “Os comentários dos seguidores da Anitta em suas mídias sociais legitimam o discurso feminista que a cantora exerce em suas canções?” também tem resposta afirmativa, como visto na análise dos comentários, em que diversas mulheres exaltam a cantora como inspiração de empoderamento feminino e de respeito à diversidade e beleza da mulher, tendo-a como referência para as suas próprias vidas e reforçando a associação da cantora com o movimento feminista.

Diante do estudo elaborado, comprehende-se que o aprofundamento na temática do movimento feminista nas redes sociais fez-se necessário, pois, apesar de todos os avanços e conquistas das mulheres desde a primeira “onda” do movimento, ainda vivemos em uma sociedade patriarcal onde o machismo continua sendo disseminado e a igualdade entre homem e mulher não é totalmente garantida na sociedade. Dessa forma, torna-se importante que sejam continuadas as pesquisas referentes às mulheres na sua relação com as mídias sociais e na música, pois constata-se um número ainda bem inferior comparado aos estudos que se referem aos homens.

Por fim, verifica-se a possível realização de pesquisas futuras que abarquem os temas abordados nesta dissertação a partir de outras perspectivas, pois acredita-se que novos estudos serão importantes para endossar a discussão.

Esta dissertação nos leva a concluir, portanto, que o ciberespaço se tornou o grande palco de expressões e de compartilhamento de opiniões da atualidade, dando oportunidade para que os movimentos sociais se potencializem em diferentes setores, como na música, capacitando a construção de discursos alternativos que promovam a equidade nas relações de gênero.

## Referências Bibliográficas

Abreu, C. (2017). Narrativas Digifeministas: Arte, Ativismo, E Posicionamentos Políticos na Internet. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica*, 2(4), p. 134-152.

Recuperado de: <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/3603>

Almeida, L. (2017). Anitta em 'Vai Malandra': política, sororidade e Swarovski. *Revista Veja* (2017.12.18). Recuperado em 25 de agosto de 2020 de:

<https://veja.abril.com.br/blog/veja-gente/anitta-em-vai-malandra-politica-sororidade-e-swarovski/>

Alonso, M. (2017, maio). *Sugestão n. 17, 2017. Criminalização do funk como crime de saúde pública a criança aos adolescentes e a família*. Portal E-Cidadania, Brasília.

Recuperado em 19 de agosto de 2020 de:

<https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaoideia?id=65513>

Alves, B. & Pitanguy, J. (1985). *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense.

Anitta [@anitta] (2010). *Número de seguidores*. [Twitter]. Recuperado em 21 de setembro de 2020 de:

[https://twitter.com/Anitta?ref\\_src=twsr%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor](https://twitter.com/Anitta?ref_src=twsr%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor)

Anitta (2011). *Número de inscritos*. [Youtube]. Recuperado em 21 de setembro de 2020 de: [https://www.youtube.com/channel/UCqjyPUghDSSKFBABM\\_CXMw](https://www.youtube.com/channel/UCqjyPUghDSSKFBABM_CXMw)

Anitta (2011). *Número de seguidores*. [Facebook]. Recuperado em 21 de setembro de 2020 de: <https://www.facebook.com/AnittaOficial/>

Anitta [@anitta] (2012). *Número de seguidores*. [Instagram]. Recuperado em 21 de setembro de 2020 de: <https://www.instagram.com/anitta/?hl=pt-br>

Anitta [@anitta] (2012). *Compilado de Lives sobre Política*. [IGTV]. [Instagram]. Recuperado em 21 de setembro de 2020 de:

<https://www.instagram.com/anitta/channel/?hl=pt-br>

Anitta (2015). *Anitta – Bang (Clipe Oficial)*. [Youtube] (2015.10.29). Recuperado em 21 de setembro de 2020 de: [https://www.youtube.com/watch?v=UGov-KH7hkM&list=OLAK5uy\\_kgnJKMOSP4MOw3npuDZrPJb-cKvo8qAqk&index=2](https://www.youtube.com/watch?v=UGov-KH7hkM&list=OLAK5uy_kgnJKMOSP4MOw3npuDZrPJb-cKvo8qAqk&index=2)

Anitta [@anitta] (2019). *All I wanna say today is THANK YOU*. [Publicação com Foto]. [Instagram] (2019.06.14). Recuperado em 04 de outubro de 2020 de:

<https://www.instagram.com/p/ByrVJxRnef1/>

Anitta comemora os 10 milhões de visualizações de 'Show das poderosas': 'Amo muito'. (2013). *Jornal Extra* (2013.05.30). Recuperado em 01 de setembro de 2020 de: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/musica/anitta-comemora-os-10-milhoes-de-visualizacoes-de-show-das-poderosas-amo-muito-8545131.html>

Anitta conta como é ser poderosa. (2013). *Revista Veja* (2013.07.19). Recuperado em 07 de setembro de 2020 de: <https://veja.abril.com.br/videos/arquivo/anitta-conta-como-e-ser-poderosa/>

Anitta participa de clipe do colombiano J. Balvin. Assista. (2016). *Revista Veja* (2016.02.26). Recuperado em 01 de setembro de 2020 de: <https://veja.abril.com.br/cultura/anitta-participa-de-clipe-do-colombiano-j-balvin-assista/>

Anitta ganha prêmio no EMA e se torna a primeira brasileira a vencer. (2015). *Jornal Correio Braziliense* (2015.10.26). Recuperado em 01 de setembro de 2020 de: [https://www.correobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2015/10/26/interna\\_diversao\\_arte,503856/anitta-ganha-premio-ema-2015-na-categoria-u201cworldwide-act-latin-a.shtml](https://www.correobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2015/10/26/interna_diversao_arte,503856/anitta-ganha-premio-ema-2015-na-categoria-u201cworldwide-act-latin-a.shtml)

Anitta, Gil e Caetano brilham na abertura da Olimpíada. (2016). *Revista Veja*, (2016.08.06). Recuperado em 01 de setembro de 2020 de: <https://veja.abril.com.br/cultura/anitta-gil-e-caetano-brilham-na-abertura-da-olimpiada/>

Anitta sobre 'Paradinha' e a carreira internacional: 'Nível raro'. (2017). *Revista Veja* (2017.06.01). Recuperado em 02 de setembro de 2020 de: <https://veja.abril.com.br/cultura/anitta-se-elogia-nunca-chegaram-a-esse-nivel-no-brasil/>

Anitta manda recado após ganhar prêmio de "Mulher do Ano". (2017). *Veja São Paulo* (2017.12.01). Recuperado em 11 de setembro de 2020 de: <https://vejasp.abril.com.br/blog/pop/anitta-responde-criticos/>

Anitta entra no 'top 10' de artistas mais comentados em redes sociais no mundo, diz revista 'Billboard'. (2017) *Globo.com* (2017.12.27). Recuperado em 07 de setembro de 2020 de: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/anitta-entra-no-top-10-de-artistas-mais-comentados-em-redes-sociais-no-mundo-diz-revista-billboard.ghtml>

Anitta e Mc Soffia representam o Brasil em lista da Vogue das pessoas mais influentes e criativas do mundo. (2018). *MTV* (2018.02.28). Recuperado em 14 de setembro de 2020 de: <https://www.mtv.com.br/noticias/kcdnfp/anitta-e-mc-soffia-representam-o-brasil-em-lista-da-vogue-das-pessoas-mais-influentes-e-criativas-do-mundo>

Anitta leva prêmio no iHeartRadio Music Awards 2018; veja lista completa de ganhadores. (2018). *Globo.com* (2018.03.12). Recuperado em 16 de setembro de 2020 de: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/anitta-leva-premio-no-iheartradio-music-awards-2018-veja-lista-completa-de-ganhadores.ghtml>

Anitta lança EP com três faixas, cada uma em um idioma; ouça Solo. (2018). *Rolling Stone* (2018.11.09). Recuperado em 03 de setembro de 2020 de: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/anitta-lanca-ep-com-tres-faixas-cada-uma-em-um-idioma-ouca-solo/>

Anitta e Ludmilla divulgam clipe de 'Favela Chegou'. (2019). *Jornal A Tribuna* (2019.03.01). Recuperado em 03 de setembro de 2020 de: <https://wwwatribuna.com.br/variedades/popart/anitta-e-ludmilla-divulgam-video-clipe-de-favela-chegou-1.14714>

Anitta fala de feminismo e parceria com Madonna: "Ela é uma pioneira". (2019). *Universa* (2019.09.02). Recuperado em 06 de setembro de 2020 de: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/09/02/capa-de-revista-espanhola-anitta-fala-de-feminismo-e-parceria-com-madonna.htm>

Anitta concorre a melhor álbum no Grammy Latino 'Indicação me deu força para seguir em frente'. (2019). *Globo.com* (2019.09.24). Recuperado em 04 de setembro de 2020 de: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/rock-in-rio/2019/noticia/2019/09/24/anitta-concorre-a-melhor-album-no-grammy-latino-indicacao-me-deu-forca-para-seguir-em-frente.ghtml>

Anitta se torna a 3ª personalidade com maior influência política no país. (2020). *Jornal Gazeta Brasil* (2020.06.03). Recuperado em 07 de setembro de 2020 de: <https://gazetabrasil.com.br/entretenimento/anitta-se-torna-a-3a-personalidade-com-maior-influencia-politica-no-pais/>

Anitta sobre nova postura política: "Não podia mais ficar em cima do muro". (2020). *Jornal Correio Braziliense* (2020.06.05). Recuperado em 07 de setembro de 2020 de: [https://www.correobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2020/06/05/interna\\_diversao\\_arte,861451/anitta-sobre-nova-postura-politica-nao-podia-mais-ficar-em-cima-do-m.shtml](https://www.correobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2020/06/05/interna_diversao_arte,861451/anitta-sobre-nova-postura-politica-nao-podia-mais-ficar-em-cima-do-m.shtml)

Araújo, J. (2016). *Feminismo Digital em Blogueiras Feministas (2010-2015)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural, Campinas, SP, Brasil. Recuperado de:

[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/321219/1/Araujo\\_JaquelineGoncalves\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/321219/1/Araujo_JaquelineGoncalves_M.pdf)

Argemon, R. (2018). Com ‘Medicina, Anitta brilha no Latin American Music Awards 2018. *HuffPost Brasil* (2018.10.26). Recuperado em 03 de setembro de 2020 de: [https://www.huffpostbrasil.com/2018/10/26/com-medicina-anitta-brilha-no-latin-american-music-awards-2018\\_a\\_23572431/](https://www.huffpostbrasil.com/2018/10/26/com-medicina-anitta-brilha-no-latin-american-music-awards-2018_a_23572431/)

Askew, C. (2018). *Vai Anitta*. Netflix.

Assumpção, G. (2017). Anitta quebra recordes com apenas 24 horas de “Vai Malandra”. Veja números! *PureBreak* (2017.12.19). Recuperado em 25 de agosto de 2020 de: <https://www.purebreak.com.br/noticias/anitta-quebra-recordes-com-apenas-24-horas-de-vai-malandra-veja-numeros/66376>

Bairros, L. (1995). Nossos Feminismos Revisitados. *Revista Estudos Feministas da Universidade Federal de Santa Catarina*, 3(2), p. 458-463, 2º sem. Recuperado de: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16462/15034>

Barbosa, K. (2018, julho). Representação e artivismos musicais1 de gênero: os espaços ocupados pelo ativismo da mulher na cena de música nacional. *Trama: Indústria Criativa em Revista. Dossiê Gênero e Indústria Criativa: produção, representação e consumo*, Ano 4, 6(1). Recuperado de: <http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/trama/article/view/5588/005>

Barbosa, L. (2020). Anitta revela estratégia de marketing de seus últimos lançamentos. *Observatório de Música* (2020.07.04). Recuperado em 07 de setembro de 2020 de: <https://observatoriodemusica.uol.com.br/noticia/anitta-revela-estrategia-de-marketing-de-seus-ultimos-lancamentos>

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bastos, H. (2010). *Ciberjornalistas em Portugal: práticas, papéis e ética*. Lisboa: Livros Horizonte

Beauvoir, S. (1967). *O Segundo Sexo. A Experiência Vivida*. (2a ed., Vol.1-2) (S. Milliet, trad.). São Paulo: Difusão Europeia do Livro. (Obra original publicada em 1949)

Beauvoir, S. (1970). *O Segundo Sexo. Fatos e Mitos*. (4a ed.) (S. Milliet, trad.). São Paulo: Difusão Europeia do Livro. (Obra original publicada em 1949)

Benevento, C. & Pinheiro, L. (2018, junho). Mulher, feminismo e funk carioca. *Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales*. Recuperado de: <https://www.eumed.net/rev/cccsl/2018/06/mulher-feminismo.html>

Berenguel, F. (2019). “Kisses” de Anitta estreia nas paradas dos Estados Unidos e Espanha. *Observatório de Música* (2019.04.16). Recuperado em 03 de setembro de 2020 de: <https://observatoriodemusica.uol.com.br/noticia/kisses-anitta-paradas-eua-espanha>

Bezerra, M. (2018). *Think Olga: Interseccionalidade, Comunicação Midiática no Facebook e Apropriação da Identificação de Gênero no Sujeito do Feminismo*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, Natal, RN, Brasil. Recuperado de: [https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/25545/1/MarianaLemosDeMoriaBezerra\\_DISSSERT.pdf](https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/25545/1/MarianaLemosDeMoriaBezerra_DISSSERT.pdf)

Bittencourt, B. (2009). Funk movimenta R\$ 10 milhões por mês só no Rio de Janeiro, diz estudo. *Jornal Folha de São Paulo* (2009.01.20). Recuperado em 17 de agosto de 2020 de: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2009/01/492067-funk-movimenta-r-10-milhoes-por-mes-so-no-rio-de-janeiro-diz-estudo.shtml>

'Bola Rebola', de Anitta, foi o hit do Carnaval 2019 no Spotify. (2019). *Jornal O Tempo* (2019.03.07). Recuperado em 03 de setembro de 2020 de: <https://www.otempo.com.br/diversao/bola-rebola-de-anitta-foi-o-hit-do-carnaval-2019-no-spotify-1.2146335>

Borges, P. (2017). Na batida da lei: Por que querem criminalizar o Funk? *Alma Preta – Jornalismo Preto e Livre* (2017.08.23). Recuperado em 27 de agosto de 2020 de: <https://www.almapreta.com/editorias/da-ponte-pra-ca/na-batida-da-lei-por-que-querem-criminalizar-o-funk>

Brandão, L. (2017). Celulite de Anitta gera debate sobre corpo real. *Jornal O Globo* (2017.12.23). Recuperado em 14 de setembro de 2020 de: <https://oglobo.globo.com/cultura/celulite-de-anitta-gera-debate-sobre-corpo-real-22223368>

Butler, J. (2003). *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. (R. Aguiar, trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Obra original publicada em 1990).

Camargo, I., Estavanim, M., Silveira, S. (2017). Cultura participativa e convergente: o cenário que favorece o nascimento dos influenciadores digitais. *Revista Communicare, 17(Edição Especial)*, p. 96-118. Recuperado de: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2017/09/Artigo-5-Communicare-17-Edi%C3%A7%C3%A7%C3%A3o-Especial.pdf>

Castells, M. (2003). *A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade*. (M. Borges, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

Castells, M. (2013). *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. (C. Medeiros, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

Castilho, L. (2016). Vaiada, Anitta dá a melhor resposta em show com Andrea Bocelli. *M de Mulher* (2016.10.13). Recuperado em 01 de setembro de 2020 de:  
<https://mdemulher.abril.com.br/famosos-e-tv/vaiada-anitta-da-a-melhor-resposta-aos-haters-em-show-com-andrea-bocelli/>

Central Anitta (2018). *Anitta na Brazil Conference at Harvard & MIT*. [Youtube] (2018.04.06). Recuperado em 21 de setembro de 2020 de:  
<https://www.youtube.com/watch?v=viZBHhscEHg&t=1926s>

Chagas, I. (2018). Como o funk surgiu no Brasil e quais são as suas principais polêmicas? *Politize* (2018.08.03). Recuperado em 19 de agosto de 2020 de:  
<https://www.politize.com.br/funk-no-brasil-e-polemicas/#toggle-id-1>

Charme e funk nasceram nas favelas cariocas e ganharam as pistas do país. (2015). *Globo.com* (2015.02.27). Recuperado em 17 de agosto de 2020 de:  
<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2015/02/charme-e-funk-nasceram-nas-favelas-cariocas-e-ganharam-pistas-do-pais.html>

Chart Data [@chartdata]. *Most streamed female artists on global Spotify*. [Twitter] (2019.04.06). Recuperado em 03 de setembro de 2020 de:  
<https://twitter.com/chartdata/status/1114701847862947840>

'Choca o machista. Quem não é, admira', diz Anitta sobre atitude 'poderosa'. (2020). *Uol* (2020.08.18). Recuperado em 04 de setembro de 2020 de:  
<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2020/08/18/choca-o-machista-quem-nao-e-admira-diz-anitta-sobre-atitude-poderosa.htm>

Com 'Downtown', Anitta se torna a primeira brasileira a alcançar o Top 50 mundial do Spotify. (2017). *Globo.com* (2017.11.27). Recuperado em 02 de setembro de 2020 de:  
<https://multishow.globo.com/musica/noticia/com-downtown-anitta-se-torna-primeira-brasileira-alcancar-o-top-50-mundial-do-spotify.ghtml>

Corso, J. (2014). Anitta é eleita "Rainha do pop nacional" e "Símbolo do Brasil" por revista. *PureBreak* (2014.05.17). Recuperado em 01 de setembro de 2020 de:  
<https://www.purebreak.com.br/noticias/anitta-e-eleita-rainha-do-pop-nacional-e-simbolo-do-brasil-por-revista/4776>

Coruja, Paula. (2017). *Expressões do(s) Feminismo(s): Discussões do PÚblico com a Youtuber Jout Jout*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre, RS, Brasil. Recuperado de:

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/158674/001022383.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Costa, A. A. (2005). O Movimento Feminista no Brasil: Dinâmicas de uma Intervenção Política. *Revista Gênero da Universidade Federal Fluminense*, 5(2), p. 9-35, 1º sem. Recuperado de: [https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/obras-digitalizadas/teorias\\_explicativas\\_da\\_violencia\\_contra\\_a\\_mulher/dinamica\\_do\\_feminismo\\_no\\_brasil\\_costa - ok.pdf](https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/obras-digitalizadas/teorias_explicativas_da_violencia_contra_a_mulher/dinamica_do_feminismo_no_brasil_costa - ok.pdf)

Costa, N. (2016). As funkeiras, o funk e um discurso que só elas podem fazer. In *XVI Encontro Estadual da ANPUH-SC. História e Movimentos Sociais*, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, SC, Brasil. Recuperado de: [http://www.encontro2016.sc.anpuh.org/resources/anais/43/1464648385\\_ARQUIVO\\_NataliaCristineCostaAsfunkeirasofunkeumdiscursosodelas.pdf](http://www.encontro2016.sc.anpuh.org/resources/anais/43/1464648385_ARQUIVO_NataliaCristineCostaAsfunkeirasofunkeumdiscursosodelas.pdf)

Crenshaw, K. (2002). Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. *Revista Estudos Feministas da Universidade Federal de Santa Catarina*, 10(1), p. 171-188. Recuperado de: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2002000100011&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100011&lng=pt&tlng=pt)

Cunha, C. (2013). Marco civil Já, Feminismo nas Ruas e nas Redes até que todas sejamos livres. *Blog Marcha Mundial das Mulheres* (2013.10.18). Recuperado em 12 de agosto de 2020 de: <https://marchamulheres.wordpress.com/2013/10/18/marco-civil-ja-feminismo-nas-ruas-e-nas-redes-ate-que-todas-sejamos-livres/>

Dias, P. (2018). Anitta defende feminismo, mas pondera: 'Não precisa rebaixar os homens'. *Purepeople* (2018.05.15). Recuperado em 06 de setembro de 2020 de: [https://www.purepeople.com.br/noticia/anitta-defende-feminismo-mas-pondera-nao-precisa-rebaixar-os-homens\\_a228054/1](https://www.purepeople.com.br/noticia/anitta-defende-feminismo-mas-pondera-nao-precisa-rebaixar-os-homens_a228054/1)

Editoria de Entretenimento. (2020). Anitta registra 4,5 bilhões de visualizações em canal no Youtube. *94 FM* (2020.03.13). Recuperado em 16 de setembro de 2020 de: <https://94fm.com.br/anitta-registra-45-bilhoes-de-visualizacoes-em-canal-no-youtube/>

Empreende Brazil. (2020). *Talk Show Anitta no Empreende Brazil Conference 2019*. [Youtube] (2020.03.26). Recuperado em 06 de setembro de 2020 de: <https://www.youtube.com/watch?v=m5vDd30bcn0&feature=youtu.be>

Fãs cobram posicionamento de Anitta contra Bolsonaro e cantora diz não opinar sobre política. (2018). *Jornal O Estado de São Paulo* (2018.09.19). Recuperado em 17 de setembro de 2020 de: <https://emais.estadao.com.br/noticias/geral,fas-cobram-posicionamento-de-anitta-contra-bolsonaro-e-cantora-diz-nao-opinar-sobre-politica,70002510424>

Ferreira, F. (2019). *Empoderamento Feminino no Instagram: Um Estudo de Caso do Perfil da Influenciadora Digital @mbottan*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Bacharelado em Publicidade e Propaganda, Porto Alegre, RS, Brasil. Recuperado de: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/200614/001102078.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Ferreira, M. (2017). Saiba por que o single 'Loka' beneficia tanto Anitta como Simone & Simaria. *Globo.com* (2017.01.06). Recuperado em 01 de setembro de 2020 de: <http://g1.globo.com/musica/blog/mauro-ferreira/post/saiba-porque-single-loka-beneficia-tanto-anitta-como-simone-simaria.html>

Ferreira, M. (2019). Anitta anuncia 'Brasileirinha', projeto com músicas somente em português. *Globo.com* (2019.10.28). Recuperado em 04 de setembro de 2020 de: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2019/10/28/anitta-anuncia-brasileirinha-projeto-com-musicas-somente-em-portugues.ghtml>

Filipe, M. (2001). *O Papel da Mulher na Sociedade Hiroquesa*. Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta, Programa de Pós-Graduação em Estudos Americanos, Lisboa, Portugal. Recuperado de: <https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/1702/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado.pdf>

Fortuna, M. (2017). Em entrevista exclusiva, Anitta fala sobre celulite e questão de mulher no clipe 'Vai Malandra'. *Jornal O Globo* (2017.12.22). Recuperado em 14 de setembro de 2020 de: <https://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/post/em-entrevista-exclusiva-anitta-fala-sobre-celulite-e-questao-de-mulher-no-clipe-vai-malandra.html>

Franco, M. (2005). *Análise de Conteúdo*. (2a ed.). Brasília: Líber Livro.

Freire, B. (2017) *Presença de Anitta: Concepções sobre empoderamento e liberdade sexual como forma de resistência feminista nas letras de Anitta*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Ceará, Bacharelado em Psicologia, Fortaleza, CE, Brasil. Recuperado de: [http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/42479/1/2017\\_tcc\\_brfreire.pdf](http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/42479/1/2017_tcc_brfreire.pdf)

Gamba, Susana. (2008, marzo). Feminismo: historia y corrientes. *Mujeres en Red, El Periódico Feminista*, p. 1-8. Recuperado de: <http://mujeresenred.net/spip.php?article1397>

Gil, A. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. (6a ed.). São Paulo: Editora Atlas S.A.

Gladiador, F. (2018). Machika: Anitta brilha com J Balvin e Jeon em clipe no estilo de Mad Max. *R7* (2018.01.19). Recuperado em 02 de setembro de 2020 de:

<https://entretenimento.r7.com/pop/machika-anitta-brilha-com-j-balvin-e-jeon-em-clipe-no-estilo-de-mad-max-05102019>

Guedes, T. (2013). *As Redes Sociais. Facebook e Twitter – e suas influências nos movimentos sociais*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília, DF, Brasil. Recuperado de:  
<https://www.ipea.gov.br/participacao/images/2013%20redes%20sociais%20e%20movimentos%20sociais.pdf>

Guidorizzi, G. (2015). Anitta se torna a 1ª cantora brasileira a ocupar o topo do ranking do Spotify. *Purepeople* (2015.07.30). Recuperado em 01 de setembro de 2020 de:  
[https://www.purepeople.com.br/noticia/anitta-se-torna-a-1-cantora-brasileira-a-ocupar-o-topo-do-ranking-do-spotify\\_a67957/1](https://www.purepeople.com.br/noticia/anitta-se-torna-a-1-cantora-brasileira-a-ocupar-o-topo-do-ranking-do-spotify_a67957/1)

Hotmart. (2018). *Anitta revela o segredo de seu sucesso Fire Festival 2018* [Youtube] (2018.11.21). Recuperado em 06 de setembro de 2020 de:  
<https://www.youtube.com/watch?v=zOFxGRWKUIE>

Infobase (2019). O que mudou no mercado dos influenciadores? *Infobase*. Recuperado em 27 de julho de 2020 de: [https://infobase.com.br/infografico-mudou-mercado-dos-influenciadores/?utm\\_source=iinterativa&utm\\_medium=referral&utm\\_campaign=Info\\_graficoDosInfograficos2019&utm\\_term=24-12](https://infobase.com.br/infografico-mudou-mercado-dos-influenciadores/?utm_source=iinterativa&utm_medium=referral&utm_campaign=Info_graficoDosInfograficos2019&utm_term=24-12)

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2020). PNAD Contínua TIC 2018: Internet chega a 79,1% dos domicílios do país. *Agência de Notícias* (2020.04.29). Recuperado em 19 de julho de 2020 de: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27515-pnad-continua-tic-2018-internet-chega-a-79-1-dos-domiciliros-do-pais>

Izel, A. (2019). Furacão Anitta, biografia da cantora, vai muito além das polêmicas. *Jornal Correio Braziliense* (2019.06.02). Recuperado 31 de agosto de 2020 de:  
[https://www.correobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/06/02/interna\\_diversao\\_arte,759224/biografia-de-anitta-furacao-anitta.shtml](https://www.correobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/06/02/interna_diversao_arte,759224/biografia-de-anitta-furacao-anitta.shtml) Acesso em:

Jenkins, H. (2009). *Cultura da Convergência*. (2a ed., S. Alexandria, trad.). São Paulo: Aleph

Janotti, J. & Cardoso, J. (2006, 6 a 9 de setembro) A música popular massiva, o mainstream e o underground - trajetórias e caminhos da música na cultura midiática. In *XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, p. 1-14. Universidade Nacional de Brasília, DF, Brasil. Recuperado de:  
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1409-1.pdf>

Jornal: Anitta aumenta cachê e cobra R\$ 120 mil por show. (2013). *Terra* (2013.06.18). Recuperado em 01 de setembro de 2020 de:

<https://www.terra.com.br/diversao/musica/jornal-anitta-aumenta-cache-e-cobra-r-120-mil-por-show,6ef1cac43e65f310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>

Karhawi, I. (2009, 5 a 9 de setembro). A percepção do público sobre a profissionalização dos blogs de moda: um estudo exploratório. In *XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, p. 1-15. São Paulo, SP, Brasil. Recuperado de: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2969-1.pdf>

Kemp, S. (2019). Digital 2019: Brazil. *DataReportal* (2019.01.31). Recuperado em 11 de agosto de 2020 de: <https://datareportal.com/reports/digital-2019-brazil>

Klein, S. (2019). IBGE: Menos de 1/4 dos deputados federais são negros. *Jornal Correio do Povo* (2019.11.13). Recuperado em 27 de agosto de 2020 de: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/pol%C3%ADtica/ibge-menos-de-1-4-dos-deputados-federais-s%C3%A3o-negros-1.379735>

Labatte, M. (2020). “Eu criei um produto para agradar à favela e ao asfalto”, diz Anitta. *Revista Forbes* (2020.04.30). Recuperado em 04 de setembro de 2020 de: <https://forbes.com.br/colunas/2020/04/eu-criei-um-produto-para-agradar-a-favela-e-ao-asfalto-diz-anitta/>

Laignier, P. (2008, 2 a 6 de setembro). Contradições do funk carioca: entre a canção popular massiva e a sedução contra-hegemônica. In *XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, p. 1-15. Natal, RN, Brasil. Recuperado de: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1899-1.pdf>

Leal, T. (2014). “O show das poderosas”: Anitta e a performance do sucesso feminino. *Ciberlegenda - Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense*, n. 31, 110-121. Recuperado de: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/download/36967/21542>

*Lei n. 3.410, de 29 de maio de 2000* (2000). Dispõe sobre a realização de bailes tipo funk no território do Estado do Rio de Janeiro e dá outras providências. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Recuperado em 18 de agosto de 2020 de: <https://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/203029/lei-3410-00>

*Lei n. 5.543, de 22 de setembro de 2009* (2009). Define o Funk como Movimento Cultural e Musical de Caráter Popular. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Recuperado em 19 de agosto de 2020 de: <https://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/819271/lei-5543-09>

Levino, R. (2013). Anitta, do “Show das Poderosas”, diz que não ficou rica e que UPPs deixaram funk “light”. *Jornal Folha de São Paulo* (2013.07.22). Recuperado em 01 de

setembro de 2020 de: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/07/1314475-anitta-do-show-das-poderosas-diz-que-nao-ficou-rica-e-que-upps-deixaram-funk-light.shtml>

Lima, L. (2015). Anitta mira – e acerta – em pop alegre e vibrante em novo CD. *Revista Veja* (2015.10.15). Recuperado em 01 de setembro de 2020 de:  
<https://veja.abril.com.br/cultura/anitta-mira-e-acerta-em-pop-alegre-e-vibrante-em-novo-cd/>

Lemos, M. (2009). *Ciberfeminismo: Novos discursos do feminino em redes eletrônicas*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado de:  
<https://tede.pucsp.br/handle/handle/5260>

Lévy, P. (1999) *Cibercultura*. (C. Costa, trad.). São Paulo: Editora 34

Lévy, P. (2003). *A inteligência coletiva: Por uma antropologia do ciberespaço*. (4a ed.). São Paulo: Loyola

Libardi, G., Castro, L. H. (2018, 8 a 12 de abril). “Vocês pensaram que eu não ia militar hoje?”. In *II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais*, p. 1-11. São Leopoldo, RS, Brasil. Recuperado de:  
<https://midiatricom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-resumos/article/view/796/773>

Lima, E., Carneiro, J. & Silva, S. (2017, junho/julho) “Não tira o batom vermelho”: o feminismo na produção de conteúdo na rede. In *XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*, p. 1-14. Fortaleza, CE, Brasil. Recuperado de:  
<https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-2124-1.pdf>

Luciano, S. (2020). O que as lives de Anitta nos ensinam sobre transformação social. *Ecoa* (2020.05.20). Recuperado em 07 de setembro de 2020 de:  
<https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/sergio-luciano/2020/05/20/o-que-as-lives-de-anitta-nos-ensinam-sobre-transformacao-social.htm>

Madonna e Anitta: o que a crítica internacional diz sobre parceria. (2019). *Revista Veja* (2019.06.14). Recuperado em 03 de setembro de 2020 de:  
<https://veja.abril.com.br/cultura/madonna-e-anitta-o-que-a-critica-internacional-diz-sobre-parceria/>

Marcela, R. (2019). Tudo sobre Anitta. *Letras.com* (2019.06.28). Recuperado em 31 de agosto de 2020 de: <https://www.letras.mus.br/blog/biografia-anitta/>

MC Anitta vai a Barra da Tijuca para assinar com Gravadora. (2013). *Revista Barrazine* (2013.01.07). Recuperado em 01 de setembro de 2020 de:

<https://web.archive.org/web/20160625083929/http://www.barrazine.com.br/2013/01/mc-anitta-barra-tijuca-gravadora/>

Machado, L. (2017). Projeto de lei de criminalização do funk repete história do samba, da capoeira e do rap. *BBC News* (2017.07.29). Recuperado em 19 de agosto de 2020 de: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-40598774>

Machado, V. (2018). *O Jornalismo como palco de disputas discursivas: O Movimento Feminista no Jornal A Gazeta do Espírito Santo (1986-2016)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades, Vitória, ES, Brasil. Recuperado de: [http://200.137.65.30/bitstream/10/7080/1/tese\\_11993\\_Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Viviane%20RM.pdf](http://200.137.65.30/bitstream/10/7080/1/tese_11993_Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Viviane%20RM.pdf)

Maldonado, H. (2012). MC Anitta, a revelação feminina do funk carioca. *Portal Sucesso* (2012.11.17). Recuperado em 21 de setembro de 2020 de: <https://web.archive.org/web/20140820123456/http://www.portalsucesso.com.br/noticias/mc-anitta-a-revelacao-feminina-do-funk-carioca-2>

Manfrenato, I. (2020). PODEROSA! Anitta se multiplica em várias em performance de “Tócame” do “The Late Late Show”, sucesso dos Estados Unidos; Vem assistir! *Hugo Gloss* (2020.08.21). Recuperado em 21 de setembro de 2020 de: <https://hugogloss.uol.com.br/musica/poderosa-anitta-se-multiplica-em-varias-em-performance-de-tocame-no-the-late-late-show-sucesso-dos-eua-vem-assistir/>

Matos, T. (2019). *Empoderamento de Mulheres e Indústria da Beleza: Ambivalências nas Narrativas de Vida das Influenciadoras Digitais no Instagram*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Vitória da Conquista, Bahia. Recuperado de: <http://www2.uesb.br/ppg/ppgmls/wp-content/uploads/2020/03/DISSERTA%C3%87%C3%83O-DE-TATYARA-CARDOSO-FIGUEIR%C3%93-MATOS.pdf>

Medeiros, M. E. (2015). *#NãoTiraOBatomVermelho : como o vlog JoutJout Prazer contribui para a propagação do feminismo nas redes sociais da internet*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de Brasília, Bacharelado Comunicação Social, Brasília, DF, Brasil. Recuperado de: <https://bdm.unb.br/handle/10483/12261>

Moreira, R. [@ronaldinho] (2014). *Número de seguidores*. [Instagram]. Recuperado em 21 de setembro de 2020 de: <https://www.instagram.com/ronaldinho/?hl=pt-br>

Mozdzenski, L. (2012) *O Ethos e o Pathos em Videoclipes Femininos: Construindo Identidades, Encenando Emoções*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Letras, Recife, PE, Brasil. Recuperado de: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11671>

Música e vídeo Vai Malandra de Anitta. (n.d.). *Cultura Genial*. Recuperado em 25 de agosto de 2020 de: <https://www.culturagenial.com/musica-e-video-vai-malandra-de-anitta/>

Navaz, M. & Nardi, H. (2007, março). Problematizações feministas à obra de Michel Foucault. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, Vol. VII(1), p. 45-70. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v7n1/05.pdf>

Nascimento, B. (2019, 1 a 3 de agosto). A Performance da Comunicação Artivista através das Redes Sociais: Karok Conká e seu Desempenho no Instagram. In *XV Enecult – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*. Salvador, BA, Brasil. Recuperado de: <http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111827.pdf>

Neymar. [@neymarjr] (2012). *Número de seguidores*. [Instagram]. Recuperado em 21 de setembro de 2020 de: <https://www.instagram.com/neymarjr/?hl=pt-br>

Nogueira, C. (2013). A fórmula poderosa que deu origem ao furacão Anitta. *Revista Veja* (2013.07.19). Recuperado em 21 de setembro de 2020 de: <https://archive.vn/20140402065813/http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/a-formula-poderosa-que-deu-origem-a-anitta>

Novaes, M. (2015). Funk, o ‘bonde’ da revolução sexual feminina. *El País Brasil* (2015.08.08). Recuperado em 24 de agosto de 2020 de: [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/08/cultura/1438990341\\_905412.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/08/cultura/1438990341_905412.html)

Novo clipe de Anitta atinge 1 milhão de views em menos de 24 horas; assista. (2014). *Portal de Notícias* (2014.07.31). Recuperado em 01 de setembro de 2020 de: <https://www.portaldenoticias.net/novo-clipe-de-anitta-atinge-1-milhao-de-views-em-menos-de-24-horas-assista/>

Oliveira, E. (2008). A identidade feminina no gênero textual música funk. In *Anais do CELSUL - GT Estudos em Análise Crítica do Discurso: questões de gênero social, de mídia e de educação*, p. 1-21. Universidade do Sul, Santa Catarina, Brasil. Recuperado de: [http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL\\_VIII/identidade\\_feminina\\_funk.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VIII/identidade_feminina_funk.pdf)

Ortega, R. (2019). 'Terremoto' de Anitta e Kevinho derruba 'Jenifer' do topo dos clipes mais vistos no Brasil. *Globo.com* (2019.02.06). Recuperado em 03 de setembro de 2020 de: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2019/02/06/terremoto-de-anitta-e-kevinho-derruba-jenifer-do-topo-dos-clipes-mais-vistos-no-brasil.ghtml>

Pinto, C. (2010, junho). Feminismo, História e Poder. *Revista de Sociologia e Política*, 8(36). Recuperado de: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-44782010000200003&lng=pt&tlang=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782010000200003&lng=pt&tlang=pt)

Playlists Brasil. (2015). *Músicas Brasileiras mais vistas no Youtube*. [Youtube].

Recuperado em 20 de agosto de 2020 de:

[https://www.youtube.com/playlist?list=PLZLkxB5dbEXQr\\_DshT-QTbajU80n9EFRa](https://www.youtube.com/playlist?list=PLZLkxB5dbEXQr_DshT-QTbajU80n9EFRa)

Poderosa! Anitta quebra recorde de vendas na carreira com 'Bang'. (2016). *Globo.com* (2016.05.03). Recuperado em 25 de agosto de 2020 de:

<https://multishow.globo.com/musica/noticia/anitta-quebra-recorde-de-vendas-com-bang.ghtml>

Polêmicas levantadas por Anitta em "Vai Malandra" são assunto de jornal inglês.

(2017). *IG* (2017.12.22). Recuperado em 17 de agosto de 2020 de:

<https://gente.ig.com.br/celebridades/2017-12-22/anitta-vai-malandra.html>

Prodanov, C. C., Freitas, E. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. (2a ed.). Novo Hamburgo: Feevale.

Primo, A. (2007). O aspecto relacional das interações na Web 2.0. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, p. 1-21. In *XXIX Intercom*, Brasília, DF, Brasil. Recuperado de: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/153/154>

Prado, C. (2019, 5 de outubro). Anitta relembraria origem no Rock in Rio e leva funk ao Palco Mundo pela 1ª vez em show sem conversa. *Globo.com* (2019.10.05). Recuperado em 04 de setembro de 2020 de: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/rock-in-rio/2019/noticia/2019/10/05/anitta-relembra-origem-em-1o-show-de-funk-do-palco-mundo-no-rock-in-rio.ghtml>

Quanto Ganha a Anitta – Cachê do Show, Publicidade. (n.d.). *Quanto Ganha*.

Recuperado em 01 de setembro de 2020 de: <https://www.quantoganha.org/quanto-ganha-a-anitta/>

Romero, R. (2020). Interessada em política, Anitta tem agido pelo Brasil. *Blog Ne10* (2020.05.14). Recuperado em 7 de setembro de 2020 de:

<https://blogs.ne10.uol.com.br/social1/2020/05/14/interessada-em-politica-anitta-tem-agido-pelo-brasil/>

Recuero, R. (2009). *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina

Recuero, R. (2012). *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina

Recuero, R. & Zago, G. (2012). A economia do retweet: Redes, difusão de informações e capital social no Twitter. *Revista Contracampo da Universidade Federal Fluminense*, 24(1). Recuperado de: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17253>

Reis, J. (2017,). Feminismo por hashtags: as potencialidades e riscos tecidos pela rede. In *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress*, p.1-13. Florianópolis, SC, Brasil. Recuperado de:  
[http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503731675\\_ARQUIVO\\_josemirareis\\_fazendogenerov2.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503731675_ARQUIVO_josemirareis_fazendogenerov2.pdf)

Reynolds, M. (2019). Safo, a poeta da ilha de Lesbos cuja visão sobre amor e sexo atravessou 2.600 anos. *BBC News* (2019.04.21). Recuperado em 13 de julho de 2020 de: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-47955780>

Ribeiro, M. (2006, outubro/dezembro). Feminismo, machismo e música popular brasileira. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades da Universidade Unigranrio*, 5(19). Recuperado de:  
<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/viewFile/377/369>

Rocha, C. (2017). Popular e perseguido, funk se transformou no som que faz o Brasil dançar. *Nexo Jornal* (2017.10.22). Recuperado em 19 de agosto de 2020 de:  
<https://www.nexojornal.com.br/explicado/2017/10/22/Popular-e-perseguido-funk-se-transformou-no-som-que-faz-o-Brasil-dan%C3%A7ar>

Rocha, L. (2019). Vídeo: Anitta arrasa em performance da final da Libertadores cantando com Sebastián Yatra, Fito Páz e Tini; assista! *Hugo Gloss* (2019.11.23). Recuperado em 04 de setembro de 2020 de:  
<https://hugogloss.uol.com.br/musica/video-anitta-arrasa-em-performance-da-final-da-libertadores-cantando-com-sebastian-yatra-fito-paez-e-tini-assista/>

Rodrigues, A., Gadenz, D. & Rue, L. (2014). Feminismo.com: O Movimento Feminista na Sociedade em Rede. *Revista Derecho y Cambio Socical*, 11(36). Recuperado de:  
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5472578>

Rodrigues, C. (2006). *Blogs e a Fragmentação do Espaço Público*. Universidade da Beira Interior: Livros Labcom. Recuperado de: <http://labcom.ubi.pt/ficheiros/rodrigues-catarina-blogs-fragmentacao-espaco-publico.pdf>

Rodrigues, L. (2018). "Medicina", novo clipe de Anitta, passa de 10 milhões de visualizações em 24 horas. *Uol* (2018.07.21). Recuperado em 03 de setembro de 2020 de: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2018/07/21/medicina-novo-clipe-de-anitta-passa-de-10-milhoes-de-visualizacoes-em-24-horas.htm>

Royster, Francesca. (2013, 26 de setembro). Labelle: Funk, Feminism and the Politics of Flight and Fight. *Revista American Studies*, 52(4), p. 77-98. Recuperado de:  
<https://journals.ku.edu/amsj/article/view/4474>

Sá, M. (2013). Anitta: O primeiro beijo, a emoção com o telefonema de Ivete e outras histórias contados no bairro onde ela cresceu. *Jornal Extra* (2013.07.07). Recuperado em 21 de setembro de 2020 de: <https://extra.globo.com/famosos/anitta-primeiro-beijo-emocao-com-telefonema-de-ivete-outras-historias-contadas-no-bairro-onde-ela-cresceu-8938380.html>

Sá, S. (2007). Funk carioca: música eletrônica popular brasileira?! *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, p. 1-18. Recuperado de: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/195/196>

Salatiel, J. (n.d.). Escola de Frankfurt - Crítica à sociedade de comunicação de massa. *Uol Educação*. Recuperado em 28 de agosto de 2020 de: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/escola-de-frankfurt-critica-a-sociedade-de-comunicacao-de-massa.htm>

Santini, R., Terra, C. & Almeida, A. (2016, 19 de setembro). Feminismo 2.0: A Mobilização das mulheres no Brasil contra o assédio sexual através das mídias sociais (#PRIMEIROASSEDO), *Revista P2P e Inovação*, 3(1), p. 148-164. Recuperado de: <http://revista.ibict.br/p2p/article/view/2341>

Santos, C., & Izumino, W. (2005, 1 de janeiro). Violência contra as Mulheres e Violência de Gênero: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil. *Estudios Interdisciplinarios De América Latina Y El Caribe*, 16(1). Recuperado de: <http://www3.tau.ac.il/ojs/index.php/eial/article/view/482>

Scott, J. (1995, julho/dezembro). “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*, 20(2), p. 71-99. Recuperado de: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>

Shirky, C. (2011). *A Cultura da Participação*. (C. Portocarrero, trad.). Rio de Janeiro: Zahar

Shirky, C. (2012). *Lá Vem Todo Mundo*. (M. L. Borges, trad.). Rio de Janeiro: Zahar

Silva, M. (1999). *Igualdade de Gênero. Caminhos e Atalhos para uma Sociedade Inclusiva*. Lisboa: Editora CIDM.

Silva, M. (2018). *Vai Malandra, da favela para o mundo: Análise da percepção dos usuários do Instagram sobre o gênero feminino no funk*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Pampa, Bacharelado em Publicidade e Propaganda, São Borges, RS, Brasil. Recuperado de: <http://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/riu/3856/1/Mateus%20dos%20Santos%20da%20Silva%202018.pdf>

Silva, R. (2017, janeiro/junho). Pre - pa - ra que agora é hora: estratégias de visibilidade em três performances pop de Anitta. *Revista Anagrama da Universidade de São Paulo, Ano 11 (vol. I)*, p. 1-20. Recuperado de:

<http://www.periodicos.usp.br/anagrama/article/view/135297/133016>

Simone e Simaria. (2017). *Simone & Simaria - Loka (Ao Vivo) ft. Anitta*. [Youtube] (2017.01.06). Recuperado em 21 de setembro de 2020 de:  
<https://www.youtube.com/watch?v=UrT0zCmsN8c>

Soares, R. (2016). Anitta vence o Europe Music Awards 2016 como melhor artista brasileira. *Ego* (2016.11.06). Recuperado em 01 de setembro de 2020. de:  
<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2016/11/anitta-vence-o-europe-music-awards-2016-como-melhor-artista-brasileira.html>

Souza, B. & Maia, M. C. (2011). Abraçado pelo poder público, o funk diz 'créu' aos detratores. *Revista Veja* (2011.06.03). Recuperado em 17 de agosto de 2020 de:  
<https://veja.abril.com.br/cultura/abracado-pelo-publico-o-funk-diz-creu-aos-detratores/>

Souza, I. (2020). Veja quais são os 10 maiores canais do Youtube no Brasil e no mundo em 2020. *Rock Content* (2020.03.12). Recuperado em 20 de agosto de 2020 de:  
<https://rockcontent.com/br/blog/maiores-canais-do-youtube/>

Souza, V. (2015). *Chega de Fiu Fiu: O papel do ciberfeminismo na construção do feminismo na era da Web 2.0*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bacharelado em Jornalismo, Bauru, SP, Brasil. Recuperado de:  
<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/126668/000844976.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Stamboroski, A. (2009). De James Brown ao 'Rap das armas', veja a linha do tempo do funk carioca. *Globo.com* (2009.09.01). Recuperado em 17 de agosto de 2020 de:  
<http://g1.globo.com/Noticias/Musica/0,,MUL1288890-7085,00.html>

"Sua Cara" teve 20 milhões de acessos no YouTube nas primeiras 24h. (2017). *Jornal Metrópoles* (2017.08.02). Recuperado em 02 de setembro de 2020 de:  
<https://www.metropoles.com/entretenimento/musica/sua-cara-teve-20-milhoes-de-acessos-no-youtube-nas-primeiras-24h?amp>

Tecídio, L. (2016). Anitta estreia como apresentadora do 'Música Boa ao Vivo', no Multishow. *Ego* (2016.04.12). Recuperado em 01 de setembro de 2020 de:  
<http://ego.globo.com/show/noticia/2016/04/anitta-estreia-como-apresentadora-do-musica-boa-ao-vivo-no-multishow.html>

Torres, L. (2017). “Sua Cara”: single entra no Top 100 do Spotify mundial. *Popline* (2017.08.07). Recuperado em 02 de setembro de 2020 de:  
<https://portalpopline.com.br/sua-cara-single-entra-no-top-100-spotify-mundial/>

Torres, L. (2017). “CheckMate” – o saldo do projeto da Anitta em números e conquistas. *Popline* (2017.12.25). Recuperado em 02 de setembro de 2020 de:  
<https://portalpopline.com.br/checkmate-o-saldo-projeto-da-anitta-em-numeros-e-conquistas/>

Torres, L. (2018). “Machika”: veja o desempenho da música e do clipe nas primeiras 12 horas. *Popline* (2018.01.19). Recuperado em 02 de setembro de 2020 de:  
<https://portalpopline.com.br/machika-veja-o-desempenho-da-musica-e-clipe-nas-primeiras-12-horas/>

‘Vai malandra’, de Anitta, é 1ª música em português entre mais ouvidas do mundo no Spotify (2017). *Globo.com* (2017.12.20). Recuperado em 02 de setembro de 2020 de:  
<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/vai-malandra-de-anitta-e-1-musica-em-portugues-entre-mais-ouvidas-do-mundo-no-spotify.ghtml>

Valente, J. (2017). Relatório aponta Brasil como quarto país em número de usuários de internet. *Agência Brasil* (2017.10.03). Recuperado em 19 de julho de 2020 de:  
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-10/relatorio-aponta-brasil-como-quarto-pais-em-numero-de-usuarios-de-internet>

Viana, L. (2010). O Funk no Brasil: Música Desintermediada na Cibercultura. *Revista Sonora da Universidade Estadual de Campinas*, 3(5). Recuperado de:  
<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/sonora/article/view/641/614>

Vianna, H. (1990). Funk e Cultura Popular Carioca. *Revista Estudos Históricos da Fundação Getúlio Vargas*, 3(6), p. 244-253. Recuperado de:  
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2304/1443>

Wikipedia (2020). *Anitta*. (2020.08.03). Recuperado em 08 de agosto de 2020 de:  
<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Anitta&oldid=58947741>

Zago, G. (2017, 9 de março). As Dinâmicas das Redes Sociais e o Capital Social. *Revista Eletrônica de Jornalismo Científico ComCiência – Dossiê 186*. Recuperado de:  
<http://www.comciencia.br/as-dinamicas-nas-redes-sociais-e-o-capital-social/>

Zaruvni, R. (2020). Quanto o YouTube paga por mil, 100 mil e 1 milhão de visualizações? *TecMundo* (2020.04.19). Recuperado em 28 de agosto de 2020 de:  
<https://www.tecmundo.com.br/mercado/152208-youtube-paga-mil-100-mil-1-milhao-visualizacoes.htm>

## Anexos

### Anexo 1

Quadro 1 – Prêmio O Globo Faz Diferença

DATA DA POSTAGEM	IMAGEM	TEXTO	COMENTÁRIOS
29/03/18		<p>Ontem recebi O Prêmio Faz Diferença na categoria música. Esta é uma iniciativa do jornal O Globo, que, em parceria com o Sistema FIRJAN, reconhece o talento, o trabalho e a dedicação dos brasileiros que em suas diversas áreas de atuação serviram de inspiração para o Brasil e para o mundo em 2017. Foram escolhidos 17 nomes e duas Personalidades do Ano entre pessoas físicas, instituições e empresas. Fiquei muito honrada e emocionada de ver meu sonho de não só fazer música mas, fazer a diferença sendo reconhecido.</p>	<b>67.705</b>

Categorias do Quadro 1

EMPODERAMENTO FEMININO	REPRESENTATIVIDADE NO FUNK	MODELO DE REFERÊNCIA E INSPIRAÇÃO	COMENTÁRIOS ANALISADOS
<p>@annaccanuto – Tamanha elegância, charme, poder! Inspiração de empoderamento feminino          @coach_bcn - É a mulher do ano          @brendaadriana_ - Você me representa          @alves.tamis – Tu nos representa tão bem          @kazinhadabahia – Mulher poderosaaa          @louisekatherine30 –</p>	<p>@coach_bcn - saiu da favela e arrebatou o mundo          @benn Feliz – Confesso que não curtia música brasileira, mas graças à você e aos seus álbuns mudei minha cabeça, e me orgulho de ter você representando o Brasil pro mundo          @preato – Essa mulher balançou a estrutura da música</p>	<p>@benn Feliz – me orgulho de ter você representando o Brasil pro mundo          @alves.tamis – morremos de orgulho!!!!          @annaccanuto – tu é inspiração pra muita gente! Inspiração de empoderamento feminino          @_marcelolopes – Você nos inspira          engsaulomendes – Vc faz a diferença pro mundo,</p>	<b>15</b>

Inteligência, coragem, sagacidade e atitude!!		pra vida das pessoas, da sociedade, não só do Brasil. <b>@louisekatherine30 –</b> Inspiração pra todos	
--	--	--	--

## Anexo 2

Quadro 2 - Série “Vai Anitta”

DATA DA POSTAGEM	IMAGEM	TEXTO	COMENTÁRIOS
16/11/18		Minha série já está disponível na @Netflix do mundo inteiro em vários idiomas. Não perca.	15.001

Categorias do Quadro 2

EMPODERAMENTO FEMININO	REPRESENTATIVIDADE NO FUNK	MODELO DE REFERÊNCIA E INSPIRAÇÃO	COMENTÁRIOS ANALISADOS
<p>@alicevasconceloooos - com a atitude empoderada, mostrou para todos que o sonho é possível</p> <p>@sabrinacaldaslima - Poderosaaaaaa</p> <p>@kikeidecardoso - Poderosa e única</p> <p>@cryska - você é um exemplo de mulher forte, que luta pelos seus ideais</p> <p>@yaya_f_rocha - ANITTA É PODEROSA</p> <p>@biiabvieira - É muito poderosa</p> <p>@juliaamorimpost - ensinando o que é determinação e mulher forte...</p> <p>@anarioflor - Vc é transparante, versátil, alegre, mix de coisas que só as mulheres têm e</p>	<p>@gbfragoso - Funkeira, favela daqui pro mundo!</p>	<p>@michele_pandora - obrigada por existir e ser minha inspiração pra tudo</p> <p>@cryska - você é um exemplo de mulher forte</p> <p>@tatianee_alveess - @anitta eu percebi que não é preciso ser sua fã ou gostar de funk para gostar e admirar o seu trabalho</p> <p>@amandha_rabello - @anitta você me motiva a conquistar os meus sonhos, me impulsiona a ser melhor</p> <p>@karinamichelin - Você é inspiração e exemplo.</p> <p>@anarioflor - Obrigada, de coração.</p> <p>@thamirespinho - Admiro demais a mulher que você tem se tornado.</p> <p>@andiealmeidaa -</p>	49

<p>conseguem entender o que sentimos.</p> <p><b>@manuzeth</b> – Me identifico muito com você!</p> <p><b>@_rochellecosta</b> – Que grande mulher e artista você é.</p> <p><b>@larissa_vieirao</b> – um ser humano verdadeiro.</p> <p><b>@desativandojah</b> – Inspiração para lutarmos</p> <p><b>@johе_rodiguezz</b> - @anitta me emocionei bastante e me identifiquei também.</p> <p><b>@tavyllatamara</b> – quebrou todas as barreiras.</p>		<p>Simplesmente obrigada, @anitta.</p> <p><b>@vanessa_millen78</b> – Minha admiração... conseguiu esfregar na cara de muitos que você não é só um corpinho dançante.</p> <p><b>@na.nda2013</b> - Você é exemplo de mulher!</p> <p><b>@laisferolla</b> – To tão orgulhosa!!!!!! Obrigada por ser inspiração e referência!</p> <p><b>@tavyllatamara</b> – Um exemplo de mulher</p> <p><b>@eumirelass</b> - exemplo a ser seguido, orgulho nosso!</p> <p><b>@brunotaak</b> – Tenho muita admiração por você!</p> <p><b>@karinapsic</b> – Amava a cantora, e agora aprendi a admirar o ser humano @anitta.</p> <p><b>@larissa_vieirao</b> – exemplo profissional (...) Sou fã e grande admiradora.</p> <p><b>@karoljordace</b> – Obrigada por tudo o que tem feito por nós!!</p> <p><b>@johе_rodiguezz</b> - sou grato por ter nascido na mesma era que você</p> <p><b>@meryjhennefer</b> – grande exemplo de seguir os seus sonhos, não importa as dificuldades!</p> <p><b>@andreia.dasilva.505</b> – Top, você é a minha inspiração</p> <p><b>@rafa_guadalupe</b> - É inspirador ter um exemplo de profissional inovadora e que desafia o status quo da indústria que você trabalha!</p> <p><b>@fernandagcruz</b> – É tipo “assista, se inspire e veja que tudo na vida é possível”! Que o mundo se inspire e tenhamos</p>	
--	--	--	--

		<p>cada vez mais pessoas assim!</p> <p><b>@laysa_giovana</b> – Você me inspira</p> <p><b>@loja_morenaflor744</b> – Saiba que me inspirou muito. No momento de vida que eu e minha família estamos passando, vou me inspirar em você</p> <p><b>@karinamichelin</b> – Você é inspiração</p> <p><b>@thamirespinho</b> – É um ícone de inspiração</p> <p><b>@andiealmeidaa</b> – Foi impactante e, principalmente a parte da depressão, que eu também passei por isso e suas músicas me ajudaram em momentos super difíceis.</p> <p><b>@manuzeth</b> – Não tenho palavras pra dizer o quanto você me inspira!</p> <p><b>@eugisele_oliveira91</b> – @anitta você é inspiração</p> <p><b>@crespamexmo</b> – Inspiração você, mulher.</p> <p><b>@desativandojah</b> – Inspiração para lutarmos</p> <p><b>@johé_rodriguezz</b> – você inspira tanta gente</p> <p><b>@chrysvictoria</b> – História maravilhosa e inspiradora</p> <p><b>@brunocesarcamargo</b> – você é inspiração!</p>	
--	--	---	--

## Anexo 3

Quadro 3 - Um ano do clipe "Vai malandra"

DATA DA POSTAGEM	IMAGEM	TEXTO	COMENTÁRIOS
18/12/18		<p>Hoje faz um ano que lançamos o clipe de "Vai Malandra". Quero agradecer a cada um que fez parte desse trabalho. Vocês não fazem ideia de até onde chegou esse trabalho, não fazem ideia de quanta gente que sou fã desde minha infância internacionalmente me falou deste trabalho. Eu não posso dizer aqui tudo que esse clipe movimentou pelo mundo porque vai todo mundo dizer que eu tô me achando, contando vantagem, querendo aparecer etc etc etc. Mas vocês podem, então digam aí vocês nos comentários que eu vou amar ler em comemoração. @mczaac @tropkillaz @djyurimartins @maejor @mangabaproducoes @marinamorena83 @cea_brasil</p>	36.361

Categorias do Quadro 3

EMPODERAMENTO FEMININO	REPRESENTATIVIDADE NO FUNK	MODELO DE REFERÊNCIA E INSPIRAÇÃO	COMENTÁRIOS ANALISADOS
<p><b>@cirlleyfisio</b> – Cara, até a Anitta tem celulite, bicha. Linda igual nós  <b>@camilajesusoliv</b> – você mostrou não só para o Brasil, e sim para o mundo, que as mulheres não precisam seguir padrões de beleza, onde a pele é lisa, e sem celulites, sem estrias,</p>	<p><b>@alcione_mk</b> – Vc mostrou muito bem o verdadeiro lado aqui do Brasil!!  <b>@y.annn</b> – Esse vídeo elevou ainda mais a videografia brasileira, você segue revolucionando o cenário brasileiro.  <b>@suelenpotratz</b> – Você trouxe o funk para as boas</p>	<p><b>@samarabraghini</b> – Te admiro demais Larissa!  <b>@cec.illx</b> – me espelho nesse clipe! (...) obrigada por esse HINO!  <b>@fla.francoleao</b> – Vc é admirável!  <b>@martinsnbia</b> - Só gratidão por esse seu trabalho  <b>@leniracunha</b> – @anitta</p>	61

<p>tudo durinho.</p> <p><b>@samarabraghini</b> – Vc foi a primeira artista a mostrar um bumbum com celulite. tá mostrando pro mundo que não precisa ser perfeita pra ser gostosa! (...) tá mostrando que mulher gostosa também é inteligente!!!</p> <p><b>@helena.monteira.714</b> – bem real, bem mulher, gostosissima!</p> <p><b>@isareldabarba</b> – És poderosa, Anitta. Representas bem nossas mulheres lá fora.</p> <p><b>@lillivh</b> – Gataaaaa, você me representa demais @anitta.</p> <p><b>@sara14maciel</b> – a sua voz proporciona milhares de coisas boas.</p> <p><b>@xibloguei</b> – O clipe me ajudou a botar as crateras da minha bunda pra fora com muito orgulho! (...) Viva a mulher de verdade!!!!</p> <p><b>@fafapaty</b> – Esse clipe é libertador para nós mulheres. Corpo real e verdadeiro.</p> <p><b>@claytianebarbosa</b> – depois que vi esse clipe, me aceitei. Se a Anitta pode, eu também posso</p> <p><b>@jackperolanegra</b> – Imagem autêntica</p> <p><b>@lyndacrispi</b> – a mulher famosa e brasileira tem bundão, celulite e mesmo assim consegue ser linda</p> <p><b>@fla.francoleao</b> – sem palavras pra dizer que mulher você é, e quantos sonhos você coloca no coração de muita gente!</p> <p><b>@dalvabr</b> – Anitta tem bunda grande! Tem estrias... E é um mulherão!</p>	<p>graças da sociedade europeia.</p> <p><b>@afonsorichard</b> – Sem medo das nossas origens</p> <p><b>@iraci_priscilaoficial</b> – você levou o funk aonde ninguém mais levou. Você é nossa rainha funkeira.</p> <p><b>@martinsnbia</b> - melhor representação do Brasil.</p> <p><b>@babidudu2006</b> – não saiu das suas origens, o “funk”.</p> <p><b>@fabiofariasdior</b> – Colocou sua origem, seu funk, sua ousadia e mostrou o Brasil do jeito que ele é para o mundo</p> <p><b>@aristicarvalho</b> – me orgulho (...) do que você representa para nós.</p> <p><b>@rocioarrua</b> – Produziu muitas análises de cunho intelectual; análises dentro da sociologia e psicologia.</p>	<p>você é um exemplo absurdo de determinação.</p> <p><b>@tamaraboc</b> – Admiração total por você (...) você é exemplo!</p> <p><b>@rebeca_lopes_beza</b> – Te admiro pela artista que se tornou e a mulher que se tornou.</p> <p><b>@marileneandrade</b> – Admiro a tua força, a tua persistência e o teu trabalho</p> <p><b>@dessa_toled</b> – Te admiro muito pela garra, determinação</p> <p><b>@paulocesark12</b> – Vc é exemplo do que a determinação pode alcançar.</p> <p><b>@cassiorodriguesoficial</b> – Espelho pra muitos!</p> <p><b>@fit.mujer</b> – you a inspiration</p> <p><b>@phenix1085</b> - @anitta você é minha inspiração</p> <p><b>@kellybpena</b> – você é inspiração</p>	
---	---	--	--

<p><b>@donnadany13</b> - um clipe empoderado</p> <p><b>@beatriz.fantin</b> – Vc é muito irreverente e poderosa</p> <p><b>@fit.mujer</b> – you a inspiration and such a strong woman.</p> <p><b>@lucinhaachagas</b> – nunca mais eu reclamo das minhas celulites</p> <p><b>@irloni_nascimento</b> – Mulherão (...)</p> <p>Autenticidade é tudo nessa vida!!</p> <p><b>@nazarethsales</b> – @anitta sempre mostrando quem é! Sem meia e sem filtro</p> <p><b>@afonsorichard</b> – Você mostrou que podemos ser quem quisermos! Sem medo das nossas origens, nosso corpo</p> <p><b>@karine_zanezi</b> – você mostrou a essência da mulher brasileira.</p> <p><b>@debzreix</b> – Com toda sua celulite e talento você tá conquistando o mundo</p> <p><b>@elipereiraj</b> – Faz eu enxergar que mesmo com minhas celulites, posso ser gostosa!</p> <p><b>@vicamazzini</b> – esse clipe é livre, verdadeiro e libertador!!!</p> <p><b>@leniracunha</b> – Querer é poder sim, mas a luta é enorme e você tem feito coisas maravilhosas de ver. Falo me referindo ao poder feminino que você exala.</p> <p><b>@amandaamici</b> - o clipe Malandra fez com que a maioria das mulheres aceitassem melhor seus corpos</p> <p><b>@patriciacarvalho194</b> – Esse clipe nos representou, Anitta. A beleza da mulher</p>			
--	--	--	--

<p>brasileira, com nossas celulites, nossa malandragem boa</p> <p><b>@ana_siquinelli</b> – Se existiam padrões, Anitta quebrou TODOS depois de #VaiMalandra (...) realista, empoderou geral</p> <p><b>@adrianireuter</b> – tu és autêntica</p> <p><b>@daiteixeira</b> – mostrar a celulite foi surreal, todo mundo tem, foi libertador</p> <p><b>@marileneandrade</b> – Admiro a tua força</p> <p><b>@ssofia_lopess</b> – Vc é muito poderosa</p> <p><b>@tatianesilva3737</b> – Mulher de fibra, porreta, forte, que sabe o que quer.</p> <p><b>@maarinaosilva</b> – Você conquistou o Brasil e o restante do mundo só com o seu jeito, sua luta.</p> <p><b>@taizemartinenghi</b> – Adoro a sua verdade!</p> <p><b>@meireles5082</b> – Esse clipe veio para romper muros e fronteiras.</p>			
--	--	--	--

## Anexo 4

Quadro 4 - Anitta e Madonna

DATA DA POSTAGEM	IMAGEM	TEXTO	COMENTÁRIOS
14/06/19	 <p>All I wanna say today is THANK YOU. As I told you in person @madonna... if today I feel free, powerful and strong to express myself, my sexuality and my way to be woman it's because of your fight for so many years. Your fight for freedom changed millions and millions of lives including mine. It's such an honor to be part of your AMAZING story somehow. Having your legendary person singing one of the highest rate of prejudice rhythms in my country give forces to a whole community who thought we would never be respected for singing the urban Brazilian Funk Music in our own place. Thank you for that and thank you for changing my life teaching me so many things directly and indirectly while we were together. I wanna learn with you forever in life. / Pra galera que não sabe, essa música é a regravação de um super sucesso da Portuguesa @blaya_con_dios que ficou meses em primeiro lugar em Portugal e eu inclusive coloquei um pedacinho da música no show quando cantei no Rock in Rio de lá. É isso, Brasil. Madonna cantando funk. Hoje eu durmo realizada. Boa noite! (eu escrevi a parte de cima em inglês mas é só clicar na opção "tradução" aqui no Instagram mesmo que dá pra ler em português)</p>		21.690

Categorias do Quadro 4

EMPODERAMENTO FEMININO	REPRESENTATIVIDADE NO FUNK	MODELO DE REFERÊNCIA E INSPIRAÇÃO	COMENTÁRIOS ANALISADOS
@lanacunhalc – um	@_karinejoan – E o funk	@tatianaserraoficial –	29

<p>exemplo de mulher, que luta pelo que quer</p> <p><b>@raposoanelisee</b> – Que mulher poderosa</p> <p><b>@felipemondholi</b> – Exemplo intocável da mulher brasileira (...) fruto da sua própria luta.</p> <p><b>@moneessouza</b> – que orgulho de ser mulher, de ser brasileira, de mexer a bunda!</p> <p><b>@deiseplascido</b> – que força e coragem você tem!!</p> <p><b>@rodrigo.chagas_</b> – Você é exemplo de força e superação</p>	<p>chegou até a Madonna</p> <p><b>@thais_gomes1997</b> – Anitta alguns anos atrás: eu prometo pra vocês que eu vou fazer o nosso funk ser respeitado</p> <p><b>@roseraymii</b> – Zerou o jogo BB Madonna rainha cantando em português na batida do funk</p> <p><b>@maria_darda</b> – Gente a mulher colocou a Madonna para cantar funk, vocês têm noção disso?</p> <p><b>@a.anne.costa</b> – mostrou que o Brasil pode se destacar no mundo sendo tendência e dando valor ao que nós temos!</p> <p><b>@bebelisqueira</b> – A embaixadora do funk!</p> <p><b>@felipemondholi</b> – da favela pro mundo por seus próprios méritos</p> <p><b>@marinarojessica</b> – Você pegou a mulher que inspirou todas as cantoras pop do mundo e colocou ela pra cantar funk em português.</p> <p><b>@Israel1989</b> – Não é somente um funk feat com Madonna. É Madonna cantando funk em PORTUGUÊS.</p> <p><b>@cris_silveira_official</b> – VIVA O FUNK, VIVA A COMUNIDADE</p> <p><b>@c.limaaa</b> – tu colocou a Madonna pra cantar funk</p> <p><b>@eupablos_</b> – Ainda pasmo q você conseguiu levar o funk pro mundo</p>	<p>Estou que não tenho espaço para tanto orgulho.</p> <p><b>@lanacunhalc</b> – um exemplo de mulher</p> <p><b>@felipemondholi</b> – Exemplo intocável da mulher brasileira</p> <p><b>@lannamaicon</b> – exemplo de mulher</p> <p><b>@debysoliveira</b> – exemplo a ser seguido (...) orgulho de ser brasileira.</p> <p><b>@djfrancesca</b> – Orgulho que não cabe em mim (...) obrigada por isso!</p> <p><b>@iamviniciusgomes</b> – obrigado por existir</p> <p><b>@deiseplascido</b> – te admiro ainda mais</p> <p><b>@rodrigo.chagas_</b> – Você é exemplo de força e superação</p> <p><b>@tatianaserraoficial</b> – Vc inspira!!!</p> <p><b>@deiseplascido</b> – você é inspiração!</p>	
--	---	--	--

## Anexo 5

Quadro 5 – Mulher do Ano de 2019 pela Revista GQ

DATA DA POSTAGEM	IMAGEM	TEXTO	COMENTÁRIOS
06/12/19		<p>Muito feliz em receber pela segunda vez o prêmio de mulher do ano pela @gqbrasil. Faz tão pouco tempo que recebi esse prêmio na primeira vez que ainda me lembro de cada detalhe. E o que mudou daqui pra lá? TUDO. Vejo uma mulher mais madura, consciente e, principalmente, realizada. Esse foi o ano onde terminei de completar minha lista de sonhos profissionais. Sim, eu escrevi uma lista pra não esquecer quais eram meus objetivos e quando eu estaria satisfeita profissionalmente. Eu cheguei lá. Foi tão rápido. Completei tudo e ainda teve muito mais de bônus. Eu sou tão nova que faz parecer que foi tudo fácil fácil, mas só parece mesmo. Minha dedicação e sangue nos olhos que não deixaria ser diferente. Obrigada por encerrar este ciclo da minha vida me consagrando dessa forma @gqbrasil... meu sonho agora é que mais gente se sinta como eu me sinto agora profissionalmente, mais mulheres, mais funkeiros, mais batalhadores. Obrigada fãs, equipe e família.</p>	6.534

Categorias do Quadro 5

EMPODERAMENTO FEMININO	REPRESENTATIVIDADE NO FUNK	MODELO DE REFERÊNCIA E INSPIRAÇÃO	COMENTÁRIOS ANALISADOS
<p>@bispoclaudia – obrigada por nos representar tão maravilhosamente bem!!!</p> <p>@marlizanatta64 – Poder é a palavra que te define</p> <p>@duflorchapeu –</p>	<p>@fpjunior26 – Orgulho de ter nascido na era da Rainha do Funk!</p>	<p>@aricarvalho.heliodiff – Que orgulho de você! Você é exemplo de superação e de força!</p> <p>@bispoclaudia – obrigada por nos representar tão maravilhosamente bem!!!</p>	30

<p>Obrigada por passar força pra gente</p> <p><b>@snice9791</b> – você merece tudo de bom por ser essa mulher guerreira que enfrenta as críticas de cabeça erguida e não tá nem aí para o que as pessoas dizem.</p> <p><b>@mayrasilmaga</b> – Exemplo para muitas outras mulheres que precisam se empoderar!</p> <p><b>@quiteriachagas</b> – #empoweringwomen</p> <p><b>@didiwagner</b> – É o poder em pessoa!</p> <p><b>@ed_soares_</b> – você representa muito bem a mulher brasileira, mulher forte</p> <p><b>@paulinhanogueira</b> – Mulherão do ano, me representa muito</p> <p><b>@sirleyacruz</b> – a sua vitória é de todas nós mulheres brasileira.</p>		<p><b>@ingridbarbosa4</b> – Te admiro</p> <p><b>@duflorchapeu</b> – Obrigada por passar força pra gente</p> <p><b>@riquezadogemerson</b> – Você se tornou um exemplo de motivação para as pessoas. Muitas outras pessoas terão sucesso na vida (não só na música), inspirados em você! Obrigado por existir!</p> <p><b>@fpjunior26</b> – Orgulho de ter nascido na era da Rainha do Funk!</p> <p><b>@mayrasilmaga</b> – Exemplo para muitas outras mulheres que precisam se empoderar!</p> <p><b>@meus_oculos</b> – Te sigo e te admiro</p> <p><b>@gold.girl24k</b> – Gratidão</p> <p><b>@ingridbarbosa4</b> – Você é musa, inspiração, garra, foco!</p> <p><b>@_hellem_samuel</b> – Essa mensagem foi motivadora</p> <p><b>@camilasena.of</b> – És inspiração</p> <p><b>@thelifetalesisters</b> – INSPIRAÇÃO PARA TODAS NÓS MULHERES!!</p> <p><b>@bi_dalbianchi</b> – Você inspira demais a todos nós</p> <p><b>@c_piti</b> – Inspiração para nós mulheres que estamos aqui batalhando todos os dia.</p> <p><b>@euana_lima</b> – Inspiração</p> <p><b>@sirleyacruz</b> – você é a nossa inspiração!!!</p> <p><b>@gold.girl24k</b> – Vc nos encoraja demais</p> <p><b>@carlosgregorio</b> – Continue sendo inspiração</p>	
--	--	---	--

## Anexo 6

Quadro 6 - Anitta na capa da Forbes Brasil

DATA DA POSTAGEM	IMAGEM	TEXTO	COMENTÁRIOS
04/03/20		<p>Ser mulher. Antes de tudo começar eu não pensava que as coisas realmente mudassem de figura e se tornassem muito mais desafiadoras quando você é mulher. Ser mulher e jovem. É ainda mais difícil se impor, comandar e quebrar barreiras quando te subestimam por ainda ser jovem demais. Ser mulher, jovem e abertamente livre sexualmente. Aí o tempo fecha de verdade. Mas, como não sou feita de açúcar, resisto. Obrigada, @forbes, pelo título. Ser considerada uma das mulheres mais poderosas do país, depois de tudo que passei, é um respiro de alívio e sensação de realização. Vamos seguir.</p>	14.579

Categorias do Quadro 6

EMPODERAMENTO FEMININO	REPRESENTATIVIDAD E NO FUNK	MODELO DE REFERÊNCIA E INSPIRAÇÃO	COMENTÁRIOS ANALISADOS
<p>@mvitoriaamaral – pelo que você representa para nós mulheres, força!!  <b>@juliselga</b> – Adoro você, suas declarações, suas músicas e tudo que você representa.  <b>@cinthia_alves_goncalves</b> – você representa muitas de nós mulheres  <b>@usamaishtayofficial</b> – You represent the woman of the future Anitta  <b>@leaarlete</b> - Parabéns por cada luta que você venceu, não só por você, mas por todas as mulheres que você representa</p>	<p>@lizaneferreira – mantém e respeita suas origens.  <b>@eu_e_elas_x</b> – E ainda dizem que essa geração que curte funk está perdida  <b>@juliselga</b> – tinha muito preconceito com Anitta. Só pelo fato de ser cantora de funk (...) obrigada por mudar a minha mentalidade. Por me fazer perceber que era puro preconceito.</p>	<p>@mvitoriaamaral – te admiro além das músicas, danças etc...  <b>@juliselga</b> – obrigada por mudar a minha mentalidade (...) Hoje te admiro muito.  <b>@usamaishtayofficial</b> – thank you for being you  <b>@juliademoraiscorreia</b> – Tenho TANTO orgulho de você!  <b>@nane_rio</b> – admiro o seu trabalho e a sua luta pelo direito e empoderamento das mulheres!  <b>@dryka.aly</b> – admiro seu</p>	68

<p><b>@juliademoraiscorrea</b> – Tenho TANTO orgulho de você! E de tudo que você representa, e da força que você dá para nós mulheres nunca desistirmos dos nossos sonhos!</p> <p><b>@ceciliamariacelhobezer</b> – Um avanço de 500 anos no ser mulher</p> <p><b>@flasoull</b> – e honre a nós, mulheres guerreiras, batalhadoras, lindas e que buscam a liberdade</p> <p><b>@kahcgoes</b> – Você nos encoraja a sermos mulheres! Simplesmente ser!</p> <p><b>@nane_rio</b> – Admiro o seu trabalho e a sua luta pelo direito e empoderamento das mulheres! Orientando que busquem seus direitos e não se calem diante das injustiças!</p> <p><b>@liliane baldansi</b> – Vc é o sucesso em forma de mulher e melhor ainda: contraria todos os modelos de “mulher perfeita” impostos pela sociedade!</p> <p><b>@vilanzinha.oficial</b> – Você mostrou para nós mulheres @anitta, que podemos ser o que quisermos. Você não desistiu, isso nos encoraja a continuar e acreditar. Obrigada, poderosa!</p> <p><b>@davidy.henrique</b> – Abriu portas pra tantas outras mulheres.</p> <p><b>@idkhpodcast</b> – Você é um grande exemplo de mulher da periferia que construiu um império do zero!</p> <p><b>@guerreiro_carmen</b> – Reconhecimento do seu belo trabalho e luta de muita beleza, sensualidade e coragem. Reforçando o orgulho de ser mulher.</p> <p><b>@drikataborda</b> – És referência em resiliência e poder! (...) Orgulho para</p>		<p>trabalho, mulher de atitude. Vc inspira</p> <p><b>@cacalove</b> – exemplo para todas as mulheres</p> <p><b>@lopes_ana</b> – Inspiração e exemplo pra muitas mulheres.</p> <p><b>@vilanzinha.oficial</b> – Você não desistiu, isso nos encoraja a continuar e acreditar. Obrigada, poderosa!</p> <p><b>@mayabittencourt_</b> – Lhe admiro demais! Com certeza, você é inspiração para muitas de nós! Sofremos preconceito até pelo simples fato de sermos “mulher”. Orgulho!</p> <p><b>@davidy.henrique</b> – Obrigado por existir</p> <p><b>@chaysborges</b> – Exemplo demais para nós</p> <p>mulheres, de todas as idades. Te admiro muito</p> <p><b>@idkhpodcast</b> – Você é um grande exemplo de mulher da periferia que construiu um império do zero!</p> <p><b>@drikataborda</b> – És referência em resiliência e poder! Orgulho para muitas mulheres</p> <p><b>@diane flima</b> – Obrigada por me inspirar!</p> <p><b>@jordanblm</b> – RESISTÊNCIA! OBRIGADO POR SER EXEMPLO!</p> <p><b>@robertasaoficial</b> – Um exemplo de liberdade pra todas nós!</p> <p><b>@fernandarocha_person</b> – te admiro demais</p> <p><b>@cinthia_alves_goncalves</b> – inspiração, você representa muitas de nós mulheres</p> <p><b>@kahcgoes</b> – Você nos encoraja a sermos mulheres! Simplesmente ser!</p> <p><b>@biahnlopez</b> – você</p>	
--	--	---	--

<p>muitas mulheres</p> <p><b>@carolsuaid</b> – Completaria sua frase com: um encorajamento para várias mulheres serem o que elas quiserem ser!</p> <p><b>@lizaneferreira</b> – transborda liberdade, profissional, mantém e respeita suas origens. Esse título vem para chancelar o seu dia-a-dia e a sua luta diária.</p> <p><b>@lyra.raquel.1</b> - fui me inspirando no jeito empoderado de ver a vida e de dizer claramente para a sociedade El, eu existo e faço a diferença. Talvez você ainda não tenha noção do quanto faz diferença na vida de muitas de nós.</p> <p><b>@jannamartinsoficial</b> – Segue nos inspirando, que a gente segue lutando e resistindo junto.</p> <p><b>@steefannysouzaa</b> – Inspiração de liberdade em todos os sentidos.</p> <p><b>@nic_basejump</b> – Vc é d+, autêntica, perfeita #idola</p> <p><b>@kellenrocco</b> – Você é poderosa desde a primeira música de sucesso</p> <p><b>@nilzetecriu</b> – Vc é poderosa mesmo. A liberdade de ser quem você quer ser, sem se importar com o que dizem, aí reside o teu poder.</p> <p><b>@medeirosrosangela</b> – a – Poder, força e liberdade. Você significa muito para todas nós.</p> <p><b>@marianna_luz</b> – É poderosa mesmo</p> <p><b>@joaoblion</b> – você é a personalidade artística mais poderosa do Brasil.</p> <p><b>@robertasaoficial</b> – Um exemplo de liberdade pra todas nós!</p> <p><b>@cinthia_alves_goncalves</b></p>		<p>inspira muitas meninas e mulheres a quebrar o sistema e mostrar a que veio.</p> <p><b>@aamandafermino</b> – inspiração p todas nós mulheres!</p> <p><b>@suzykarolmacedo</b> – inspiração para nós mulheres.</p> <p><b>@carolsuaid</b> – Completaria sua frase com: um encorajamento para várias mulheres serem o que elas quiserem ser!</p> <p><b>@lizaneferreira</b> – Anitta, você é inspiradora</p> <p><b>@lyra.raquel.1</b> - fui me inspirando no jeito empoderado de ver a vida</p> <p><b>@jannamartinsoficial</b> – Segue nos inspirando, que a gente segue lutando e resistindo junto.</p> <p><b>@steefannysouzaa</b> – Inspiração de liberdade em todos os sentidos.</p> <p><b>@eu_e_elas_x</b> – Anitta, minha inspiração e de muitos adolescentes</p> <p><b>@jordanblm</b> – Inspiração de todos os dias, inspiração pra ser seguido, inspiração pra vida!</p> <p><b>@marcelacastiho</b> – @anitta você é inspiração para muitas jovens</p> <p><b>@isabelcarvalho7902564</b> – Você nos inspira</p> <p><b>@nic_basejump</b> – você é minha inspiração</p>	
---	--	---	--

<p>– sem contar que quebra tabus diariamente.</p> <p><b>@isabelcarvalho7902564</b> – Vc realmente quebra tabus</p> <p><b>@vinicius_varge</b> – A cara de quem quebrou barreiras do preconceito</p> <p><b>@vanessahelma</b> – Quebrando barreiras nessa sociedade que insiste em diminuir nossos valores</p>			
---	--	--	--

## Anexo 7

Quadro 7 - Banda Didá

DATA DA POSTAGEM	IMAGEM	TEXTO	COMENTÁRIOS
17/09/20		<p>Pra quem não sabe, Didá é um dos grupos de percussão mais importante do país composto apenas por mulheres. Tem um trabalho social importante na formação e na inserção das mulheres como percussionistas, um ambiente tradicionalmente ocupado apenas por homens. Foi fundado há 25 anos por Neguinho do Samba, criador do Samba Reggae que já tocou com Michael Jackson e Paul Simon, e liderado hoje por sua filha. Elas também estão no clipe de "Me Gusta", que vocês conferem amanhã 12h pm (Brazil time).</p> <p>EN</p> <p>Get to know Dida, one of the most importants percussion groups of Brazil, composed only by women. They have a very relevant social work on the professional development and insertion of women musicians on the percussion environment, traditionally dominated by men. The group was founded 25 years ago by Neguinho do Samba, the creator of the brazilian samba-reggae, who played with Michael Jackson and Paul Simon, and today is leaded by his daughter. Banda Didá will be featuring Me Gusta, 12pm, tomorrow.</p>	<b>3.698</b>

Categorias do Quadro 7

EMPODERAMENTO FEMININO	REPRESENTATIVIDADE NO FUNK	MODELO DE REFERÊNCIA E INSPIRAÇÃO	COMENTÁRIOS ANALISADOS
------------------------	----------------------------	-----------------------------------	------------------------

<p><b>@laessamota</b> – Continue dando voz para todas as mulheres possíveis!</p> <p><b>@dessapreta88</b> – Mulheres negras, pra ser mais específica</p> <p><b>@agathasimas</b> – Reconhece a nossa potência.</p>	<p><b>@mateus.miranda</b> – Conceito, coesão e representatividade. Amooo</p> <p><b>@salvadorordinarioo</b> – Extremamente importante essa representatividade e valorização da nossa cultura.</p> <p><b>@jhamissonl</b> - ela faz a representatividade dela e com sua contribuição social</p> <p><b>@ravenaduaarte</b> – ela é simplesmente essencial pra representatividade do Brasil pelo mundo</p> <p><b>@ocaiquen.of</b> – Orgulho de você, da sua história, da sua representatividade e da sua importância para a música brasileira.</p> <p><b>@southernbelle_fitlife</b> – The world needed to see the representation</p> <p><b>@world_anitta</b> – Sendo extremamente necessária dando essa visibilidade</p> <p><b>@marinagamedelima</b> – Obrigada @anitta por levar um pouco da nossa cultura pro mundo</p> <p><b>@ronaldofelizsegundo</b> – Anitta mostra com muito orgulho a cultura brasileira</p> <p><b>@ddavidyy</b> – Você sempre muito relevante, nos mostrando coisas que estão em nossa cultura</p>	<p><b>@didabandafeminina</b> – Acreditamos que sua força inspira outras mulheres no mundo a fora.</p> <p><b>@danny.bond</b> – Vc é necessária</p>	<p><b>15</b></p>
--	--	---	------------------

## Anexo 8

**Quadro 8 – Ritmos Brasileiros (Funk, Pagodão e Arrocha)**

DATA DA POSTAGEM	IMAGEM	TEXTO	COMENTÁRIOS
18/09/20	 A thumbnail image of a video showing a landscape of Rio de Janeiro with the Christ the Redeemer statue, overlaid with the text "RIO DE JANEIRO".	<p>Hi world.... these are the both rhythms we put together on my new track with @iamcardib and @myketowers "Me Gusta". Welcome to my country.</p> <p>For those of you just catching into Brazilian music - #MeGusta has a mixture different genres, from different areas of Brasil: Baile Funk and Pagodão + Arrocha.</p> <p>Baile Funk comes from Rio de Janeiro's favelas, and is derived from Miami Bass. Today, it's Brazil's equivalent of a hip hop, or reggaeton: it's our biggest genre consisting of MCs rapping over beats. It's what I grew up singing, and the genre is constantly evolving. In my catalogue, you'll find many variations of it: Funk 150bpm, Funk Melody, Funk Rave, etc.</p> <p>Pagodão and Arrocha come from Salvador. Currently, 80% of the city is of African descent. The city maintained various cultural practices brought from Africa in their religion, food, and especially in its music: it's filled with percussions and unique rhythms you won't find anywhere else in the world. I suggest everyone researches into the music of Salvador: it's filled with beautiful afro-brazilian rhythms such as samba reggae, axé, to name a few.</p> <p>It's an honour to be able to showcase internationally these two different cultures in the same song.</p> <p>Video: @lucasraion Music Mashup: @rafadiasdays</p>	<b>10.747</b>

Categorias do Quadro 8

EMPODERAMENTO FEMININO	REPRESENTATIVIDAD E NO FUNK	MODELO DE REFERÊNCIA E INSPIRAÇÃO	COMENTÁRIOS ANALISADOS
<p><b>@rmandcon</b> - Me senti representada!</p> <p><b>@gabitbrandt</b> - Obrigada por representar demais.</p> <p><b>@eujuguerreiro</b> - QUE ORGULHO DE SER REPRESENTADA POR VC</p> <p><b>@ericaaraujoribeiro4@gmail.com</b> - sempre representa o poder da mulher brasileira</p> <p><b>@lanna2564</b> - E viva a diversidade em tds os aspectos!!!</p> <p><b>@aryeneseabra</b> - Força de mulher!! Independente e mulher empoderada!!!!!!!!!!!!!!</p>	<p><b>@adrianocesax</b> - levou o funk pro mundo</p> <p><b>@anittanewsnnow</b> - ouço funk desde os 13 anos e a vida inteira fui julgada por isso. E agora ver o nosso ritmo sendo reconhecido por milhões de pessoas no mundo é inexplicável.</p> <p><b>@brenna_kezia01</b> - Vc sai do gueto, mas o gueto nunca sai de você!</p> <p><b>@betinha_gomes23</b> - Nós Brasileiros, andamos tão carente de representatividade, de coisas boas (...) você me enche de orgulho de ver nossa Bandeira no mundo</p> <p><b>@tickvasques</b> - Digam o que quiser, ela entrega desde conceito à valorização cultural</p> <p><b>@eedumatarazzo</b> - REPRESENTATIVIDADE E CULTURA</p> <p><b>@alanalaís</b> - você tá cumprindo a sua promessa de levar a nossa música pro mundo</p> <p><b>@charlescarioca</b> - Viva a favela, viva o gueto, viva as comunidades brasileiras!</p> <p><b>@re.fersann</b> - não negando as raízes e mostrando o Brasil para o mundo!</p> <p><b>@priscilas848</b> - Olha onde ela levou o funk.</p> <p><b>@samuel.fabrys</b> - Obrigado por levar tanta cultura para fora</p> <p><b>@carlos.mava</b> - Mostrou para o Mundo o Funk carioca</p> <p><b>@poefta</b> - você não tava</p>	<p><b>@gabitbrandt</b> - Só sei sentir orgulho de você! Obrigada por representar demais.</p> <p><b>@betinha_gomes</b> 2 - Que orgulho, obrigada (...) você me enche de orgulho de ver nossa Bandeira no mundo</p> <p><b>@eedumatarazzo</b> - OBRIGADO POR SER ESSA ARTISTA INCRÍVEL</p> <p><b>@eujuguerreiro</b> - QUE ORGULHO DE SER REPRESENTADA POR VC</p> <p><b>@samuel.fabrys</b> - obrigado por levar tanta cultura para fora, obrigado por sempre seguir firme em suas escolhas (...) obrigado, Larissa</p> <p><b>@carlos.mava</b> - Orgulho: temos de sobra</p> <p><b>@michelly_jta</b> - tenho orgulho dessa mulher porque ela dá a cara a tapa pelo que acredita</p> <p><b>@mayaranobre_</b> - me enche de orgulho</p> <p><b>@iagoviniciuss_</b> - obrigado por exportar a nossa cultura para o mundo!!!</p>	79

	<p>brincando quando falou que o mundo todo ia respeitar o nosso funk</p> <p><b>@morenadaan</b> – Criticam, criticam, mas o funk vai dominar o mundo ainda!</p> <p><b>@danzzitto</b> – amei a representatividade</p> <p><b>@passariinha</b> – Favela wins!</p> <p><b>@tivane_dosantos</b> – funk é Arte e você entende bem disso</p> <p><b>@vivi_annealves</b> – Eu to feliz demais com toda essa representatividade do funk carioca</p> <p><b>@luna_nara</b> – Valorizando culturas periféricas, que muitas vezes são marginalizados. Isso é arte, é cultura</p> <p><b>@carlajorgerp</b> – Aula de representatividade. O mundo é seu porque você sabe de onde veio!</p> <p><b>@nidus.jr</b> – A visibilidade que ela está dando pro nosso funk, é diferente!</p> <p><b>@ronaldofelizsegundo</b> – Ela tem orgulho de mostrar as nossas raízes e fazer com que o mundo todo veja a nossa cultura que é espetacular!!!</p> <p><b>@mcamilcka</b> – O Funk é a arte e a favela faz parte</p> <p><b>@isazinhaa</b> – Anitta representante da nossa raiz, do nosso som brasileiro de todas as formas, formatos e cores</p> <p><b>@eumarcelleoliveira</b> – Chego a ficar emocionada de ver você levando a periferia e cultura black brasileira para O MUNDO!!!</p> <p><b>@fnfsfe</b> – nunca esqueceu sua origem!</p> <p><b>@franklinrvieira</b> – Você representa muito... Respeitem nosso funk</p> <p><b>@elicardejuniorde</b> – você</p>	<p><b>@lustforlife</b> – só tenho orgulho.</p> <p><b>@djjkell</b> – Obrigada por levar nossa cultura pro mundo</p> <p><b>@anittadailybr</b> – Obrigado por levar nossa música</p> <p><b>@_iamrio</b> – Obrigada por promover (e educar) a cultura brasileira para o mundo</p> <p><b>@lilylyonmusic</b> – Thank you for representing</p> <p><b>@reinancardoso</b> – só nos da orgulho apresentando nossos ritmos e nossas culturas</p>	
--	---	---	--

	<p>é hoje a principal voz brasileira do funk da atualidade para o mundo.</p> <p><b>@dmatteo_</b> - Anitta em quesito de representatividade é surreal.</p> <p><b>@estefaniruaro</b> - A favela venceu!!!!!! Parabéns pelo seu sonho ter se realizado e assim muitos brasileirxs serem representadxs</p> <p><b>@michelly_jta</b> - acho que essa música é muito representativa</p> <p><b>@mayaranobre._</b> - ela faz de tudo pra representar os brasileiros, nossa cultura, e tudo o que envolve o Brasil</p> <p><b>@pablobispo</b> - Representatividade!</p> <p><b>@igorbbz</b> - É REPRESENTATIVIDADE QUE VOCÊS QUERIAM???????</p> <p><b>@iagoviniciuss_</b> - obrigado por exportar a nossa cultura para o mundo!!!</p> <p><b>@acervodaanitta</b> - Representatividade</p> <p><b>@djjkell</b> - Obrigada por levar nossa cultura pro mundo</p> <p><b>@thatacp1910</b> - Taca representatividade nos gringo.</p> <p><b>@barbeariadoely</b> - Anitta is culture! She represents our country</p> <p><b>@davidfreitas</b> - ANITTA É CULTURA</p> <p><b>@anittadailybr</b> - Obrigado por levar nossa música</p> <p><b>@_bitencourt28</b> - Representatividade!!!</p> <p><b>@_iamrio</b> - Obrigada por promover (e educar) a cultura brasileira para o mundo</p> <p><b>@oxediego_</b> -</p>		
--	---	--	--

	<p>Representatividade que fala né</p> <p><b>@charlesbarbosa87</b> – REPRESENTATIVIDADE</p> <p><b>@pri.recife</b> – Mostra nossa cultura pro mundo</p> <p><b>@cursodemakeonline</b> – A única brasileira que representa o Brasil de Vdd</p> <p><b>@lilylyonmusic</b> – Thank you for representing</p> <p><b>@mcyzzer</b> – R E P R E S E N T A T I V I D A D E</p> <p><b>@_aldo1</b> – Identidade, mistura, ritmo e história!!!</p> <p><b>@iameliasx</b> - @anitta is culture. Representing our country.</p> <p><b>@manojohnoriginal</b> – Representou grandão a nossa cultura rainha</p> <p><b>@iarleydias_</b> - Representatividade</p> <p><b>@deborajoice.nutri</b> – Levando nossa cultura pro mundo</p> <p><b>@claraafonso</b> – É um viva à representatividade, miscigenação e equilíbrio de diferentes culturas</p> <p><b>@nossa_meister</b> - Que representatividade</p> <p><b>@milenadocarvalho23</b> – Representatividade</p> <p><b>@tnunesd</b> – Representatividade no AUGE</p>		
--	--	--	--

## Anexo 9

Quadro 9 – “Me Gusta” na Billboard Hot 100

DATA DA POSTAGEM	IMAGEM	TEXTO	COMENTÁRIOS
29/09/20	 <p>billboard charts @billboardcharts</p> <p>•@Anitta's "Me Gusta," featuring @iamcardib &amp; @myketowerspr, debuts at No. 90 on this week's #Hot100. The song earns Anitta her first career entry on the chart.</p> <p>Traduzido do inglês por Google</p> <p>•@Anitta "Me Gusta", apresentando @iamcardib E @myketowerspr , estreia na 90ª posição nesta semana #Hot100 .</p> <p>A canção rendeu a Anitta sua primeira entrada na carreira na parada.</p>	<p>WE ARE HOT 100!!!!!! And I just wanna say thank you for every single person involved. I'm happy as fuuuuuuuuuuck. Hot100 MF</p>	4.618

Categorias do Quadro 9

EMPODERAMENTO FEMININO	REPRESENTATIVIDADE NO FUNK	MODELO DE REFERÊNCIA E INSPIRAÇÃO	COMENTÁRIOS ANALISADOS
	<p><b>@mvlmarcos</b> – Primeira brasileira a DEBUTAR com um funk na Hot100.</p> <p><b>@anittameutalento</b> – VOCÊ PROMETEU E FEZ O FUNK SER RECONHECIDO</p> <p><b>@paulovittor 96</b> – Bem que tu falou que iria fazer o nosso ritmo ser respeitado!</p> <p><b>@marinagamadelima</b> – Saber que você chegou tão longe e tá mostrando um pouco da nossa cultura do funk e pagodão pro mundo é só o começo.</p> <p><b>@gabrielmikhail</b> – É o funk pro mundo</p> <p><b>@nutriconistasamuel</b> – Primeiro funk a entrar no Hot 100</p> <p><b>@_brenocordeiroo</b> – você disse que um dia ia fazer o nosso funk ser respeitado e cumpriu.</p> <p><b>@davidriann</b> – ela</p>	<p><b>@paulovittor 96</b> – Orgulhoso de você</p> <p><b>@marinagamadelima</b> – Orgulho de você @anitta</p> <p><b>@celsojampa</b> – Vc é um exemplo.</p> <p><b>@douglasfcandido</b> – Que orgulho</p> <p><b>@felopsrms</b> – Anitta dando motivo pra gente se orgulhar em meio de tanto caos</p> <p><b>@heltonmello_</b> – Tua história me inspira demais.</p> <p><b>@douglasfcandido</b> – você é inspiração.</p>	24

	<p>prometeu levar o funk para o mundo, tá cumprindo</p> <p><b>@siilvajhon</b> – É o funk pro mundo</p> <p><b>@iambrunodesilva</b> - “Um dia eu prometo que o nosso funk vai ser respeitado” - Anitta. ELA CONSEGUIU!!!</p> <p><b>@ivo_cfs</b> – LEVANDO O FUNK PRO HOT 100</p> <p><b>@richardmeireles_</b> - SÓ TEMOS QUE AGRADECER E MUITO POR ESTAR MOSTRANDO NOSSA CULTURA!</p> <p><b>@kelsoncavalcanti</b> – MÚSICA BRASILEIRA PRO MUNDO</p> <p><b>@moreiraale</b> – Pagodão Baiano e funk na Billboard hot 100</p> <p><b>@kelvyocosta</b> – Representatividade</p> <p><b>@mvlmarcos</b> – Ela quebra barreiras!</p> <p><b>@smooth_milk</b> – quebra tantas barreiras e agrega tanto no nosso mercado musical br</p>		
--	--	--	--

## Anexo 10

Quadro 10: Coreografia de “Me Gusta”

DATA DA POSTAGEM	IMAGEM	TEXTO	COMENTÁRIOS
29/03/18		Me gusta @ariellemacedo	<b>12.779</b>

Categorias do Quadro 10

EMPODERAMENTO FEMININO	REPRESENTATIVIDADE NO FUNK	MODELO DE REFERÊNCIA E INSPIRAÇÃO	COMENTÁRIOS ANALISADOS
<p>@silvahelenacarolina – mulheres verdadeiras de vários corpos e várias cores. Isso sim nos representa</p> <p>@lemos_karita - representa todas as mulheres.</p> <p>@psicologa_janainaaleao – E viva a diversidade maravilhosa de cada pessoa.</p> <p>@lillybutterfly287 – Vídeo maravilhoso, com muitas mulheres reais. Muita representatividade.</p> <p>@krisnunes22 – Arrasou @anitta, representando a mulher, com todas as suas formas, trejeitos, raças! E viva a mulher!!</p> <p>@cynthia.oliveira95 – Adoro esse lance dela de inclusão, dessa vez com várias mulheres de diversas cores de pele, fibra de cabelo, das que usam P ao Plus, até grávida tem...</p> <p>@lilicamposp – Várias</p>	<p>@camy_asyha – você mudou a nossa história na música</p> <p>@edivaldo0374 – representou bem a música e o Brasil</p> <p>@wsf85 – Obrigado por levar nossa bandeira para outros lugares. A gente enche a boca pra ELA É NOSSA #madeinbrazil.</p>	<p>@yanleily – Por estas e outras que admiro a Anitta!</p> <p>@thais.lebrao – Esse olhar é admirável no trabalho dela.</p> <p>@victoryamairr – obrigada por essa inclusão linda, todas nós, mulheres, agradecemos</p> <p>@wsf85 – Obrigado por levar nossa bandeira para outros lugares. Muita admiração pelo seu trabalho e coragem.</p> <p>@samara_sonhadora – achei bonito, diferente e inspirador!</p> <p>@rodrigomarcelino_ – Inspiração de cada dia</p>	<b>106</b>

<p>cores, alturas, corpos... Parabéns por trazerem mulheres de verdade de todas as formas</p> <p><b>@glauciamarianadasilva</b> – Isso mostra a diversidade da mulher brasileira. Mulher de verdade!!!!</p> <p><b>@lonutri</b> – ela sempre tem diversidade nos seus clipes</p> <p><b>@michelecezar13</b> – Rainha da inclusão</p> <p><b>@luaperrsson</b> – Show de representatividade!</p> <p><b>@alessandraescobar1</b> – Amei a representatividade desse vídeo. Grávida, menina acima do peso, pretas, altas, baixas...</p> <p><b>@manoellarosane</b> – grávidas, negras, gordas, magras</p> <p><b>@claudir25</b> – isso sim é mistura..</p> <p><b>@fernanda.astolfo</b> – Maravilha de diversidade</p> <p><b>@suzeli.c.locateli</b> – Todas são mulheres e deveriam ter o mesmo espaço, indiferente de corpo e beleza.</p> <p><b>@edanesantoss</b> – Cata essa diversidade Brasilllll</p> <p><b>@morg_almeida</b> – Representatividade</p> <p><b>@elisandra.nunes.92</b> – Só mulheres fortes que nos representam</p> <p><b>@andreia3nb</b> – Um vídeo cheio de mulheres com corpos variados!!!</p> <p><b>@thais.crispimm</b> – Representou com talento e muita força o que nós somos, mulheres, lindas e livres.</p> <p><b>@qu33nh0n3yb33</b> – Love the variety of women represented here!!! Soooooo powerful!!!</p> <p><b>@kaly_marques</b> – Representatividade</p> <p><b>@biavalenti</b> – DIVERSIDADEEE!!!</p>			
---	--	--	--

<p><b>@alinedelefrati</b> – Amando a representatividade, mulheres reais!</p> <p><b>@denisebdeoliveira</b> – Representatividade</p> <p><b>@luckywheelies</b> – Diversidade e inclusão é isso!</p> <p><b>@is4cris</b> – Olha a diversidade das dançarinas dela!</p> <p><b>@marcelamackey</b> – E viva a diversidadeeeee!</p> <p><b>@lua.mond</b> – Representatividade</p> <p><b>@heyvictoriaandrade</b> – Eu amooooooo a inclusão que essa mulher faz a outras mulheressss</p> <p><b>@geisaxmaik</b> – mulheres de várias formas de corpos, cores e cabelos diferentes.</p> <p><b>@yanleily</b> – Sempre promovendo inclusão e exaltação da mulher de todas as formas, desejos, posições, cores</p> <p><b>@janninha_d</b> – Diversidade, multiculturalismo, simplesmente mulheres</p> <p><b>@talisher</b> – lindo demais! Representatividade bombando, ritmo absurdo, beleza e significado num só vídeo</p> <p><b>@karina.canete.16</b> – mostrando la diversidad de los cuerpos femeninos</p> <p><b>@dianaferreira13phd</b> – mulheres sendo mulheres</p> <p><b>@jess_ieee</b> – Amei a diversidade de corpos e mulheres</p> <p><b>@joy_silva0.0</b> – Sensacional esse mix de mulheres</p> <p><b>@nathaliamarruch</b> – Essa diversidade tá demais</p> <p><b>@airton.falcao</b> – Isso que é empoderamento</p> <p><b>@dalilasantos2035</b> – o retrato da mulher real</p> <p><b>@hellenhleite</b> – Lindo arco-íris de mulheres e tons de pele</p>			
--	--	--	--

<p><b>@layene_19</b> – Amei a diversidade, gay, grávida. Magra, gorda, ruivas, loiras</p> <p><b>@jubiachi</b> – Amei ver todos os corpos</p> <p><b>@ingridmelor</b> – Amei mais ainda a inclusão</p> <p><b>@suelenreginacorrea</b> – powerful women</p> <p><b>@joaomorao.jr</b> – Diversidade de cores, corpos</p> <p><b>@fabcj</b> – CONTEÚDO TÃO SENSÍVEL E DIVERSIFICADO</p> <p><b>@raphaellasleal</b> – Todas mulheres, diferentes cores e diferentes corpos.</p> <p><b>@jaque_marx</b> – São mulheres que representam as muitas mulheres.</p> <p><b>@perfectcrystalneverwrong</b> – Viva a diversidade: pretas, brancas, obesas, grávidas</p> <p><b>@jeannegomez_</b> – A beleza da mulher brasileira de diversas formas. Quanta diversidade</p> <p><b>@suelen3011</b> – Representa todas nós neste clipe!</p> <p><b>@rosdradebh</b> – Isso que chamo de representar cada mulher brasileira.</p> <p><b>@lais.omena.27</b> – diversidade nesse time de bailarinas.</p> <p><b>@caprichosmanicure</b> – diferentes mujeres en el video embarazadas, morenas, flacas, gorditas, blancas</p> <p><b>@jessca.marcal</b> – Me senti representada</p> <p><b>@nelipedra</b> – A diversidade é tão linda</p> <p><b>@liliamlo2991</b> – Grávida, gorda, branca, preta, magra, altas, baixas. Isto é inclusão, diversidade.</p> <p><b>@analilianarrudados</b> – souberam escolher tudo o que representamos</p> <p><b>@isabela.duarte.r</b> – Viva a diversidade! Não aos padrões!</p>			
---	--	--	--

<p><b>@skarletfernandes</b> – ver mulheres de verdade, com vários corpos diferentes, sem ser aquele padrão que a sociedade impõe</p> <p><b>@dayannecorreia</b> – Girl power</p> <p><b>@samara_ml</b> – linda a diversidade desse vídeo</p> <p><b>@nevesirani1</b> – Estou me sentindo representada.</p> <p><b>@tatahrosaoficial</b> – dançarina de tds os padrões. Muito bem representado</p> <p><b>@elanecmota</b> – Amo a inclusão que essa maravilhosa faz</p> <p><b>@britocassiana</b> – diversidade de mulheres lindas no vídeo.</p> <p><b>@shaynnachrissis</b> – A diversidade feminina se apoia e se fortalecendo é a melhor coisa que eu vi nesse clipe. Me identifiquei! Mulheres que se apoiam podem realizar muitas coisas. Torcendo pra esse balé romper padrões de pensamentos</p> <p><b>@ericaguerra.arquitetura</b> – Beleza feminina, sem padrões, sem preconceitos</p> <p><b>@madamekush_</b> - mulheres lindas e fortes</p> <p><b>@aretuzalopes123</b> – representando todas las mujeres..</p> <p><b>@thais.lebrao</b> – versatilidade feminina (...) Amo que não exclui e não classifica mulheres</p> <p><b>@lu.alex_2000</b> – quando se dá valor ao que não é “padrão”</p> <p><b>@abrunaber</b> – belíssima diversidade</p> <p><b>@savannah_mendes</b> – que mistura de belezas</p> <p><b>@bru_zaniolo</b> – quanta representatividade</p> <p><b>@victoryamairr</b> – obrigada por essa inclusão linda,</p>			
--	--	--	--

<p>todas nós, mulheres, agradecemos</p> <p><b>@nilmanydossantos</b> – todas com padrão diferente.</p> <p><b>@oliveirakarlaandreia</b> – diversidade e igualdade sempre.</p> <p><b>@_rafaelpires</b> – REPRESENTATIVIDADE</p> <p><b>@hildamariadossantos</b> – Me senti representada</p> <p><b>@sophiearantes</b> – Impossível não se sentir representada com tanta diversidade</p> <p><b>@sarahlealverissimo</b> – Várias cores, formas e situações. Mulher é poderosa</p> <p><b>@eu.patriciarobaina</b> – Mulheres empoderadas</p> <p><b>@paulinhapreb</b> – inclusão de todas essas mulheres maravilhosas: pretas, brancas, ruivas, grávidas, as gordinhas, as magrinhas</p> <p><b>@milly_volkswagen</b> – Clip perfeito, com todas sem preconceito, sem padrão</p> <p><b>@katygaleguinha</b> – mostra vários tipos de mulheres (...) não importa a forma de seu corpo.</p> <p><b>@rafaella_ferreira</b> – vejo representatividade.</p> <p><b>@mameniiin</b> – Diferentes y hermosas</p> <p><b>@any_sollove</b> – Representatividade é tudo</p> <p><b>@claudiadelvale</b> - As diversidades... Representou muito!!</p> <p><b>@tweyci</b> - bem diversificado</p> <p><b>@fatimaOr</b> – Dançarinas de vários tipos</p> <p><b>@arivasc17</b> – it shows strong woman</p> <p><b>@lukroth</b> – que mulheres incríveis</p>			
--	--	--	--